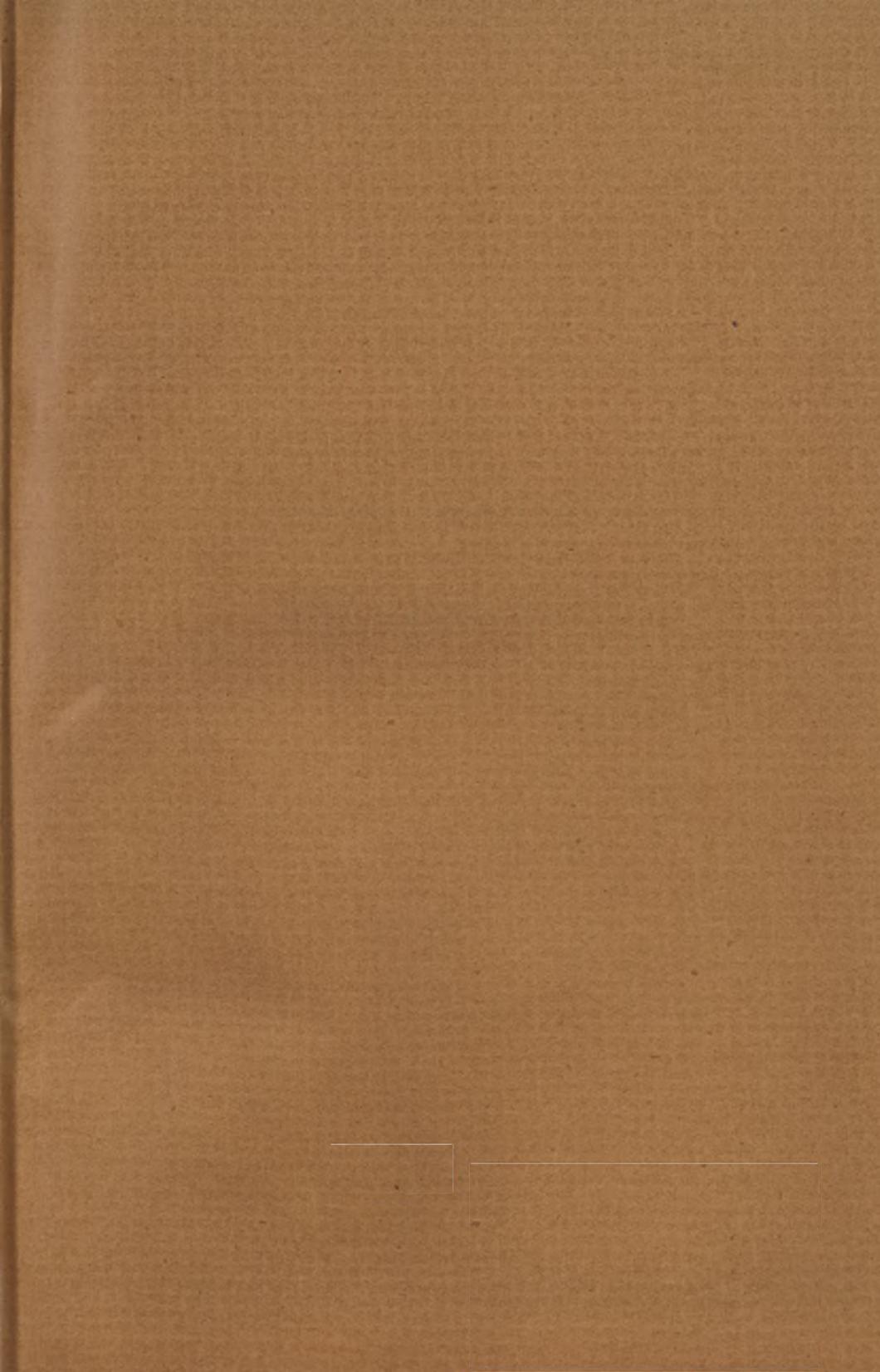


Sala C  
Est. 2  
Tabl. 1e  
N.º 12





APONTAMENTOS  
DE  
EQUITACÃO



913

APONTAMENTOS

DE

# EQUITACÃO

COORDENADOS

POR

JÚLIO DE OLIVEIRA

MAJOR DE CAVALARIA

©. R. 14/XI/1923  
BIBLIOTECA  
CENTRO DE INFANTARIA



1683



CENTRO DE ESTUDIOS DE HISTORIA E GEOGRAFIA DE CARVALHO

RC  
HNCT  
79  
OLI



EMPR. IND. GRÁFICA DO PORTO, L.da  
178, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178  
PORTO - 1923



# ÍNDICE

	Pag.
PREFÁCIO . . . . .	5
INTRODUÇÃO . . . . .	13

## I Parte — Generalidades

Capítulo I — <b>Preliminares</b> . . . . .	19
Capítulo II — <b>Educação do cavalo</b> . . . . .	21
Ensino — Factores de que depende a duração do ensino — Períodos em que se divide o ensino.	
Capítulo III — <b>Auxiliares do ensino</b> . . . . .	25
Generalidades — Pernas — Esporas — Mãos — Rédeas — Peso do cavaleiro — Bridão — Freio — Cabeção — Guia — Cilhão e rédeas fixas — Pingalim — Chibata.	
Capítulo IV — <b>Emprêgo das ajudas</b> . . . . .	33
Emprêgo das mãos (rédeas) e das pernas (esporas) — Acôrdio das ajudas — Ajudas laterais e diagonais.	
Capítulo V — <b>O cavaleiro</b> . . . . .	37
Posição do cavaleiro — Sistêmas de pegar nas rédeas — Manejo das rédeas.	
Capítulo VI — <b>Bases psicológicas do ensino</b> . . . . .	41
Faculdades morais do cavalo — Leis de psicologia applicáveis no ensino — Utilização da voz, recompensas e castigos.	
Capítulo VII — <b>Princípios do movimento</b> . . . . .	46
Balanceiro cervical — Posição — Impulsão — Movimento — Equilíbrio.	
Capítulo VIII — <b>Locomoção</b> . . . . .	53
Andamentos — Observações sobre os andamentos — Transições de andamentos — Recuar e ladear — Mecanismo do salto.	
Capítulo IX — <b>Condições de ensino do cavalo de sela</b> . . . . .	70
Calma — Franqueza — Destreza — Obediência às pernas — Obediência às mãos — O cavalo direito — O cavalo prescindindo das ajudas.	
Capítulo X — <b>Escala a percorrer para atingir a ligeireza</b> . . . . .	78
Colocação — Flexões — Pôr o cavalo na mão — Concentração — Ligeireza.	

## II Parte — Domesticação e desbaste

	Pág.
Capítulo XI — <b>Objectivos a atingir</b> . . . . .	85
Capítulo XII — <b>Aclimação e domesticação</b> . . . . .	86
Cuidados a ter com os poldros — Passeios à mão.	
Capítulo XIII — <b>Trabalho à guia</b> . . . . .	88
Vantagens e inconvenientes — Primeiras lições à guia — Normas a seguir nas lições à guia.	
Capítulo XIV. . . . .	92
Lição de aparelhar — Lição de montar — Advertências gerais sobre as primeiras lições.	
Capítulo XV — <b>Obediência às ajudas. Marchar; aumentar os andamentos</b> . . . . .	97
Importância do movimento para a frente — Lição das pernas e esporas; normas gerais — Contacto com a mão; rédeas tensas.	
Capítulo XVI — <b>Obediência às ajudas.</b> . . . . .	100
Diminuir os andamentos; parar.	
Capítulo XVII — <b>Obediência às ajudas</b> . . . . .	102
Mudar de direcção.	
Capítulo XVIII — <b>Trabalho a galope</b> . . . . .	105
Utilidade do galope durante o desbaste — Modo de obter o galope.	
Capítulo XIX. . . . .	108
Utilidade do trabalho à vara — Marcha directa — Mobilização de garupa — Mobilização das espáduas — Mobilização de garupa no trabalho montado — Obediência à acção isolada duma perna.	
Capítulo XX — <b>Trabalho exterior.</b> . . . . .	111
Suas vantagens — Quando deve começar — Como deve ser alternado com o trabalho de picadeiro — Progressão a seguir — Andamentos a empregar — Estado geral do poldro — Objectivos atingidos.	
Capítulo XXI — <b>Salto e passagem de obstáculos</b> . . . . .	115
Capítulo XXII . . . . .	116
Vantagem em demorar o trabalho em brida — Trabalho com freio — Principios gerais — Progressão para fazer aceitar o freio.	
Capítulo XXIII — <b>Acentuar a obediência às ajudas</b> . . . . .	118
Capítulo XXIV — <b>Trabalho militar</b> . . . . .	120
Preparação do poldro para o seu emprêgo em caso de mobilização — Trabalho em grupo — Trabalho com armas.	
Capítulo XXV — <b>Conclusão</b> . . . . .	124
Objectivos atingidos — Estado do cavallo no fim do desbaste.	

## III Parte — Ensino pròpriamente dito

Capítulo XXVI — <b>Princípios gerais — Fins a atingir</b> . . . . .	129
Capítulo XXVII — <b>Flexões.</b> . . . . .	131
Generalidades — Trabalho preparatório à vara — Trabalho montado — Observações.	
Capítulo XXVIII — <b>Pôr na mão</b> . . . . .	135

	Pág.
Capítulo XXIX — <b>Trabalho nos três andamentos.</b> . . . . .	137
Capítulo XXX — <b>Transições de andamentos — Alargar e encurtar</b> . . . . .	140
Capítulo XXXI — <b>Recuar</b> . . . . .	143
Trabalho preparatório à mão — Recuar montado.	
Capítulo XXXII — <b>Trabalho de duas pistas</b> . . . . .	146
Marcha lateral — Ladear — Diferença entre marcha lateral e ladear.	
Capítulo XXXIII — <b>Rotações</b> . . . . .	151
Generalidades — Rotações inversas — Rotações directas.	
Capítulo XXXIV — <b>Trabalho a trote</b> . . . . .	154
Trote normal — Trote largo — Trote curto — Trote levantado.	
Capítulo XXXV — <b>Trabalho a galope</b> . . . . .	159
Saídas a galope, progressão a seguir — Cadenciar o galope — Galope invertido — Passagens de mão a galope.	
Capítulo XXXVI — <b>Trabalho de flexibilidade</b> . . . . .	164
Figuras de picadeiro — Exercícios ginásticos.	
Capítulo XXXVII — <b>Trabalho exterior.</b> . . . . .	167
Sua necessidade — Progressão a seguir — Andamentos a empregar — Transposição de obstáculos — Exercícios de natação.	

#### IV parte — Cavalos difíceis

Capítulo XXXVIII — <b>Cavalos difíceis</b> . . . . .	181
Resistências.	
Capítulo XXXIX — <b>Cavalos difíceis mas não viciados</b> . . . . .	184
Cavalo ardente — Cavalo brando — Cavalo que não anda a passo — Cavalo que não trota — Cavalo com dificuldade em sair a galope — Cavalo que recusa sair a galope para uma mão — Cavalo que desune o galope — Cavalo que bate na mão ou incensa — Cavalo que despapa — Cavalo que encapota — Cavalo medroso.	
Capítulo XL — <b>Cavalos viciados</b> . . . . .	190
Cavalo que se pega — Cavalo que dá coices — Cavalo que se levanta — Cavalo que força a mão — Cavalo que deserta.	

#### V Parte — Trenagem e fisiologia da fadiga

Capítulo XLI — <b>Generalidades</b> . . . . .	197
Vantagens do <i>sport</i> — Trenagem.	
Capítulo XLII — <b>Concursos hípicos</b> . . . . .	200
Generalidades — Posição do cavaleiro — Processos para ensinar o cavalo a saltar — Saltos em liberdade — Saltos à guia — Saltos em altura — Saltos em largura — Salto montado — Prescrições gerais — Progressão a seguir — Maneira de abordar os obstáculos — Dificuldades do salto montado — Considerações finais — Concurso hípico — Algumas indicações úteis.	
Capítulo XLIII — <b>«Raids»</b> . . . . .	223
Generalidades — Preparação para <i>raids</i> : Pôr o cavalo em condição — Andamentos, seu ritmo e modo de os alternar — Alimentação e cuidados higiénicos — O <i>raid</i> — Alguns conselhos.	

Capítulo XLIV — <b>Corridas</b> . . . . .	Pág. 238
Generalidades—Preparação para corridas: Trabalho; Alimentação; Higiene dos membros—Posição do cavaleiro—A corrida—Alguns conselhos.	
Capítulo XLV — <b>Fisiologia da fadiga</b> . . . . .	249
Noções elementares de fisiologia—Fisiologia da fadiga—Influência do ritmo.	

### VI Parte — Breves noções de alta escola

Capítulo XLVI — <b>Generalidades</b> . . . . .	263
Capítulo XLVII — <b>Ares de alta-escola</b> . . . . .	267
«Passage»—«Piaffer»—Passagens de mão a tempo—Jambette—Piruetta invertida sobre três pernas—Passo espanhol—Trote espanhol.	

### VII Parte — Acessórios

Capítulo XLVIII — <b>Atitudes</b> . . . . .	275
Capítulo XLIX — <b>Situação do centro de gravidade</b> . . . . .	277
Capítulo L . . . . .	281
Condições a que deve satisfazer um selim—Como se deve aparelhar um cavalo.	
Capítulo LI — <b>Freios</b> . . . . .	283
Generalidades—Freios vulgares—Freios militares.	

## ERRATAS

PÁGINA	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
23	10	embaidar	enfrear
25	13	súperiores	inferiores
28	39	móvel	imóvel
29	17	móvel	imóvel
36	18	fino e um animal	fino e com um animal
44	27	III—Utilizações da voz	III—Utilização da voz
55	23	B) Trote	C) Trote
57	1	C) Galope	D) Galope
61	15	do abrigo dos êrros	ao abrigo de êrros
96	1	é fixar	é fixa
122	18	depois dos	antes dos
155	4	anormal	normal
162	26	passagens	passagem

## PREFÁCIO

MEU EX.<sup>mo</sup> CAMARADA,  
MEU MUITO PREZADO AMIGO:

Pede-me para prefaciar o seu livro; agradeço muito a atenção do major Oliveira para comigo, e tanto mais quando por certo a sua amizade, que eu tanto prezo, imperou fortemente no seu espirito para me procurar para esse fim.

Fazer a apresentação do meu caro camarada como cavalleiro torna-se perfeitamente inutil, pois que sendo o major Oliveira conhecido na Cavallaria como um dos melhores instructores que a Escola de Equitação tem tido, tendo sido premiado em provas Hippicas Militares de toda a especie, desde o primeiro premio no Campeonato do Cavallo de Guerra; tendo-o sido em Concursos Hippicos em variadissimos pontos do Paiz; sendo nas provas sempre dos primeiros classificados quando não dos premiados; tendo sido premiado em Concursos Hippicos no estrangeiro (ainda não esqueceu a sua brilhante Victoria e do Areoza no Concurso de *Le Touquet-Paris Plage*) em concorrência com distinctos cavalleiros de nacionalidades onde o Sport Hippico tem attingido o maximo desenvolvimento, seria inutil, repito, vir eu querer augmentar a sua reputação como cavalleiro ou como Equitador.

Correspondendo ao que o major Oliveira me pede na sua muito prezada carta, eu vou dizer-lhe o que penso da utilidade do seu livro;

A equitação tratando da adaptação e utilização do cavallo de sella é uma sciencia e é uma arte.

Sob o ponto de vista scientifico o seu estudo é muito complexo, porque sendo seu «desideratum» o aproveitamento racional das qualidades phisicas e moraes do cavallo, n'um sentido que diverge do natural, comprehende o seu conhecimento como machina animada, o da sua psychologia, bem como dos methodos a adoptar para conseguir o fim em vista; como essas qualidades phisicas e moraes variam de individuo para individuo n'um infinito de gradações, e como os processos a seguir teem que ser adequados a cada individuo, conclue-se que a adaptação de cada um destes só pode fazer-se racionalmente quando, para escolher a modalidade do methodo a adoptar, haja a presciencia das qualidades phisicas e moraes do individuo a aproveitar, pelo que elle mostre nas primeiras observações do que exteriormente aparenta, bem como depois o conhecimento constante das modificações physiologicas e psychicas, em cada periodo da sua adaptação ou utilização.

Assim o equitadôr deverá ter conhecimentos de zootchnia, de hippologia, de mechanica animal, da psychologia do cavallo, e sobre tudo isto, deverá conhecer os tratados de equitação em que equitadores competentes tratem os principios da equitação pura, desenvolvidos em methodos e processos, adequados a obter a adaptação funcional do cavallo, habitual-o ao serviço de sella, e utilizal-o.

A parte artistica da equitação consiste na applicação pratica d'aquelles methodos e processos, e deve ser apreendida directamente, em trabalho effectuado sob a direcção de mestres, modificada essa pratica pelo coeficiente individual artistico do equitador, proveniente de qualidades innatas. Esta parte da Equitação não cabe em tratados.

No nosso Paiz, e em especial no nosso Exercito, a equitação foi na minha opinião sempre incaracteristica, norteando-se pela Equitação estrangeira. A escola Franceza desde BAUCHER passando por BARROIL, FILLIS, DUMAS, DE SAINT PHALLE e tantos outros, tem norteado a nossa equitação, que se manifestou sem uma escola, em individuos isolados, embora alguns de grande merecimento, até á fundação da E. P. de Cavallaria, primeiro com séde em Mafra, depois em Villa Viçosa, e agora Escola de Equitação em Torres Novas.

Merece entre os individuos atraz citados especial menção o italiano LUPI, director da Picaria da Casa Real, e que ouvi sempre dizer ser equitador de grande merito; da sua sciencia equestre herdou talvez o grande equitador que foi o Coronel de Cavallaria MOREIRA PINTO, que deixou discipulos de grande merecimento, entre outros SILVEIRA RAMOS, CARLOS DE AZEVEDO (ALGÉS) e CAEIRO VIEIRA.

Moreira Pinto trabalhou durante annos na E. P. de Cavallaria, e ahi pontificou, este é o termo, tal era o grau dos seus conhecimentos de Equitação e Hipotechnia em geral, o seu grande *savoir faire*, o seu enorme merecimento artistico, que se revelaram no ensino completo de grande numero de cavallos, dos quaes elle obtinha uma flexibilidade completa, alliada a um esplendido *perçant*. A sua obra posthuma resume-se no saber transmitido aos seus discipulos dilectos já citados, o que é muito, mas grande pena é que não tivesse escripto sobre o assumpto, para o que lhe sobrava saber, servido por illustração geral e intelligencia notaveis.

Nenhuma obra repositorio de conhecimentos de equitação foi produzida no nosso Paiz ultimamente, salvo ligeiras tentativas mais ou menos incompletas, com excepção d'uma obra publicada em 1902 pelo actualmente Snr. General ILHARCO, obra que contem capitulos dignos do maior apreço.

Proximamente n'esta epocha deu-se na nossa Equitação Militar uma notavel evolução benefica, e de tal intensidade que

modificou por completo a utilização militar e civil do cavallo de sella no nosso Paiz.

A publicação d'um livro de Equitação, n'um Paiz como o nosso em que ha bom numero de bons cavalleiros, quando feita por um d'estes, e havendo poucos expositores, seria tudo quanto ha de mais logico; mas succede ainda que se deu na equitação a evolução a que atraz aludo, da qual proveio a utilização do cavallo muito mais ampla e productiva, evolução a que não correspondeu a publicação de compendio ou regulamento que tratasse da adaptação dos cavallos aos novos exercicios exigidos.

Ha factos de hontem relativos a esta evolução, que convem lembrar, como ha factos de hoje que convem fixar.

Devido ao General Snr. Ilharco appareceu em tempo no regulamento da nossa Escola Militar, uma disposição em virtude da qual só pódem ingressar no 2.º anno de Cavallaria, os alumnos do Curso-Geral que mostrem durante o anno d'este ultimo Curso, terem aptidão para a equitação.

Com o desassombro que aquelle illustre Snr. General costuma pôr na realisação do que julga util, foi posta em pratica esta regulamentação, e os seus magnificos resultados para a Arma não se fizeram esperar: a E. P. de Cavallaria (hoje Escola de Equitação) começou a ter materia prima adequada á creação d'um quadro de instructores para seu uzo, e a espalhar pelos regimentos da Arma, depois de instruccão equestre complementar ali recebida, grupos de officiaes não só com aptidão e vontade pelos exercicios equestres, mas com bastante proficiencia.

É justo dizer que circunstancias muito especiaes de ordem varia, favoreceram a acção d'aquelle Snr. General no sentido encetado, e assim podem considerar-se a existencia em logares proeminentes no Exercito, de trez officiaes distintos da Arma, general PIMENTEL PINTO, Coronel MENDONÇA, hoje Ex.<sup>mo</sup> General, e Coronel BARACHO, que animaram aquella acção, e a

collocação como commandante da Escola Pratica de Cavallaria do então Coronel ILHARCO. Dispondo de bôa materia prima por elle creada, aproveitando com intelligencia e habilidade as circumstancias favoraveis citadas, com dedicação por a sua Arma, e por um ramo bazilar da instrucção d'ella, a equitação, usando das suas faculdades de «entraineur» de homens, conseguiu Sua Ex.<sup>a</sup> juntar um grupo de officiaes que selleccionou entre os melhores dos apurados nas circumstancias citadas, com um bello estofo de cavalleiros, os quaes secundaram Sua Ex.<sup>a</sup>; fôram elles: CARLOS VELLOSO, JARA DE CARVALHO, CAZAL RIBEIRO, ABREU CAMPOS, JULIO DE OLIVEIRA, entre outros. Assim se elevou a E. P. de Cavallaria a um grau de productividade, sob este ponto de vista, que nunca pode ser ultrapassado, não sendo mesmo attingido n'outra epocha, para o que teriam certamente em grande parte influido, primeiro as perturbações politicas, depois a intervenção do nosso Exer-cito na *Grande Guerra*, e subsequente pobreza do nosso *Orçamento*.

Quando estava no ramo ascendente da sua trajectoria a eficiencia da E. P. de Cavallaria, no que respeitava á Equitação, deu-se a ida a *San Sebastian* d'um grupo selleccionado de cavalleiros Portugueses. A inferioridade de que de facto enfermava essa equipe, em cavallos, e em preparação d'estes e dos cavalleiros relativamente á dos outros Paizes concorrentes, no sentido da utilização do cavallo, foi de tal modo e tão intelligentemente comprehendida por esses e outros officiaes, que por assim dizer ao seu clamôr contra os processos de utilização do cavallo, entre nós uzados até ali, succedeu uma modernização de processos, que embora bazeada, como não podia deixar de ser, nos principios immutaveis da Equitação pura, que é só uma, se adaptava ás exigencias da moderna e productiva equitação de exterior, nas suas varias modalidades, em campo de obstaculos, em corridas de pista e atravez do campo.

O actual Regulamento de Equitação para a cavallaria que foi apresentado á C. T. C. pelo Ex.<sup>mo</sup> General Snr. ILHARCO, embora fôsse uma modernisação para o que existia antes, melhorando os processos de educação de homens e cavallos, tem entretanto a fórmula synthetica e rigida de um regulamento, e não a fórmula analytica de um manual, que possa guiar o novel *equitador* na adaptação e utilização do cavallo, e menos com a amplitude que a essa utilização foi dada ultimamente.

Ficámos tendo pois um tratado de Equitação, isto é um repositório de theorias e principios, o do Snr. Ilharco atraz citado, sobre Equitação Geral; temos um Regulamento de equitação militar necessitando talvez ser actualisado; faltavamos porem um manual de Equitação que expozesse os methodos a empregar na adaptação e utilização do cavallo, que, embora deduzidos dos principios bazilares da equitação pura, que são sempre applicaveis quer se pratique no picadeiro quer no campo, pudessém adaptar-se á moderna utilização do cavallo em todas as circumstancias, e em todos os terrenos; esta lacuna necessitava ser prehençhida por um repositório de methodos e processos escriptos por um cavalleiro, que, sem *partis pris* de qualquer ordem, sem preoccupações de discussões bysanthinas dos cavalleiros exclusivistas de *Manège* e de *Exterieur* que invocam opiniões de equitadores de todos os tempos, desde BAUCHER e D'AURE até agora, o concebesse, depois de adquirida a sciencia equestre nos livros, nos tratados, e o compozesse como resultado das suas locubrações, sobre as difficuldades que tivesse encontrado e vencido, bifurcado no *Sellim*. Esta lacuna, precisava para ser prehençhida, que apparecesse disposto a fazel-o um cavalleiro intelligente e illustrado, conhecedor do cavallo na sua morphologia, na sua mechanica, na sua psychologia; que conhecesse o cavallo pelo habito radicado de com elle lidar; que conhecesse por experiencia a multiplicidade de caracteres de ordem physica e psychica, que sendo por assim dizer variaveis de individuo para

individuo, impõem modalidades especiaes nos processos a empregar, conforme os cavallos a adaptar e utilizar; que conhecesse o que se pode e deve exigir ao cavallo na nossa Arma, e em geral ao cavallo de sella, mas que conhecesse isto não só por convicção deduzida, ainda que muito bem, de leituras feitas, mas tambem por ter adaptado muitos cavallos a todos esses serviços, e por os ter utilizado em todas as circumstancias.

Mas não ficam aqui os requisitos necessarios a quem se abalançasse a prehencher tal lacuna; succede na equitação applicada, sciencia *doublée* de Arte, que da descripção dos processos a empregar, á sua exacta applicação pratica, e principalmente no que se refere á adaptação do cavallo, ha ainda um caminho erigado de escolhos, que leva em regra os noveis *equitadores* a atribuirem a defeitos dos methodos e processos expostos, os que resultam da má fórma de os effectivar; isto é remediavel unicamente na maioria dos casos, juntando o expositor á pureza e clareza dos principios expostos, o renôme resultante de proêzas equestres praticadas.

Na minha modesta opinião, o meu querido amigo major Julio de Oliveira satisfaz a todos estes requisitos, e o seu trabalho que é o conjuncto dos principios, methodos e processos, de cuja applicação, feita com o mais seguro criterio, eu vi durante annos, quando commandei a Escola de Equitação, e Deposito de Remonta em França, o major Oliveira tirar os mais completos e satisfatorios resultados, no ensino de homens e cavallos; o seu livro que eu li com o maior cuidado, com a maior satisfação, com o qual estou de perfeito accordo, no qual confirmei ideias em varios pontos, veio prehencher a lacuna citada, com o unico defeito, a meu ver, de ser synthetico por vezes; tem toda a viabilidade e utilidade para militares e civis porque, fundando-se nos são principios da Equitação pura, desenvolve os modernos processos de ensino e utilização do cavallo em todas as circumstancias, e porque a auctoridade

do seu auctor em assumptos equestres, conquistada em cima do sellim, na educação e ensino de variadissimos cavallos e em provas hippicas de toda a especie, se imporá aos que o lêrem, suggestionando-os, pois que é certo que na Equitação, como em tudo, só bem se applicam processos em cuja eficacia se acredite, e só se acredita nos preconizados por auctoridade reconhecida.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1923.

Do seu camarada e verdadeiro amigo,

EDUARDO VALLADAS

Coronel Inspector da Cavallaria Divisionaria.



## INTRODUÇÃO

Ao terminar, em 1908, o antigo curso de aperfeiçoamento de equitação da extinta Escola Prática de Cavalaria e ao assumir, poucos meses depois, o cargo de instrutor dos oficiais que frequentavam o 2.º ano do mesmo curso, lutei com imensas dificuldades para em minha consciência bem me desempenhar do honroso mas pesado encargo que me fôra confiado.

A Escola não possuía então, como ainda hoje não possui, um *manual de equitação* que estabelecesse as bases do ensino a ministrar aos alunos dos diferentes cursos, que fixasse os princípios fundamentais da moderna equitação regulando convenientemente a ordem do seu emprêgo. Mais ainda: além de não existir um compêndio oficial da especialidade redigido em harmonia com a formidável evolução por que estava passando o ensino e a utilização do cavalo de séla entre nós (devido à introdução do sport hípico nos nossos hábitos), na Escola não havia a unidade de doutrina regulamentar indispensável a um estabelecimento daquela natureza e à própria arma de cavalaria. O ensino — como não podia deixar de ser, atendendo a todas estas circunstâncias — estava um pouco à mercê do capricho e do temperamento dos professores, a instrução era orientada mais no sentido de fazer magníficos cavaleiros (esplêndidos executantes) do que pròpriamente em formar instrutores militares.

O resultado é que, nos primeiros anos do seu *métier*, o novo instrutor lutava com tremendas dificuldades, as provenientes da sua falta de prática e muito principalmente as derivadas da não existência dum corpo de doutrina oficial em que êle próprio tivesse sido educado e que lhe servisse de guia para orientar metódica e seguramente a instrução dos alunos

que lhe eram confiados. Estava-se num período de transformação e evolução, em que os próprios instrutores, todos muito novos, se estavam ainda a formar.

Em 1911 a Escola Prática de Cavalaria transformou-se em Escola de Equitação e nessa altura cometeu-se o êrro — afigura-se-nos — de extinguir o curso de aperfeiçoamento de equitação para oficiais, que há pouco (1920) foi novamente instituído com o nome de curso de instrutores de equitação.

Em 1912 transitei para o curso de picadores militares e as minhas dificuldades como instrutor, apesar de três anos já de prática, agravaram-se sobremaneira porque a preparação intelectual e cultura geral dos sargentos que freqüentam o curso deixam bastante a desejar, o que muito dificulta a instrução, tanto no campo exclusivamente teórico como até no campo prático.

Como todos sabem, em português não existe tratado algum de equitação em condições de satisfazer a todas as *necessidades modernas* dum curso desta especialidade; os sargentos, à parte raras excepções, só no fim do 2.º ano, isto é, quando terminam o curso, estão em estado de traduzirem regularmente francês e, portanto, para o instrutor é duma grande dificuldade organizar as lições e para o aluno estudá-las convenientemente.

Afim de simplificar e de facilitar imediatamente aos meus discípulos de então o estudo das matérias do programa e de no futuro me poupar eu próprio ao trabalho de consultar freqüentemente vários e numerosos livros para organizar as lições, meti ombros à tarefa de compilar uns despretenciosos Apontamentos, distribuindo — à medida que os ia organizando — uma cópia a cada um dos alunos e outra a cada um dos instrutores, para que estes últimos, por sua vez, lhes introduzissem as correcções que entendessem e êste modesto trabalho pudesse, talvez, servir de base a qualquer obra de maior vulto a realizar no futuro pelo quadro dos professores da Escola.

Fazia-se tanto sentir a falta dum trabalho desta natureza — bom ou mau que êle fôsse — que os meus modestos Apontamentos, a despeito de todas as suas deficiências e imperfeições, foram adoptados por todos os cursos desde 1912 até 1917, isto é, até ao encerramento da Escola causado pela sua partida para França, fazendo parte do C. E. P., para onde a acompanhei como comandante do 2.º esquadrão.

Numerosas vezes tenho sido solicitado por vários camaradas para publicar estas notas e, depois do meu regresso de França, até a própria Escola de Equitação chegou mesmo a propôr-me imprimir à sua custa o

número de exemplares indispensáveis para as suas necessidades de instrução.

Faço-o agora sem que pela cabeça me tenha passado a ideia de apresentar êste trabalho como uma obra original, com pretensões a tratado de equitação; eu não me abalançaria a tanto, para isso falta-me o saber que a outros sobeja.

Estas notas constituem apenas um apanhado dos conhecimentos exigidos no curso de picadores militares, que eu coordenei para os meus alunos, no ardente e exclusivo desejo de bem os instruir, com a preocupação honesta de lhes dar uma cultura equestre que justificasse plenamente o seu título de profissionais da equitação militar; são o fruto de 10 anos de trabalho árduo e ingrato, que são quantos eu empreguei em colher nos melhores livros da especialidade, antigos e modernos, todos os conhecimentos que fazem parte do programa do curso de picadores (e que eu julgo indispensáveis a todo o bom oficial de cavalaria), simplificando-os, agrupando-os metódicamente em lições fáceis próprias para guiar, teórica e praticamente, os primeiros passos de *debutantes* no ensino e trenagem do cavalo militar.

Nunca tive nem tenho a pretensão de ser escritor ou equitador; os meus 17 anos de prática e de especialização em assuntos equestres nunca fizeram nascer em mim outra ambição que não fôsse a de honrar o encargo que durante largos anos me foi confiado na Escola Prática da minha arma e que muito singelamente se pode resumir em ser *um bom instrutor militar*. Se o meu trabalho é modesto, a intenção não o é menos e por isso espero que os meus camaradas, que na verdade são *homens de cavalo*, tenham a indulgência necessária para me perdoar todas as deficiências e imperfeições dêstes singelos Apontamentos.



I PARTE  
GENERALIDADES





## CAPÍTULO I

### PRELIMINARES

*Equitação* é a arte de dispôr hábilmente das fôrças do cavalo de forma a podê-las utilizar nas melhores condições de facilidade, de comodidade e de segurança para o cavaleiro.

A equitação é uma verdadeira arte, exactamente como a música ou a pintura; como todas as outras artes, ela possui um esqueleto científico, baseado sobretudo na fisiologia e nas leis da psicologia animal.

Outrora a equitação estava quâsi em absoluto subordinada a regras variáveis e contraditórias, completamente à mercê da fantasia, do sentimento pessoal do cavaleiro e até meŝmo da moda. Devendo adaptar-se ao género de utilização do cavalo próprio de cada época e de cada país, a arte equestre tem evolucionado e progredido com a civilização e modernamente os novos métodos científicos — em especial a documentação fotográfica e cinematográfica — ao mesmo tempo que alteraram opiniões e práticas consideradas como indiscutíveis durante largos anos, permitiram estabelecer um certo número de regras ao abrigo de êrros, facilitaram enormemente o seu estudo e a sua aprendizagem.

O cavalo não é uma máquina que possa ter qualquer analogia com a bicicleta ou automóvel, uma espécie de aparelho ou instrumento que obedeça dócil e servilmente às mãos ignorantes de qualquer condutor

improvisado em meia dúzia de dias; o cavalo é um sêr vivo, dotado dum sistema nervoso, sanguíneo e cerebral, com vontade própria, com sensibilidade e memória prodigiosas, um sêr caprichoso, variável de indivíduo para indivíduo, com um todo sujeito às leis da natureza, variáveis umas, imutáveis outras.

E exactamente porque cada cavalo representa uma individualidade que é conseqüência dum moral e de condições físicas diversas, exactamente porque o cavalo não abdica imediata e servilmente da sua liberdade e da sua vontade para se submeter às exigências do homem, indispensável se torna o estudo da psicologia animal, da mecânica, da fisiologia, dum certo número de regras estabelecidas pela prática e confirmadas pela sciência para, com probabilidades de êxito, se abordar o ensino dum ente tão variável e caprichoso.

As questões de mecânica animal — bom é dizê-lo desde já — não estão ainda clara e definitivamente resolvidas, apesar dos memoráveis trabalhos do Dr. Marey, de Gustav le Bon e de L. de Sévy terem contribuído extraordinariamente para o seu desenvolvimento e facilitado o seu estudo.

Dois ramos fundamentais compreende a equitação: a) *a educação do cavaleiro*, que comporta a análise e a aplicação dos processos para lhe dar todos os meios de firmeza e solidez, bem como fixa os princípios da condução e emprego do cavalo, isto é, as regras para o manejar hâbilmente; b) *a educação do cavalo*, que comporta o estudo da máquina animal tanto sob o ponto de vista físico como moral, a análise das leis de mecânica, de psicologia e de fisiologia, e os princípios da ginástica metódica a que êle deve ser submetido para simultaneamente lhe dominar a vontade e elevar ao máximo o seu desenvolvimento físico.

Se é certo que a solidez a cavalo se pode obter instintivamente ao cabo duma certa prática e, sobretudo, *montando na dificuldade*, não é menos certo que manejar hâbilmente ou ensinar finamente um cavalo são problemas que se não vencem apenas por intuição, sem outro auxílio que o da prática instintiva e que para satisfatoriamente os resolver é necessária uma educação especial e uma aprendizagem conscienciosa.

Se a primeira condição para ensinar um cavalo é montar bem a a cavalo, se a prática bem orientada é inquestionavelmente o grande mestre em equitação, se é ela que por excelência educa os reflexos do cavaleiro e os coloca em estado de actuarem com propósito e precisão, se é ela sobretudo que dá *bons executantes*, para formar *instrutores conscienciosos* é também absolutamente indispensável o estudo, o conhecimento da base científica da arte equestre, um grande trabalho de análise e de reflexão.



## CAPÍTULO II

# EDUCAÇÃO DO CAVALO

### I—ENSINO

Chama-se *ensino* à ginástica apropriada a que se submete o cavalo com o fim de o tornar obediente ao cavaleiro e de lhe ensinar tudo quanto deve saber para satisfazer completamente às necessidades do serviço a que é destinado.

O ensino do cavalo militar é bastante complexo; por um lado exige a disciplina e sujeição das suas faculdades intelectuais, quasi a abdicação completa da sua vontade; por outro lado comporta a submissão e máximo desenvolvimento das suas forças físicas, a par d'uma certa liberdade de iniciativa, qualidade esta que as exigências do serviço em campanha, principalmente nas marchas através do campo, têm que utilizar em larga escala.

### II—FACTORES DE QUE DEPEN- DE A DURAÇÃO DO ENSINO

Entre os factores que maior influência têm na duração do ensino nós podemos considerar: a idade, força e saúde do cavalo, o seu grau de sangue, a maneira como tiver sido alimentado e o trabalho a que já tiver sido sujeito, a sua conformação e carácter, o fim e perfeição que se quer atingir, a habilidade e saber do cavaleiro.

Todos os elementos que acabamos de inumerar são factores muito importantes que poderosamente influem na duração do ensino e no valor dos serviços que o animal é susceptível de prestar posteriormente.

O organismo do cavalo, como o organismo humano, exige um certo praso de tempo para atingir o seu completo desenvolvimento e por isso é absolutamente indispensável não contrariar as leis da natureza obrigando o animal a esforços superiores aos que lhe permitem a sua idade e fôrças; proceder contrariamente a êstes princípios é arruinar prematuramente o cavalo, provocar defezas e taras.

A maneira como o pôldro tiver sido alimentado nos seus primeiros anos, retardando ou apressando o seu integral desenvolvimento físico, influi igualmente na duração do ensino; é evidente que um cavalo que nos seus primeiros anos andou exclusivamente nas pastagens, tratado apenas a erva, sem receber qualquer outra alimentação mais substancial e sem cuidados higiênicos, aos quatro ou cinco anos não será susceptível de fornecer qualquer trabalho útil, não estará em condições de, sem um período preparatório longo, sofrer a difícil ginástica do ensino pròpriamente dito.

Os animais são tanto mais precoces quanto melhor tiverem sido alimentados nos seus primeiros anos e quanto maior fôr o seu grau de sangue.

O mesmo se pode dizer àcerca da conformação e carácter. Tão rápida é a educação do animal bem conformado e de boa índole, quão demorada é a daquele a que faltem os requisitos essenciais para o serviço de sela. Com o primeiro tudo é fácil porque a harmónica disposição da massa favorece o equilíbrio do animal; com o segundo o ensino apresenta grandes dificuldades porque é preciso suprir as imperfeições físicas com um trabalho demorado, paciente e perseverante que muitas vezes, ainda que bem dirigido, não deixa de originar lutas.

É evidente que o fim a atingir influe igual e sensivelmente na duração do ensino; é relativamente fácil pôr um cavalo em estado de marchar pelo direito, em andamentos francos, com calma e um certo desembaraço; serão precisos longos meses, anos até às vezes, para pôr um animal verdadeiramente ligeiro e em alta escola.

A duração do ensino depende em alto grau da habilidade e saber do cavaleiro; embora seja completamente impossível obter no ensino de todos os cavalos o mesmo grau de perfeição, a verdade é que um cavaleiro hábil, dotado de espírito de método, com o sentimento do cavalo e um profundo conhecimento da sua profissão, conseguirá obter completamente e em pequeno espaço de tempo aquilo que outro, a que faltem essas qualidades, só conseguirá — e muitas vezes imperfeitamente — no fim de muitos meses.

### III—PERÍODOS EM QUE SE DIVIDE O ENSINO

A educação do cavalo militar compreende normalmente os seguintes períodos: domesticação, desbaste e ensino pròpriamente dito.

A *domesticação*, a cargo de bons tratadores debaixo da direcção dum graduado competente, compreende tudo quanto diz respeito à familiarisação do cavalo com o homem e com os hábitos da vida de quartel, ferração, etc.

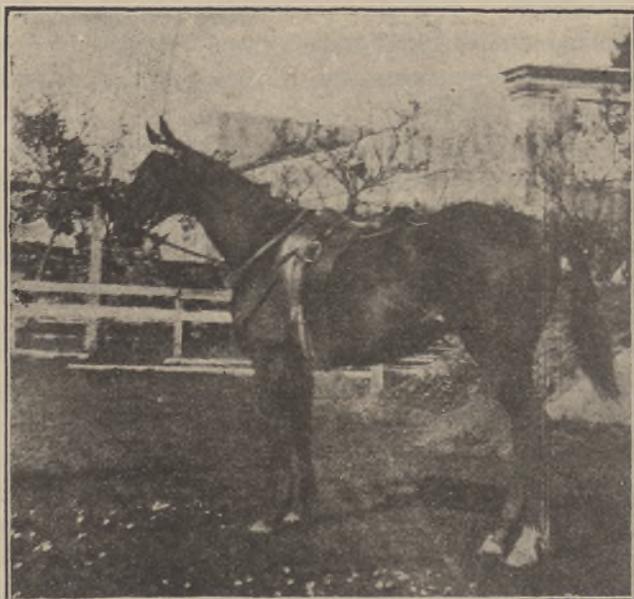
O *desbaste*, que normalmente deve ir dos 4 aos 5 anos, coloca o poldro em condições de se deixar embaidar e aparelhar, de suportar facilmente o peso do cavaleiro mantendo-se nos três andamentos com calma e regularidade, obedecendo facilmente às ajudas mais elementares; deve ainda compreender o trabalho exterior, o trabalho em grupo e às vezes com armas.

O desbaste prepara pois o organismo do cavalo para resistir mais tarde ao trabalho violento do ensino pròpriamente dito e deve-o colocar, o mais breve possível, em condições de *poder ser utilizado* num caso eventual de mobilisação.

O *ensino pròpriamente dito*, que normalmente deve ir dos 5 aos 6 anos, só deve ser iniciado quando o cavalo, fortificado e desenvolvido pelo trabalho anterior, já estiver em condições de poder suportar o extenuante trabalho apertado de picadeiro. Nêste período ensina-se ao animal o conhecimento completo das ajudas, obtem-se a sua fácil mobilidade e pronta submissão a indicações ligeiras do cavaleiro e completa-se o trabalho exterior, procurando obter o perfeito ritmo dos andamentos, o desembaraço e franqueza sôbre terrenos acidentados e por cima de todos os obstáculos naturais. No fim dêste período o cavalo deve estar em estado de satisfazer completamente a todas as exigências do serviço militar e por isso termina aqui o ensino suficiente para o cavalo do exército.

Na educação do cavalo de séla pode-se ainda considerar um outro período: *a alta escola*, em que se procura obter a elasticidade e elevação de movimentos, a ligeireza na sua artística e completa significação, a perfeição na execução de todos os movimentos naturais e artificiais.

Êstes requisitos de perfeição são, no entanto, absolutamente inúteis para o cavalo de guerra, muito embora a sua prática seja em extremo vantajosa para o desenvolvimento e tacto do cavaleiro e, sobretudo, do instrutor completo.



DIAMANTE, cavalo argentino, coudelaria Lamarca.

1.º Prémio na corrida destinada a oficiais de cavalaria, na Escola de Equitação, em 1920.

1.º Prémio no campeonato das corridas, na Escola de Equitação, em 1920.

## CAPÍTULO III

### AUXILIARES DO ENSINO

#### I — GENERALIDADES

*Ajudas* são todos os meios de que o cavaleiro se serve para transmitir e impôr a sua vontade ao cavallo.

Os auxiliares do ensino ou ajudas principais são: as pernas, as esporas, as mãos, as rédeas, o bridão, o freio, cabeção, guia, cilhão e rédeas fixas, pingalim e çhibata.

As ajudas podem classificar-se em naturais e artificiais, superiores e inferiores, determinantes e reguladoras, laterais e diagonais.

As mãos, as pernas e o pêso do corpo são *ajudas naturais*, o cabeção, a guia, etc., são *ajudas artificiais*, as mãos são *ajudas superiores*, as pernas são *ajudas superiores*.

*Ajudas determinantes* são as absolutamente indispensáveis para a execução de qualquer movimento; *ajudas reguladoras* são aquelas que, não tendo uma acção predominante, são contudo úteis para a regularização do movimento exigido ou para a melhor colocação do animal.

As *ajudas laterais* são caracterizadas pela acção predominante da rédea e perna do mesmo lado, as *ajudas diagonais* são caracterizadas pelo emprêgo predominante da rédea dum lado e perna do outro.

#### II — PERNAS

As pernas do cavaleiro têm por fim principal produzir, conservar ou aumentar a impulsão e dirigir o post-mão.

Quando actuam simultaneamente e a igual distância das cilhas e com

a mesma intensidade, provocam a marcha em linha recta para a frente; quando actuam com desigual intensidade e uma mais atrás do que a outra, ou quando actua apenas uma, produz-se o movimento para a frente acompanhado dum desvio da garupa para o lado contrário à perna que actuou com mais fôrça; quando uma perna actua junto à cilha e a outra, colocada mais atrás, se opõe ao desvio da garupa, aquela provoca o avançamento do posterior correspondente para debaixo da massa.

Em resumo, segundo a forma como são empregadas as pernas podem produzir os seguintes efeitos: *a)* produzir ou acelerar o andamento; *b)* facilitar as mudanças de direcção impedindo ou produzindo os desvios da garupa para dentro ou para fóra; *c)* determinar o cruzamento dos membros posteriores na marcha lateral e ladear; *d)* acentuar o avançamento dos posteriores para debaixo da massa.

As pernas podem actuar, resistir ou ceder. *Actuam* quando exercem acção com o fim de determinar qualquer movimento ou acelerar o andamento; *resistem* quando se empregam de modo a limitar ou impedir qualquer desvio do post-mão; *cédem* quando a sua acção se limita ao ligeiro contacto que permite qualquer deslocamento do post-mão. Nos dois primeiros casos são *activas*, no último são *passivas*.

### III—ESPORAS

Empregam-se para fortificar a acção das pernas e como instrumento de correcção.

Aplicadas atrás das cilhas e por toques sucessivos, enérgicos ou delicados, são um *estimulante* porque determinam ou aumentam a impulsão; aplicadas junto às cilhas e por intensidade crescente de pressão exercem um efeito *calmante* sobre animais cuja educação já esteja adiantada; applicadas adiante das cilhas e por intensidade crescente de pressão exercem sobre o organismo um efeito fisiológico que determina a paragem rápida acompanhada dum característico arqueio da coluna vertebral e do abaixamento da cabeça.

Absolutamente indispensáveis para se obter a perfeição do ensino, o seu emprego exagerado e fora de propósito irrita o cavalo e provoca-o a defender-se, podendo até viciá-lo por completo. Para que produzam todo o seu efeito útil é preciso empregá-las com discernimento, em harmonia com a sensibilidade do cavalo, resistências encontradas e fim que se pretende atingir.

#### IV — MÃOS

As mãos do cavaleiro actuando sobre a bôca do cavalo por intermédio das rédeas, do freio e do bridão, exercem directamente a sua acção sobre a cabeça, pescoço e espáduas do animal e indirectamente sobre o post-mão.

O seu fim principal é dirigir o antemão, regular a impulsão, demorar ou extinguir o movimento e produzir a marcha retrógrada.

Exactamente como as pernas, as mãos podem actuar, resistir ou ceder. *Actuam* quando exercem tensão nas rédeas; *resistem* quando se fixam para se opôr a qualquer resistência encontrada; *cedem* quando, embora conservando o ligeiro contacto que normalmente deve existir entre a bôca do cavalo e a mão do cavaleiro, se não opõem à impulsão nem às deslocações do pêso. Nos dois primeiros casos as mãos são *activas*, no último *passivas*.

#### V — RÉDEAS <sup>1</sup>

Como os efeitos produzidos pelas rédeas sobre o organismo do cavalo variam com a direcção dada pelo cavaleiro à tensão da rédea, para bem compreender o seu funcionamento é indispensável considerar uma rédea isolada actuando nas direcções principais e vêr quais os efeitos que produz.

A rédea direita, por exemplo, pode ser acionada nas seguintes direcções limites: unicamente para a direita, para a direita e para a rectaguarda, unicamente para a esquerda, para a esquerda e para a rectaguarda.

A cada uma destas direcções extremas correspondem efeitos diferentes que, para facilidade de estudo, convém designar por nomes apropriados.

1.º) *Rédea directa de abertura* — A rédea direita, abrindo-se para a direita sem exercer tracção para a rectaguarda, desloca a cabeça e o pes-

<sup>1</sup> A classificação de rédeas apresentada, da autoria do general Jules de Benoist, está há anos regulamentada no *Manuel de Dressage* da cavalaria franceza e é adoptada nos cursos da Escola de Saumur, sendo o antigo *écuyer en chef* desta Escola, actualmente general Blaque-Belair, um dos seus maiores adeptos e propagandistas.

Esta classificação é, — afigura-se-nos —, tudo o que de mais bem feito e racional se tem escrito acerca de ajudas superiores. É bom dizer-se, porém, que só as duas primeiras acções (directa de abertura e directa de opposição) são naturais e produzem no pôldro os efeitos indicados; as terceira, quarta e quinta não são naturais, são efeitos de educação e por isso só são applicáveis a animais já possuidores dos seus reflexos, que obedeçam com uma certa facilidade às indicações das rédeas.

coço do cavalo para a direita, sobrecarregando ligeiramente a espádua do mesmo lado. Se o cavalo está parado, êste pequeno desequilíbrio é insufficiente para lhe alterar a imobilidade; mas se, pelo contrário, o animal vai em marcha, as suas espáduas descaem para a direita e a garupa segue-as, passando onde aquelas passaram, produzindo-se portanto uma mudança de direcção para a direita.

Para obter uma volta com a rédea de abertura basta pois que, além da sua acção bem acentuada, as duas pernas actuem com igual intensidade conservando a impulsão e a outra rédea (reguladora) cêda o suficiente para que o balanceiro cervical possa tomar a posição indicada pela rédea determinante.

A rédea de abertura é uma ajuda natural a empregar com os animais de pêsoço rígido. Convém notar que um cavalo pode dar a cabeça para a direita e dobrar o pescoço para a esquerda, de modo que é indispensável o acôrdo da rédea contrária (reguladora) para evitar que se dê um desequilíbrio de pêso contrário ao que pretendemos para obter a volta.

2.º) *Rédea directa de opposição*—A rédea direita, acionada para a direita e para a rectaguarda, paralelamente ao plano médio do eixo do cavalo, desloca o balanceiro cervical para a direita prendendo fortemente a respectiva espádua, que descai para êste mesmo lado, e força a garupa a desviar-se para a esquerda. Quer o cavalo esteja imóvel ou em movimento, será forçado a voltar para a direita, com muita facilidade se a perna direita actuar facilitando a deslocação da garupa e se a rédea e perna esquerdas cederem suficientemente.

*Nota*—No primeiro efeito considerado a rédea actua apenas por abertura, deslocando a cabeça e pescoço do animal sem produzir qualquer efeito sensível sôbre o postmão, e por isso que actua directamente e por abertura é lógico designá-la por *rédea directa de abertura*; no segundo efeito a acção da rédea, deslocando a cabeça e pescoço para a direita, força o postmão a descair para o lado contrário, isto é, as espáduas *opõem-se* à garupa e portanto é lógico designar esta rédea pelo nome *rédea directa de opposição*.

3.º) *Rédea contrária*—A rédea direita, accionada unicamente para a esquerda sem exercer tracção para a rectaguarda, faz desviar ligeiramente a ponta do focinho do cavalo para a direita e a parte superior da cabeça para a esquerda; o pescoço segue o movimento da cabeça, dobrando-se um pouco e originando por esta forma uma ligeira sobrecarga de pêso na espádua esquerda, insufficiente para produzir qualquer movimento, se o cavalo está móvel. Mas se, pelo contrário, o animal está em movimento, o

excesso de pêso que reflue sôbre a espádua esquerda força o antemão a descair para êsse lado; o postmão segue aquele movimento indo passar onde aquele passou, desde o momento que as duas pernas conservem a impulsão e a rédea reguladora ceda o suficiente para que o efeito sôbre o antemão se produza.

4.º) *Rédea contrária de opposição*—A rédea direita, dirigida da direita para a esquerda e exercendo tracção para a rectaguarda, pode produzir dois efeitos distintos conforme actuar numa direcção mais ou menos oblíqua em relação ao eixo do cavalo.

a) Se a rédea direita actua de diante para trás e no sentido da espádua esquerda, a cabeça do animal é deslocada para a direita e seguidamente para a rectaguarda; o pescoço curva-se em arco, com a convexidade para a esquerda, donde resulta um excesso de pêso sôbre a espádua do mesmo lado; o antemão demora e descaí para a esquerda e a garupa, em consequência da direcção e tracção da rédea, cede ao movimento das espáduas, *que se lhe opõem*, e é lançada para a direita.

Se o cavalo está móvel, o efeito desta rédea obriga-o a voltar para a esquerda, recuando; se o cavalo está em movimento, volta igualmente para a esquerda demorando ligeiramente o andamento. Em qualquer dos casos o movimento será facilitado pela acção da perna esquerda actuando atrás das cilhas, de modo a tornar mais pronta a deslocação da garupa.

b) Se a rédea direita actua de diante para trás e no sentido da anca esquerda, isto é, se exerce tracção passando atrás do garrote, toda a coluna vertebral se curva para a direita sobrecarregando todo o lado esquerdo. Quer o cavalo esteja parado quer esteja em movimento, toda a massa é lançada para a esquerda, as espáduas em virtude do excesso do pêso provocado pela curvatura do pescoço, a garupa em consequência da opposição da cabeça.

O efeito desta rédea exerce-se pois simultaneamente sôbre o antemão e post-mão, deslocando lateralmente toda a massa para a esquerda, sem que para isso seja indispensável o concurso da perna direita, concurso que, no entanto, muito favorece a deslocação do post-mão.

*Nota* — Nêstes três últimos efeitos (contraria, contraria de opposição a e b) o cavalo volta ou desloca-se para a esquerda pela acção da rédea direita, isto é, sob a influência duma rédea que à primeira vista parecia dever provocar a volta ou marcha para a direita; a rédea direita atuou pois *contrariamente* ao que era natural e por isso é tão rasoável chamar-lhe *rédea contrária* como é lógico designar as duas primeiras (abertura e direita de opposição) por *rédeas directas*.

No terceiro efeito (rédea contrária) a rédea actua apenas sôbre o ante-mão, nos dois últimos (4.º e 5.º) a rédea tem uma acção sensível sôbre o post-mão, opondo as espáduas à garupa, e por isso é lógico designar as rédeas que tal produzem como *rédeas contrárias de opposição*.

## VI — PESO DO CAVALEIRO

O peso do corpo é uma ajuda quasi tão importante como as pernas e as rédeas.

O busto do cavaleiro, deslocando-se para diante, para traz, para a esquerda ou para a direita, altera a distribuição do peso da massa e portanto a situação do centro de gravidade comum, influindo poderosamente sôbre o equilibrio do conjunto. As flutuações de que é susceptível, auxiliando ou entavando as diferentes deslocações da massa, tornam-o um importante auxiliar no ensino e por isso é indispensável empregá-lo de modo a facilitar a acção das outras ajudas, mantendo-o de acôrdo com as translações de peso do cavalo e dispondo-o no sentido do movimento exigido, não só quando se trate de regularisar, alargar ou encurtar os andamentos, como ainda quando se pretenda mudar de direcção, ladear, parar ou recuar.

Nas defezas é para o cavaleiro um dos mais importantes elementos de firmeza, quer seguindo as deslocações bruscas do cavalo (furtas), quer actuando por translações diametralmente opostas (dar coices e levantar-se).

## VII — BRIDÃO

É um instrumento formado vulgarmente de duas barras metálicas (bocados) ligeiramente curvas, que se articulam numa das suas extremidades, tendo em cada uma das outras um olhal onde passa uma argola metálica para a ela se ligarem as rédeas e as faceiras da cabeça.

O bridão pôde actuar sôbre as barras ou nas commissuras dos lábios, funcionando portanto como agente de governo ou como simples elevador da cabeça.

Em consequência da sua acção suave sôbre as barras é uma esplendida embocadura para os poldros, visto que permite ao animal um franco apoio na mão e torna menos prejudiciais à bôca do cavalo os movimentos bruscos da mão do cavaleiro; são estas as razões principais porque todos os cavalos devem começar por ser montados em simples bri-

dão e porque todos os cavaleiros devem começar a sua instrução equestre montando animais só em bridão.

Convém sempre utilizar bridões de bocado grosso e com argolas de grande diâmetro ou munidos de travincas afim de evitar que, quando se exerce uma acção mais forte numa rédea, o bridão saia da sua posição normal e a argola entre na bôca do cavalo.

### VIII — FREIO

Compõe-se essencialmente de duas hastes metálicas paralelas (caimbas) munidas respectivamente nas extremidades superior e inferior de olhais e argolas para se prenderem às faceiras da cabeçada e às rédeas; as duas caimbas são ligadas entre si por uma outra peça metálica (bocado) que se apoia sôbre as barras e que na sua parte média tem em geral uma disposição curvilínea (montada) própria para inferiormente dar passagem à língua; aos olhais superiores das caimbas ligam-se dois ganchos destinados a prender a barbela, pequena cadeia de élos achatados que, assentando sôbre a barbada, dá fixidez ao freio e o faz funcionar como uma poderosa alavanca a actuar sôbre as barras.

É especialmente um abaixador de cabeça e os seus efeitos são muito mais enérgicos que os do bridão; a sua acção é tanto mais violenta quanto maior fôr o apêrto da barbela, o comprimento das caimbas e a altura da montada, quanto mais baixo estiver colocado (sem, contudo, tocar nos colmilhos) e menor fôr a espessura do bocado. Para que, porém, o freio actue com a sua maior intensidade é indispensável que as rédeas exerçam a sua acção perpendicularmente às caimbas.

### IX — CABEÇÃO

É um instrumento quási idêntico a uma cabeçada vulgar, cuja fochineira é munida duma chapa de ferro guarnecida interiormente de cabedal, tendo na sua parte média um anel metálico destinado a prender a guia, rédea ou prisão.

Deve ser colocado antes alto do que baixo, com a sísigóla e fochineira suficientemente justas para evitar que as faceiras venham ofender os olhos e a serreta oscile sôbre o chanfro.

Durante o ensino deve empregar-se nas primeiras lições de guia e de montar; serve ainda para trabalhar cavalos difíceis e na preparação para obstáculos.



## X — GUIA

Deve ser suficientemente pesada e isenta de nós para escorregar facilmente nas mãos e é preferível que seja de coiro para não produzir cortaduras.

De ordinário liga-se ao cabeção mas pode ainda, com animais que trabalham bem à guia, prender-se à focinheira da cabeçada e até mesmo ao bridão.

As oscilações produzidas na guia deverão ser horizontais ou verticais conforme se deseja dar indicações ou castigar com menor ou maior energia.

## XI — CILHÃO E RÉDEAS FIXAS

Empregam-se para trabalhar à guia cavalos com grande flexibilidade de pescoço. As rédeas, ligadas por uma ponta ao cilhão e pela outra ao bridão, devem estar apenas suficientemente tensas para evitar as flexões laterais do pescoço, permitindo-lhe a sua extensão.

## XII — PINGALIM

Utiliza-se durante o ensino como ajuda ou como instrumento de correcção. Empregado sem tacto e moderação faz o cavalo temer o homem, torna impossível obter um trabalho calmo, regular e útil.

## XIII — CHIBATA

É uma ajuda indispensável nos primeiros períodos do ensino, tanto no trabalho à mão como no trabalho montado, pois é por meio dela que se ensina o cavalo a obedecer à acção impulsiva e mobilizadora das pernas do cavaleiro.

No ensino de cavalos difíceis ou muito viciados tem uma larga aplicação porque os seus efeitos são naturalmente mais próprios do que as esporas para determinar a impulsão.



## CAPÍTULO IV

### EMPRÊGO DAS AJUDAS

#### I—EMPRÊGO DAS MÃOS (RÉ-DEAS) E DAS PERNAS (ESPORAS)

Em todos os movimentos e andamentos o cavalo em liberdade serve-se da sua cabeça e pescoço como dum balanceiro com o auxílio do qual equilibra as suas forças e modifica o seu emprêgo

As deslocações do balanceiro cervical, em qualquer sentido em que se executem, para deante, para trás, para a direita ou para a esquerda, preludiam todos os movimentos do cavalo, preparando-os, favorecendo-os e regulando-os; é o seu alargamento ou encurtamento, a sua direcção ou inclinação que, influindo poderosamente na distribuição do pêso da massa, deslocam o centro de gravidade no sentido da marcha progressiva ou retrógrada, das mudanças de direcção, etc.

A cabeça e pescoço são simultaneamente um leme que dirige todos os movimentos e um balanceiro que os auxilia e regulariza; êste leme, cujos movimentos se repercutem em toda a coluna vertebral, é no cavalo montado dirigido pelas mãos que, por intermédio das rédeas, não só indicam a direcção a seguir como ainda recebem a impulsão determinada pelas pernas, regulando-a ou transformando-a.

Ora para que o órgão de direcção possa desempenhar eficazmente as suas funções é preciso que conserve sempre uma certa rigidez, uma certa resistência elástica, e por isso é absolutamente indispensável que as rédeas actuem sempre de modo a conservar bêm direito o balanceiro cervical, por forma a não lhe quebrar a conveniente rigidez ou a evitar a sua exagerada flexibilidade.

Os efeitos das mãos não devem ser contínuos mas sim intermitentes, sucessivos; quando o efeito da mão é contínuo, prolongado, o balanceiro cervical perde a sua rigidez, parte-se e o cavalo contrai-se, insensibiliza-se, toma um exagerado apoio sobre a mão do cavaleiro e está nas melhores condições para se defender; se, pelo contrário, os efeitos da mão são intermitentes, curtos e repetidos, não pode haver contracções e as suas indicações ligeiras e momentâneas não podem provocar resistências.

Para que as acções da mão se transmitam instantaneamente à bôca do cavalo e êle possa obedecer prontamente às indicações do cavaleiro, as rédeas devem estar constantemente tensas, isto é, o cavaleiro não deve perder o contacto suave e ligeiro com a bôca do cavalo; é claro que durante o ensino e na utilização prática do cavalo ocasiões há em que é de toda a conveniência deixá-lo marchar de rédeas quasi completamente abandonadas, sobretudo a passo, quer para o repousar, quer para o recompensar, quer ainda para lhe desenvolver a iniciativa.

As pernas são essencialmente os agentes encarregados de produzir a impulsão; ora como é impossível dirigir um corpo inerte, como para dirigir o movimento é preciso que êle exista, segue-se que a impulsão deve preceder a direcção, que a acção das pernas deve preceder a acção das mãos.

As pernas devem actuar em geral no ponto onde cabem, quando o cavaleiro está bem colocado, e nunca a mais de um palmo à rectaguarda das cilhas; para que possa haver apropósito e firmeza nos seus efeitos é preciso conservá-las bem descidas, caindo junto às cilhas, isentas de contracções e independentes do resto do corpo.

Como regra geral a espora só deve empregar-se depois da perna bem unida ao cavalo, afim de o não surpreender e de lhe permitir uma obediência calma; só com animais viciados, prontos para se revoltarem abertamente contra quaisquer exigências do cavaleiro, é conveniente surpreendê-los com um ataque de esporas e tomar brutal e inesperadamente a ofensiva.

O emprêgo exagerado da espora, sobretudo quando aplicada muito à rectaguarda das cilhas, irrita e contrai o animal em lugar de o distender e de produzir a impulsão, provoca um extraordinário nervosismo que em geral se manifesta por sacudidos e constantes movimentos de cauda.

## II — ACÔRDO DAS AJUDAS

Chama-se acôrdo das ajudas ao auxilio que as mãos, pernas e pêso do cavaleiro se devem prestar mutuamente, quer para lhe garantir o seu à vontade e firmeza, quer para obter a condução fácil do cavalo.

Quando as pernas actuam simultaneamente para provocar a marcha em linha recta para a frente, as mãos devem ceder para permitir o movimento; quando as rédeas actuam simultaneamente para produzir as demoras no andamento, paragens ou recuar, as pernas devem ceder. No primeiro caso as mãos devem estar prontas para resistir, se isso se torna necessário para regularizar o efeito determinado pelas pernas, bem como no segundo caso são as pernas que devem estar atentas para resistir, se a impulsão se extingue ou se manifesta acualmente.

O essencial é que, em linha recta, as duas rédeas não actuem simultaneamente e contrariamente às duas pernas porque, como exercem acções diametralmente opostas, confundiriam o cavalo e provocariam defesas da sua parte, com tanta maior frequência e violência quanto mais atrasado fôr o seu ensino.

As rédeas nunca devem empregar-se isoladamente porque êste é o único meio de manter o órgão de direcção suficientemente rígido e no eixo do cavalo, factor indispensável para que, com a sua mais imperceptível deslocação, se facilite ou produza a execução de todos os movimentos. O emprêgo da rédea determinante, seja ela qual fôr, deve sempre combinar-se com o da rédea reguladora, *cedendo* esta primeiramente para permitir que aquela produza o desequilíbrio indispensável, mas estando pronta para resistir em caso de necessidade.

Sempre que uma perna actue com mais intensidade do que a outra, quer para obter a deslocação lateral do post-mão, quer para obter o avanço do posterior correspondente para debaixo da massa, a perna reguladora deve primeiramente *ceder* de modo a permitir que a perna determinante obtenha o efeito desejado, conservando-se contudo junto do corpo do cavalo para poder actuar imediatamente logo que se manifeste falta de impulsão; ou para resistir no caso de qualquer exagerado desvio lateral do post-mão.

O acôrdo das ajudas é um dos factores mais importantes no ensino; quando as ajudas se combinam harmõnicamente, actuando no sentido próprio e apenas com a intensidade necessária, apressa-se a obediência do cavalo tornando fácil, pronta e calma a execução de todos os movimentos.

É uma das grandes dificuldades da equitação, que só se vence com uma prática longa e bem orientada; é o critério superior de tacto equestre, o qual se manifesta no cavaleiro por uma tal subtilidade de ajudas que, a quem o contempla, deixa a impressão de que vai de tal forma identificado com o cavalo que êste trabalha sem ajudas.

### III — AJUDAS LATERAIS E DIAGONAIS

Chamam-se ajudas laterais aquelas em que predomina o emprêgo da rédea e perna do mesmo lado; chamam-se ajudas diagonais aquelas em que predomina o emprêgo da rédea dum lado e perna contrária.

As ajudas laterais são aquelas a que o cavalo melhor obedece no princípio da sua educação e aquelas cujo emprêgo tem maior aplicação na equitação corrente, porque são mais natural e instintivamente compreensíveis, favorecem a extensão de andamentos, a impulsão, a velocidade e a calma.

Certos movimentos e andamentos de equitação curta e concentrada obtêm-se mais racionalmente e executam-se mais fàcilmente com a predominância das ajudas diagonais; mas isto só pode fazer-se com um cavalo adeantado em ensino e mesmo assim muitas vezes terá de se recorrer às ajudas laterais.

As ajudas laterais são a base da equitação corrente e é por meio delas que se chega a obter a obediência às ajudas diagonais. Estas últimas, completamente inaplicáveis nos andamentos rápidos, só podem ser empregadas por um cavaleiro fino e um animal adeantado em ensino; constituídas por duas forças diametralmente opostas elas terão como resultado, quando não aplicadas com muito tacto, provocar o animal a resistir aos seus efeitos e habituá-lo a marchar atravessado nos diversos andamentos.

Alguns autores estabelecem distinções nítidas entre equitação lateral e equitação diagonal, como se na verdade a condução do cavalo não fôsse o resultado duma combinação harmónica de todas as ajudas, actuando isolada ou simultaneamente, lateral ou diagonalmente, segundo aquilo que se pretende, o animal que se monta, etc.; afigura-se-nos que não pode haver equitação exclusivamente lateral nem equitação exclusivamente diagonal e que a verdadeira equitação, e sobretudo a equitação militar, tem sempre que participar da combinação de todas as ajudas.

## CAPÍTULO V

### O CAVALEIRO

#### I — POSIÇÃO DO CAVALEIRO

A posição do cavaleiro tem uma importância capital porque é dela que principalmente dependem a sua solidez e elasticidade, isto é, a possibilidade de resistir sem esforço aos choques mais violentos, de se servir facilmente das ajudas e de as empregar com apuro.

A primeira condição para que o cavaleiro, quaisquer que sejam as reacções do cavalo, seja senhor do seu equilíbrio e tenha portanto uma *boa mão*, sem a qual não há ensino possível, é estar bem sentado no selim; as nádegas deverão pois cair igual e naturalmente sobre o selim, entrando o mais possível no fundo da sela, e as côxas devem assentar sobre a sua parte interna, nem muito subidas nem demasiadamente descidas, abraçando igualmente o cavalo; os joelhos aderindo ligeiramente e sem esforço, as pernas livres caindo naturalmente junto às cilhas em virtude do seu próprio peso, as pontas dos pés nem muito para fóra nem muito para dentro.

Os rins descontraídos, nada abaülados, antes ligeiramente flectidos para deante porque só assim terão a elasticidade e flexibilidade necessárias para amortecer todas as reacções. O busto sensivelmente vertical, os ombros afastados sem constrangimento, os braços caídos naturalmente junto ao tronco, os ante-braços numa direcção tal que os cotovêlos estejam um pouco mais altos do que as mãos, isentos de movimentos involuntários para dar ao mesmo tempo fixidez e suavidade às indicações das mãos.

As mãos fixas mas não imutáveis, deslocando-se suavemente segundo as circunstâncias, normalmente colocadas de modo que os polegares se voltem para cima e as unhas dos restantes dedos se defrontem, para evitar

que os cotovêlos se afastem do tronco, o que sempre acontece quando as unhas estão voltadas para baixo.

A cabeça livre e alta, mas sem esforço, movendo-se facilmente em todos os sentidos, o olhar abraçando francamente o horizonte e com bastante mobilidade para poder observar facilmente tudo quanto se passa em volta.

Os estribos devem estar de comprimento tal que, quando a perna esteja naturalmente caída, a soleira fique à altura da articulação do tornozêlo. Quando o estribo está muito comprido o cavaleiro fica enforquilhado, perde a fixidez e precisão nas ajudas das pernas porque estas balançam involuntariamente; quando o estribo está muito curto o cavaleiro, bem que sobre ele tenha um forte apoio, não tem liberdade de movimentos nem solidez porque a perna está muito hirta.

O pé deve ser introduzido no estribo até, pelo menos, um terço do seu comprimento, nunca muito mais para se aproveitar a flexibilidade da articulação do tornozêlo, colocando-se o calcanhar mais baixo do que a ponta e assentando principalmente a parte interna do pé sobre a soleira, afim de colocar bem a perna e de fixar o Joelho.

São estes os característicos mais essenciais duma boa posição, da posição académica indicada por todos os tratados de equitação. Nem todos os cavaleiros podem, porém, ser elegantes a cavalo porque a elegância depende em alto grau da conformação física; mas todos, e principalmente os que se dedicam ao ensino, devem estar *bem colocados* porque essa é a primeira condição para *estar com o seu cavalo*, isto é, para que possa haver solidez e independência de ajudas, a base principal do seu acôrdo e portanto da fácil condução do cavalo.

As atitudes defeituosas a cavalo denotam quasi sempre um emprêgo de força inútil, um esforço, a existência de contracções musculares que não permitem ao cavaleiro isolar os seus movimentos, tornando-os independentes uns dos outros, e por isso é indispensável corrigi-las desde o princípio, procurando principalmente obter *a ligação a cavalo*, o *à vontade*, mais do que a elegância da posição, porque nem mesmo é esta qualidade que por si só constitui o valor do cavaleiro.

É o *à vontade*, a descontração geral, a elasticidade dos rins que dá a nota do valor da posição, porque o cavaleiro se mantém sobre o cavalo em todas as circunstâncias mais pelo equilíbrio do que pela força; mas este *à vontade* que é absolutamente indispensável para abordar o ensino porque é a única e mais sólida garantia da independência das ajudas, só se obtém com uma longa prática, montando muitos e diversos cavalos.

## II — SISTÊMAS DE PEGAR NAS RÉDEAS

1.º) *Sistêma regulamentar* — O modo de pegar nas rédeas indicado pelo nosso regulamento de equitação e geralmente conhecido por sistêma francês, consiste no seguinte: as rédeas de freio colocam-se por fôrma que entre elas fiquem os dedos mínimo e anelar da mão esquerda, saindo as extremidades entre o polegar e o indicador e caindo para o lado direito do pescoço do cavalo; as rédeas do bridão passam juntas entre estes últimos dedos (polegar e indicador), caindo as extremidades para o lado esquerdo por debaixo da mão, conservando-se esta vertical, com o polegar para cima premindo as quatro rédeas.

Êste processo presta-se sobretudo durante o ensino de picadeiro, pela facilidade que há em distinguir bem as rédeas e em actuar separadamente com o freio ou com bridão.

2.º) *Sistêma alemão* — As quatro rédeas na mão esquerda. Entre as rédeas de freio fica o dedo anelar; as do bridão passam, uma por baixo do indicador e a outra pela parte inferior do dedo mínimo, vindo todas as extremidades passar por cima da mão, entre o polegar e o indicador.

As rédeas podem separar-se com facilidade ficando uma do bridão e outra do freio em cada mão; há igualmente facilidade em as reunir na mesma mão.

Êste processo permite ainda o fácil escorregamento das rédeas entre os dedos, sem que escapem da mão, e por isso êste sistêma oferece vantagens para a equitação de obstáculos.

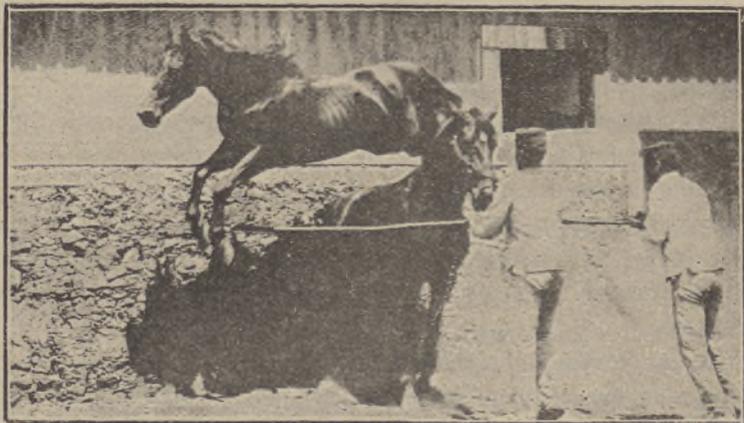
3.º) *Sistêma inglês* — O cavaleiro segura as duas rédeas direitas na mão direita e as duas esquerdas na mão esquerda; as rédeas do bridão passam pela parte inferior do dedo mínimo, as do freio entre o mínimo e o anelar.

Êste sistema é vantajoso para os cavalos que forçam muito a mão, que se defendem ou furtam muito aos obstáculos e que, portanto, é necessário conduzir de rédeas separadas.

## III — MANEJO DAS RÉDEAS

Quer para ensinar, quer para conduzir, é indispensável que o cavaleiro saiba manejar as rédeas com facilidade. As rédeas devem ser mudadas de mão, separadas ou reunidas sem movimentos bruscos e sem que deixem de conservar a mesma tensão.

As acções das rédeas devem ser tanto mais largas e nítidas quanto menor fôr o grau de ensino do cavalo, reduzindo-se a simples efeitos de indicação, quasi invisíveis, com o cavalo bem ensinado. São o melhor meio para manter o cavalo ligeiro e constantemente direito em todos os movimentos e andamentos, quando as suas acções são suaves e variadas; devem ser manejadas e mudadas freqüentes vezes de mão, evitando-se os efeitos de força e as acções prolongadas e contínuas, que irritam o animal e o forçam a apoiar-se ou a fazer forças contra a mão.



E. P. de Cavalaria — O célebre saltador PARNELL, p. s. i.



## CAPÍTULO VI

### BASES PSICOLÓGICAS DO ENSINO

#### I—FACULDADES MORAIS DO CAVALO

O temperamento e o carácter do cavalo exigem uma observação tão completa como as suas aptidões físicas. Se é indispensável conhecer as leis que presidem ao funcionamento da máquina animal para que as ajudas sejam dadas por forma a facilitar a obediência e a prevenir as resistências, não menos indispensável é conhecer o carácter dos discípulos, as suas qualidades e defeitos de ordem moral, porque só dêste conhecimento se pode deduzir o regimen de educação a seguir, regimen que, mais ou menos inteligentemente escolhido e pôsto em prática, influirá melhor ou peor sôbre o carácter do animal e portanto sôbre o resultado do ensino.

O cavalo é um animal pouco inteligente, ao contrário do que muita gente julga, mas dotado de grande memória e de enorme facilidade para adquirir hábitos. Reconhece e lembra-se perfeitamente dos caminhos em que está habituado a passar, dos pontos onde costuma descansar, daquilo que uma vez lhe meteu medo, das correcções que recebeu, etc.; a sua prodigiosa memória, comprovada em centenas de factos que são do domínio de toda a gente, ao mesmo tempo que é um factor importantíssimo para levar rapidamente e a bom termo a sua educação, torna extremamente perigosos todos os erros do ensino, porque não há nada mais difícil do que fazer perder a um cavalo os maus hábitos adquiridos em consequência da falta de saber ou de energia do cavaleiro.

O cavalo é um animal ordinariamente manso, paciente, mas capaz de se revoltar contra o cavaleiro quando êste excede os limites das exigências que as suas forças físicas e grau de ensino podem suportar. É mais

tímido do que corajoso, dando-se às vezes até o caso de, sob a impressão do medo, poder perder a noção do próprio instinto de conservação e expôr o cavaleiro a sérios perigos; o cavalo, principalmente quando ainda é poldro, é medroso, sobretudo quando está isolado; a companhia dos seus semelhantes tranquiliza-o e diminui-lhe a sua inquietação à vista de objectos desconhecidos.

Tem horror ao isolamento e uma grande tendência para a imitação, duas coisas que às vezes originam dificuldades e lutas durante o ensino mas que é possível explorar convenientemente no princípio da sua educação, fazendo acompanhar os poldros por cavalos mansos e bem ensinados afim de lhes dar a intuição do movimento para a frente, de os meter numa direcção qualquer, de os habituar aos objectos exteriores, etc.

É pouco dedicado ao dono mas muito sensível aos bons tratos, sobretudo à voz e afagos; os castigos, quando não applicados no momento oportuno e com pês, conta e medida, tornam-o irritável e desconfiado, longe de o submeter.

Com o ensino consegue-se chegar a obter a sujeição completa das faculdades físicas e intellectuais do cavalo mas nunca é possível transformar-lhe completamente o carácter; um cavalo mal intencionado, ainda que completamente dominado, revelará sempre os seus maus instintos quando nas mãos dum cavaleiro ignorante ou pouco enérgico.

## II—LEIS DE PSICOLOGIA APLICÁVEIS NO ENSINO

São muitos raros os movimentos que o cavalo sem ensino executa natural e instintivamente sob a acção das ajudas; *para ensinar* é, pois, absolutamente indispensável estabelecer uma linguagem convencional entre o cavaleiro e o cavalo, fazê-la compreender a êste e depois dominar-lhe a vontade para o poder forçar a obedecer aos sinais que a constituem.

Esta linguagem convencional assenta sôbre a seguinte lei psicológica da associação de sensações: «*quando algumas sensações se produzem simultaneamente ou se sucedem imediatamente, basta que uma delas se apresente no espirito para que todas as outras se apresentem imediatamente*».

É applicando esta lei que se chega a obter que o cavalo compreenda e se submeta às ordens do cavaleiro. Vejamos, por exemplo, como é que se consegue que o cavalo chegue a marchar para a frente logo que sinta uma ligeira pressão das pernas do cavaleiro: no trabalho à guia o cavalo começa por habituar-se a avançar quando sente tocar-lhe o pingalim e,

depois de uma ou duas lições, basta até a simples vista do pingalim para provocar a marcha para a frente; no trabalho montado o cavaleiro, para obter o mesmo movimento, actua com a chibata e pernas ao mesmo tempo que o instrutor mostra o pingalim; mais tarde basta apenas que se empregue uma ligeira pressão de pernas porque as outras sensações dolorosas se apresentarão imediata e simultaneamente no seu espírito. No princípio associam-se as acções do pingalim, da chibata e das pernas; pouco a pouco vão-se diminuindo os efeitos das ajudas mais desagradáveis e vai-se recompensando com afagos o mais ligeiro sinal de obediência até que por fim o cavalo, pela associação e repetição das impressões recebidas sucessiva e simultaneamente, chega a pôr-se em movimento para a frente quando sente apenas a acção das pernas do cavaleiro.

Toda a educação do cavalo assenta sobre esta lei fundamental da psicologia que, não só nos indica o processo de por êle nos fazermos compreender, mas ainda nos dá o meio de o forçarmos à obediência: recompensando o animal sempre e imediatamente depois dêle ter obedecido, castigando-o no próprio momento em que resiste e se revolta contra as exigências do cavaleiro, estabelecem-se as mais sólidas bases da linguagem convencional que tem que existir entre o cavaleiro e o cavalo, obtém-se dêste a sujeição completa.

A obediência, no princípio incompleta e hesitante, ir-se há tornando pouco a pouco mais fácil, se procedermos com paciência e critério; a repetição constante dêste processo irá facilitando a compreensão desta linguagem e, à medida que as associações se fôrem gravando melhor nos domínios do inconsciente, o animal irá adquirindo reflexos, a obediência tornar-se há portanto automática, sinónimo de completa.

A repetição, como acabamos de vêr, fixa as associações na memória mas isto leva um certo tempo dependente das aptidões intellectuais do cavalo, variáveis de indivíduo para indivíduo. A psicologia indica-nos, porém, um processo para abreviar o tempo necessário para a fixação das associações, isto é, para apressar a obediência.

«Basta juntar à repetição a intensidade duma das impressões recebidas. As impressões fortes, mesmo pouco repetidas, gravam muito mais as associações no espírito do que as impressões fracas muitas vezes repetidas.

Uma criança que uma vez tenha metido a mão em água a ferver — impressão forte — não recomeçará nunca mais a experiência, ao passo que todos os repetidos conselhos de seus pais — impressão fraca — são muitas vezes incapazes de a convencer do perigo de semelhante acto. Dá-se com

o cavalo o mesmo que com a criança; a intensidade das impressões pode substituir a repetição. É por isso que as esporas, quando manejadas com inteligência — e não é assim que o faz a maior parte dos cavaleiros — permitem abreviar imensamente a duração do ensino do cavalo e obter em poucos dias uma obediência perfeita às ordens do cavaleiro.»<sup>1</sup>

Mas, se é certo que a espora pode dominar o cavalo em pouco tempo, persuadindo-o rapidamente de que o homem é detentor dum poder superior, contra o qual não pode resistir, a verdade é que poucos cavaleiros o podem e sabem fazer e que a sua aplicação enérgica e freqüente no princípio do ensino não é geralmente vantajosa, porque o que nesta altura se deve pretender é conquistar a confiança do animal, acompanhada dum certo respeito, e não aterrá-lo para o dominar.

O cavaleiro deve sempre tratar o cavalo com amizade aumentando gradualmente as exigências em harmonia com as qualidades e progressos do cavalo, mas sem fraqueza porque é esse o único meio de sobre êle adquirir um domínio completo. No decorrer do ensino há sempre um momento em que o cavalo experimenta as fôrças do cavaleiro, em que resiste por má vontade, em que é portanto inevitável a luta, da qual importa que o cavaleiro saia vencedor, custe o que custar, porque doutra forma o animal tomará consciência da sua própria fôrça, passará a defender-se sob todos os pretextos e a procurar desembaraçar-se do cavaleiro.

O ensino do cavalo nunca pode considerar-se terminado antes que êle se tenha defendido abertamente contra o cavaleiro e que tenha sido vencido, mas isto de forma alguma quer dizer que, com o pretexto de que o animal está absolutamente dominado, se deve abusar da sua paciência multiplicando demasiada e absurdamente as exigências.

### III—UTILIZAÇÕES DA VOZ, RECOMPENSAS E CASTIGOS

a) *Voz* — A voz é uma ajuda importante no ensino do cavalo porque êste compreende bem a diferença que existe entre a exclamação breve e enérgica duma ameaça e a entoação suave e arrastada duma carícia.

É necessário, pois, durante o ensino utilizar em larga escala o seu auxílio, lembrando-nos constantemente de que ela é um dos melhores meios de tranquilizar o cavalo na presença de qualquer susto ou durante a execução de qualquer exercício que o irrite.

<sup>1</sup> *L'équitation actuelle et ses principes* (Gustav Le Bon).

b) *Recompensas* — As recompensas, alternando justa e apropriadamente com os castigos, constituem uma das bases mais importantes do ensino do cavalo.

Juntas com a voz elas estimulam a boa vontade do animal, tranquilizam-no, concorrem para obter a sua submissão porque são um dos melhores meios para lhe falar à inteligência.

A recompensa deve ser dada sempre com propósito, isto é, deve seguir ou acompanhar o menor sinal de obediência; dada a um animal que resiste com manifesta má intenção, em plena revolta, só servirá para aumentar as resistências e para que o animal fique duvidando da energia e firmeza do cavaleiro.

As principais recompensas são: os períodos de repouso, a marcha a passo à vontade de rédeas abandonadas, depois de qualquer manifestação de obediência, e os afagos sobre o pescoço e garupa.

c) *Castigos* — Se importa recompensar ao menor sinal de obediência, não menos importa castigar ao mais ligeiro indício de manifesta má vontade, de resistência premeditada, porque só assim é possível ao cavaleiro impôr a sua autoridade, dar ao animal mostras duma vontade superior à sua. Mas, para tirar do emprêgo dos castigos todo o seu efeito útil, é preciso castigar com propósito e justiça: para que o castigo seja dado com propósito é indispensável administrá-lo no próprio momento em que a falta se comete, sob pena de que êste salutar elemento de educação se transforme num agente de confusão e irritabilidade; para ser justo é preciso vêr bem a natureza da falta cometida, saber discernir se ela é motivada por medo, ignorância, sofrimento ou decidida má vontade, e principalmente não perder a cabeça, não se deixar apossar da cólera e recompensar logo que o cavalo se submete.

Os principais instrumentos de correção são: as esporas, a chibata, o pingalim e o cabeção.

## CAPÍTULO VII

### PRINCÍPIOS DO MOVIMENTO

#### I — BALANCEIRO CERVICAL <sup>1</sup>

Quási todos os seres animados dispõem de balanceiros. Para os bípedes, de equilíbrio instável, estes balanceiros estão sensivelmente sôbre a vertical dos pontos de apoio (homens, galináceos). Para os quadrúpedes o balanceiro encontra-se adiante dos pontos de apoio, favorecendo já pela sua posição o movimento para a frente.

A experiência e a observação mostram-nos que, em animais providos de balanceiro, há simultaneidade entre os movimentos daquêle e os movimentos dos membros.

Quási todos os autores que têm escrito sôbre equitação atribuem ao balanceiro cervical do cavalo um papel puramente estático; só a sua posição é tomada em consideração e julgada capaz de produzir qualquer modificação no equilíbrio geral do cavalo; modernamente, porém, o illustre oficial francês L. de Sévy provou com os seus trabalhos scientificos que a influência dos *gestos* do balanceiro é talvez mais importante que a influência da posição para o estudo dos movimentos do cavalo e é reportando-nos a êsses trabalhos que se vai dar uma ideia ligeira das suas conclusões.

No homem os braços e o busto são as partes móveis em relação às pernas, agentes de locomoção; ocasionalmente tornam-se balanceiros que favorecem a progressão ou secundam outros movimentos.

<sup>1</sup> Êste estudo sôbre os movimentos do balanceiro é uma tradução — resumo do que sôbre o assunto foi escrito por L. de Sévy nas suas notáveis obras: *Sauts d'obstacles et galop de course* e *Les allures, le cavalier*.

A marcha do homem é um dos factos de observação mais característicos e mais comprovativos da influência preponderante do *gesto*:

1.º) Para permitir a elevação da perna direita, o busto faz para a direita e para a frente um movimento lateral que, enquanto se produz (sobretudo no princípio), alivia o pé direito e permite a sua elevação. Este gesto acentua-se e é particularmente sensível quando a elevação do pé deve ser considerável, na subida duma escada, por exemplo.

2.º) Para facilitar o gesto para deante da perna direita, o infante apoia-se na inércia do braço direito, cujo movimento para a frente pára, e projecta-o para a rectaguarda. A reacção desta fôrça facilita o movimento para deante da perna direita.

Em esgrima, o atirador acompanha o movimento enérgico do pé direito, quando cai a fundo, dum repelão violento do braço esquerdo, de deante para trás; com a reacção do braço esquerdo para a rectaguarda o movimento de avanço do pé direito é facilitado.

O equilibrista sôbre o arame restabelece o equilíbrio inclinando-se bruscamente do lado para que vai cair, restabelecimento que não é explicável senão pelo apoio que êle toma sôbre a inércia da parte superior do seu busto, para deslocar a sua massa em sentido inverso.

O ciclista emprega processos diferentes segundo volta lentamente por equilíbrio prévio ou se encontra repentinamente na obrigação de evitar uma pedra. No primeiro caso actua pela *posição* e inclina-se para o interior da volta; no segundo caso actua pelo *gesto* e inclina-se bruscamente para o lado da pedra que quere evitar, para afastar a máquina para o lado contrário.

\* \* \*

Observando a progressão dum cavalo a passo e ao galope nota-se uma simultaneidade entre os movimentos do balanceiro cervical e os dos membros, correspondendo o *abaixamento* do pescoço à *elevação* dum anterior e o *levantamento* do pescoço à *elevação* dum posterior.

O cavalo que escorrega <sup>1</sup> ou que coxeia abaixa bruscamente o seu balanceiro para se equilibrar. O cavalo ágil que, ao saltar, pressente o *pincho* que lhe irá tocar nos membros anteriores, eleva o seu ante-mão

<sup>1</sup> É um erro levantar a cabeça do cavalo que tropeça, porque isso só contribui para precipitar a sua queda; o cavalo abaixa bruscamente o balanceiro para, por meio dêsse *gesto* rápido, levantar o seu ante-mão e dar tempo aos posteriores para entrarem para debaixo da massa.

abaixando bruscamente a cabeça e pescoço afim de evitar a pancada do pincho.

Depois de vários e interessantes estudos, L. de Sevy chegou às seguintes conclusões:

1.º) *O gesto* de abaixamento brusco do pescoço alivia momentaneamente o ante-mão e sobrecarrega o post-mão; a *posição* resultante desse abaixamento produz o efeito contrário, isto é, sobrecarrega o ante-mão e alivia o post-mão <sup>1</sup>.

2.º) *O gesto* de elevação brusca do pescoço sobrecarrega momentaneamente o ante-mão e alivia o post-mão (cavalo que dá coices); a *posição* que daí resulta produz o efeito contrário.

3.º) *O gesto* de extensão brusca do pescoço tende a provocar uma demora no andamento. O cavalo a galope em liberdade quando quer parar bruscamente, alonga e abaixa o seu balanceiro cervical.

4.º) *O gesto* de encurtamento brusco do balanceiro tende a provocar a aceleração do andamento.

5.º) *O gesto* lateral do balanceiro para a direita alivia momentaneamente o anterior direito e sobrecarrega o esquerdo; a *posição* que daí resulta produz um efeito inverso.

O efeito dos gestos é instantâneo, fugitivo; as posições que resultam dos gestos produzem equilíbrios inversos. O cavaleiro não pode directamente provocar os *gestos* do balanceiro; mas como a intervenção das rédeas tende a fixar o pescoço, é pela *posição* que o cavaleiro deverá começar o ensino do cavalo, pois é o único meio de que dispõe para se fazer compreender e depois obedecer. No mais curto praso deverá substituir às ajudas coercitivas as ajudas indicativas que, muito mais ligeiras do que aquelas, deverão colocar o cavalo em estado de se equilibrar pelo gesto.

## II - POSIÇÃO

É a distribuição do peso da massa pelas quatro colunas de apoio, produzida por intermédio das ajudas e em harmonia com o movimento que se quer executar.

Durante o ensino é preciso que o cavaleiro saiba impôr a *posição* que deve preceder a execução de qualquer movimento por forma a facilitá-lo.

<sup>1</sup> Para aliviar o ante-mão e sobrecarregar o post-mão, o cavaleiro por meio das rédeas levanta a cabeça do cavalo actuando pela *posição*; para obter o mesmo resultado o cavalo em liberdade recorre ao *gesto* e abaixa o balanceiro.

tar as flutuações de pêso que pretende e de modo a não provocar contracções que se lhe oponham. Antes de fazer funcionar o mecanismo animal é pois necessário dispô-lo convenientemente na posição mais apropriada ao movimento que se pretende, isto é, dispôr as suas forças de modo que o cavalo não possa fazer senão o movimento exigido.

### III — IMPULSÃO

É a tendência constante para o movimento para a frente.

Na máquina animal a impulsão desempenha o mesmo papel e tem uma importância idêntica à que a pressão do vapor tem para a locomotiva.

É indispensável para obter todo e qualquer movimento, retrógrado que seja, porque é ela que provoca a distensão das forças do animal, que o leva a receber as indicações das rédeas e que permite ao cavaleiro provocar sem esforço todos os deslocamentos do centro de gravidade.

É, por assim dizer, a base do ensino do cavalo e da sua fácil utilização e por isso importa, logo desde o princípio, incitar o animal a entrar francamente no movimento para a frente, porque só quando êle entrega ao cavaleiro todas as suas forças impulsivas será completa a sua submissão.

A primeira prova da impulsão consiste na franqueza com que o animal toma o movimento para a frente sob a acção das pernas do cavaleiro mas, é conveniente notar, não é na velocidade dos andamentos que reside o critério supremo da impulsão, embora o movimento para a frente seja o seu primeiro grau. É mais na maneira como o andamento se apresenta do que no próprio andamento que se manifesta a impulsão; um cavalo a passo pode indicar muita impulsão, ao passo que um animal a trote ou galope pode não manifestar nenhuma.

Nem todos os animais são naturalmente impulsivos. No cavalo ardente, vibrante por natureza, generoso enfim, a impulsão é o fruto do seu temperamento, é o resultado natural da sua própria essência e, se é certo que às vezes ela origina um nervosismo exagerado ou tendência para forçar a mão, a verdade é que sempre facilita o ensino; no cavalo brando por temperamento é possível e necessário fazer-lhe adquirir a impulsão indispensável à sua fácil utilização, devendo procurar-se por todas as formas desenvolver-lhe a sua sensibilidade às pernas do cavaleiro.

A actividade do post-mão, centro de todas as forças impulsivas do cavalo, não pode ser obtida de repente, dum momento para o outro, mas deve ser durante o ensino a preocupação primordial do cavaleiro.

#### IV — MOVIMENTO

O movimento exigido é o resultado natural da combinação dos elementos precedentes, posição e impulsão.

Na execução de cada movimento há em absoluto três condições a satisfazer: a posição preparatória particular; o grau de impulsão a dar, que deve estar em harmonia com o andamento em que deve ser executado e com a energia e brilho que o cavaleiro pretende obter; e o momento preciso em que o cavaleiro deve actuar com as ajudas predominantes.

#### V — EQUILÍBRIO

O cavalo em liberdade move-se com uma facilidade e elegância extremas, ainda mesmo sem que previamente tenha sido submetido à ginástica do ensino; os seus movimentos fáceis, elásticos e graciosos e a facilidade com que dispõe de todas as suas forças, são a prova evidente de que o cavalo é naturalmente bem equilibrado.

Montado pela primeira vez, o cavalo perde todas as brilhantes qualidades que apresenta quando em liberdade; o peso do cavaleiro, castigando o dorso e sobrecarregando fortemente o ante-mão, opera uma revolução completa no organismo do animal, destruindo repentinamente a harmonia natural das suas forças. Mas não é só o simples aumento de peso que lhe produz tão grande alteração, são também as inúmeras contracções musculares provocadas por essa sobrecarga e pelas resistências que opõe às acções voluntárias ou involuntárias das ajudas, que concorrem para tirar ao cavalo as suas naturais e brilhantes qualidades.

Entregue ao seu próprio instinto o cavalo irá por si próprio corrigindo um pouco este desarranjo, se o cavaleiro lhe deixar grande liberdade, mas nunca será capaz de se colocar ou aproximar das condições de equilíbrio que lhe são naturais quando em liberdade. Essa missão de fazer desaparecer rapidamente esta irregularidade, de restabelecer a harmonia natural, de rectificar o seu equilíbrio aproximando-o, tanto quanto possível, das condições em que se encontrava quando não tinha que suportar o peso do homem, pertence ao cavaleiro, é o fim do ensino.

Compreende-se bem quanto a conformação do animal influirá na facilidade ou dificuldade de obter no cavalo montado um equilíbrio tão perfeito como o natural ou que dêle se aproxime; será relativamente tão fácil ensinar um cavalo bem feito, naturalmente bem equilibrado, como

será moroso e difícil colocar em condições aproximadas do equilíbrio natural um animal mal conformado.

Três fases podemos considerar no ensino correspondentes à menor ou maior facilidade com que o cavalo executa todos os movimentos, obedece às ajudas e vai readquirindo as condições de equilíbrio quando em liberdade: o cavalo sobre as espáduas, o cavalo horizontal e o cavalo sobre as pernas.

*O cavalo sobre as espáduas* apresenta-se de cabeça e pescoço baixos, pesa muito na mão, é difícil de deslocar e de parar em consequência do excesso de peso que tem sobre as espáduas.

*O cavalo horizontal* dirige-se já com maior facilidade porque já está mais equilibrado pela ginástica do ensino; o seu pescoço e cabeça apresentam-se já mais elevados, a mão do cavaleiro não sente a sensação dum peso difícil de deslocar, mas apenas um contacto permanente.

O equilíbrio horizontal é o suficiente para a utilização prática do cavalo e portanto é o bastante para os solípedes do exército.

*O cavalo sobre as pernas*, isto é, o cavalo concentrado dirige-se com finíssimas indicações das mãos e pernas, os seus movimentos e andamentos são elevados e belos; neste estado o cavalo adquiriu sob o peso do cavaleiro as condições de equilíbrio natural.

\* \* \*

O grau de equilíbrio dum cavalo é dado pela facilidade maior ou menor com que obedece às indicações do cavaleiro e com que se fazem as deslocções de peso em todos os sentidos. Equilibrar um cavalo é pois obter uma justa repartição de peso e uma regularização de forças harmónica e fácil em todos os movimentos e andamentos. O cavalo está tanto mais equilibrado quanto mais suaves e ligeiras fõrem as ajudas que o cavaleiro lhe precisa dar para modificar a disposição do peso da massa sobre as quatro colunas de apoio e para o manejar.

«Sob o ponto de vista equestre o equilíbrio do cavalo é tanto mais perfeito quanto mais instável fõr e é tanto mais instável quanto mais os membros posteriores se aproximarem dos anteriores, isto é, quanto maior fõr a concentração.

O equilíbrio já existe quando o cavalo não estiver sobre as espáduas nem sobre as pernas, isto é, quando estiver horizontal, porque já está em estado de responder a todas as indicações das ajudas e de se mover sem esforço segundo estas indicações; mas quando estiver concentrado ãle terá

adquirido uma ligeireza muito maior e obedecerá muito mais facilmente às mais finas indicações. . . O equilíbrio equestre não é uma coisa científica ou matemática, é uma coisa artística. O cavaleiro não pode avaliar matematicamente a repartição do pêso e das forças, nem fazer um emprêgo matemático das ajudas, mas apenas pode artisticamente apreciar a harmonia e ligeireza dos movimentos do cavalo e a intensidade que êle próprio deve empregar nas suas indicações.» <sup>1</sup>

Em equitação a palavra equilíbrio representa pois harmonia.



Torres Novas (1915) — Asp.<sup>te</sup> C. Lopes no AREOSA

<sup>1</sup> *Conseils pour le dressage des chevaux difficiles.* (F. Musany).

## CAPÍTULO VIII

# LOCOMOÇÃO

### I — ANDAMENTOS

#### A) **Definição e classificação de andamentos:**

Chamam-se andamentos aos diversos meios de locomoção.

Atendendo à forma como se apresentam os andamentos, podem classificar-se em naturais e artificiais, marchados e saltados, etc.

*Andamentos naturais*, espontâneos ou instintivos são os próprios do animal antes que uma educação especial os tenha modificado (passo, trote e galope). *Andamentos artificiais* ou adquiridos são os que resultam duma educação especial (passo espanhol, etc.). *Andamentos marchados* são aqueles em que o animal conserva sempre um ou mais membros apoiados (passo). *Andamentos saltados* são aqueles em que o animal se encontra suspenso no ar durante um momento (trote e galope).

Segundo obedecem ou não às leis derivadas da análise científica, segundo o seu modo de associação, a extensão de terreno abrangida pelos membros, a forma de os elevar, energia ou fraqueza que denotam, etc., os andamentos podem ainda classificar-se em regulares e irregulares, diagonais e laterais, largos e curtos, levantados e rasteiros, belos e defeituosos, etc.

Chama-se *bípede* a associação de dois membros e este terá a designação de anterior, posterior, lateral ou diagonal, segundo fôr constituído pela reunião de dois membros anteriores, dois posteriores, um anterior e posterior do mesmo lado, ou de um anterior e posterior em diagonal.

Os membros que estão apoiados constituem a base de sustentação do animal, a qual será quadrupedal, tripedal, bipedal ou unipedal segundo houver quatro, três, dois ou um só membro apoiado.

A base tripedal é designada pelo nome do membro que isoladamente está apoiado. Exemplo: a base tripedal constituída pelos dois anteriores e pelo posterior direito designa-se pelo nome: base tripedal posterior direita. A base bipedal pode ser diagonal ou lateral, designando-se a primeira (diagonal) pelo nome do anterior e a segunda (lateral) pelo lado do bípede apoiado. Exemplo: o anterior esquerdo e posterior direito apoiados constituem uma base diagonal esquerda; o anterior esquerdo e posterior esquerdo apoiados constituem uma base lateral esquerda.

Chama-se *batida* ao som produzido pelo apoio do pé sobre o solo; chama-se *pêgada* ao sinal deixado no solo pelo pé do animal.

Diz-se que o cavalo se *antepista*, *sobrepista* ou *transpista* conforme os posteriores se vão apoiar àquem, sobre ou além das pêgadas deixadas no solo pelos anteriores correspondentes.

Chama-se *passo completo* ao conjunto de movimentos de elevação e apoio efectuados pelos quatro membros entre as duas posições sucessivas e extremas do mesmo pé; o comprimento do passo é dado pela distância que separa duas pêgadas consecutivas do mesmo pé.

### B) **Passo:**

O passo é um andamento natural, marchado, em que os membros se elevam e apoiam isolada e sucessivamente e em diagonal, em quatro tempos e fazendo ouvir nitidamente quatro batidas.

Supondo que o animal está parado e inicia o movimento pela elevação dum anterior (o esquerdo, por exemplo), os movimentos dos outros membros e as basés de apoio durante o primeiro passo completo (e idênticamente nos seguintes se qualquer causa não alterar a regularidade da marcha) far-se hão da seguinte forma: elevado o anterior esquerdo o animal fica apoiado numa base tripedal anterior direita; a seguir eleva-se o posterior direito dando lugar a uma base diagonal direita; depois apoia-se o anterior esquerdo constituindo-se uma base tripedal posterior esquerda; segue-se a elevação do anterior direito ficando o animal apoiado durante um curto momento numa base lateral esquerda; o apoio imediato do posterior direito dá lugar a seguir a uma base tripedal anterior esquerda; depois produz-se a elevação do posterior esquerdo resultando uma base diagonal esquerda; seguidamente faz-se o apoio do anterior direito constituindo-se uma base tripedal posterior esquerda a qual a seguir, em virtude da elevação imediata do anterior esquerdo, se transforma durante um curto instante numa base lateral direita; seguir-se há o apoio do posterior esquerdo que dará lugar à formação duma base tripedal anterior direita,

a primeira considerada no início do movimento e pertencente portanto já ao segundo passo da marcha; a elevação e apoio dos membros continuará a fazer-se pela mesma ordem.

Num passo completo de *passo* nós encontramos pois as seguintes bases de apoio: duas tripedais anteriores, duas tripedais posteriores, duas diagonais e duas laterais; estas duas últimas, porém, só aparecem no passo normal e largo.

Atendendo à extensão de terreno, abrangida pelos membros neste andamento, nós poderemos classificar o passo em curto, normal e largo. No passo curto o animal antepista-se, no passo normal sobrepista-se e no passo largo, que é o que o cavalo montado toma sempre que marcha livremente, transpista-se.

Entre muitas variedades de passo convém citar: o *travado*, andamento marchado, natural ou adquirido, em que o animal se transpista e em que os membros se elevam e apoiam por laterais associados, sendo portanto caracterizado pela existência de duas bases laterais com uma quadrupedal intermédia; o *passo levantado*, andamento marchado a quatro tempos em que o animal se antepista e caracterizado por uma relativa precipitação de movimentos e atitude levantada da frente; o *passo de escola*, andamento marchado em que os bípodes diagonais se movem perfeitamente associados, em dois tempos portanto, muito brilhante e próprio para concentrar e aligeirar.

### B) Trote:

O trote é um andamento natural, saltado, que se executa por bípodes diagonais associados, portanto em dois tempos, fazendo ouvir duas batidas distintas, entre cada uma das quais o animal se encontra suspenso no ar durante um momento.

Nem sempre, porém, todos os animais se apresentam neste andamento satisfazendo completamente a todas as características desta definição, porque a simultaneidade absoluta das batidas diagonais só é possível quando a integridade dos membros, a conformação e grau de equilíbrio do animal o permitem.

Em conseqüência de variadíssimas causas, entre as quais podemos citar as exigências do cavaleiro superiores àquilo que o animal pode dar em velocidade, taras, etc., o trote é muitas vezes desunido, isto é, as batidas diagonais, quer apenas as de um bípode quer ao mesmo tempo as dos dois, não são absolutamente simultâneas. Supôs-se durante muito tempo que essa dissociação das batidas diagonais era sempre marcada pela

precedência no apoio dum membro posterior, mas os resultados obtidos com as experiências cronofotográficas mais recentes têm demonstrado que êsse facto só se dá acidentalmente e que quasi sempre essa dissociação, quando a há, se faz pela precedência no apoio dum membro anterior.

Atendendo à maior ou menor extensão de terreno abrangida pelos membros o trote é curto, normal ou largo conforme o animal se antepista, sobrepista ou transpista.

Como variedades do trote podemos ainda considerar:

*O trote curto abandonado* ou *chouto*, andamento geralmente marchado em que o animal se antepista e que é caracterizado por uma pequena e lenta progressão e por uma atitude que em geral denota fadiga, falta de energia ou fraqueza. No princípio do ensino o pôldro tem grande tendência para tomar êste trote, sobretudo quando está fatigado e se pretende mantê-lo num passo franco; em resultado de fadiga ou falta de energia o cavalo ensinado apresenta algumas vezes tendência para o tomar.

*O trote curto concentrado* é caracterizado por grande elevação de movimentos, com prejuizo da progressão, e pelo avançamento dos posteriores para debaixo da massa; as pègadas dos anteriores ficam àquém das dos anteriores. Só pode obter-se com um animal já regularmente equilibrado, em estado adeantado de ensino.

Quando, em resultado das acções do cavaleiro, êste trote se cadencia e o animal chega a saltar lenta e elásticamente dum diagonal para outro, aumentando o tempo de suspensão e dos apoios e diminuindo a progressão, o andamento toma o nome de «*passage*»; se a concentração progride e a progressão se anula, continuando o animal a saltar dum diagonal para outro, resulta o «*piaffer*». «*Passage*» e «*piaffer*» têm como característicos essenciais a cadência e elasticidade de movimentos e a diminuição da extensão das bases diagonais pela aproximação dos posteriores aos anteriores e não dos anteriores aos posteriores.

*O trote normal* é caracterizado por uma maior amplitude de movimentos e por menor duração dos apoios; o animal apresenta-se numa atitude mais livre, mais estendido, menos concentrado portanto.

*O trote largo* é caracterizado por uma pequena duração de apoios, grande suspensão e grande extensão de movimentos; o animal apoia-se bem na mão do cavaleiro sem contudo baixar muito a cabeça.

*O Flying-trote* (trote de corrida) é um trote caracterizado por um grande período de suspensão, pequenos períodos de apoio e por um passo extremamente alongado de modo a obter a máxima velocidade compatível com a forma do andamento; é um trote desunido a quatro tempos.

### C) Galope:

O galope é um andamento natural, saltado, basculante, a três ou quatro tempos, em que as batidas simultâneas ou sucessivas dum diagonal se dão entre as batidas sucessivas do diagonal oposto, o qual inicia o passo pelo apoio inicial do posterior correspondente.

O cavalo *galopa para a direita* ou *para a esquerda* conforme o último membro a apoiar-se em cada passo de galope é o anterior direito ou o anterior esquerdo. O cavalo *galopa certo* quando executa uma volta para a direita (esquerda) galopando para a direita (esquerda); o cavalo *galopa falso*, *contrário* ou *invertido* quando executa uma volta para a direita (esquerda) galopando para a esquerda (direita).

O cavalo *galopa desunido* quando o segundo tempo é marcado pelo apoio de dois membros laterais; *desune de deante* (no galope em círculo para a direita, por exemplo) quando o segundo tempo é marcado pelo apoio do lateral direito; *desune de trás* (no galope em círculo para a direita, por exemplo) quando o segundo tempo é marcado pelo lateral esquerdo; quando no galope em linha recta o segundo tempo é marcado pelo apoio dum lateral, o cavalo vai simplesmente desunido.

Atendendo à maior ou menor extensão de terreno abrangida pelos membros, à ordem por que êstes se apoiam e ao grau de equilíbrio do animal, nós podemos considerar as seguintes variedades de galope:

*Galope curto abandonado* (quatro tempos) — Êste galope é o que toma geralmente o cavalo que está sôbre as espáduas, desequilibrado para deante, quer por falta de ensino quer por abandono do cavaleiro ou fadiga do animal.

Supondo o galope para a direita os apoios dão-se pela seguinte ordem: primeiro o posterior esquerdo, depois o anterior esquerdo, a seguir o posterior direito e finalmente o anterior direito, seguindo-se a suspensão e projecção e voltando os membros a apoiar-se pela mesma ordem.

*Galope curto concentrado* (quatro tempos) — É um andamento artificial que só pode ser obtido com um animal em adeantado grau de ensino, susceptível de ser assentado sôbre o post-mão; de emprêgo muito freqüente nos tempos antigos, actualmente só é cultivado pelos cavaleiros que se dedicam à *alta escola*, pois de nada serve para o emprêgo útil do cavalo.

Supondo o galope para a direita os apoios dão-se pela seguinte ordem: primeiro o posterior esquerdo, depois o posterior direito, a seguir o anterior esquerdo e finalmente o anterior direito, seguindo-se a suspensão acompanhada ou não de projecção e voltando os membros a apoiar-se pela mesma ordem.

*Galope clássico a três tempos*—Este andamento, de todos os galopes aquêle em que a distribuição do pêso da massa é mais harmónica e em que o equilíbrio é mais horizontal, em resultado de ser um andamento intermédio entre os galopes concentrado e abandonado, e entre os galopes abandonado e largo, é justamente considerado por todos os autores como o tipo clássico do galope; é o que mais largamente se emprega e o que melhor satisfaz às necessidades da equitação corrente.

Supondo o galope para a direita os apoios dão-se pela seguinte ordem: posterior esquerdo, diagonal esquerdo (associado) e anterior direito, seguindo-se o período de suspensão e a projecção, para seguidamente recommencem os apoios pela mesma ordem. Num passo completo dêste galope notam-se as seguintes bases de apoio: 1.<sup>a</sup>—unipedal posterior esquerda; 2.<sup>a</sup>—tripedal anterior esquerda; 3.<sup>a</sup>—diagonal esquerda; 4.<sup>a</sup>—tripedal posterior direita; 5.<sup>a</sup>—unipedal anterior direita.

No galope a três tempos o cavalo pode antepistar-se (galope curto), sobrepistar-se (normal) e transpistar-se (largo).

*Galope largo* (quatro tempos)—Quando o galope a três tempos atinge uma certa velocidade, a base diagonal central que serve de eixo ao andamento dissocia-se pelo apoio inicial do posterior. Os membros elevam-se e apoiam-se pela mesma ordem que no galope curto concentrado a quatro tempos, isto é, supondo o galope para a direita teremos os apoios pela seguinte ordem: posterior esquerdo, posterior direito, anterior esquerdo e anterior direito, dando-se imediatamente depois a suspensão e projecção e voltando os membros a apoiar-se pela mesma ordem.

*Galope de corrida* (quatro tempos)—Quando a velocidade atinge o seu máximo ou perto dêle, a instabilidade do equilíbrio e a força propulsiva do post-mão elevam ao máximo o afastamento dos membros e a projecção e reduzem ao mínimo a duração dos apoios.

Os membros elevam-se e apoiam-se pela mesma ordem que no galope largo a quatro tempos. A quasi instantânea duração dos apoios mostra bem a enorme instabilidade do equilíbrio; as pegas deixadas no solo por um animal a toda a velocidade confundem-se na mesma linha recta.

*Nota*—O cavalo passa do galope curto concentrado directamente ao galope a três tempos e dêste ao galope largo e de corrida ou vice-versa, sem ser obrigado a passar pelo galope curto abandonado; passa do galope curto abandonado ao galope largo e vice-versa por intermédio do galope a três tempos; para passar do galope curto concentrado ao galope curto abandonado e vice-versa, é forçado a passar pela forma intermédia do galope a três tempos.

## II—OBSERVAÇÕES SÔBRE OS ANDAMENTOS

O passo é o andamento que o cavalo mais tempo suporta sem fadiga porque, em consequência da sua lentidão, o apoio dos membros faz-se suavemente evitando choques bruscos e violentos e os esforços feitos pelos membros são distribuídos em harmonia com a sua força respectiva.

A velocidade ordinária do passo varia com a estatura, conformação e equilíbrio do animal mas geralmente é de 6 a 7 quilómetros à hora; quando se exige mais do que isto o passo torna-se forçado e, portanto, quando se quer aumentar a velocidade é preferível dar uns tempos de trote a forçar a velocidade média do passo.

O trote é um andamento que o cavalo em liberdade só toma como transição entre o passo e o galope. A trote a progressão faz-se horizontalmente, apenas à custa do esforço isolado e sucessivo de cada propulsor, donde resulta uma fadiga enorme para os membros do cavalo quando se exige grande velocidade.

Se durante o ensino há vantagem em exigir por vezes o trote largo, para dar ao animal franqueza no movimento para a frente e desembaraço às espáduas, como andamento de marcha o trote largo nunca deve ser utilizado.

A velocidade média do trote ordinário é de 240 a 260 metros por minuto; os grandes tratadores de hipodromio (flying-trote) cobrem geralmente o quilómetro em menos de 1 minuto e 30 segundos.

No galope, único andamento de velocidade de todos os quadrúpedes, a projecção é feita à custa do esforço quasi simultâneo dos dois posteriores e da projecção para deante do centro de gravidade, provocada pela forma basculante do andamento.

A velocidade média do galope normal dum bom cavalo é de 400 metros por minuto; a maior parte dos cavalos de puro sangue inglês cobrem em galope de corrida o quilómetro em 1 minuto.

Acêrca da fadiga dos membros no galope pode dizer-se que, se o primeiro posterior a apoiar-se é o que está exposto à maior fadiga no galope em *linha recta*, o último anterior a tocar o solo é *sempre* aquêle que menos violento choque sofre; a experiência, confirmando em absoluto os resultados obtidos pelos processos scientificos na avaliação da intensidade das pressões dos membros sôbre o solo, e por consequência na energia dos esforços, constatou que um cavalo que sofre dum determinado membro (anterior ou posterior) galopa de preferência sôbre o lado cor-

respondente a êsse membro; é conveniente notar, porém, que nos *movimentos circulares* o posterior de dentro é o que produz maior esforço porque é sôbre êle que se faz o apoio principal da massa e é êle que serve de eixo de rotação.

\* \* \*

O passo é de todos os andamentos aquêle em que os movimentos do balanceiro cervical são mais acentuados, vindo a seguir o galope e depois o trote.

A instabilidade de equilíbrio do passo normal e largo, devido à existência das bases laterais, tornariam o equilíbrio impossível sem a intervenção do balanceiro cervical.

Isto quer dizer que na utilização prática do cavalo êste deve ser normalmente conduzido a passo de rédeas compridas, por forma a permitir-lhe a característica oscilação de cabeça que muito favorece a amplitude dos movimentos, único meio de obter sem fadiga o máximo de velocidade dêste andamento. Mas, se a passo o animal tem necessidade de toda a liberdade de pescoço e cabeça para facilitar o movimento com as suas características oscilações, essa liberdade é desnecessária a trote porque os movimentos do balanceiro cervical são nulos. No trote é indispensável a fixidez do balanceiro e até uma relativa elevação para favorecer a contracção dos músculos elevadores que determinam a amplitude dos gestos dos membros anteriores. Quanto mais baixa estiver a cabeça maior tendência terá o animal para tomar o galope, em virtude da sobrecarga produzida sôbre o ante-mão; é êste o motivo porque os *jockeys* de trote mantêm sempre elevada a cabeça dos seus cavalos.

No trote, em consequência dos apoios diagonais, não há oscilações do centro de gravidade, o qual descreve, numa velocidade uniforme, uma trajectória pouco mais ou menos rectilínea; o esforço do cavalo dirige-se todo no sentido do movimento para a frente, não se produz nenhum trabalho inútil, como acontece a passo e a galope, e é esta a razão porque o trote é por excelência o andamento do cavalo de tiro.

No galope, para obter o máximo rendimento útil com o mínimo de fadiga para o animal, é também indispensável acompanhar o movimento basculante do andamento, permitindo as oscilações do balanceiro.

No ensino importa ainda saber que a passo e trote os bípodes laterais se movem em planos paralelos e que no galope do cavalo livre, os membros de cada bípode lateral não seguem exactamente a mesma linha, isto é, que a galope o cavalo vai ligeiramente atravessado.

«Esta observação é necessária e basta para fazer compreender ao cavaleiro que, a passo e trote, o cavalo deve marchar *rigorosamente direito*, ao passo que a galope cede *ligeiramente* duma anca. Cada vez que com um poldro o cavaleiro quiser tomar o galope, êle deverá dar-lhe esta posição que lhe é natural. Pelo contrário, cada vez que quiser passar do galope ao trote ou ao passo, não terá mais do que colocar o cavalo direito.» (Blaque-Belair).

### III — TRANSIÇÕES DE ANDAMENTOS

Esta parte da mecânica animal é difícil de explicar e um estudo consciencioso dela é impossível de fazer sem o exame demorado e enervante de numerosas provas e notações cronofotográficas e cinematográficas. Só os processos de análise da ciência moderna, juntos a uma longa prática do cavalo e a um notável talento de observação, permitem interpretar com alguma verdade os resultados obtidos e estabelecer uma teoria do abrigo dos êrros. Muitos autores, entre os quais Raabe, Marey, Lenoble du Teil, Gossart, Goubaux et Barrier, Guérin-Catelain, etc., têm abordado êste assunto e é aos trabalhos <sup>1</sup> dêstes escritores que vamos buscar os elementos mais indispensáveis para dar uma ideia, ainda que ligeira, das diferentes transições de andamentos, para desta forma satisfizermos aos programas de equitação da nossa Escola.

*Do passo ao trote* — Como no passo os posteriores se elevam e apoiam seguida e imediatamente aos anteriores opostos em diagonal, o cavalo que quere ou é solicitado pelo cavaleiro para meter a trote, independentemente da rapidez dos movimentos, procede das seguintes formas: ou demora o apoio dos anteriores em relação aos posteriores opostos em diagonal, ou precipita o apoio dos posteriores em relação aos anteriores em diagonal, ou combina êstes dois meios e assim consegue obter a associação de cada bípede diagonal.

Esta transição pode também efectuar-se num único tempo: no momento em que está apoiado numa base diagonal, o cavalo demora o apoio do anterior que está em elevação e precipita o do posterior correspondente em diagonal, de modo que estes dois membros ganhem as distâncias respectivas e se apoiem simultaneamente; os outros dois membros,

<sup>1</sup> — *Les allures du cheval dévoilées par la méthode expérimentale* (Lenoble du Teil).

— *Allures du cheval* (F. Gossart).

— *L'Exterieur du cheval* (Goubaux et Barrier).

— *Le changement de pied au galop* (Guérin-Catelain).

elevados por sua vez, regularizam durante a sua elevação a distância e ritmo que devem manter no novo andamento.

*Do trote ao passo* — Quer o animal execute a transição num único tempo, quer essa transição demore alguns momentos a efectuar-se, o mecanismo para passar do trote ao passo é absolutamente inverso do da passagem do passo ao trote.

*Do passo ao galope* — Na saída do passo ao galope dá-se geralmente um certo número de passos preparatórios, cuja quantidade depende do grau de ensino do animal. A saída efectua-se de modo diverso segundo o cavalo está sobre as espáduas ou sobre as pernas:

a) No primeiro caso (sobre as espáduas) o cavalo dispõe os membros durante os passos preparatórios de forma a deixar no apoio isolado o anterior que marcará o último tempo do galope; b) no segundo caso (sobre as pernas) o animal sai do passo ao galope dispondo os membros de forma a deixar no apoio isolado o posterior que vai marcar o primeiro tempo do galope; o cavalo em equilíbrio horizontal sai duma ou doutra maneira conforme o propósito e a forma como o cavaleiro der as respectivas ajudas.

*Do trote ao galope* — O mecanismo desta transição é idêntico ao da anterior. O cavalo sai a galope, do trote normal ou largo, precipitando o apoio dum anterior e dispondo os outros três membros no ar de forma que, antes da elevação seguinte dêsse anterior, apoia o posterior em diagonal que vai marcar o primeiro tempo do galope; o cavalo sai do trote concentrado a galope, precipitando o apoio dum posterior que vai marcar o primeiro tempo do galope e dispondo convenientemente os outros membros durante o apoio isolado dêsse posterior.

*Do parado ao galope* — Em nenhuma das obras consultadas foi possível encontrar notações, provas cronofotográficas ou uma explicação clara, simples e precisa da saída de pé firme a galope. Lenoble du Teil considera apenas a saída a galope partindo da *estação agitada*, designação que êle aplica ao estado em que se encontra o cavalo de corridas quando espera na pista o sinal da partida.

«O animal baixa a garupa sem meter os posteriores; o ante-mão destaca-se do solo sem se elevar, mas pela simples flexão dos anteriores que se dobram; a massa é lançada para a frente sendo a impulsão final comunicada apenas por um posterior. Colocado nesta atitude e dada a impulsão, duas suposições podem explicar a continuação da partida: ou a massa, em consequência da distensão deste posterior, é toda lançada no ar (como numa *levada*) e o animal se recebe sobre os anteriores, dos quais um (o que irá marcar o último tempo do galope) se demorará mais

no apoio enquanto os outros se disporão convenientemente; ou então esse posterior que dá a impulsão final marca o primeiro tempo de galope, apoiando-se seguidamente os outros membros, com ou sem dissociação do diagonal central.» (Lenoble du Teil).

*Do galope ao trote*—De duas formas o animal se comporta para realizar esta transição:

O cavalo sôbre as espáduas «desune primeiramente o diagonal central, com apoio inicial do anterior; o diagonal oposto diminui progressivamente a sua dissociação precipitando o apoio do anterior e demorando o do posterior, até que os dois diagonais estejam igualmente desunidos; só neste momento os diagonais restabelecem a associação de apoio dos seus membros». (Lenoble du Teil).

O cavalo em galope concentrado passa do galope ao trote num único tempo; solicitado pelas ajudas do cavaleiro, «aproveita o momento de estar apoiado na base diagonal para demorar o apoio do anterior que está no ar e apoiá-lo adiante do seu congénere, a tal distância que forma, com o posterior em diagonal, a base diagonal que convém ao trote; o outro bípede diagonal, depois da sua elevação, dispõe a distância dos seus membros de forma a continuar o andamento do trote». (Idem).

*Do galope ao passo*—O cavalo sôbre as espáduas passa primeiro ao trote e depois ao passo; o cavalo sôbre as pernas executa esta transição num único tempo, demorando o andamento e dispondo convenientemente os seus membros enquanto está apoiado sôbre a base diagonal.

*Do galope à paragem*—O cavalo sôbre as espáduas passa primeiro ao trote, depois ao passo e seguidamente à paragem; o cavalo sôbre as pernas passa num único tempo, concentrando-se e extinguindo o andamento durante o apoio da base diagonal central.

*Passagem de mão a galope*—Chama-se *passagem de mão a galope* à inversão completa e quasi instantânea do equilíbrio e do mecanismo dos membros num passo de galope, sem alterar o andamento.

A passagem de mão é um movimento natural no cavalo e que êle facilmente executa em liberdade, sempre que muda bruscamente de direcção a galope rápido.

A passagem de mão a galope efectua-se nos casos normais, tanto no cavalo em liberdade como no cavalo montado, em um único tempo compreendendo duas fases sucessivas: 1.<sup>a</sup> fase (inversão dos posteriores)—a inversão dos posteriores começa logo após a sua elevação—e portanto ainda durante o apoio unipedal anterior—e acaba durante a suspensão; 2.<sup>a</sup> fase (inversão dos anteriores)—a inversão dos anteriores começa du-

rante a suspensão e termina durante o apoio dos posteriores no novo passo de galope. O primeiro passo do novo galope é em quatro tempos.

Começando a passagem de mão a esboçar-se no 3.<sup>o</sup> tempo de galope pela inversão dos posteriores, parece que o cavaleiro, para exigir este movimento, deve empregar as respectivas ajudas no 3.<sup>o</sup> tempo de galope e é assim que vários autores indicam que deve proceder-se; mas como é necessário um pequenino lapso de tempo (diminuto, é certo, mas contudo indispensável) para que a ordem do cavaleiro se transmita ao cavalo, seja por este interpretada e executada pelos seus membros, parece que o momento mais favorável para o cavaleiro actuar, de modo que a passagem de mão comece a executar-se logo desde o 3.<sup>o</sup> tempo, será entre o 2.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup> tempos, mais perto do 3.<sup>o</sup> do que do 2.<sup>o</sup>.

Exigida antes do 2.<sup>o</sup> ou depois do 3.<sup>o</sup>, a passagem de mão não poderá fazer-se em boas condições porque as indicações do cavaleiro actuarão demasiado cedo ou serão muito tardias, o que dará em resultado o cavalo desunir o galope ou não passar de mão.

O mecanismo da passagem de mão acima indicado é o único regular, quer se trate do galope a 3 tempos quer se trate do galope a 4 tempos <sup>1</sup>.

#### IV — RECUAR E LADEAR

A) *Mecanismo do recuar*—A maneira como o recuar se efectua depende de dois factores mais ou menos intimamente ligados: a colocação da cabeça do animal e a grandeza maior ou menor da sua base de sustentação.

O cavalo que recua com a cabeça baixa parte normalmente duma base de sustentação pequena e portanto o movimento retrógrado é-lhe bastante fácil; recua em quatro tempos desiguais, deslocando os membros por diagonais dissociados com apoio inicial do posterior correspondente.

O cavalo que recua com a cabeça alta parte normalmente duma base de sustentação grande, esmagando o garrote e conservando os posteriores muito atrasados; o movimento retrógrado é-lhe difícil, muitas vezes mesmo impossível; recua em quatro tempos, deslocando os membros por diagonais dissociados com apoio inicial do anterior correspondente.

<sup>1</sup> Gustav Le Bon apresenta uma série fotográfica onde, em galope a 4 tempos sobre as espáduas, o cavalo efectua a passagem de mão seguindo o mesmo mecanismo.

Saint-Phalle apresenta uma fotografia duma passagem de mão em galope para a rectaguarda e vê-se exactamente o mesmo mecanismo.

O cavalo que recua com a cabeça colocada numa boa atitude parte duma base de sustentação regular; a distribuição do pêsso da massa é harmónica e portanto o movimento retrógrado é-lhe fácil; recua em dois tempos, deslocando-se os membros por diagonais associados.

Antes de estar perfeitamente confirmado na execução dêste exercício o cavalo, numa série de passos sucessivos para a rectaguarda, pode empregar conjuntamente os três processos para executar o movimento retrógrado, segundo a atitude de pescoço e cabeça que tiver a cada passo.

O recuar é muito fatigante, sobretudo para os rins e curvi-



*Ladear a passo* — Capt. Júlio de Oliveira  
no HORIZONTE



*Ladear a trote* — Capt. Jára de  
Carvalho no IMACULADO

lhões, e difícil em consequência da inversão que implica no funcionamento natural dos membros; é indispensável, contudo, como ginástica de ensino e nas necessidades da equitação corrente.

B) *Mecanismo do ladear* — Nenhum mecanismo especial tem êste movimento visto que o cavalo ladeia a passo, a trote e a galope sem que em nada sejam alterados os característicos principais dêstes andamentos.

No ladear a passo e trote o bípede lateral contrário ao lado para que se ladeia (lateral esquerdo no ladear para a direita) desloca-se para o lado, passando pela frente do outro lateral e cruzando-se com êle; no ladear a galope não se dá cruzamento algum, o cavalo desloca-se paralelamente a si mesmo, por uma série de passos, sem cruzar nenhum dos seus membros e portanto com muito

menor esforço que no ladear a trote.

Daqui resulta que o ladear a trote, como ginástica, é muito mais

difficil e proveitoso do que o ladear a galope, dificuldade e proveito que serão tanto maiores quanto maior fôr a impulsão.

## V — MECANISMO DO SALTO

O impulso, o esforço muscular e os «gestos» do balanceiro cervical, muito acentuados nas diferentes fases do salto, são os meios que o cavalo simultaneamente emprega para realizar a translacção aérea do seu corpo por cima de qualquer obstáculo.

No mecanismo do salto podemos distinguir as seguintes fases: preparação, batida, suspensão e chegada ao solo.

*1.<sup>a</sup> Fase — Preparação* — Quando se aproxima do obstáculo o animal precipita instintivamente os últimos passos para adquirir impulso, diminuindo portanto o esforço muscular empregado, e para calcular a distância a que deve marcar a batida; junto do obstáculo distende e baixa a cabeça e pescoço, movimento que tem por fim vêr bem o salto e auxiliar



a sua transposição, não só porque assim facilita a elevação do antemão como ainda porque permite à coluna vertebral, e sobretudo aos rins, tomarem uma acentuada convexidade que favorece a entrada do post-mão para debaixo da massa.

O cavalo em liberdade concentra-se sempre assim, quer seja para saltar, quer seja para descer uma rampa áspera: baixa a cabeça e pescoço elevando portanto o garrote, arqueia o dórso e entra seguidamente com

todo o post-mão para debaixo da massa; a concentração não é pois obtida apenas à custa da simples flexão dos curvilhões.

*2.<sup>a</sup> Fase — Batida.* Seguidamente o cavalo projecta verticalmente o seu balanceiro afim de provocar o movimento ascendente do ante-mão e de permitir a concentração dos posteriores. A abertura brusca dos angulos



escapulo-humerais provoca a batida do ante-mão, cujos anteriores se elevam sucessivamente, ao mesmo tempo que os posteriores muito concentrados se apoiam debaixo da massa.

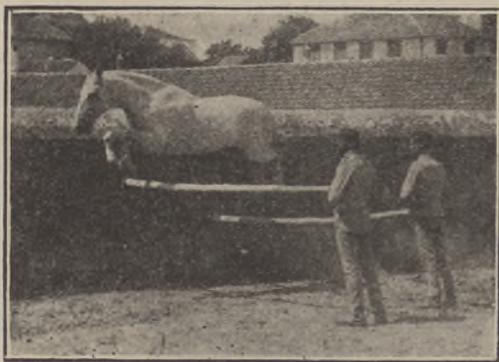
Os curvilhões, que no início da elevação dos anteriores estavam quasi em extensão, flectem produzindo um movimento de bácia para a rectaguarda, que os sobrecarrega com todo o peso da massa e que vai permitir projetá-la, pela sua distensão enérgica.

Os anteriores dobram-se, o balanceiro cervical abaixa-se e estende-se afim de produzir a elevação do ante-mão; a distensão dos curvilhões produz-se com toda a energia afim de projectar toda a massa por cima do obstáculo.

*3.<sup>a</sup> Fase — Suspensão.* Não estando já em contacto com o solo, o cavalo não pode actuar sobre a massa senão com o balanceiro. Para facilitar a passagem do antemão o cavalo acentua rápida e bruscamente a descida do balanceiro transformando em força ascensional o esforço desenvolvido pelo seu abaixamento.

Logo que o antemão passa por cima do obstáculo o balanceiro cervical eleva-se precipitando a queda do antemão e determinando, em torno do centro de gravidade, o tempo da bácia que provoca a elevação do post-mão e o faz passar por cima do obstáculo,

4.<sup>a</sup> Fase — *Chegada ao solo.* Os anteriores atingem o solo um depois do outro; a horizontalidade do húmero e das quartelas bem como a situa-

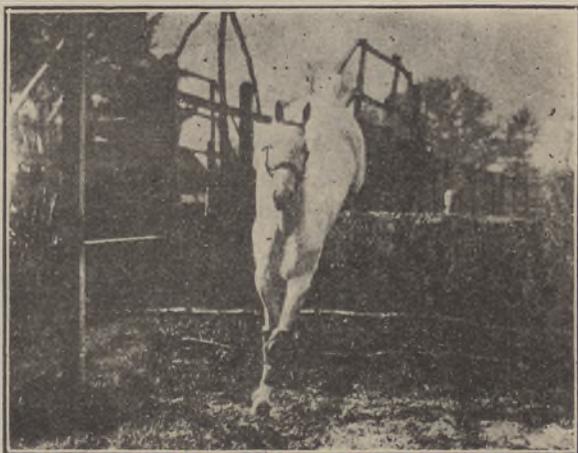


ção dos bolêtos, quasi em contacto com o solo, demonstram à evidência o esforço de todas as articulações dos membros anteriores neste momento. O post-mão, apenas devido ao jôgo do balanceiro, é arrastado atrás do antemão e os posteriores vão apoiar-se no terreno mais ou menos perto dos anteriores, em geral aqueles adiante

dêstes. Na maioria dos casos o cavalo só apoia os posteriores depois da elevação dos anteriores, dando-se portanto um período de suspensão entre o apoio dos dois bípedes dissociados.

\* \* \*

Os movimentos do balanceiro cervical acentuam-se tanto mais quanto mais curto fôr o andamento em que o animal aborda o obstáculo; compreende-se bem que assim seja porque quanto menor fôr o impulso



maior há de ser o esforço desenvolvido, que será tanto mais reduzido quantos mais acentuados forem os gestos do balanceiro.

A forma como o animal se eleva para transpor o obstáculo depende essencialmente do andamento em que vai, isto é, do maior ou menor impulso de que vai animado. Quando salta num andamento lento eleva-se perto do obstáculo e quasi verticalmente, marcando junto dêle um acentuado tempo de paragem. Quando, pelo contrário, salta num andamento vivo eleva-se a uma maior distância «e não perpendicular mas oblíqua-

mente ao solo, como sôbre um plano inclinado»; se a galope largo o cavalo se elevar muito perto do obstáculo, certamente o derrubará com os anteriores ou peito, se não tiver agilidade e sangue-frio para marcar um tempo de paragem que lhe permita elevar-se quási verticalmente, procedimento que, conquanto possa evitar o derrube, nem por isso deixa de prejudicar um pouco a execução do salto pelo excesso de energia muscular que obriga a dispender e pela perda de tempo que evidentemente provoca.

Vários autores querem que exista uma determinada correlação entre o andamento em que o cavalo aborda o obstáculo e aquele em que segue depois de o transpor, afirmando que há desunião ou passagem de mão sempre que o animal depois do salto fica no galope contrário àquele em que ia primitivamente.

Segundo a opinião de Guérin-Catelain parece-nos aquela afirmativa errada, tanto mais que todos nós sabemos que um cavalo pode abordar um obstáculo num determinado andamento e tomar outro diferente depois dêle transposto, facto que prova à evidência que o movimento do salto é completamente independente do andamento inicial.

O andamento que o cavalo toma depois do salto é consequência da velocidade adquirida e da ordem por que os membros chegam ao terreno. A cronofotografia permite-nos estabelecer como princípio que, quando o cavalo aborda o obstáculo a galope e depois dêle transposto retoma o mesmo andamento, o primeiro membro a apoiar-se associa-se com o último, constituindo o eixo do novo galope.

## CAPÍTULO IX

### CONDIÇÕES DE ENSINO DO CAVALO DE SELA

O cavalo de sela, qualquer que seja o serviço a que é destinado, além de grande calma, franqueza e destreza, deve ser obediente às indicações dadas pelas pernas e mãos do cavaleiro, deve estar habituado a marchar direito de espáduas e ancas e a quási prescindir das ajudas, porque só quando satisfizer completamente a êste conjunto de condições oferecerá ao cavaleiro seguras garantias duma utilização fácil e cómoda e será, portanto, agradável de montar em todas as circunstâncias, passeio, caça ou guerra.

#### I—CALMA

A calma é tão indispensável para que o cavalo compreenda e responda facilmente e sem irritação às exigências do cavaleiro, como é necessária para obter andamentos ritmados que lhe permitam andar muito tempo sem fadiga.

Qualquer que seja o grau de perfeição que se pretenda obter no ensino do cavalo, a calma deve ser absoluta porque não só é extremamente incómodo utilizar praticamente um cavalo inquieto e irritado, como ainda é impossível no ensino tirar proveito duma lição em que o animal esteja impaciente, com medo do cavaleiro ou preocupado com o que o cerca.

Compreende-se pois bem a dose de fleugma de que o cavaleiro se deve armar durante o ensino, porque a paciência e as carícias são os factores que mais contribuem para obter do cavalo a tranquilidade indispensável ao trabalho útil.

A prova mais aparente da calma reside na facilidade com que o cavalo suporta a imobilidade.

## II — FRANQUEZA

A franqueza, isto é, a confiança com que o animal suporta o ruído ou a vista de qualquer objecto pouco ou nada conhecido (tiros, comboios, automóveis, bicicletas, etc.) ou aborda os obstáculos naturais do terreno é igualmente um factor indispensável para a fácil utilização do cavalo.

A franqueza só pode obter-se depois de primeiramente ter inspirado confiança e é mesmo por aí que invariavelmente se deve começar, porque no princípio o cavaleiro não possui nenhum domínio sobre o cavalo.

É por isso que a companhia de cavalos velhos e mansos ou, na sua falta, os passeios à mão pelos centros populosos e dirigidos por um homem que empregue meios brandos para tranqüilizar o animal e saiba desprezar os medos próprios do poldro, são o processo mais rápido e eficaz para lhe dar franqueza.

Só depois de com muita paciência e grandes precauções se obter a confiança do animal se pode começar a pretender impôr-lhe respeito; mas, se muito importa desde o princípio mostrar ao cavalo que êle tem fatalmente que se submeter às exigências do cavaleiro, não é menos necessário seguir uma lenta progressão em harmonia com as fôrças, temperamento e grau de instrução do animal; à medida que êle se fôr sujeitando às nossas exigências, à medida sobretudo que êle fôr entrando facilmente no movimento para a frente, a sua franqueza ir-se há desenvolvendo a par e passo com a sua obediência.

Se a prova mais aparente da calma reside na facilidade com que o animal se mantém imóvel, a franqueza não se pode conceber sem a grande prontidão com que o animal entra no movimento para a frente na presença de qualquer objecto ou obstáculo desconhecido, quando para isso é sollicitado pelo cavaleiro.

## III — DESTREZA

O cavalo de sela em geral, e principalmente o cavalo de caça ou guerra, deve ser destro em toda a qualidade de terrenos e sobre todos os obstáculos naturais, isto é, deve possuir em alto grau a faculdade de bem decompor o seu andamento e de precipitar os seus movimentos, afim de

poder evitar uma queda quando põe um pé mal posto ou transpõe um obstáculo desconhecido ou complicado.

A destreza, qualidade que alguns cavalos possuem naturalmente em alto grau, pode por uma instrução metódica desenvolver-se em larga escala.

Para que o cavalo adquira ou desenvolva a destreza é indispensável praticar freqüentes vezes a marcha através do campo, afim de o habituar aos terrenos acidentados e à transposição de obstáculos naturais, porque a prática continuada dêstes exercícios contribui extraordinariamente para lhe desenvolver as aptidões naturais, fazendo-lhe adquirir uma agilidade, sangue frio e golpe de vista extraordinários; mas, é preciso notar-se, para que êstes exercícios sejam proveitosos são condições essenciais: 1.º que o animal tenha completa liberdade de movimentos, principalmente da cabeça e pescoço, que se lhe permita o livre emprêgo de todas as suas faculdades, pois de contrário o cavalo experimentará uma fadiga e um sofrimento que lhe farão perder a franqueza; 2.º que as exigências sejam em harmonia com as fôrças e aptidões do animal porque, não se procedendo assim, o cavalo depressa se encherá de taras e ficará com o moral prevertido.

#### IV — OBEDIÊNCIA ÀS PERNAS

A condição mais essencial para a utilização fácil do cavalo reside na instantaneidade com que os seus propulsores se distendem à aproximação das pernas do cavaleiro, na franqueza no movimento para a frente e por isso a marcha progressiva do ensino deverá ter como fim principal chegar a obter, em todas as circunstâncias, uma obediência pronta e completa à acção impulsiva das pernas.

Esta é o indício mais evidente dum sólido ensino e constitui aquilo que em equitação muito racionalmente se convencionou chamar «*o cavalo adeante das pernas*», designando-se por «*cavalo atrás das pernas*» aquêlê que, quer apenas por deficiência de ensino, quer por má vontade ou devido a um temperamento muito brando, se mostra insensível à acção das pernas do cavaleiro e está, portanto, nas melhores condições para lhe resistir e se defender.

Mas a obediência à *acção mobilizadora* das pernas não é menos importante e não deve ser menos completa e pronta porque dela muito depende a direcção, a harmonia e submissão de todas as fôrças do cavalo.

O balanceiro cervical, em consequência da forma como é articulado, pode tomar atitudes independentes do resto do corpo e, portanto, num cavalo que resiste pode deslocar-se para qualquer lado sem impôr a direc-

ção a seguir; com o post-mão já não acontece o mesmo porque está intimamente ligado com o tronco e as suas deslocações são solidárias com as espáduas.

Vê-se pois que a disposição tomada pela garupa não só favorece as mudanças de direcção como ainda as determina e compreende-se bem quanto importa, quer para vencer resistências, quer para conseguir uma completa regularidade nas mudanças de direcção, obter uma obediência absoluta e fácil à acção isolada das pernas.

O cavalo, depois de absolutamente confirmado na obediência rápida à acção impulsiva e mobilizadora das pernas, quando se pretende grande perfeição no ensino deverá ser habituado a suportar com calma o contacto das esporas actuando por intensidade crescente de pressão, mantendo-se imóvel ou conservando o andamento se a mão do cavaleiro se opõe ao movimento ou à sua aceleração, avançando ou aumentando suavemente a velocidade, se a mão do cavaleiro a isso se não opõe.

É bom dizer-se que o emprêgo da espora por intensidade crescente de pressão exige muito tacto da parte do cavaleiro e por isso não está ao alcance de todos.

É um efeito que pertence à equitação superior e que, sob o ponto de vista militar, pode até ser considerado perigoso.

*Efeito de conjunto*— Êste efeito consiste na acção simultânea e concêntrica da mão do cavaleiro e pernas ou esporas, actuando estas por intensidade crescente de pressão. Têm por fim encerrar o cavalo entre as mãos e as pernas, colocando num dado momento as suas fôrças sob o domínio e à disposição imediata do cavaleiro; produz a desconstracção da maxila, permite restabelecer o equilíbrio momentaneamente rompido ou imobilizar o animal em caso de necessidade, de modo a corrigir qualquer tentativa de revolta.

## V—OBEDIÊNCIA ÀS MÃOS

Para que o cavalo possa ser dirigido com facilidade é indispensável, como já se disse, que conserve sempre um contacto ligeiro com a mão do cavaleiro, porque só assim poderá receber com confiança e sem sobressaltos as indicações das rédeas e obedecer prontamente a essas indicações.

O cavalo deverá pois *estar sôbre a mão*, designação que apenas exprime o contacto suave que sempre deve existir entre a boca do cavalo e a mão do cavaleiro e nunca *um forte apoio* que, a dar-se, tornará o animal insusceptível de se poder manejar com acções delicadas das rédeas,

em conseqüência do excesso de pêso que necessariamente estará sôbre a antemão do cavalo.

Se um forte apoio na mão é sempre um indício certo dum grande desequilíbrio e, portanto, dum ensino deficiente, a ausência do contacto constante e suave com a mão do cavaleiro indica que o cavalo a receia e *está desapapado*, em manifesta impossibilidade de ser facilmente dirigido e dominado, ou denota que o animal *está atrás da mão*, que está falsamente ligeiro por falta de impulsão, isto é, que o cavaleiro não pode ter acção sôbre êle porque foge à acção das rédeas *encapotando* e pondo-se em falso e, portanto, nas melhores condições para se pôr atrás das pernas, se a tempo não fôr corrigido.

A obediência pronta e fácil às indicações das rédeas, exactamente como a obediência às pernas, não se pode obter de repente, dum momento para o outro, é o resultado da lenta progressão do ensino; por melhor índole e mais bem conformado que o cavalo seja, o pêso do cavaleiro, as contracções musculares que êle provoca e a ignorância do animal originam sempre grande número de resistências, que só irão desaparecendo à medida que o cavalo fôr pouco a pouco compreendendo a linguagem das ajudas, que o seu equilíbrio sob o pêso do cavaleiro fôr melhorando e que a obediência se fôr tornando reflexa, isto é, automática.

Duas espécies de resistências pode o cavalo apresentar na mão do cavaleiro: resistências de pêso e resistências de fôrças.

Nas primeiras o cavaleiro sente na mão a sensação dum pêso difficil de deslocar, nas segundas sente a impressão duma luta contra a sua mão, proveniente das contracções musculares da maxila que o cavalo instintiva ou voluntariamente opõe contra a acção do freio.

As resistências de pêso combatem-se com as meias-paragens, as resistências de fôrças com a vibração.

*Meia-paragem*—A meia paragem consiste numa resistência quasi instantânea da mão do cavaleiro, que exerce a sua acção de baixo para cima e de deante para trás, proporcionando o poder do seu efeito à resistência de pêso encontrada; êste efeito provoca a elevação da cabeça e pescoço do animal, projectando para o post-mão o excesso de pêso que estava sôbre as espáduas.

A meia-paragem dá-se, segundo as necessidades, sôbre uma rédea isolada ou sôbre as duas ao mesmo tempo, quer do freio quer do bridão. Serve para melhor equilibrar o cavalo produzindo a elevação do ante-mão e o abaixamento da garupa. Na meia-paragem não se deve produzir demora alguma no andamento.

**Vibração**—É o movimento de vai-vem que, ou por uma agitação rápida e breve das rédeas, ou pela acção alternada do freio e bridão, faz jogar os ferros na bôca do cavalo, por forma a recusar-lhe um ponto de apoio para as suas resistências de fôrças e a destruir as contracções musculares da maxila.

A vibração dá-se ou apenas sôbre uma rédea isolada, ou sôbre as duas ao mesmo tempo, quer sôbre o bridão, quer sôbre o freio, ou alternadamente com um e outro.

## VI— O CAVALO DIREITO <sup>1</sup>

Quer por predisposição natural quer por hábitos adquiridos, quasi todos os cavalos estão mais ou menos dobrados para um lado, isto é, a sua coluna vertebral apresenta uma inflexão.

No ventre da mãe o poldro está geralmente dobrado sôbre a esquerda, com a cabeça quasi unida à espádua dêsse lado; o cavalo é tratado, aparelhado, enfreado, montado, passeiado à mão, retirado ou conduzido para a cavaliariça sempre pelo lado esquerdo.

Ora tudo isto concorre para produzir ou acentuar uma curvatura no pesçoço, curvatura que tem por efeito lançar um excesso de pêsô sôbre uma espádua e fazer descair a garupa para o lado contrário, disposição esta que muito favorece as resistências do cavalo às acções do cavaleiro.

Importa pois procurar manter o cavalo rigorosamente direito, isto é, que na linha recta a espádua e anca esquerdas e a espádua e anca direitas se encontrem colocadas (no cavalo parado) ou se desloquem (no cavalo em marcha) segundo linhas paralelas, e que nas curvas descrevam linhas concêntricas.

A posição rigorosamente direita é absolutamente indispensável para que haja uma harmonia completa entre as fôrças do ante-mão e post-mão, para que as translações de pêsô sejam igualmente regulares e fáceis, para que a impulsão seja igualmente repartida pelos dois posteriores, para que a marcha seja franca e os movimentos fáceis. No cavalo atravessado, pelo contrario, o jôgo recíproco das espáduas e ancas é desarmónico porque o pêsô da massa não está igualmente distribuido pelas quatro colunas de apoio e a impulsão não é igualmente repartida pelos posteriores; a disposição da garupa predispõe fisicamente o animal para se defender e para

<sup>1</sup> D'Auvergne dizia: «Não existem cavalos perfeitamente direitos. O cavaleiro, com toda a perfeição da arte, passa a sua vida a corrigir esta imperfeição.»

resistir a certos efeitos do cavaleiro, a marcha perde a sua franqueza e os movimentos a sua facilidade.

*Endireitar o cavalo*—O cavalo que não marcha rigorosamente direito tanto pode ser considerado com as espáduas como com a garupa fora da direcção a seguir; mas como o balanceiro cervical é o mais cómodo agente de direcção porque a mobilidade regulada das espáduas em relação à garupa é o que mais convém ao cavaleiro, pois é dela que mais depende a maneabilidade do cavalo, segue-se que é pela mobilização das espáduas, e não da garupa, que mais convém endireitar o cavalo.

O animal que marcha atravessado *fica-se* mais ou menos e por isso primeiramente se deve atirar para deante, até que se distenda e entre abertamente no movimento para a frente, porque só depois de estar em contacto franco com o freio será possível actuar eficazmente sobre o ante-mão.

Se o cavalo descai sobre a espádua direita flectindo a garupa para a esquerda, endireita-se fazendo predominar o efeito da rédea direita contrária de opposição; por esta forma alivia-se a espádua direita e sobrecarrega-se a esquerda, fazendo-o portanto deslocar o ante-mão para o lado contrário àquele para onde tem tendência a descaír.

Se o cavalo descai com a garupa para a direita, a acção predominante da rédea esquerda contrária de opposição sobrecarregará a espádua direita, obrigando o ante-mão a descaír para esse lado e forçando portanto o cavalo a endireitar-se.

Em qualquer dos casos as duas pernas actuarão igualmente afim de manter a impulsão, pois só assim é possível forçar o cavalo a ceder ao efeito contrário de opposição e a colocar portanto as espáduas ou garupa, qualquer que seja a causa do seu desvio, na direcção que se quer.

O emprêgo predominante dêste efeito de opposição (sem exagero, contudo, afim de que o cavalo não fixe o seu equilibrio sobre a mão e não se habitui a forçar ou a incensar) e um cuidado constante em manter sempre a impulsão permitem ao cavaleiro dar ao animal a dobra inversa da que habitualmente tem, tornar as duas inclinações igualmente fáceis.

A marcha em zig-zags constantes, obtidos apenas com a acção da rédea contrária de opposição e servindo as pernas simplesmente para manter a integridade do movimento impulsivo, dá uma mobilidade extraordinária ao ante-mão e fornece ao cavaleiro os meios de com toda a facilidade regularizar a distribuição do pêso sobre as espáduas, condição essencial para manter o cavalo absolutamente direito.

É absolutamente indispensável não empregar o efeito diagonal que actua sobre a garupa e a desloca directamente; não se deve mobilizar o

post-mão em volta do ante-mão, é a translacção fácil do pêso sôbre uma ou outra espádua que se deve empregar para endireitar o cavalo.

## VII—O CAVALO PRES- CINDINDO DAS AJUDAS

Para que o cavalo seja agradável de montar é preciso não só que seja obediente às ajudas do cavaleiro mas ainda que seja susceptível de se manter por si só num equilíbrio regular, sem que para isso seja necessária a intervenção acentuada e constante das ajudas.

Para se conseguir êste desideratum é necessário primeiramente dominar o cavalo e equilibrá-lo com a ginástica do ensino e depois ir pouco a pouco suprimindo as acções das ajudas, por forma a deixá-lo livre o mais tempo possível e a permitir-lhe uma certa independência, independência que, quanto maior fôr, maior ligeireza denotará da parte do animal e maior economia de fôrças representará para o cavalo e para o cavaleiro.

Portanto, logo que o cavaleiro pode colocar o animal num certo equilíbrio, isto é, logo que tem uma boa attitude e apresenta uma ligeireza relativa, suprimirá momentaneamente as ajudas que empregou para obter êsse equilíbrio, fará aquilo que em equitação se convencionou chamar uma *descida de mão e de pernas*. É natural que o cavalo ao princípio, sentindo esta liberdade, baixe a cabeça e pescoço, altere o andamento, modifique enfim o seu equilíbrio e por isso é necessário que o cavaleiro actue nova e imediatamente com as suas ajudas para se opôr a qualquer irregularidade que se manifeste, para restabelecer o equilíbrio rompido.

Pouco a pouco, porém, essas alterações irão desaparecendo e, à medida que assim fôr, o cavaleiro poderá suprimir durante mais tempo a acção das ajudas, isto é, poderá fazer descidas de mão e pernas cada vez mais completas.

É conveniente não supôr que, para praticar uma descida de mão e de pernas, é preciso abandonar o cavalo completamente; não, não é isso, a supressão de ajudas a fazer significa que estas se devem limitar ao simples contacto.



*Concentração* — Major Júlio de Oliveira no BEDUINO

## CAPÍTULO X

### ESCALA A PERCORRER PARA ATINGIR A LIGEIREZA

#### I—COLOCAÇÃO

Como já se disse, o balanceiro cervical, para poder aceitar com facilidade as deslocações produzidas pela mão do cavaleiro e para as transmitir integralmente ao resto do corpo, necessita não só duma certa rigidez elástica e de grande ligação com as espáduas, mas ainda de se manter numa posição favorável à regularidade de todos os movimentos.

Se a cabeça horizontal é favorável à velocidade porque, deslocando o centro de gravidade para diante, torna o equilíbrio mais instável e a respiração se faz nas melhores condições, a cabeça vertical—ou à quem desta linha—torna difícil a introdução do ar nos pulmões e prejudica a rapidez de movimentos; se o pescoço muito elevado torna mais livre o jôgo do antemão mas os rins e os posteriores, ou são esmagadas por um excesso de pêsô que prejudica o seu funcionamento, ou marcham muito afastados do centro de gravidade, arrastando-se e impedindo a integridade

da impulsão e a harmonia dos movimentos, o pescoço muito baixo sobrecarrega excessivamente as espáduas tornando o cavalo pesado na mão e portanto difícil de conduzir.

Podemos pois concluir que, para que a respiração se possa fazer em boas condições, para que haja harmonia de movimentos e para que os efeitos das rédeas se transmitam rápida e integralmente, isto é, para que o cavalo se possa dominar e dirigir com facilidade, é preciso que a sua cabeça esteja normalmente colocada numa posição próxima da vertical, sem nunca a atingir, e que o seu pescoço se mantenha sem esforço numa posição intermédia, nem muito alto nem muito baixo.

*Colocar o cavalo* é pois impôr à sua cabeça e pescoço a atitude mais favorável para o seu domínio e fácil condução, atitude que — como se viu — deve ser a cabeça próxima da vertical, sempre um pouco além, e o pescoço numa posição intermédia, aquela que o cavalo toma naturalmente quando parado, apumado e não montado.

A atitude a dar à cabeça e pescoço não pode ser a mesma para todos os cavalos porque, como facilmente se depreende, a conformação nisto influirá extraordinariamente.

## II — FLEXÕES

Quando a cabeça e o pescoço do cavalo estão hirtos todo o corpo do animal forma como que uma só peça rígida, a impulsão transmite-se à mão do cavaleiro com toda a sua intensidade e sem amortecimento algum e, portanto, quer para provocar as mudanças de direcção, quer para produzir as diminuições de velocidade ou paragens, o cavaleiro tem necessariamente que exercer com o freio efeitos de força. Compreende-se portanto que, para que as indicações da mão do cavaleiro possam ser delicadas, necessário se torna que a nuca e maxila do cavalo possuam uma certa elasticidade que lhes permita servirem de órgão de amortecimento e de agentes intermediários entre o freio e a impulsão.

Os elementos principais que tal permitem obter são as flexões directa e lateral, que consistem essencialmente na concessão feita pela nuca do cavalo aproximando a cabeça da vertical, mas ficando um pouco além dessa linha, concessão de nuca acompanhada da desconstracção da maxila inferior, soltando o freio e retomando imediatamente o seu contacto.

O cavalo à mão tem, em geral, grande facilidade em dar estas duas flexões mas quando montado já não é tão extremamente fácil obtê-las com correcção; isto quer dizer que todos os desequilíbrios e resistências provo-

cadras pelo simples aumento do pêso do cavaleiro se repercutem na maxila, e prova bem que a *mobilidade regulada* desta região é mais uma prova e uma conseqüência da sujeição do cavalo e do restabelecimento gradual do equilíbrio das suas fôrças do que o resultado dum trabalho exclusivamente local.

### III — PÔR O CAVALO NA MÃO

Pôr o cavalo na mão é obter a mobilidade momentânea da sua maxila (flexão directa ou lateral) em qualquer movimento ou andamento.

O pôr na mão, isto é, a mobilidade regulada da maxila só pode conseguir-se pouco a pouco, à medida que o cavalo fôr adquirindo elasticidade sob o pêso do cavaleiro; o cavalo que está na mão denota pois que está pronto à obediência, indica uma descontracção geral, um certo grau de equilíbrio.

Pôr na mão é pois, por assim dizer, colocar o cavalo em equilíbrio relativo, assim como o estar na mão é uma conseqüência do restabelecimento da harmonia das fôrças.

Se nas necessidades da equitação corrente algumas vezes é necessário pôr o cavalo na mão, quer para restabelecer o equilíbrio rompido por qualquer causa, quer para obter um rápido domínio sôbre o cavalo na presença de qualquer susto, nunca se deve exigir que o cavalo esteja constantemente na mão porque isso pode pô-lo atrás da mão, demanda da parte do animal uma tensão muscular enorme e exige que êle se mantenha numa posição de cabeça e pescoço e com uma mobilidade de maxila muito prejudiciais à rapidez dos andamentos.

Só nos movimentos e andamentos curtos e concentrados é que há necessidade de pôr o cavalo freqüentes vezes na mão.

### IV — CONCENTRAÇÃO

O cavalo é tanto mais fácil de manejar quanto mais instável fôr o seu equilíbrio e êste é tanto mais instável e perfeito quanto maior fôr a concentração.

Para dar ao cavalo uma extrema mobilidade, para o colocar num equilíbrio perfeito sob o pêso do cavaleiro, para o tornar — emfim — brilhante e agradável de montar, é necessário reduzir a sua base de sustentação fazendo entrar os posteriores para debaixo da massa, porque só assim se pode fazer refluir sôbre o post-mão o excesso de pêso que normal-

mente está sôbre o ante-mão e só assim se pode tornar o equilíbrio mais instável.

Há vários graus de concentração correspondentes à menor ou maior perfeição de equilíbrio; e se, para que o cavalo esteja realmente na mão é sempre necessário um princípio de concentração, mais necessário é ainda que o cavaleiro seja senhor de concentrar o animal à sua vontade em todos os movimentos e andamentos para que êste se possa considerar verdadeiramente equilibrado.

O trabalho de concentração é cheio de escolhos; indispensável para obter a ligeireza na sua mais elevada e artística significação, só pode ser levado muito longe com cavalos enérgicos e bem conformados, e não pode ser abordado com bons resultados senão por cavaleiros de larga experiência e grande tacto.

## V — LIGEIREZA

A colocação, as flexões, o pôr na mão e a concentração constituem as *étapes* duma escala ascendente a percorrer no ensino do cavalo, tendo por fim obter a sua sujeição física e moral e o maior desenvolvimento possível das suas qualidades naturais.

À medida que, com o decorrer do ensino e em resultado da progressão racional dos exercícios a que se submete o cavalo, êste se vai equilibrando sob o pêso do cavaleiro, as contracções musculares provocadas por essa sobrecarga vão diminuindo, as resistências às acções das ajudas vão desaparecendo, o animal vai obedecendo mais fácil e prontamente às indicações do cavaleiro, isto é, vai adquirindo uma ligeireza relativa que em grande parte é uma consequência do grau de equilíbrio do animal.

A uma ligeireza maior ou menor corresponde uma obediência mais ou menos completa, fácil e pronta às acções das ajudas e um equilíbrio mais ou menos perfeito.

O cavalo horizontal já está ligeiro — ligeireza relativa, é claro — porque o seu equilíbrio e o seu grau de sujeição às ajudas são tais que permitem ao cavaleiro manejá-lo com relativa facilidade; mas só o cavalo concentrado poderá aproximar-se da ligeireza absoluta porque só êle terá uma instabilidade de equilíbrio que permite ao cavaleiro deslocá-lo fácil e rapidamente, em todos os sentidos e em todos os movimentos e andamentos, com efeitos de ajudas quási imperceptíveis.

A mobilidade de maxila é um sinal aparente da ligeireza mas não

a constitui por si só; um cavalo não está verdadeiramente ligeiro senão quando obedece facilmente às ajudas, quando não apresenta resistências na mão e às pernas do cavaleiro e quando seja susceptível de se concentrar, isto é, de se colocar num equilíbrio próprio para as fáceis deslocações de pêso em todos os sentidos.

A ligeireza é pois, antes e acima de tudo, o resultado do ensino, do estado geral do cavalo, do seu grau de submissão e da harmonia das suas forças sob o pêso do cavaleiro, é uma consequência directa da sua sujeição e a prova mais evidente da perfeição do seu equilíbrio.

Na acepção mais elevada e artística da palavra, a ligeireza absoluta comporta a submissão completa das forças intelectuais e físicas do cavalo, a sua obediência instantânea às mais delicadas indicações do cavaleiro, obediência caracterizada ainda pela extrema e suave flexibilidade de todas as molas do organismo, por forma que o animal, em todos os movimentos e andamentos, se apresenta elástico, brilhante, gracioso.

A ligeireza absoluta — ou a que dela se aproxima — é do domínio da equitação superior; extremamente difícil de obter, só cavaleiros consumados poderão arrostar com os inúmeros escolhos que a sua busca apresenta, principalmente quando se não dispõe de cavalos de grandes recursos.

II PARTE

DOMESTICAÇÃO E DESBASTE







Alcobaça (1920) — Esquadrão de instrução de recrutas.

## CAPÍTULO XI

### OBJECTIVOS A ATINGIR

A equitação militar tem por fim conseguir que o cavalo, ao completar 5 anos de idade, esteja física e moralmente preparado para resistir ao trabalho e esforços do ensino pròpriamente dito e *utilizável* num caso eventual de mobilização.

Como o poldro dá geralmente entrada nas unidades aos 4 anos, quási completamente serril, o seu primeiro ano de serviço militar deverá compreender:

1.º) A *aclimatação*, isto é, o conjunto de medidas higiénicas que tem por fim conservar-lhe a saúde e evitar que a mudança de alimentação e de hábitos lhe provoquem qualquer depressão no organismo;

2.º) A *domesticação* que tem por fim familiarizar o poldro com o homem, acostumá-lo à limpeza e à ferragem, isto é, a preparar-se para o desbaste;

3.º) O *desbaste* que tem por fim colocar o poldro, ao completar 5 anos de idade, em estado de sair fácil e prontamente para deante, de aumentar e diminuir os andamentos, de voltar para qualquer lado sem dificuldade, de passar por toda a parte e sôbre todos os terrenos, de se conservar, entrar e sair da fileira, de se habituar ao emprêgo das armas, em resumo, de estar preparado para o ensino e de ser *utilizável* em caso de absoluta e urgente necessidade <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O nosso Regulamento de mobilização só considera o cavalo mobilizável aos 6 anos de idade.

## CAPÍTULO XII

### ACLIMATAÇÃO E DOMESTICAÇÃO

#### I—CUIDADOS A TER COM OS POLDROS

Os pôldros, à sua chegada aos regimentos, estão em geral insufficientemente familizados com o homem, quer provenham dos depósitos de remonta, quer venham directamente das comissões de remonta. A maior parte dêles, arrancados bruscamente da vida dos campos, sofrerão necessariamente uma grande depressão física e moral, se nas unidades onde são recebidos não houver com êles os maiores cuidados, se não se estabelecer uma transição para os aclimatar ao novo regimen.

Sempre que seja possível reservar-se há uma cavalaria (ou, na sua falta, uma parte especial dela) onde sejam recolhidos os pôldros, após a sua chegada, e onde serão conservados isolados durante 15 dias, pelo menos, antes da sua distribuição pelos diferentes esquadrões da unidade, não só para os colocar debaixo da vigilância constante do veterinário e evitar que qualquer doença contagiosa se pegue aos outros, como ainda para os isolar da barafunda enervante e incessante das cavalariças onde estão colocados os cavalos de serviço.

Os pôldros deverão ser submetidos a um regimen alimentar de transição, em que devem entrar as cenouras e a erva, por forma a habitua-los progressiva e insensivelmente à ração sêca regulamentar.

O seu trato deve ser entregue a um pessoal escolhido pela sua conhecida aptidão, que tenha o maior cuidado com as medidas de hygiene e seja cheio de precauções para os habituar progressivamente à mudança de regimen.

É durante a domesticação que, por assim dizer, se forma o carácter

do pôldro, carácter que é sempre susceptível de se modificar para bem ou para mal, segundo é tratado com doçura ou brutalidade, com carícias ou pancadas, e por isso é absolutamente indispensável que os tratadores sejam homens de paciência comprovada, que dêem garantias absolutas de tornarem os animais dóceis e familiares ao homem dentro de pouco tempo.

O tratador procurará estar junto do seu cavallo o maior número de vezes possível, mesmo fora da hora regulamentar de limpeza; por meio de afagos e empregando muito a voz para o sossegar, afoitamente mas com doçura, aproximar-se há do animal e irá tentando muito progressivamente que êle permita que lhe toquem em todas as partes do corpo, evitando os gestos largos e bruscos com os braços. Aproveitará igualmente estas ocasiões para habituar o pôldro a deixar levantar os membros e mais tarde a que consinta pequenas pancadas na palma e bôrdo da taipa, pois isto constitui a melhor preparação para a ferração.

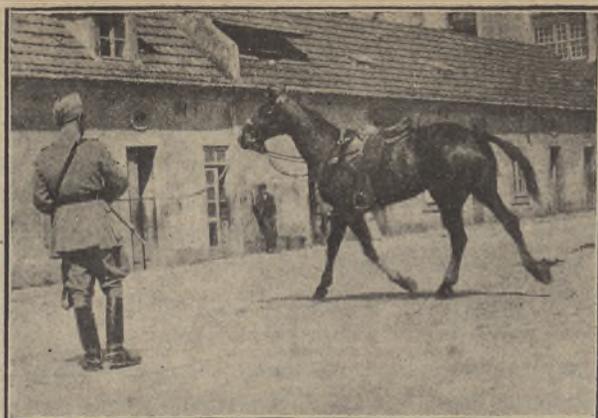
A missão do tratador é sempre importantíssima, mas sobretudo na domesticação; quando está à altura da sua missão transforma benêficamente o carácter do animal e todos sabem quanto isto tem influência nos resultados do ensino.

## II — PASSEIOS Á MÃO

Há sempre toda a vantagem em que os poldros, após a sua chegada aos corpos, sejam passeiados diàriamente, conduzidos à mão pelos tratadores; mais tarde devem ser passeiados à mão mas ao lado de cavalos montados.

Estes passeios a passo oferecem grandes vantagens: ginasticam e sossegam os poldros, concorrem para lhes dar confiança e para os habituar aos objectos exteriores, além de constituirem uma ótima preparação para o serviço militar, por isso que o cavallo do exército, quer em tempo de guerra quer em tempo de paz, necessita estar habituado a ser conduzido à mão ao lado doutros cavalos.

É, contudo, indispensável que os poldros sejam conduzidos alternadamente dos dois lados, afim de evitar que êles se dobrem e tomem uma viciosa curvatura de pescoço, o que certamente acabaria por dar-se, se fôsem sempre conduzidos do mesmo lado.



## CAPÍTULO XIII

# TRABALHO Á GUIA

### I — VANTAGENS E INCONVENIENTES

Toda a gente reconhece a absoluta necessidade do trabalho à guia e os inúmeros serviços que êle pode e deve prestar no ensino do cavalo, quando bem compreendido e executado com critério; todos, porém, reconhecem os defeitos e perigos que êste trabalho apresenta quando mal dirigido.

Inteligentemente compreendido, o trabalho à guia é um precioso auxiliar do ensino, pois é um dos primeiros elementos de que nos utilizamos para familiarizar o poldro com o homem, para o ginastigar, para lhe dar as primeiras noções de obediência; dá magníficos resultados para trabalhar cavalos difíceis e viciados, constitui uma das principais bases da educação do cavalo de obstáculos e é também utilizado para trabalhar cavalos que, por qualquer causa, não possam ser montados e convenha não ter sem exercício algum.

É, na verdade, um trabalho difícil e delicado, que não está ao alcance de qualquer ignorante porque, executado com brutalidade, contribui para que o cavalo têma o homem em lugar de com êle se familiarizar, serve apenas para viciar o animal e para originar a ruína dos seus membros.

## II — PRIMEIRAS LIÇÕES Á GUIA

O primeiro cuidado do instrutor, antes de iniciar o trabalho à guia, será vêr se o cabeção está bem colocado, isto é, se está suficientemente alto para não dificultar a respiração, com a focinheira convenientemente justa para evitar as oscilações da serrêta sôbre o chanfro e a sigola devidamente apertada para evitar que as faceiras exteriores se desloquem sôbre os olhos.

O instrutor toma a guia na mão esquerda, enrolando-a e enfiando-a no braço do mesmo lado, de modo que ela possa correr com facilidade, e com a mão direita vai segurá-la a um metro da cabeça do cavalo. Seguidamente provoca a marcha a passo para a frente, dando uma ligeira tensão à guia e incitando o cavalo com a voz; depois de vêr que êste o segue com confiança, o instrutor irá recuando até ficar à altura da espádua esquerda do animal, por forma que êle o acompanhe em linhas rectas e curvas; depois, deixando correr mais um ou dois metros de guia e recuando ainda mais, continuará a proceder de forma idêntica, insistindo no trabalho circular e não se esquecendo de descrever círculos concêntricos com o cavalo.

Com ligeiras indicações de guia e com a voz chamar-se há freqüentes vezes o animal ao centro, afim de o afagar para lhe dar confiança e de o passar de mão; fazer o mesmo trabalho para a direita.

Com alguns cavalos será necessário o auxílio dum ajudante, munido duma chibata ou pingalim, que caminha na rectaguarda do instrutor e à altura da garupa do cavalo ou um pouco mais atrás. Escusado será dizer que o ajudante evitará o mais possível assustar o cavalo e portanto não lhe deve bater; quando esta lição é dada com paciência a simples vista da chibata basta para que o animal siga o círculo sem relutância.

Obtida a marcha a passo, em círculos de pequeno raio, fácil será consegui-la a trote e a galope e em círculos de raio sucessivamente maior.

Êste sistema de pôr as primeiras vezes o cavalo à guia, que para muitos tem o inconveniente de ser um pouco morôso, é o mais progressivo e o que melhor se presta para dar confiança ao pôldro, aquêle que oferece mais garantias de sucesso; iniciando o trabalho em andamentos vivos só depois de conseguida uma grande tranquilidade e sujeição no trabalho a passo e em andamentos curtos, conseguem-se evitar repêdes e lutas tão prejudiciais para a integridade dos membros e para o moral do pôldro e obtêm-se dêle uma grande calma, pronta obediência e extrema ligeireza, factores que têm uma grande importância nas primeiras lições

do trabalho montado e que são absolutamente indispensáveis no trabalho à guia, quando se trata da preparação para os saltos de obstáculos.

O nosso regulamento de equitação indica o seguinte processo para pôr os cavalos à guia: « nas primeiras lições o ajudante coloca-se junto à espádua esquerda do cavalo (no trabalho para a esquerda) e voltado para o lado do movimento; segura as rédeas do bridão com a mão direita junto à bôca do cavalo e apoia a mão esquerda na guia, que o instrutor segura com a mão esquerda.

O instrutor colocado ao centro do círculo que o cavalo vai descrever, conserva o pingalim na mão direita voltado para o chão. Anima o cavalo com a voz para êle marchar e o ajudante neste momento, por intermédio do bridão, provoca a sua marcha, mostrando imediatamente o instrutor o pingalim na direcção da garupa.

O instrutor descreve também um pequeno círculo acompanhando o andamento do cavalo. Emprega a voz para chamar ao centro, dirigindo o ajudante o cavalo neste sentido. Repete-se para a outra mão o mesmo trabalho, procedendo o instrutor e ajudante por maneira semelhante. Pouco a pouco o ajudante vai abandonando o cavalo, até que por si só êle se mantenha ao passo no círculo.

Repete-se o mesmo trabalho ao trote. Logo que o auxílio do ajudante se torna desnecessário o instrutor começa a dirigir o trabalho com o pingalim, inclusive as chamadas ao centro.»

Êste processo é bom e, posto em prática com cuidado, dá na verdade muita confiança ao poldro. Contudo julgamos preferível o primeiro indicado porque, além de se habituar de princípio o poldro a seguir o instrutor, dispensa a auxílio do ajudante e exige uma maior insistência no trabalho em círculos de pequeno raio e a passo, que é a melhor preparação para o trabalho em círculos de grande raio e em andamentos vivos.

### III — NÓRMAS A SEGUIR NAS LIÇÕES Á GUIA

As principais prescrições do trabalho à guia são:

a) Variar com freqüência o comprimento da guia, obrigando o animal a trabalhar em círculos de diferentes raios, porque é êsse o processo mais racional e seguro para ginastigar o poldro e para lhe dar sugeição à guia; é claro que nos andamentos vivos (trote largo ou galope) se não devem contranger os animais, sobretudo poldros, ao trabalho em

círculos apertados, porque isso iria contribuir infalivelmente para tarar as suas ainda frágeis articulações;

b) Variar os andamentos e não se esquecer de, para evitar a fadiga, meter algumas vezes a passo, sobretudo nas primeiras lições dadas a poldros;

c) Nunca fazer muita fôrça na guia para não quebrar a natural rigidez do pescoço e para não obrigar o animal a pesar ou forçar a guia, exactamente como no trabalho montado o cavalo pesa ou força a mão quando o cavaleiro emprega uma tensão forte e contínua nas rédeas;

d) Se o animal descai brutalmente para fora — (caso vulgar e que sempre se dá quando o instrutor emprega muita fôrça na guia, faz um uso exagerado e brutal do pingalim ou ainda quando se não seguiu uma progressão racional desde o princípio) — dever-se há ceder primeiramente e depois, por meio de trações intermitentes, para não deixar o animal apoiar-se na guia e para romper o equilíbrio que êle pretende tomar, ir-se há cassando esta pouco a pouco, de modo a encurtar o círculo sem violência;

e) Se o cavalo descai para dentro — caso menos vulgar — o emprêgo das ameaças do pingalim na direcção da espádua de dentro, rapidamente levará o animal a seguir o círculo marcado pelo comprimento da guia;

f) Quando se não disponha dum picadeiro circular e se queira trabalhar um cavalo pouco ou nada confirmado neste exercício e cuja educação à guia se não pretenda aperfeiçoar, é de toda a conveniência dispôr alguns homens em volta do círculo a descrever pelo cavalo, para evitar que êle descaia para fora e entre, portanto, em luta com o instrutor;

g) Quando, pelo contrário, se queira corrigir um cavalo que tem o mau hábito de forçar constantemente a guia, dever-se há recommençar a sua educação pelo princípio, isto é, pelas lições a passo e em círculos de pequeníssimo raio;

h) Lembrar-se sempre que o cavalo, para estar bem à guia, deve obedecer sossegadamente às indicações isoladas ou combinadas da voz, guia e pingalim e que isto só é possível conseguir-se quando o animal trabalha com calma e confiança, e portanto é dirigido com ligeiras oscilações de guia — nunca com sacões brutais — e mais com simples ameaças do que com violentas pancadas de pingalim.

## CAPÍTULO XIV

### I — LIÇÃO DE APARELHAR

Como princípio e enquanto não aceitarem o selim sem relutância os pôldros devem ser sempre aparelhados no picadeiro, debaixo da direcção dum instrutor.

Só há vantagem em dar a lição de aparelhar quando o pôldro, já familiarizado com o homem, esteja habituado ao trabalho à guia e tenha adquirido umas ligeiras noções de obediência e aprendido, portanto, a respeitar o cabeção e a guia.

Antes de pela primeira vez se pôr o selim no pôldro é de toda a conveniência dar-lhe umas voltas à guia, sobretudo se êle é desconfiado ou ardente; o selim, nas primeiras vezes que o pôldro é aparelhado, não deve levar losos nem estribos.

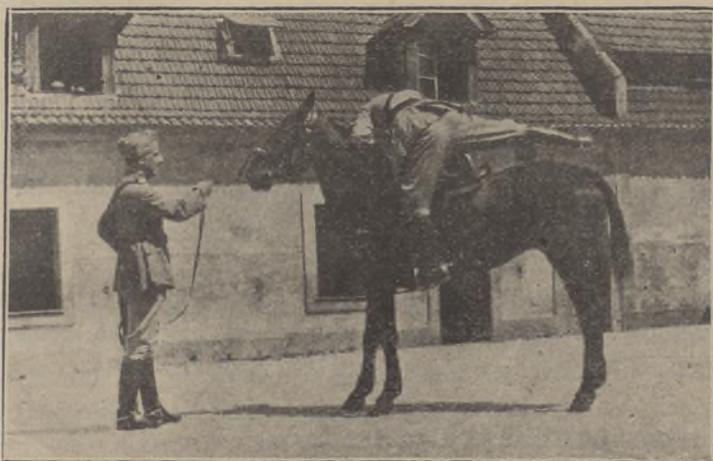
Para dar a lição de aparelhar procede-se da seguinte forma: o instrutor segura na guia, a um metro da cabeça do cavalo, e afaga-o e acaricia-o com a voz; o ajudante aborda o animal com o selim nas mãos, permitindo que êle o veja e cheire à vontade e seguidamente, logo que o animal não manifeste desconfiança e evitando movimentos bruscos com os braços, colocá-lo há sôbre o dórso, antes mais para deante do que para trás, e apenas ajusta as cilhas o suficiente para que o selim se não volte. Depois disso o instrutor provoca a marcha para a frente a passo e em seguida dá-lhe umas voltas à guia, a trote ou galope, as necessárias para lhe passar qualquer ligeiro ataque de *congôxa*; chamará então o animal ao centro e nêsse momento coloca-se então o selim no seu lugar e apertam-se as cilhas convenientemente.

Só depois dos pôldros aceitarem o selim sem relutância — o que se consegue facilmente em duas ou três lições — se deverão colocar os loros e estribos.

## II — LIÇÃO DE MONTAR

A lição de montar não deve ser dada no mesmo dia em que o pôldro é aparelhado pela primeira vez porque isso pode provocar por si só lutas ou defesas que muito importa evitar, sobretudo do início da educação do pôldro.

É indispensável que as primeiras lições de montar sejam dadas no fim ou no meio do trabalho à guia, depois do pôldro ter gasto o seu



excesso de ardôr e de estar distendido e até um pouco fatigado pelo exercício à guia, não só porque nesta altura a calma é maior, mas ainda para que se possa mandar o animal para a cavalaria como recompensa.

Para dar a primeira lição de montar procede-se da seguinte forma: voltado o cavalo para o centro do picadeiro, o instrutor segura na guia e o ajudante aproxima-se do animal afagando-o na cabeça, pescoço e garupa; depois dá algumas pancadas com a mão direita sôbre o selim, afasta e aproxima o estribo direito da barriga do animal e puxa pelo mesmo loro exercendo fôrça com a mão sôbre o estribo.

Todos êstes movimentos preliminares devem ser feitos acalmando o

cavalo com a voz e empregando muita paciência, afim de lhe inspirar confiança e de não o assustar.

Continua-se a lição colocando o ajudante o pé esquerdo no estribo do mesmo lado, mas ainda sem se elevar sôbre êle; pesar sôbre o estribo, retirar depois o pé e afagar; calçar novamente o estribo e elevar-se, evitando tocar com a ponta do pé na barriga ou antebraço do pôldro, para o que é preciso apoiar bem o joelho contra o selim e baixar a ponta do pé.

Depois de repetir esta operação até que o cavalo se conserve calmo, passar a perna direita por cima da garupa, evitando tocar-lhe, e sentando-se suavemente no selim; servir-se da mão direita para calçar o estribo do mesmo lado, nunca tentar fazê-lo procurando o estribo com o pé, para não assustar o pôldro. Logo que o ajudante se acha a cavalo tranquiliza-se o animal com afagos e com a voz.

Se, durante a operação de montar, o pôldro manifesta qualquer desconfiança, o ajudante cessa com as suas insistências e o instrutor vibra muito levemente a guia, falando ao cavalo, até que êste se tranquilize; o ajudante só recommençará a lição depois do pôldro estar calmo e sossegado.

Logo que o cavalo aceita com tranquilidade a lição de montar será conduzido à mão durante alguns passos, parando em seguida para recommençar novamente a marcha; se o cavalo se recusa a marchar, é de toda a conveniência deslocá-lo para um e outro lado.

Há toda a vantagem em dar a lição de montar dos dois lados. O cavalo de guerra deve conservar-se absolutamente inóvel ao montar e por isso é necessário ligar a esta lição uma importância capital.

### III—ADVERTÊNCIAS GERAIS SOBRE AS PRIMEIRAS LIÇÕES

a) Banir por completo os castigos porque em geral, para não dizer sempre, o pôldro não obedece por ignorância, mêdo ou alegria; acalmar continuamente, quer por meio de afagos quer falando ao cavalo constantemente;

b) Nunca montar com esporas antes do cavalo conhecer os efeitos impulsivos das pernas; uma esporada voluntária ou involuntária, dada nas primeiras lições, só pode ter maus resultados porque o pôldro não conhece os seus efeitos;

c) As primeiras lições têm apenas por fim habituar o cavalo a suportar o péso do cavaleiro e portanto não se deve exercer tracção nas

rédeas nem exigir mudanças de direcção; as exigências limitar-se hão a fazê-lo marchar montado, utilizando a sua natural tendência para a imitação, na rectaguarda de cavalos mansos e bem ensinados;

d) Se o pôldro é muito enérgico ou *congoxeiro* e depois de algumas lições de montar ainda não aceita o cavaleiro com toda a confiança, trabalha-se alguns minutos montado e à guia para ambos os lados e, logo que se reconheça que está suficientemente sossegado, tira-se o cabeção e coloca-se junto à pista atrás dum cavalo ensinado e reconhecidamente manso;

e) Se o cavalo, ainda depois de tirado o cabeção, começa a saltar, o cavaleiro firma-se bem no selim, evita exercer tracção nas rédeas e anima-o no movimento para a frente, com a chibata se preciso fôr, porque num andamento vivo os saltos são pouco de temer para um cavaleiro que esteja bem a cavalo;

f) Se o cavalo pára e salta no mesmo terreno, procura-se torcê-lo e deslocá-lo para o lado, para lhe quebrar a violência dos saltos e para o atrapalhar; o instrutor acudirá imediatamente, quer para segurar o cavalo e evitar que êle se defenda, quer para com o pingalim provocar o movimento para a frente;

g) Sempre que o animal apresente quaisquer dificuldades, que esteja em via de se defender, que se desloque para o centro do picadeiro e páre, etc., o instrutor segurá-lo há imediatamente e depois de o sossegar colocá-lo há junto da pista, na rectaguarda doutros cavalos. Só depois de algumas lições é que os cavaleiros deverão começar a opôr-se a que os pôldros descaiam para dentro empregando a vara sôbre a espádua que descaí e a rédea; nas primeiras lições será apenas o instrutor que, mais por meio de ameaças do pingalim do que por pancadas, obstará a que tal facto se dê;

h) Se os cavalos tomam o trote, não procurar meter a passo immediata e violentamente, porque o trote, além de pôr o pôldro no movimento para a frente, de lhe gastar o excesso de ardôr e de, portanto, contribuir para o tornar mais sossegado e prevenir defesas, evita o *encapotamento* que em quási todos os pôldros se manifesta quando os cavaleiros, nas primeiras lições, com a preocupação constante de os conservar a passo, começam a exercer tracção nas rédeas;

i) O pôldro tem mais facilidade para se defender a galope do que a trote, nas linhas curvas do que nas linhas rectas e por isso convém, sobretudo com os animais alegres ou *congoxeiros*, deixá-los distender primeiro a trote antes de tomar o galope. «A trote a posição do balanceiro

é fixar e um só *gesto* lhe é possível, o seu abaixamento; ora êste *gesto*, que alivia o antemão, sobrecarrega o post-mão e prejudica por consequência o movimento de entrada dos posteriores; êste será, pelo contrário, facilitado por uma elevação do balanceiro, que não é possível senão partindo duma posição baixa do pescoço. Tomando esta posição preparatória anormal ao trote, o cavalo previne o cavaleiro das suas intensões» ; <sup>1</sup>

j) Deixar distender bem o pescoço dos cavalos permitindo-lhes um franco apoio sôbre a mão;

k) Obter as diminuições de andamentos e as paragens empregando principalmente a voz e a inclinação do busto para a rectaguarda, sem puxar pelas rédeas;

l) Se o pôldro se inquieta e irrita muito, não o obrigar nas primeiras lições a paragens freqüentes e muito prolongadas;

m) Proceder com a máxima cautela por forma a evitar que o pôldro, sobretudo nas primeiras lições, se desembarace do cavaleiro e o lance a terra porque isso iria preverter o seu moral incitando-o a repetir a proeza freqüentemente.



Torres Novas (1911) — As escadas do Castelo.

<sup>1</sup> *Les allures, le cavalier* (L. de Sévy).

## CAPÍTULO XV

### OBEDIÊNCIA ÀS AJUDAS. MARCHAR; AUMENTAR OS ANDAMENTOS

#### I — IMPORTANCIA DO MOVIMENTO PARA A FRENTE

A base principal e indispensável do ensino e do emprêgo do cavalo reside na franqueza com que êle entra no movimento para a frente, porque é a obediência pronta e completa à acção impulsiva das pernas que leva o animal a aceitar as indicações das rédeas e, portanto, o coloca em condições de ser dirigido e dominado.

Toda a desobediência do cavalo tem como ponto de partida a sua recusa em entregar abertamente ao cavaleiro as suas fôrças impulsivas e por isso mais se justifica ainda a necessidade absoluta de obter a franqueza no movimento para a frente.

A prontidão ou demora com que o pôldro aceita as pernas é sempre um indício quasi seguro do seu carácter, da sua docilidade ou rebeldia e, consequentemente, duma extrema facilidade ou grande dificuldade no seu ensino e pronta utilização.

#### II — LIÇÃO DAS PERNAS E ESPORAS; NORMAS GERAIS

Uma das principais preocupações consistirá portanto, logo no principio do trabalho montado, em despertar a sensibilidade do pôldro às pernas do cavaleiro, em lhe dar o gôsto e o automatismo do movimento para a frente, isto é, em o fazer aceitar rápida e facilmente a lição das pernas.

Sobre a maneira de dar esta lição indicamos as seguintes normas gerais:

- a) Actuar com as pernas junto às cilhas, nunca muito para trás, por toques sêcos e repetidos;
- b) Preparar e auxiliar a acção das pernas com a voz e com ligeiros toques de chibata sobre a espádua;
- c) Ceder francamente a mão no momento em que as pernas actuam, para que o pôldro possa distender fãcilmente a cabeça e pescoço e entrar francamente no movimento para a frente, sem que nada se oponha a que vá bem para deante;
- d) Começar por dar esta lição provocando a princípio saídas frequentes do passo ao trote; empregar depois a acção das pernas para alargar o trote e mais tarde insistir nas saídas da paragem ao trote.

Quando estas prescrições gerais são escrupulosamente cumpridas, bastam meia dúzia de lições para pôr o pôldro em estado de sair para deante com relativa facilidade. Será então chegada a altura de pôr esporas (sem rosêtas aceradas, é claro), que o cavalo aceitará sem relutância alguma, se fôrem empregadas moderada e francamente e desde o momento que a mão do cavaleiro se não oponha ao movimento para a frente.

É muito raro que o cavalo se defenda à espora quando esteja bem confirmado na lição das pernas e aquela seja empregada com critério; mas, se tal acontecer, é indispensável que a lição da espora seja dada com o auxílio do instrutor, que colocará o cavalo à guia e que fará coincidir o toque de pingalim com o ataque das esporas dado pelo cavaleiro.

É conveniente não esquecer que tanto a perna como a espora não devem ficar coladas ao flanco e devem actuar por toques sêcos e rápidos, que cessam logo que o cavalo sai para deante; é igualmente indispensável que a espora actue junto das cilhas, nunca muito para a rectaguarda, porque isso irrita e contraí o animal em lugar de o distender.

### III — CONTACTO COM A MÃO; RÉDEAS TENSAS

É indispensável que, logo de princípio e simultaneamente com o hábito do movimento para a frente e da obediência à acção impulsiva das pernas, o pôldro se acostume a aceitar um contacto franco com a mão porque é êsse contacto que permite obter a necessária rigidez de pescoço, enquadrar o cavalo, assegurar a ligação completa dêle com o cavaleiro,



colocá-lo — enfim — dentro do corredor das ajudas, como é costume dizer-se.

Para obter tal contacto é necessário pois que o cavaleiro conserve as rédeas constantemente tensas; no principio é o cavaleiro que as deve justar, mais tarde será o cavalo que, tendo-se habituado a ir francamente para deante sob a acção das pernas do cavaleiro e não sendo contrariado pela acção da mão, irá por si próprio tornar tensas as rédeas.

No principio do ensino o contacto com a mão pode transformar-se até em apoio. «Longe de ser prejudicial em equitação corrente, o ponto de apoio é necessário, primeiro para conservar a suavidade do contacto com a impulsão, depois para enquadrar o cavalo e finalmente para o sustentar nos andamentos vivos. Êste apoio torna-se cada vez mais ligeiro, ao passo e à medida que o ensino avança, mas, no principio, deve ser bem franco <sup>1</sup>.»

<sup>1</sup> *Causeries équestres et militaires* (Charles Buthod).

## CAPÍTULO XVI

### OBEDIÊNCIA ÀS AJUDAS

#### DIMINUIR OS ANDAMENTOS; PARAR

Nas primeiras lições o cavaleiro, quer para diminuir os andamentos quer para parar, inclina o busto para a reclangarda e resiste passivamente com as mãos, colocadas muito baixas, ao mesmo tempo que fala ao animal pronunciando várias vezes e num tom suave as interjeições Ho! e Hola!; estas três acções combinadas farão dentro em pouco demorar e em seguida extinguir o andamento.

É indispensável que a acção da mão seja muito suave e que, combinando-se sempre ao princípio com a inclinação do busto e o emprêgo da voz, se limite a indicar a ordem sem modificar a posição da cabeça e pescoço e isto só se consegue quando ela actua passivamente, com muita doçura e sem repêlões.

Logo que o instrutor julga chegado o momento de começar a obter do pôldro uma ligeira obediência às ajudas, as diminuições de andamento e paragens começam a ser exigidas ainda pelo emprêgo combinado da voz com a inclinação do busto para a reclangarda, mas as mãos passarão a actuar *activamente*, não por *tracção continua*—que iria irritar o cavallo e provocar desordens—mas por *acções successivas* que produzam o escorregamento do bridão sôbre as barras e nunca sôbre a comissura dos lábios.

Importa que nas diminuições de andamento e paragens o pôldro mantenha a sua cabeça além da vertical e para isso é necessário que as acções da mão sejam *suaves, baixas e successivas*. Se as mãos do cavaleiro, embora baixas, actuam por *tracção continua*, o pôldro adquirirá dentro

em pouco o mau hábito de encapotar, que é um dos defeitos mais difíceis de corrigir; se as mãos actuam altas e a acção das rédeas passa acima do garrote, o pôldro passará a temer a mão do cavaleiro em lugar de nela ter confiança, e a manifestar a sua apreensão *despapando* e fazendo movimentos violentos de cabeça e pescoço que o predispõem para a desobediência.

Desnecessário é dizer que, tanto nas diminuições de andamento como nas paragens, as pernas do cavaleiro se devem manter fixas mas passivas.

As diminuições de andamento e paragens são um esplêndido exercício para o cavalo porque contribuem imenso para lhe ginastigar a coluna vertebral, para o equilibrar e para o confirmar na obediência às ajudas; contudo, nesta altura do desbaste, apenas se devem empregar para *controlar* a sua obediência às ajudas e não com o fim de actuar sôbre o equilíbrio do animal, e mesmo assim não se devem exigir com igual frequência a toda a qualidade de cavalos; o seu emprêgo freqüente está naturalmente indicado para os pôldros que estão sôbre as espáduas, de antemão muito sobrecarregado, bem como — pelo contrário — está contra-indicado para os que se apresentam sobre as pernas, com tendência para acuar e para os que são muito ardentes.



## CAPÍTULO XVII

### OBEDIÊNCIA ÀS AJUDAS

#### MUDAR DE DIRECÇÃO

As primeiras mudanças de direcção que se executam com o pôldro devem ser largas e obtidas empregando a rédea de abertura, porque é aquela cujos efeitos são mais rápida e facilmente compreendidos pelo cavalo e a que mais se presta para executar as voltas de grande raio, as únicas que se devem fazer nas primeiras lições de desbaste.

Para mudar de direcção para a direita, por exemplo, o cavaleiro — deslocando a mão direita para deante, para a direita e antes mais para baixo do que para cima — abre a rédea direita e faz actuar o bridão ligeira e *sucessivamente* sobre a barra direita do cavalo, durante o tempo de suspensão do anterior do mesmo lado, de modo a deslocar-lhe ligeiramente a cabeça e pescoço para esse lado, procurando que o efeito de abertura se produza apenas lateralmente, *sem actuar de deante para trás*; a rédea de abertura indica a nova direcção, a rédea oposta (reguladora) cede o suficiente, sobretudo no início da volta, para que a rédea determinante possa produzir o efeito desejado; o busio do cavaleiro inclina-se para a direita e as duas pernas empurram o cavalo para a nova direcção, por forma a evitar que se produza qualquer demora no andamento.

É necessário haver um grande acôrdo no emprêgo das duas rédeas porque, se assim não fôr e muito principalmente se a rédea determinante actuar com brutalidade e de deante para trás, o pescoço quebrar-se há pelo garrote e o pôldro, embora voltando a cabeça para o lado da rédea, continuará a seguir, resistindo, na primitiva direcção, ou antes, a descair para o lado oposto em lugar de voltar para o lado que o cavaleiro quiere.

Quando tal acontecer é preciso cessar imediatamente o efeito da rédea de abertura e evitar com o emprêgo da rédea oposta que essa flexão de pescoço se dê, continuando-se só depois a empregar intermitentemente a rédea de abertura até à obediência.

O emprêgo racional da rédea oposta assegura pois a atitude de pescoço indispensável para as mudanças de direcção; convém notar, porém, que ela é simplesmente *reguladora*, que serve apenas para limitar a acção da rédea de abertura e que, se não ceder convenientemente e a tempo, se se empregar com demasiada intensidade ou prematuramente, provoca o pôldro a resistir à volta.

À medida que o pôldro fôr mudando de direcção com mais facilidade, o grau de abertura da rédea determinante irá diminuindo pouco a pouco, até que insensivelmente se transforme numa rédea directa de opposição; o efeito desta rédea, empregado para obter as mudanças de direcção de raio curto (volta apertada), será combinado com a acção mais intensa da perna do mesmo lado.

A volta feita nestas condições, isto é, empregando o efeito lateral do lado para que se volta, além de ser uma esplêndida ginástica para a coluna vertebral do pôldro, habitua-o muito rapidamente a obedecer à acção mobilizadora da perna, a aceitar com confiança esta ajuda e é o melhor meio de obter mais tarde um completo domínio sobre o post-mão.

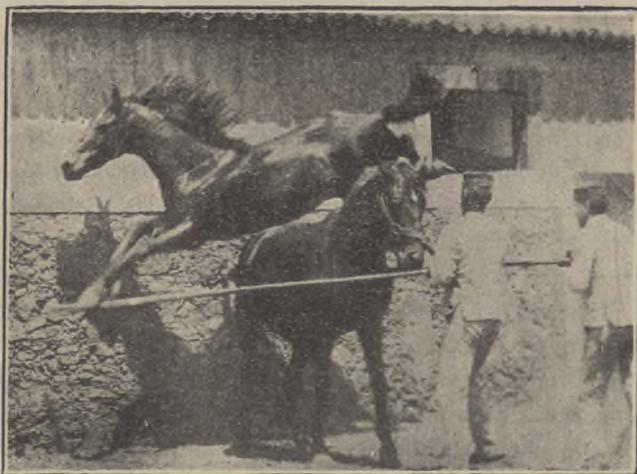
Nas primeiras lições as voltas não se farão evidentemente com grande regularidade, mas o cavaleiro não se deve preocupar com isso porque o que mais importa é fazer compreender ao pôldro a acção que resulta da tracção duma rédea e da pressão da perna do mesmo lado.

Logo que o pôldro obedece regularmente à rédea de abertura, as mudanças de direcção devem começar a fazer-se empregando a rédea contrária porque, além de ser esta a ajuda mais racional para obter as voltas em equitação de exterior, é igualmente a mais própria para o cavaleiro militar que tem que conduzir o seu cavalo com as rédeas numa só mão; é indispensável, portanto, começar a empregá-la o mais cedo possível, tanto mais que o cavalo—logo que uma vez compreenda o seu efeito—lhe obedece mais facilmente do que à rédea de abertura e o cavaleiro pode, por meio dela, dispôr muito melhor do antemão do cavalo.

No princípio, antes do pôldro conhecer o seu efeito ou sempre que êle hesite em lhe obedecer, a rédea de abertura serve de intérprete à rédea contrária, isto é, inicia-se a volta com a rédea de abertura e, logo que o animal começa a ceder, actua-se imediatamente com a rédea contrária cedendo por completo a de abertura, que se transformará portanto numa

rédea reguladora porque, se assim não fôr, a rédea contrária não poderá produzir o seu efeito. À medida que o pôldro fôr compreendendo melhor o que se quer, a intervenção inicial da rédea de abertura irá desaparecendo pouco a pouco até que se possa suprimir por completo.

Escusado será dizer que, devendo apenas exigir-se aos pôldros — sobretudo no comêço — voltas de grande raio e portanto *avançando*, a rédea contrária deverá actuar *adeante do garrote*, sem nenhum efeito de tracção e que no princípio convém utilizar principalmente as passagens dos cantos do picadeiro, onde o animal entra automaticamente, para iniciar o pôldro na obediência a esta ajuda.



E. P. de Cavalaria — O PARNELL saltando o MÔCHO

## CAPÍTULO XVIII

### TRABALHO A GALOPE

#### I — UTILIDADE DO GALOPE DURANTE O DESBASTE

Nos casos normais, isto é, com um pôldro regularmente conformado, em regular condição, com os membros em bom estado e quando se dispõe dum terreno com um piso macio e elástico, o galope deve ser empregado o mais cedo possível porque êste andamento é um esplêndido meio de favorecer o seu desenvolvimento físico, de o fortificar e ginastigar, de o distender e atirar para deante levando-o francamente sôbre a mão.

Na falta dum bom terreno é preferível continuar a ginastigar o pôldro por meio do trabalho a trote, de contrário arriscar-nos hemos a que os membros se encham de taras dentro de bem pouco tempo.

Os lances de galope, sobretudo a princípio, deverão ser muito curtos, aumentando-se pouco a pouco em harmonia com o acréscimo de vigor dos animais em desbaste.

Nos últimos períodos de desbaste convém umas vezes por outras, impulsionar os pôldros até chegar ao galope largo, mesmo até ao galope de corrida, sôbre pequenas distâncias, é claro; êstes galopes, contribuindo para os fortalecer e para o bom funcionamento do seu aparelho respiratório, dão aos animais uma grande confiança em si próprios que lhes transforma por completo a sua fisionomia, levam-nos a apoiar-se francamente sôbre a mão ao mesmo tempo que lhes fazem perder o costume de se excitar quando se tiram da cadência habitual.

## II—MODO DE OBTER O GALOPE

Durante o desbaste o galope deverá ser obtido partindo do trote em círculo.

Passar repentinamente dum andamento lento, como é o passo, a um andamento vivo, como é o galope, é uma operação complicada que exige um aumento quási instantâneo de impulsão, a que o pôldro não estará na maioria dos casos em estado de responder satisfatoriamente durante o desbaste; partindo do trote êsse aumento de impulsão é, por assim dizer, insignificante e o galope obter-se há quási sem esforço por perda de equilíbrio.

Muito embora durante o desbaste não deva haver a preocupação de colocar o pôldro num grau de obediência tal que saia infalivelmente a galope para uma determinada mão, torna-se no entanto indispensável trabalhá-lo igualmente dos dois lados para que esta ginástica seja verdadeiramente proveitosa. Ora como o cavalo, trabalhando em círculo, está na melhor colocação para poder sair a galope para a mão de dentro, visto que o bípede lateral interior, tendo menos caminho a percorrer, tem toda a facilidade em avançar sôbre o bípede lateral exterior, nós somos levados a concluir que o trabalho em círculo e a trote nos dá a possibilidade de facilmente fazermos sair o pôldro a galope para a mão que desejamos e, portanto, de ginastigar igualmente os seus dois lados.

As ajudas predominantes a empregar são a acção igual das duas pernas e a rédea de fora (contrária de opposição); as duas pernas actuando mais ou menos enèrgicamente segundo o menor ou maior grau de sensibilidade do pôldro, empurram para o galope; a rélea de fora, demorando a espádua exterior, facilita o avanço da espádua de dentro e impede o pôldro de deslocar a garupa para fora e, portanto, de sair falso ou desunido.

A acção combinada das duas pernas e da rédea de fora provoca a ruptura do equilíbrio no sentido do movimento e o cavalo, por assim dizer surpreendido, cai naturalmente no galope para a mão de dentro, sobretudo se o cavaleiro tiver o cuidado de inclinar ligeiramente o seu corpo para deante e para dentro, galopando ao mesmo tempo com o cavalo, isto é, acompanhando com o *assiette*, busto e braços o ritmo do galope e os movimentos do balanceiro cervical.

O círculo é pois o melhor meio para dar as saídas a galope durante o desbaste, prestando-se também muito a passagem dos cantos e o fim das passagens de mão; o galope deve ser exigido no momento em que o

pôldro começa a voltar porque, se êle tomar o galope no fim da volta, a garupa terá toda a facilidade em descair para fora e perdemos assim todo o benefício da posição procurada.

Não é raro vêr alguns pôldros, apesar dum certo cuidado, saírem falso ou desunidos, nas primeiras vezes que se exigem as saídas a galope; colocando-os novamente e sem precipitação a trote, acentuando mais nitidamente a acção das ajudas e insistindo com moderação nas saídas a galope, estas dificuldades em poucos dias serão vencidas, se o cavaleiro souber manter-se calmo e se não empregar a violência, a não ser que exista qualquer tara séria que faça sofrer o animal.

Como durante o desbaste o que se pretende é galopar os pôldros e não confirmá-los nas saídas a galope para ambas as mãos, desnecessário será dizer que neste período se não deve insistir muito com êste exercício.



Torres Novas (1911) — Descendo a ribeira da Atalaia



## CAPÍTULO XIX

### I — UTILIDADE DO TRABALHO À VARA

O trabalho à vara serve para familiarizar o pôldro com o cavaleiro, serve como preparatório para o trabalho montado e serve ainda para distender os músculos dum cavalo, mesmo depois de ensinado, para o desentorpecer antes de se montar.

Sob o ponto de vista militar convém não lhe atribuir uma importância extraordinariamente grande; prestará, é certo, muitos serviços com alguns cavalos, sobretudo no princípio da sua educação, será quási desnecessário com outros.

### II — MARCHA DIRECTA

Supondo o cavalo colocado junto à pista e para a mão esquerda, o cavaleiro — tendo tirado prèviamente as rédeas para baixo — segura-as pela extremidade na mão esquerda agarrando-as em seguida e com a mesma mão a um palmo da bôca do cavalo; a vara, na mão direita, é aplicada sôbre a espádua esquerda ou junto às cilhas, no lugar onde normalmente devem actuar as pernas do cavaleiro.

Se o cavalo avança logo que é tocado pela vara, deixa-se marchar alguns passos, afaga-se e pára-se seguidamente; se o cavalo fica imóvel,

aumenta-se a intensidade dos toques da vara até que êle avance; se o cavalo recua, resiste-se com a mão que segura as rédeas e continua-se a actuar com a vara até que se decida a avançar; afagar e parar ao menor sinal de obediência.

Semelhantemente para a direita.

### III — MOBILIZAÇÃO DE GARUPA

O cavaleiro colocado junto à espádua esquerda do cavalo segura as rédeas como para a marcha directa; provoca a marcha para a frente e a seguir aplica a vara atrás das cilhas, por toques ligeiros, até que o cavalo desloque a garupa da esquerda para a direita.

A mão que segura nas rédeas deve impedir o animal de se escapar para deante e, em caso de resistência à acção da vara, opõe as espáduas à garupa desviando a cabeça do cavalo para o lado de que está o cavaleiro.

Nêste movimento o cavalo deve sempre ganhar algum terreno para a frente; as espáduas descrevem também um pequeno círculo e os membros anteriores cruzam-se.

### IV — MOBILIZAÇÃO DAS ESPÁDUAS

No trabalho à mão êste exercício difficilmente pode ser executado com regularidade, nem é indispensável, para o fazer correctamente montado, qualquer preparação por meio do trabalho à vara, como acontece com a mobilização de garupa.

### V — MOBILIZAÇÃO DE GARUPA NO TRABALHO MONTADO — OBEDIÊNCIA Á ACÇÃO ISOLADA DUMA PERNA

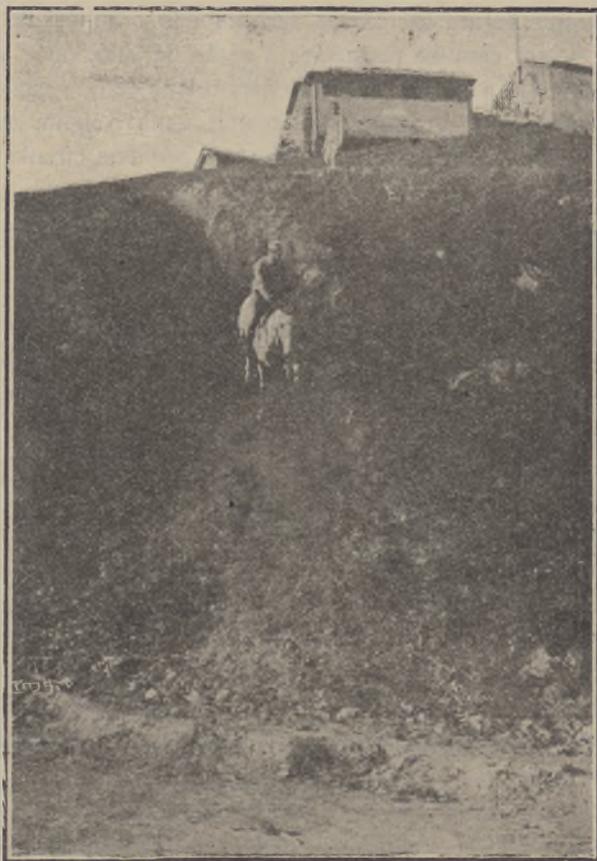
O cavalo, convenientemente preparado pelo trabalho à vara e conhecendo já bem os efeitos impulsivos das pernas, está nas melhores condições para receber esta lição, que constitui uma ginástica muito útil para o pôldro obrigando os posteriores a cruzarem-se e dando mobilidade ao post-mão.

O melhor meio de dar esta lição no trabalho montado consiste em aproveitar as passagens de mão em diagonal. Trabalhando para a direita, por exemplo, executa-se a passagem de mão e logo que se chega ao canto do picadeiro emprega-se a rédea esquerda e a perna do mesmo lado; êste

efeito lateral muito acentuado lança a garupa para a direita, isto é, o cavalo — *avançando sempre* — cede ao efeito da perna esquerda.

Repete-se o movimento para o outro lado e assim se consegue deslocar a garupa em relação às espáduas, sem parar e sem que os bolêtos se choquem. Em caso de resistência à perna acentua-se a acção da rédea do mesmo lado.

Para dar esta lição podem e devem ainda aproveitar-se as voltas e meias-voltas e mais tarde as rotações inversas, tendo o cuidado de permitir que o ante-mão descreva um círculo de modo que o cavalo nunca deixe de avançar, e de graduar as exigências de forma a evitar que os curvilhões e bolêtos se choquem.



Torres Novas (1911)—Ten.<sup>te</sup> Júlio de Oliveira no ADAMASTOR

## CAPÍTULO XX

### TRABALHO EXTERIOR

#### **I — SUAS VANTAGENS — QUANDO DEVE COMEÇAR**

Para que o ensino do pôldro de 4 anos possa progredir é preciso dar consistência aos seus músculos, à sua constituição o tempo de se desenvolver, à sua saúde o tempo de se fortificar.

A necessidade do trabalho exterior é evidente porque o exercício moderado ao ar livre é por excelência o elemento que melhor e mais de pressa permite o desenvolvimento do organismo do pôldro e, portanto, há sempre toda a vantagem em o trabalhar fora do picadeiro, logo que êle aceita com confiança o cavaleiro, que vai para diante à acção das pernas e que volta para os dois lados.

Os passeios bem dirigidos fortificam o pôldro, *encostam-no* rapidamente, endireitam-no com facilidade e trazem ainda a enormíssima vantagem de com êles se obter facilmente calma, pela simples razão de que os cavaleiros são sempre menos exigentes no exterior do que dentro do picadeiro.

#### **II — COMO DEVE SER ALTERNADO COM O TRABALHO DE PICADEIRO**

Para que, porém, possa produzir todos os resultados desejados, o trabalho exterior deve ser dirigido com o maior cuidado e inteligentemente alternado com o trabalho de picadeiro.

Como princípio, logo que os pôldros estejam em estado de sair para

fora sem risco de acidentes, durante o desbaste deve-se dar preferência ao trabalho exterior, fazendo dois ou três passeios por semana.

Evidentemente que se não podem estabelecer regras absolutas sobre a forma de conjugar este trabalho.

A atitude e o estado geral dos pôldros é que deverão indicar o caminho a seguir: com os pôldros fracos, com os que se apresentam de cabeça muito levantada e estão sobre as pernas deve-se de preferência trabalhar no exterior; com os que estão sobre as espáduas trabalhar-se há com maior assiduidade dentro do picadeiro.

### III — PROGRESSÃO A SEGUIR — ANDAMENTOS A EMPREGAR

A progressão a seguir no trabalho exterior deve proceder do fácil para o difícil, proporcionando gradualmente os esforços pedidos ao estado geral dos pôldros e as acções do cavaleiro às dificuldades que pode encontrar na obediência do cavalo, não se esquecendo que neste período — e sobretudo no trabalho exterior — se devem fazer todas as concessões que não possam trazer conseqüências desastrosas para o desenvolvimento físico e carácter dos pôldros.

O cavaleiro deve usar da máxima prudência e serenidade com os sustos próprios da idade do pôldro e da falta de hábito dos objectos exteriores, sendo de toda a conveniência fazê-los acompanhar, a princípio, por um cavalo bem ensinado, manso e nada medrôso.

Sobre as estradas deve-se alternar principalmente o passo e o trote. Nos primeiros passeios os tempos de trote serão de curta duração e apenas o suficiente para sossegar os pôldros, sendo até preferível que esta tranqüilidade seja obtida, nos primeiros dias, mexendo-os previamente no picadeiro; pouco a pouco os tempos de trote irão aumentando em número e extensão, tendo no entanto o cuidado de os separar sempre por um tempo de passo de, pelo menos, dez minutos, afim de que os animais tenham tempo de normalizar a respiração.

O trabalho a trote, além de concorrer para levar os pôldros sobre a mão muito rapidamente, produz os melhores efeitos sobre o sistema muscular contribuindo largamente para lhes fazer perder a gordura.

O galope, que tem principalmente em vista o desenvolvimento do sistema respiratório, só deve empregar-se sobre um terreno muito bom, procurando-se sempre as bermas das estradas quando se não dispõe dum campo com um piso macio; sobre um solo mau, muito duro ou mole de

mais, não se deve galopar porque se tara infalivelmente o pôldro e se arruina prematuramente.

À medida que o desbaste fôr progredindo ir-se hão aumentando as dificuldades procurando terrenos mais acidentados; os passeios a passo por maus caminhos, deixando o cavalo completamente à vontade, dão óptimos resultados porque com êles o pôldro aprende por si a sair de dificuldades e adquire iniciativa.

«O trabalho a passo *em descidas* é um excelente exercício ginástico para o cavalo. Como princípio de ensino emprega-se útilmente para provocar a entrada do post-mão do pôldro, com o fim de restabelecer antes de tudo o equilíbrio natural destruído no cavalo montado pela sobrecarga do ante-mão. O trabalho a passo nas descidas, com paragens freqüentes e prolongadas, obriga o cavalo a entrar com o seu post-mão. O aligeiramento do ante-mão é assim obtido sem a intervenção de ajudas ainda desconhecidas, pondo simplesmente o instinto de conservação ao serviço do ensino. As paragens freqüentes em descidas cada vez mais ásperas obrigam o cavalo a fazer esforço numa posição cada vez mais avançada do seu post-mão». <sup>1</sup>

Mais tarde, no fim do desbaste, procurar-se há terreno variado e marchar-se há através do campo, habituando muito progressivamente o pôldro a passar os obstáculos naturais que mais freqüentemente se encontram.

#### IV — ESTADO GERAL DO POLDRO

A colocação em condição de qualquer cavalo, seja para o que fôr, compreende sempre, além do trabalho, um certo número de cuidados com os seus membros, alimentação, etc. É indispensável, pois, examinar diariamente e com toda a atenção os membros dos pôldros em desbaste afim de acudir a tempo aos acidentes mais vulgares (ovas, sobrecanas, alifafes, engorgitamentos dos tendões e bolêtos) e de evitar que posterior e prematuramente venham a arruinar-se.

O apetite e aspecto dos pôldros deverá merecer também idêntica atenção porque são os melhores indícios do seu estado geral. Nêste período as soluções de sulfato de soda na água destinada à bebida dão magníficos efeitos para regular a função intestinal; assim como é conveniente diminuir a quantidade de água e de palha para os pôldros de grande ventre,

<sup>1</sup> *Assiette, allures et réactions* (L. de Sévy).

é vantajoso empregar palhadas e água com farinha para os animais de constituição mais fraca.

### V—OBJECTIVOS ATINGIDOS

Se o trabalho exterior tiver sido inteligentemente conduzido e alternado com o trabalho de picadeiro, no fim do desbaste o pôdro deve ter perdido a gordura, deve estar regularmente musculado, com algum pulmão, habituado aos objectos e movimentos do exterior, com os andamentos regulares, preparado, enfim, para suportar os esforços do ensino própria mente dito.

Nenhum dos objectivos do trabalho exterior deve colocar-se em segundo plano porque todos têm a mesma importância: fortificar o pôdro, habituá-lo ao exterior e regular-lhe os andamentos.



Torres Novas (1915) — Asp.<sup>te</sup> L. Figueiredo no AREOSA

## CAPÍTULO XXI

### SALTO E PASSAGEM DE OBSTÁCULOS

Há toda a vantagem em iniciar durante o desbaste a ginástica do salto e passagem de obstáculos diversos. É indispensável, todavia, não só não exigir ao pôldro qualquer esforço exagerado, nunca atingir o limite das suas fôrças, como ainda é necessário preocupar-se em obter apenas franqueza e alguma destreza.

É, principalmente, por um trabalho bem orientado, paciente e calmo, sôbre obstáculos de pequenas dimensões, que as faculdades do pôldro se desenvolvem, que êle adquire franqueza e destreza, e por isso a brutalidade deve ser completamente banida.

No capítulo XLII são indicados os diferentes processos para ensinar o cavalo a saltar — em liberdade, à guia e montado — bem como a progressão a seguir nêste trabalho.

Nos últimos períodos do desbaste e durante o trabalho exterior procurar-se há terreno variado, habituando progressivamente o pôldro a passar, primeiramente conduzido à mão e depois montado, todos os obstáculos naturais que mais vulgarmente se encontram, sébes, fossos, muros de pedra sôlta, pequenas banquetas, subidas e descidas, etc.

A passagem de obstáculos à mão não deve ser apenas considerada como um meio para chegar ao trabalho montado; para o cavalo do exército é um processo que é necessário cultivar visto que o cavaleiro isolado muitas vezes a êle terá que recorrer na presença duma passagem difícil.

## CAPÍTULO XXII

### **I—VANTAGEM EM DEMORAR O TRABALHO EM BRIDÃO**

Enquanto o pôldro se não *encosta* francamente e aceita sem hesitações o contacto com a mão, há toda a vantagem em o trabalhar só em bridão porque, sendo esta embocadura muito mais suave do que o freio e, portanto, muito mais própria para inspirar confiança, as lutas são menos freqüentes e aquelas que não se podem evitar têm menos inconvenientes.

O pôldro tem, na maioria dos casos, necessidade de ser levantado de deante; se se põe o freio antes de tempo, predispôr-se há para encopotar e lutar contra a mão, vícios que exigem muito tempo e trabalho para serem devidamente corrigidos.

### **II—TRABALHO COM FREIO —PRINCÍPIOS GERAIS**

Logo que o pôldro aceita o apoio do bridão com confiança e se mantém *encostado* marchando francamente nos três andamentos e executando fãcilmente as mudanças de direcção, poder-se há colocar o freio; convém mesmo fazê-lo nesta altura afim de evitar que êle comece a querer forçar a mão.

Se tem sempre uma importância capital a forma como o cavalo está enfreado, nesta altura do ensino é um ponto sôbre o qual a atenção do instrutor não pode deixar de se exercer continuamente. Dever-se há escolher um freio suave, isto é, de *cainbas* curtas, bocado grosso e montada

baixa, e colocar-se há na bôca mais alto do que baixo e no princípio sempre sem barbela.

### III — PROGRESSÃO PARA FAZER ACEITAR O FREIO

- a) Trabalhar durante alguns dias com um freio suave e sem barbela;
- b) Colocar depois a barbela bastante larga e fazer movimentos simples actuando juntamente com o freio e bridão;
- c) Depois, trabalhando a passo e trote curto, começar a governar com o freio, executando os exercícios que mais familiares são ao cavalo e que êste executa sem dificuldade;
- d) Mais tarde podem então exigir-se só com o freio todos os exercícios.

No comêço da instrução é de toda a conveniência só actuar com o freio quando o cavalo estiver sossegado e bem sôbre a mão; e mesmo depois é vantajoso de vez em quando apoiar o cavalo no bridão, nos andamentos largos e estendidos, afim de lhe dar a confiança que êle possa ter perdido no comêço do trabalho com freio.

## CAPÍTULO XXIII

### ACENTUAR A OBEDIÊNCIA ÀS AJUDAS

Muito embora durante o período do desbaste o cavaleiro deva fazer ao pôldro todas aquelas concessões próprias da sua tenra idade, que não possam produzir desagradáveis conseqüências para o seu desenvolvimento físico e carácter, no entanto é indispensável obter e confirmar a necessária obediência às ajudas mais elementares nos movimentos simples de marchar, aumentar e diminuir os andamentos, parar e mudar de direcção.

A energia, a violência mesmo, são magníficas qualidades que em certos casos constituem imperiosos deveres no ensino, principalmente com animais viciados, mas durante o desbaste a vontade do cavaleiro, feita sobretudo de paciência, de perseverança e também de firmeza, procurará principalmente obter e acentuar a obediência pela *repetição constante* dos mesmos exercícios empregando as mesmas ajudas; é a única forma de, sem perigo de lutas freqüentes e prejudiciais para o pôldro, que não compreende ainda bem a linguagem das ajudas, que não está na posse dos seus reflexos, conseguir que novos reflexos se formem gradualmente nos seus centros nervosos, que a obediência se torne cada vez menos hesitante, cada vez mais automática.

Esta obediência conseguir-se há principalmente nas lições de pica-deiro; no entanto, nas sessões de trabalho exterior, ao mesmo tempo que se irá conseguindo progressivamente a colocação em condição do pôldro em desbaste, poder-se há e dever-se há conjuntamente trabalhar e aperfeiçoar a obediência à acção simultânea das duas pernas, aproveitando os movimentos de passar da paragem ao passo e ao trote, do passo ao trote, alargar o passo e o trote, bem como a obediência à acção simultânea das duas rédeas nos movimentos de passar do trote ao passo e à paragem, encurtar o trote e o passo.

O trabalho sôbre estrada é talvez mesmo o melhor para dar ao poldro o automatismo do movimento para a frente, a obediência à acção impulsiva das pernas, para lhe dar a noção da linha recta, para o esquadrear, para o levar sôbre a mão.

Nas sessões de picadeiro que, como regra geral, devem ser curtas e não ir além de três por semana, aperfeiçoar-se há pouco a pouco a submissão às ajudas, primeiro no trabalho simples em bridão e depois com freio, insistindo principalmente com: *a)* voltas, meias voltas e linha quebrada obtidas com a rédea de abertura; *b)* os mesmos movimentos obtidos com a rédea contrária; *c)* mobilização de garupa a passo e trote obtida pela acção predominante da perna de dentro e rédea do mesmo lado, nas passagens dos cantos, círculos e meias voltas invertidas; *d)* saídas a galope na entrada dos cantos ou voltas e mais tarde em linha recta, pela acção predominante da ajuda lateral do lado de fora; *e)* alargar e encurtar os andamentos em linhas rectas.

A linha quebrada ou marcha em zigue-zagues a trote, actuando o cavaleiro constantemente com as pernas, é um magnifico exercício para levar o poldro a estender o pescoço e a apoiar-se na mão. Quando se trabalha com freio é conveniente de vez em quando pôr o cavalo sôbre o bridão, a trote ou galope largo, afim de lhe fazer retomar a confiança que êle possa ter perdido em consequência de qualquer exigência com o freio.



França (1918) — Pelotão de estafetas do C. E. P. — *Ao galope*

## CAPÍTULO XXIV

### TRABALHO MILITAR

#### PREPARAÇÃO DO POLDRO PARA O SEU EMPRÊGO EM CASO DE MOBILIZAÇÃO

A preparação do poldro para o seu emprêgo em caso extraordinário de mobilização compreende: o pô-lo em condição por meio dum trabalho metódico e progressivo, sobretudo no exterior, dando-lhe uma alimentação substancial; a educação sumária às ajudas mais elementares por forma a obter uma obediência fácil e calma nos movimentos simples de marchar, parar e voltar para qualquer lado; o colocá-lo em estado de, no fim do desbaste, ao completar 5 anos, poder ser incorporado no esquadrão em caso de força maior e de, portanto, estar alguma coisa familiarizado com o trabalho em grupo e com armas.

Nos capítulos anteriores tratou-se das duas primeiras partes desta preparação, isto é, viu-se como se ensinavam os primeiros elementos da obediência ao cavaleiro e como se deve graduar o trabalho, quer de pica-deiro quer de exterior, para pôr o poldro em condição de poder suportar sem grande fadiga um trabalho não muito violento.

Resta tratar do trabalho em grupo e com armas, trabalho essencialmente militar, que durante o desbaste deve ser iniciado, que terá o maior

desenvolvimento e será completado durante o ensino pròpriamente dito, porque a utilização do poldro de 5 anos em serviço só deve ser um caso verdadeiramente accidental provocado por uma mobilização.

### I — TRABALHO EM GRUPO

Logo que os pôldros estejam confirmados na obediência às ajudas mais elementares e que se mantenham com uma certa regularidade e muita calma nos três andamentos, poder-se há, umas vezes por outras e no trabalho exterior, reuni-los em pequenos grupos para os habituar à pressão da fileira, a sair e a entrar nela com facilidade, a executar movimentos simples em conjunto.

### II — TRABALHO COM ARMAS

O trabalho preparatório à mão e o trabalho montado devem já ter habituado o cavalo a vêr a chibata sem irritação e a suportar sem mêdo os movimentos dos braços do cavaleiro e a deslocação dêste no selim, quer como ajuda quer nos movimentos de montar e apear.



França (1918) — Uma fracção do E. Remonta do C. E. P.

O hábito do emprêgo das armas obtém-se ràpidamente, se o instrutor souber pròceder com prudência e método.

A) *Espada* — Os cavaleiros durante algumas lições pegarão na fôlha ou bainha da espada com a mão direita, exactamente como na chibata, e executarão alguns movimentos com ela até que o pôldro fique tranquïlo e os suporte sem se assustar.

Seguidamente e para os habituar ao seu contacto, o cavaleiro prende a espada ao cinturão (na primeira ou primeiras lições), porque assim há

toda a facilidade em a afastar do cavalo quando êste se assuste e em evitar defesas resultantes dum contacto muito prolongado.

Com os cavalos medrosos ou muito ardentes poderá até levar-se a espada na mão, sem estar presa no cinturão, o que dá toda a facilidade para interromper ou cessar o contacto dela com o cavalo quando a excitação dêste o torne necessário; depois a espada é suspensa no porta-espada e logo que o cavalo está habituado executam-se todos os movimentos até obter uma indiferença completa.

A primeira lição deve ser dada no meio ou no fim do trabalho, quando a sensibilidade do pôldro já estiver um pouco embotada.



Alcobaça (1920) — Esquadrão de instrução de Cavalaria 4

Os movimentos de desembainhar e embainhar espadas — exactamente aqueles com que é mais preciso insistir — serão feitos primeiro isoladamente e só mais tarde em conjunto; todos os movimentos deverão ser feitos primeiro com o cavalo parado e depois marchando.

Só em caso de grandes dificuldades se empregará o trabalho à guia para habituar o cavalo ao contacto com a espada.

B) *Lança* — Os cavaleiros serão ajudados por homens a pé que nas primeiras lições lhes segurarão as lanças junto dos cavalos, depois dos cavaleiros montarem ou apearem.

Progressivamente repetem-se os movimentos próprios desta arma, trabalhando para ambas as mãos e executando-os primeiro parado e depois em andamento.

Logo que os pôldros se mostrem completamente tranqüilos aplicam-se às lanças as bandeirolas e segue-se a mesma progressão.

C) *Fogo* — Para habituar os cavalos aos tiros podem empregar-se vários sistemas. O que, porém, parece oferecer mais garantias em vista da sua simplicidade e do grande número de cavalos que ao mesmo tempo podem receber esta lição, consiste em dar alguns tiros isolados e depois dentro das cavalariças, quando os animais estejam a comer a ração.

À medida que os cavalos se forem habituando às detonações isoladas vão-se aumentando as cargas bem como o número de tiros dados ao mesmo tempo.

Enfim, qualquer que seja o sistema empregado, é necessário evitar lutas começando primeiramente por dar tiros a distância, que se irá reduzindo pouco a pouco até se chegar a fazer fogo a cavalo. Nunca se deve insistir brutalmente com os primeiros e naturais sustos do pôldro, todas as precauções são indispensáveis.

## CAPÍTULO XXV

### CONCLUSÃO

#### I—OBJECTIVOS ATINGIDOS

Seguindo uma progressão lenta e lógica, o pôldro de 4 anos, depois de ter dado entrada no regimento, será durante o primeiro ano sucessivamente aclimatado, domesticado, habituado ao trabalho à guia, ao pêso do cavaleiro, aos objectos exteriores, aprenderá a obediência às ajudas elementares, o seu organismo fortificar-se há por forma a atingir um grau de robustez e de condição que o prepare para o ensino e que lhe permita produzir sem esforço qualquer trabalho moderado e a sua utilização militar num caso de urgente necessidade.

#### II—ESTADO DO CAVALO NO FIM DO DEBASTE

No fim do debaste o cavalo deve estar sossegado dentro do pica-deiro e franco no trabalho exterior; deve conhecer bem os efeitos impulsivos e mobilizadores das pernas do cavaleiro e as acções simples das rédeas, sair a galope para ambas as mãos partindo do trote; deve já estar um pouco equilibrado e ter impulsão, o que se verifica facilmente se êle se *encosta* sem pesar na mão; os seus andamentos serão fáceis e regulares, poderá alargar o passo sem choutear e o trote sem desunir; deve ter algum pulmão, poder sustentar o galope durante alguns minutos e estar iniciado no trabalho em grupo e com armas.

Quando êstes requisitos forem satisfeitos o cavalo de 5 anos estará moral e fisicamente em estado de poder suportar a violenta ginástica do

ensino pròpriamente dito e em condições de poder ser utilizado num caso de mobilização acidental, num serviço que não seja demasiadamente violento.

Pretender mais do que isto num cavalo de remonta desta idade é, na grande maioria dos casos, arruinar prematuramente o animal, contrariar o seu progressivo desenvolvimento fisiológico, reduzir estúpidamente o número de anos de serviço que o cavalo pode posteriormente prestar.



Espanha — Concurso hípico de Valência (1910) — Ten. <sup>te</sup> Silveira Ramos no "Sweet"



III PARTE

ENSINO PROPRIAMENTE DITO





França (1918) — Pelotão de estafetas do C. E. P. — *Ao trote.*

## CAPÍTULO XXVI

### PRINCÍPIOS GERAIS—FINS A ATINGIR

O ensino pròpriamente dito deve ir normalmente dos 5 aos 6 anos e só deverá ser iniciado quando o cavalo, fortificado e desenvolvido por um desbaste consciencioso, esteja em condições de suportar a ginástica violenta indispensável para o tornar maneável.

A equitação militar tem como ponto de partida a colocação do cavalo em condição e, portanto, nos seus métodos de ensino o trabalho exterior deverá constituir a parte essencial, pois é no exterior que principalmente se desenvolvem as suas forças físicas e a sua iniciativa.

O trabalho ginástico de picadeiro, na equitação militar, não tem por fim senão preparar o animal para a sua utilização no exterior, deixando-o sempre no equilíbrio e na atitude mais próprias para os andamentos largos; é por isso que as sessões de picadeiro, de trabalho ginástico tendentes a submeter e equilibrar o cavalo, deverão ser curtas e pouco freqüentes.

Os métodos de ensino que têm em vista atingir a submissão completa do animal, que o trabalham no equilíbrio especial de picadeiro, que exigem da sua parte uma concentração permanente obtida à custa do em-prêgo constante da espora, não são os mais próprios para a equitação militar.

O cavalo exclusiva ou demasiadamente trabalhado em picadeiro,

habituaado a manter-se permanentemente num equilíbrio artificial (o equilíbrio sôbre as pernas) será um mau cavalo no exterior, pouco manejável e agradável nos andamentos largos e estendidos, enquanto um trabalho especial o não habituar ao equilíbrio horizontal, que é o equilíbrio necessário e indispensável para o cavalo militar.

Portanto durante o ensino, exactamente como durante o desbaste, o trabalho exterior deverá ser inteligentemente alternado com o trabalho de picadeiro, considerando-se êste apenas como um *meio* e aquele como um *fim*.

A base dum ensino metódico reside essencialmente numa progressão muito graduada, tendo em atenção as enormes diferenças que existem de indivíduo para indivíduo, derivadas da diversidade de temperamento, conformação, sensibilidade e disposição para o trabalho.

Os objectivos a atingir durante esta fase da educação do cavalo, isto é, durante o ensino prôpriamente dito são pois: completar o conhecimento das ajudas, obter a fácil e pronta submissão do cavalo a breves indicações do cavaleiro, ao mesmo tempo que alcançar o perfeito ritmo dos andamentos, o desembaraço e franqueza sôbre todos os terrenos e obstáculos naturais, de modo a colocar o animal em estado de, ao completar 6 anos, estar em condições de satisfazer completamente a todas as exigências do serviço militar.

## CAPÍTULO XXVII

### FLEXÕES

#### I — GENERALIDADES

*Flexão directa* é a concessão feita pela nuca e a descontração da maxila inferior ficando o freio solto na bôca, concessão e descontração provocadas pela acção das duas pernas determinando impulsão, combinada com a acção simétrica das rédeas do freio que se fixam sem exercerem tracção para a rectaguarda.

*Flexão lateral* é a flexão directa dada com a cabeça ligeiramente voltada para o lado, na extremidade do pescoço, e obtida pelo efeito das pernas e acção mais intensa numa das rédeas.

Como se viu na primeira parte, a elasticidade da nuca e da maxila é indispensável para que, servindo de órgãos de amortecimento e de agentes intermediários entre o freio e a impulsão, permita que as rédeas dominem e regulem com efeitos delicados a distribuição do pêso da massa e a propulsão.

As flexões são, portanto, um precioso elemento de ensino de que o cavaleiro se deve utilizar para melhor dominar e equilibrar o cavalo. A flexão directa serve para pôr o cavalo na mão nas marchas directas, a flexão lateral serve para pôr o cavalo na mão nas mudanças de direcção, ladear, etc.

#### II — TRABALHO PRE- PARATÓRIO Á VARA

As flexões a pé não devem exigir-se senão muito excepcionalmente; no entanto por vezes há necessidade de ensinar à mão os primeiros ele-

mentos da ginástica que tem por fim obter a mobilidade da maxila inferior.

A) *Flexão directa*—Supondo o cavalo com as rédeas para cima, junto à pista e para a esquerda, o cavaleiro coloca-se voltado para a espádua do mesmo lado, com a chibata na mão direita e com as rédeas na esquerda, as do bridão por cima e as do freio por baixo, entre a cabeça e o pescoço do cavalo, premindo-as a todas com o polegar.

Provocada a marcha para a frente com a voz e com a chibata, se preciso fôr, logo que o cavalo entra no movimento para deante a mão esquerda oferece com as rédeas do freio uma rápida e ligeira resistência, sob a acção da qual a nuca deverá ceder, a cabeça aproximar-se há da vertical e a bôca abrir-se há. Recompensando êste primeiro sinal de obediência pelo abrandamento da acção do freio e deixando distender um pouco o pescoço, recomeça-se novamente, e por várias vezes, a mesma exigência até que a cedência seja completa e o cavalo acabe por soltar o freio na bôca.

Se o animal, em lugar de ceder, baixa a cabeça ou encapota, a mão esquerda actuará com o bridão de modo a levantar-lhe a cabeça; se o cavalo despapa, actua-se com o freio e determina-se maior impulsão; se o animal se apoia, joga-se com a mão esquerda de modo a empregar alternadamente o freio e o bridão; se manifesta acüamento, cede-se a mão e determina-se maior impulsão com a voz e chibata.

B) *Flexão lateral*—Obedece aos mesmos princípios que a flexão directa. Só no trabalho montado pode exigir-se com correcção, no entanto o trabalho à vara pode empregar-se como preparatório.

Obtém-se a flexão directa e seguidamente actua-se com mais intensidade numa das rédeas do freio, de modo a deslocar a cabeça para o lado e de forma que o pescoço tome uma parte mínima na flexão.

### III—TRABALHO MONTADO

A) *Flexão directa*—Êste exercício é exigido no trabalho montado sêguindo os mesmos princípios do trabalho à mão, mas a acção das pernas, precedendo sempre a das mãos, determina o cavalo a tomar um contacto mais acentuado com a mão que, fixando-se, produz a descontracção da maxila, em seguida ao que o cavaleiro abranda imediatamente a tensão nas rédeas.

Muitos cavalos, principalmente os que são muito brandos ou dema-

siadamente enérgicos, que se apoiam fortemente na mão, têm grande dificuldade em dar a flexão directa.

«Quando um objecto impressiona a sensibilidade pelo seu contacto, esta impressão é muito mais forte no momento em que o contacto se produz ou cessa do que enquanto êle dura; conhecendo êste princípio é fácil ao cavaleiro vencer esta dificuldade, ou aumentando a intensidade da pressão das pernas ou esporas, ou fazendo cessar o contacto cedendo repentinamente a mão, para a retomar de novo; de cada vez que o cavalo encontra o freio êste impressiona-lhe a bôca». <sup>1</sup>

Com os cavalos que conservam na sua maxila uma rigidez anormal o princípio mais seguro para obter a flexão directa é *dividir os apoios*.

«Dividir os apoios é romper a simetria normal do apoio do freio, relaxando uma ou mais rédeas ao passo que se apertam os dedos sôbre as outras. O cavaleiro utiliza sucessivamente estas diferentes combinações de rédeas por acções mais ou menos próximas: *ceder e tomar, sciar com o bridão, alternar freio e bridão*. Estas diversas acções tendem a enganar as resistências mudando constantemente o seu ponto de apoio e a reduzir a contracção dos músculos pela sua mobilização incessante.

Segundo o género de resistência oposta pelo cavalo, as meias-para-gens ou as vibrações executadas sôbre uma ou mais rédeas da combinação em jôgo, produzirão cedo ou tarde a descontração da maxila.» (Blaque-Belair.)

O cavalo não deve ser mantido muito tempo em flexão directa porque isso concorre para o pôr atrás da mão; apenas a cabeça, flexionada pela nuca, deve manter-se colocada em boa posição, um pouco além da vertical. A flexão não deve ser exigida com o pescoço estendido e baixo porque esta posição é própria dos andamentos largos, que exigem que o cavalo vá sempre bem apoiado sôbre a mão.

B) *Flexão lateral*.—Esta flexão obtém-se segundo os mesmos princípios que a flexão directa.

Para obter a flexão para a direita, por exemplo, dada a impulsão com as pernas e assegurada a colocação da cabeça e pescoço, marca-se uma resistência na rédea direita que obrigará a cabeça a voltar-se pela nuca para êste lado; a rédea esquerda actua de modo a limitar-lhe o movimento e a concorrer com a rédea direita para obter a descontração da maxila.

A flexão lateral pode ser obtida empregando uma rédea directa de

<sup>1</sup> *Dressage et emploi du cheval de selle* (Lieutenant de Saint-Phalle).

oposição ou uma rédea contrária de oposição; a flexão lateral com rédea directa tem aplicação nas mudanças de direcção, ladear, etc., isto é, sempre que se pretende sobrecarregar ligeiramente o lado para que se desloca; a flexão lateral com rédea contrária utiliza-se nos trabalhos de concentração e sempre que se pretende sobrecarregar a espádua contrária.

#### IV — OBSERVAÇÕES

a) As flexões só poderão ser exigidas quando o cavalo está absolutamente familiarizado com o freio e aceita francamente o seu contacto; na sua execução é indispensável prevenir qualquer falta de impulsão e deve evitar-se recompensar o cavalo passando a um andamento inferior, antes pelo contrário se deverá ceder a mão e afagar alargando o andamento.

b) Nunca se deve demorar o andamento quando se exigem as flexões, são as pernas que empurram o cavalo para diante e êste, encontrando a resistência do freio, dá a flexão.

c) Servindo principalmente o bridão para levantar e apoiar o cavalo, não se devem exigir as flexões sobre as duas rédeas simultaneamente, pelo contrário deverão pedir-se com o predomínio duma só rédea de bridão, exactamente o inverso do que se deve dar com o freio, em que a flexão será pedida sobre as duas rédeas ao mesmo tempo.

d) As flexões devem ser exigidas com o pescoço relativamente elevado (segundo a conformação do cavalo) porque só assim podem contribuir para melhor equilibrar o animal; exigidas com o pescoço baixo iriam provocar a flexão pelo garrote — e não pela nuca — e sobrecarregar mais os membros anteriores, agravando portanto um mal que se pretende corrigir.

e) O ideal será obter a cabeça móvel na extremidade dum pescoço rígido, porque só assim será possível a transmissão rápida e suave de ligeiras indicações da mão do cavaleiro.

## CAPÍTULO XXVIII

### PÔR NA MÃO

Pôr o cavalo na mão é obter a mobilidade momentânea da sua maxila. O cavalo só está realmente na mão quando dê as flexões directa e lateral em qualquer movimento ou andamento, isto é, quando o seu grau de equilíbrio e obediência sejam tais que permitam dizer-se que está relativamente ligeiro; a ligeireza que comporta o estar na mão é mais alguma coisa do que a simples mobilidade local da maxila, é uma prova do estado geral do cavalo, do seu bom equilíbrio e da sua fácil obediência.

«A mobilidade regulada da maxila inferior, fácil de obter no trabalho à mão, é difícil ou pelo menos morosa de conseguir no trabalho montado, porque o pêso do cavaleiro produz uma grande perturbação no equilíbrio do animal, muito mais pelas contracções musculares provocadas no organismo do que pelo deslocamento do centro de gravidade, embora êste deslocamento ocasione por si só um certo desarranjo no funcionamento do aparelho locomotor. Só à medida que fôr adquirindo elasticidade sob o pêso do cavaleiro a sua maxila se irá tornando móvel e por isso se pode dizer que o estar na mão é uma prova do restabelecimento da harmonia natural das fôrças do cavalo, ao mesmo tempo que é a sua consequência.» (A. Gerhardt).

O pôr na mão começa por obter-se a passo, depois a trote e a galope; primeiro a direito e depois nas mudanças de direcção e mais tarde no trabalho de duas pistas.

Não se deve exigir que o cavalo esteja continuamente na mão porque êsse estado demanda uma grande tensão muscular e pode contribuir para pôr o cavalo atrás da mão. Põe-se repetidas vezes na mão nos andamentos curtos e nos trabalhos de concentração; à proporção que os anda-

mentos alargam o animal vai-se distendendo e o apoio sôbre a mão deverá ir aumentando, porque a mobilidade de maxila e a grande elevação do pescoço e cabeça são desfavoráveis à velocidade.

A maior parte dos cavalos conservam uma certa rigidez de maxila, a despeitô do seu organismo possuir uma relativa flexibilidade geral que lhes permite executar com relativa facilidade todos os exercícios de baixa escola; para o cavalo de fileira isso basta.



TARIK — 1/2 s. a. (coudelaria Palha Blanco).

## CAPÍTULO XXIX

### TRABALHO NOS TRÊS ANDAMENTOS

No ensino alternar-se hão inteligentemente os 3 andamentos porque é da sua freqüente e metódica combinação que resulta o rápido desenvolvimento físico do animal, bem como a sua submissão e equilíbrio. Não se dão exclusivamente lições de passo, trote ou galope, empregam-se conjuntamente os 3 andamentos, alternando-os com freqüência, porque todos êles são úteis para ginastificar o cavalo.

Isto de modo algum quer dizer que se não deva insistir sôbre aquêle em que o animal mais deixa a desejar, como também não significa que seja possível obter uma boa attitude e fazer um trabalho correcto a trote ou a galope antes de o ter conseguido a passo.

A boa attitude de cabeça e pescoço — factor indispensável para bem equilibrar o animal e uma prova do seu bom equilíbrio — só pode ser obtida muito gradualmente e não pode ser a mesma para todos os cavalos porque depende essencialmente da sua conformação. No ensino não se pode nem deve pretender atingir o mesmo grau de perfeição com todos os animais; exigir violentamente esforços que êles não podem dar ou attitudes contrárias à sua conformação só servirá para provocar defesas e arruinar.

Uma das principais preocupações do trabalho deve ser a de conseguir uma grande regularidade de andamentos, isto é, andamentos cadenciados e calmos, sem que o cavalo *pése* ou *force* a mão, porque só assim o animal os poderá suportar muito tempo sem fadiga e será cómodo e agradável de montar.

Para tal conseguir é preciso: que as exigências sejam sempre em harmonia com as qualidades do animal e seu estado de adeantamento;

contentar-se com um pequeno progresso todos os dias e não pretender a execução perfeita e imediata duma coisa que acaba de se ensinar; nada exigir a um animal que ainda vibra sob a impressão duma luta, antes se deve acalmá-lo primeiramente; com o intuito de o equilibrar, de lhe corrigir a atitude, é necessário não o encerrar brutalmente entre a mão e as pernas, antes pelo contrário é indispensável conservar-lhe toda a sua impulsão.

Se o cavalo não conserva a regularidade de andamentos porque pesa muito na mão e apresenta, portanto, resistências de pêso, é necessário ter a mão firme e ligeiramente elevada, empregar freqüentes meias-paragens, paragens e recuar; se o cavalo não tem regularidade de andamentos porque luta contra a mão e apresenta, portanto, resistências de fôrças, vêr bem as causas que tal determinam e empregar as vibrações ou conservar a mão muito leve com uma tensão de rédeas suave; se o cavalo não tem regularidade de andamentos porque se fica, actuar enèrgicamente com as pernas e até mesmo com as esporas, se é por moleza; modificar o trabalho e a alimentação, se é por fraqueza.

*Passo* — Um passo franco e regular só poderá obter-se quando o cavalo vá francamente para deante e possa servir-se do balanceiro cervical; é indispensável, portanto, que o cavaleiro mantenha as rédeas bem iguais e que as suas pernas actuem alternadamente e em cadência de modo a determinarem a impulsão e o necessário apoio sôbre a mão.

Procurar, antes e acima de tudo, a marcha franca para a frente e o sossêgo do cavalo; quando se pretende colocar a cabeça e o pescoço e que se sente hesitação na marcha para a frente ou acüamento, deve-se cessar toda a acção das mãos e acentuar a das pernas. Sempre que o animal corresponde indo francamente para deante, empregar o freio ou o bridão para o manter colocado, segundo as necessidades. De vez em quando deixá-lo completamente livre, de rédeas abandonadas, continuando a activar o andamento com as pernas.

*Trote* — Andamento de marcha, por excelência, das unidades de cavalaria, é indispensável que o animal se saiba mover a trote e possa sustentá-lo muito tempo sem fadiga. O seu mecanismo (diagonais associados), estabelecendo uma solidariedade constante entre o ante-mão e o post-mão, que muito facilita o acôrdo das ajudas, e a ausência das oscilações do balanceiro cervical, permitindo uma intervenção precisa da mão do cavaleiro, tornam êste andamento um dos melhores para durante o ensino disciplinar e submeter o cavalo.

O cavaleiro prestará muita atenção a que o cavalo se conserve bem direito e tranqüilo, que vá francamente sôbre a mão sem no entretanto pesar sôbre ela. Pouco a pouco ir-se há exigindo uma certa colocação, cedendo a mão e actuando com as pernas logo que se sinta acüamento. De vez em quando é conveniente permitir uma certá extensão de pesçoço aproveitando êsses momentos para trotar levantado.

*Galope* — A regularidade e cadência do galope normal só podem ser obtidas quando o cavalo possa manter-se sem esforço numa attitude regular e esta só se consegue quando o trabalho preparatório tenha sido suficiente e por um emprêgo constante das ajudas, de modo a conservar sempre a indispensável impulsão e a evitar o pêso sôbre as espáduas.

Naturalmente o cavalo começará por galopar debruçado, de garupa alta; pouco a pouco, porém, a combinação justa e apropositada do emprêgo das pernas determinando o avanço dos posteriores para debaixo da massa e o emprêgo das meias-paragens aligeirando o ante-mão, irão modificando a attitude do animal.

Na regularização de todos os andamentos é indispensável um cuidado constante com a acção das pernas porque os efeitos das mãos (meias-paragens, vibrações, etc.) que continuamente é necessário empregar para enganar as resistências do animal e para o colocar e manter numa boa attitude podem produzir acüamento e isso é o que mais importa evitar.

De vez em quando, tanto no trabalho a trote como a galope, é necessário deixar distender o cavalo alargando o andamento durante algumas voltas de picadeiro, antes de o meter a passo de rédeas livres, afim de que êle não perca a impulsão.

## CAPÍTULO XXX

### TRANSIÇÕES DE ANDAMENTOS — ALARGAR E ENCURTAR

A execução das transições de andamentos assenta sôbre os seguintes princípios fundamentais:

«1.º) Quando as pernas actuam para levar o cavalo para deante, a mão não deve opôr-se ao movimento;

2.º) Quando a mão actua para moderar ou extinguir a impulsão, as pernas não devem actuar.

Em conseqüência disto, para passar da paragem ao passo, alargar o passo, passar do passo ao trote, alargar o trote, passar do trote ao galope, alargar o galope, o cavaleiro deve fazer actuar as pernas com mais ou menos fôrça, segundo o resultado que quere obter e segundo a sensibilidade do cavalo; ao mesmo tempo baixa a mão e descerra os dedos, se é necessário, para permitir o movimento. As mãos, contudo, devem estar prontas a resistir e mesmo a actuar, se é necessário, afim de regular o andamento, quando o efeito produzido pelas pernas é superior ao que se quera obter <sup>1.</sup>»

Para alargar o passo o cavaleiro, ao mesmo tempo que com as pernas provoca o avanço dos posteriores para debaixo da massa, cede a mão permitindo o movimento e as oscilações do balanceiro cervical, cuja amplitude está directamente ligada com a do andamento.

Para alargar o trote o cavalo necessita desenvolver mais largamente o gesto dos seus anteriores e produzir um maior tempo de suspensão e

<sup>1</sup> Réponses au Questionnaire d'équitation de l'École de Cavalerie (Lient-Colonel Blaque-Belair).

projectão. Ao mesmo tempo que as pernas empurram para diante as mãos cedem, actuando de modo a impedir que elle se atravesse e que uma das suas espáduas avance mais do que a outra.

Para alargar o galope a acção das pernas aumenta a amplitude do movimento dos posteriores, ao mesmo tempo que as mãos cedem permitindo uma maior extensão e amplitude dos movimentos do balanceiro.

Inversamente, para encurtar ou extinguir os andamentos o cavaleiro endireita o busto e firma a mão com os dedos cerrados sobre rédeas tensas, ao mesmo tempo que as pernas cedem completamente, muito embora prontas a intervir, se o efeito produzido pelas mãos é superior ao que se queria obter.

O alargar e encurtar freqüentes vezes os andamentos é uma ginástica de primeira ordem e um trabalho esplêndido para conseguir a entrada do post-mão para debaixo da massa e para equilibrar o cavalo porque êste, balançado entre a mão e as pernas, começa a concentrar-se, a diminuir a base de sustentação, a ter facilidade de trabalhar em bases curtas, o que melhora o seu equilíbrio e accentua muitíssimo a sua mobilidade.

Deverá pois insistir-se freqüentemente com esta ginástica até que se consiga encurtar os andamentos sem que a posição da cabeça se altere (o que será um indício de luta contra a mão) e alargá-los franca e imediatamente à menor solicitação da pernas. E para conseguir estas transições francas e fáceis indispensável é que as mãos e pernas não actuem simultaneamente.

Quando o cavalo está já um pouco familiarizado com esta ginástica e a aceita sem dificuldade, é chegada a altura de, para dela tirar o máximo proveito, aumentar as exigências e começar a exigir a entrada dos posteriores para debaixo da massa quando se encurtam os andamentos, a provocar a distensão enérgica dos curvilhões e rins quando se alargam.

A acção das rédeas, mesmo quando o cavalo lhe obedece facilmente, é insufficiente por si só para provocar a flexão dos rins e a entrada dos propulsores e, enquanto êstes não avançarem para debaixo da massa, o cavalo é não só incapaz de sair enérgicamente para a frente, como ainda de parar rapidamente num andamento vivo.

Em lugar de obter a diminuição de andamento pelo emprêgo dum efeito de conjunto que encerre o cavalo entre a mão e as pernas e que, não sendo empregado por cavaleiros de grande tacto equestre, leva geralmente o cavalo a forçar a mão ou a encapotar, convém empregar o seguinte meio: o cavaleiro actua com as rédeas para obter a diminuição de andamento e, conseguida esta, por pequena que seja, actua imediata-

mente com as pernas para provocar um aumento de velocidade. Se o cavalo diminui a velocidade deixando os posteriores atrasados, não pode corresponder imediatamente à exigência das pernas que pedem um aumento de velocidade, visto que para isso lhe é preciso avançar primeiro com o post-mão. «Repetindo a mesma operação um certo número de vezes, ao fim dum curto tempo o cavalo associa as duas idéas, compreendendo rapidamente que à exigência da diminuição de velocidade se segue imediatamente a exigência do aumento do andamento; e, ao mesmo tempo que obedece a uma exigência, prepara-se para obedecer à outra, isto é, ao mesmo tempo que flexiona os rins e avança com os propulsores afim de sair rapidamente para a frente, diminui a velocidade. Pouco a pouco aumentam-se as exigências, exercendo duas, três ou quatro acções da mão para encurtar antes de actuar com as pernas para aumentar. O cavalo rapidamente compreenderá que a entrada dos posteriores lhe facilita as diminuições de andamento e assim adquirirá o hábito de demorar, de diminuir a velocidade flectindo os rins e entrando com os posteriores para debaixo da massa. Pela acção da mão e com a simples apreensão das pernas provocar-se há assim a entrada do post-mão, sem refluxo do ante-mão, visto que a mão cede no momento em que as pernas actua<sup>m</sup> 1.»

Deve-se insistir especialmente nos aumentos de velocidade com os cavalos brandos, nas diminuições com os cavalos ardentes.

Esta ginástica de aumentar e diminuir os andamentos deve ser alterada com tempos de passo franco sôbre a mão.

1 *Notes sur l'instruction à cheval* (L. de Champsavin).



*Recuar* — Major Júlio de Oliveira no BEDUINO.

## CAPÍTULO XXXI

### RECUAR

O recuar, além de ser um movimento indispensável para o cavalo de séla, constitui uma ginástica excelente para a coluna vertebral, rins e garupa. Não se deve, porém, abusar dêste movimento porque, quando não executado com cuidado e prudência, predispõe o animal para se pôr atrás da mão.

Êste exercício não convém igual e indistintamente a toda a qualidade de cavalos. Deverá empregar-se freqüentemente com os animais de ante-mão pesado ou que estejam sôbre as espáduas, deverá exigir-se poucas vezes aos cavalos que estão sôbre as pernas ou que têm grande tendência para acuar.

O recuar poderá começar a exigir-se logo que o cavalo obedeça facilmente à acção das pernas. Durante o desbaste é, porém, um movimento muito secundário, que só deve executar-se à mão e apenas durante alguns passos.

#### I — TRABALHO PREPARATÓRIO À MÃO

Como o cavalo em liberdade raramente recua, êste movimento é-lhe quasi desconhecido e difficil de executar e por isso convém dar as primeiras lições à mão, afim de facilitar a sua aprendizagem e de fazer desaparecer a natural apreensão que êste exercício inspira.

Para dar as primeiras lições proceder-se há da seguinte forma: supondo o animal colocado para a mão esquerda e junto à pista, o instrutor agarra as rédeas na mão esquerda e com a mão direita segura a vara; com esta ou apenas com a voz provocará suavemente a marcha para a frente, aproveitando imediatamente a elevação dum posterior para exercer sobre as rédeas uma rápida e ligeira tracção; para restabelecer o equilíbrio êste membro irá apoiar-se um pouco mais atrás, em consequência da opposição da mão do instrutor, seguindo-se-lhe o anterior em diagonal e depois o bípede opôsto.

Obtido o primeiro passo deve empurrar-se imediatamente para deante, com a voz ou chibata, e afagar. Seguindo a progressão indicada fácil é obter mais alguns passos, cujo número só deverá aumentar muito progressivamente.

Afim de facilitar a execução dêste movimento convém iniciar o recuar partindo duma base de sustentação curta e permitir no princípio um certo abaixamento de cabeça.

## II — RECUAR MONTADO

Para exigir o recuar montado deverá seguir-se o mesmo sistema e progressão, podendo mesmo as primeiras vezes, como medida de precaução, o recuar ser obtido pelo instrutor que a pé segura nas rédeas, actuando apenas com a voz ou pernas o ajudante que monta o cavalo.

Vencidas as primeiras dificuldades passará o recuar a ser exigido apenas pelo próprio cavaleiro que, depois de se assegurar que o cavalo está sobre uma base regular ou pequena, por meio da voz ou duma ligeira acção das pernas provocará a marcha para a frente e a seguir, inclinando ligeiramente o corpo para trás, puxa progressivamente pelas rédeas, com as mãos baixas, de modo a evitar a elevação da cabeça; depois de dois ou três passos afaga-se e empurra-se novamente para deante.

Nunca se deve empregar fôrça para obrigar a recuar porque isso só servirá para aumentar a resistência. Se o cavalo resiste encapotando ou despapando, é preferível fazê-lo marchar para deante e exigir novamente o recuar depois de bem colocado.

Quando o cavalo tenha grande dificuldade na execução dêste exercício é conveniente colocá-lo no meio do picadeiro, mobilizar a garupa e utilizar a mobilidade obtida neste momento para exigir o recuar.

Êste processo sai naturalmente da posição que o cavalo toma para não recuar, para resistir às exigências do cavaleiro e para se subtrair a

um exercício que lhe custa: o cavalo *espéca-se*, contrai a coluna vertebral e, com a cabeça geralmente muito alta, resiste então ao efeito das rédeas. Se antes de mobilizar a garupa o cavaleiro aumenta a tensão das rédeas, expôr-se há a provocar o cavalo a levantar-se; mobilizando a garupa o cavaleiro pode então actuar sôbre as rédeas sem provocar êsse perigo visto que o animal, tendo as ancas em movimento, não pode espécar-se sôbre o post-mão e levantar-se.

Quando em lugar de recuar lentamente e passo a passo o cavalo acua e precipita o movimento retrógrado, o cavaleiro deve atirá-lo imediatamente para deante cedendo completamente a mão.

Para que o recuar seja bem executado é necessário que o animal marche passo a passo, direito e calmo, pronto a retomar o movimento para a frente à mais ligeira indicação das pernas.

Pouco a pouco ir-se há obtendo facilidade na passagem do movimento para a frente ao recuar e do recuar ao movimento para a frente, isto é, em reduzir e aumentar sucessiva e alternadamente a sua base de sustentação, o que constitui um dos melhores exercícios para submeter e equilibrar o animal.



*Ladear a passo* — Cap.tão Júlio de Oliveira  
no HORIZONTE

## CAPÍTULO XXXII

### TRABALHO DE DUAS PISTAS

#### I — MARCHA LATERAL

A marcha lateral é um movimento que tem aplicação na condução do cavalo com uma mão; ao mesmo tempo que é um trabalho preparatório indispensável para o ladear constitui uma esplêndida ginástica para o pôldro e um dos melhores meios para o forçar a obedecer às ajudas.

Este exercício pode ser preparado pelo trabalho à vara. As primeiras lições de marcha lateral no trabalho montado poderão ser dadas da seguinte forma: trabalhando para a esquerda, por exemplo, e marchando com o cavalo a passo e afastado da pista do picadeiro, actua-se com a perna esquerda de forma a deslocar-lhe a garupa para a direita e, logo que o animal inicia este movimento e quando se não manifeste falta de impulsão, emprega-se a rédea esquerda (contrária de oposição); esta acção força o cavalo a deslocar-se para a direita, paralelamente a si mesmo, dobrado para o lado contrário para que marcha, isto é, dobrado neste caso para a esquerda, descaindo para a direita e avançando. O ante-mão e o post-mão descrevem duas pistas paralelas de modo que na marcha lateral para a direita, como neste caso, o bípede lateral esquerdo cruza-se com o bípede lateral direito passando-lhe pela frente.

No princípio exigem-se apenas dois ou três passos, endireitando-se imediatamente o cavalo logo que êle obedeça ou manifeste acuamento; só muito progressivamente se devem aumentar as exigências, quer no que diz respeito ao número de passos dados em marcha lateral quer na frequência com que se exigem.

Logo que o cavalo obedece a esta acção lateral das ajudas exigir-se há o mesmo nos últimos passos de uma passagem de mão em diagonal ou no fim das meias-voltas; êstes movimentos prestam-se muito para as primeiras lições de marcha lateral porque, como se fazem avançando muito, não há o perigo de que os membros do lateral de dentro se choquem ou se cruzem pela rectaguarda com os membros do lateral de fora.

Mais tarde, quando o cavalo execute a marcha lateral com facilidade nas linhas oblíquas, poder-se há então exigir o movimento *espáduas para dentro*, que se obtém da seguinte forma: marchando junto à pista e para a esquerda, por exemplo, inicia-se uma volta para a esquerda empregando uma ligeira acção da rédea esquerda de abertura e da perna esquerda; logo que o animal destaca as espáduas da pista transforma-se a rédea de abertura em rédea contrária de opposição (atrás do garrote), o que trará como consequência curvar toda a coluna vertebral do cavalo com a concavidade para a esquerda obrigando-o a descair para a direita, no que é auxiliada pela acção da perna direita. É claro que a rédea direita cede por forma a permitir que a rédea esquerda exerça o seu efeito e regula também o movimento das espáduas; a perna direita limita e gradua o deslocamento da garupa e evita que haja falta de impulsão.

O movimento de espáduas para dentro é um dos melhores exercícios ginásticos a que se pode e deve obrigar o cavalo e que mais contribuem para a flexibilidade da sua coluna vertebral; fazendo trabalhar simultaneamente o ante-mão e o post-mão, êle provoca a liberdade das espáduas e a agilidade da garupa. «Submete o cavalo à mão porque a perna, actuando no mesmo sentido que a mão, obriga o cavalo a aceitar a tensão da rédea. Submete o cavalo à perna porque a rédea, actuando no mesmo sentido que a perna, obriga o cavalo a compreender e a aceitar a sua acção.» (Blaque-Belair).

Convém sempre terminar êste exercício por uns tempos de trote largo, com impulsão e a direito, empurrando bem sôbre a mão. Nos primeiros tempos exigir-se há apenas a passo e mais a trote.

A marcha lateral é ainda, como facilmente se depreende, um dos melhores meios para preparar as saídas a galope com ajudas laterais.

## II — LADEAR

O ladear é o complemento da marcha lateral; é um movimento regular e harmónico, resultante da mobilidade do ante-mão e do post-mão, que dá enorme elasticidade e grande ligação a toda a coluna vertebral, ao mesmo tempo que confirma o cavalo na obediência às ajudas do cavaleiro.



Ladear a trote — Cap.ão Jára de Carvalho no IMACULADO

No ladear o cavalo desloca-se paralelamente a si mesmo e numa direcção oblíqua à do seu eixo; quando é bem feito executa-se em qualquer andamento sem diminuição de impulsão, com uma perfeita harmonia entre os movimentos do ante-mão e do post-mão, o animal com a cabeça alta e ligeiramente flectida para o lado da marcha.

É, porém, difficil de executar correctamente porque, como a impulsão não actua exacta e completamente no sentido do eixo natural, é muito custoso e fatigante para o cavalo conservar na deslocação lateral a integridade absoluta do poder propulsivo do seu post-mão e é isso que é preciso obter, porque só com

muita impulsão será grande o trabalho dos músculos, será desenvolvido o jôgo das articulações, será — enfim — proveitosa esta ginástica.

As ajudas a empregar no ladear para a direita, por exemplo, são as seguintes: as duas pernas, se a insuficiência momentânea da impulsão o necessita, empurram o cavalo sôbre a mão e levam-no a receber as indicações das rédeas; a rédea direita obriga o cavalo a dar ligeiramente a cabeça para êsse lado e a deslocar o centro de gravidade no mesmo sentido; a rédea esquerda cede primeiro e mantém-se por forma a regularizar ou facilitar a deslocação do ante-mão para a direita; a perna esquerda (predominante) actua por forma a deslocar a garupa para a direita, ao passo que a perna direita regulariza êsse movimento e se mantém sempre pronta a actuar para conservar a impulsão e a forçar o cavalo a ganhar sempre, no seu deslocamento lateral, terreno para a frente; o pêso do cavaleiro desloca-se para a direita afim de facilitar a deslocação do cavalo para êste lado.

O ladear obtém-se pois com uma *ajuda diagonal* predominante do lado para que se ladeia.

Se o cavalo não obedece ao efeito diagonal, não cedendo a garupa à acção da perna, terá que se recorrer ao efeito lateral, isto é, no ladear para a direita a rédea esquerda (contrária de opposição) terá que vir em auxílio da perna do mesmo lado; se o ante-mão precipita o movimento e descai demasiadamente para a direita, a rédea direita transforma-se em contrária de opposição afim de aliviar a espádua direita do excesso de pêso e de demorar, portanto, o seu avanço lateral; se, pelo contrário, é a garupa que precipita o seu movimento para a direita, interrompe-se momentaneamente a acção da perna esquerda, actua-se com a perna direita para dar impulsão e a seguir desloca-se com as rédeas o ante-mão para a direita.

A princípio o ladear deve ser exigido nas diagonais do picadeiro e no fim das meias-voltas porque nas linhas oblíquas se evita facilmente qualquer demora no andamento e os membros não têm tantas probabilidades de se chocarem no seu cruzamento.

É conveniente nunca insistir sobre um ladear mal começado ou mal feito; quando o cavalo acua, se irrita ou atravessa deve-se primeiramente endireitar, empurrar para deante e acalmar, para em seguida se tornar a exigir o movimento.

Logo que o cavalo executa bem o ladear nas linhas oblíquas, sem mudar de direcção, podem exigir-se os movimentos *garupa para fora* e *garupa para dentro*; os princípios são os mesmos.

A lição de garupa para fora é preferível à de garupa para dentro porque nela o cavalo executa o ladear sem ser guiado pela parede, obedecendo apenas às mãos e às pernas do cavaleiro e sem risco de, com medo de ir de encontro à teia, passar os membros do lateral de fora por detrás dos do lateral de dentro.

No comêço, como é preciso limitar o avanço do animal, êste tem quasi sempre uma certa tendência para acuar e por isso é sempre conveniente terminar o ladear obrigando o animal a marchar para deante.

O ladear repete-se trabalhando em círculo seguindo os mesmos princípios.

*O ladear de garupa para fora, em círculo*, concorre para atirar o cavalo sobre a mão e lançar o pêso sobre as espáduas; é sobretudo um bom exercício para o post-mão. Empregar-se há de preferênciam com os cavalos que têm tendência para acuar, que estão muito levantados de deante.

*O ladear de garupa para dentro, em círculo*, constitui essencialmente uma ginástica para o ante-mão, que tem maior caminho a percorrer; deverá

empregar-se de preferência com os cavalos que estejam sôbre as espáduas.

Todo o trabalho de duas pistas será exigido primeiramente a passo, depois a trote e mais tarde a galope; o trabalho a trote, sobretudo, é uma ginástica esplêndida e tanto melhor quanto maior fôr a impulsão; o trabalho de duas pistas a galope é menos fatigante e difícil para o cavalo porque, além de se não dar cruzamento dos membros, o lateral de dentro está numa posição avançada sôbre o seu congênere, o que muito facilita a sua execução.

No fim do ensino há toda a vantagem em exercitar o cavalo executando as voltas, meias-voltas directas e invertidas, passagens e contra-passagens de mão em trabalho de duas pistas. As contra-passagens de mão a ladear, especialmente, são uma preparação esplêndida para levar o animal a submeter-se e a confirmar a sua obediência às ajudas diagonais.

### III — DIFERENÇA ENTRE MARCHA LATERAL E LADEAR

Do que ficou exposto podemos concluir: a marcha lateral é um meio, o ladear é um fim. Na marcha lateral o cavalo desloca-se para o lado com a sua coluna vertebral ligeiramente flectida e a cabeça ligeiramente colocada para o lado contrário àquele para que se desloca; no ladear vai direito, deslocando-se paralelamente a si mesmo numa direcção oblíqua, em flexão lateral (no ladear correcto) para o lado para que ladeia. A marcha lateral é obtida por meio de ajudas laterais, o ladear por meio de ajudas diagonais.



*Ladear de garupa para fóra (em círculo)*

— Major Júlio de Oliveira no BEDUINO



*Rotação directa* — Major Jára de Carvalho  
no IMACULADO

## CAPÍTULO XXXIII

### ROTAÇÕES

#### I — GENERALIDADES

As rotações são um exercício útil no ensino do cavalo constituindo uma boa ginástica para a sua coluna vertebral, para as suas espáduas e ancas.

As rotações inversas ou sôbre as espáduas têm por fim especial obter a mobilização do post-mão; executadas correctamente provam a submissão do cavalo à pèrna e a agilidade das ancas. Não têm, no entanto, aplicação na condução habitual do cavalo.

As rotações directas ou sôbre as pernas têm por fim especial obter a mobilização do ante-mão; executadas rápida e correctamente provam ao mesmo tempo a obediência e ligeireza das espáduas e a submissão do post-mão.

#### II — ROTAÇÕES INVERSAS

O cavalo deve estar convenientemente preparado para êste exercício por meio do trabalho à vara e pela mobilização de garupa no trabalho montado.

Assegurado pela acção das pernas o necessário apoio sôbre a mão, o cavaleiro—permitindo um certo avanço às espáduas—exige que as ancas girem em volta do ante-mão empregando uma ajuda lateral—rédea esquerda e perna esquerda—, se quer fazer rodar a garupa para a direita.

À medida que a execução do exercício fôr progredindo vai cessando o emprêgo exclusivo da ajuda lateral, devendo depois fazer-se a rotação com as duas rédeas igualmente tensas de modo que o cavalo possa avançar um pouco e que obedeça, por assim dizer, ao efeito isolado da perna esquerda.



Rotação directa — Major Júlio de Oliveira  
no BEDUINO

Mais tarde exigir-se há a rotação com o emprêgo predominante da rédea direita e perna esquerda (ajuda diagonal), com o animal em flexão para a direita.

O limite máximo da rotação é a *piruêta invertida*, em que o post-mão gira em tórno das espáduas com um anterior permanentemente apoiado a servir de eixo ao movimento.

Para obter a piruêta para a direita, por exemplo, empregar-se há a perna esquerda afim de lançar as ancas para a direita, e a rédea direita contrária de opposição que terá como efeito sobrecarregar a espádua e o anterior esquerdos, que se fixa ao terreno, e aliviar a espádua direita permitindo o movimento do anterior do mesmo lado; o pêso do cavaleiro desloca-se suavemente no sentido do movimento.

A piruêta invertida só pode ser feita muito lentamente. Confirma o cavalo na obediência à perna e torna o cavaleiro completamente senhor do post-mão do cavalo.

### III — ROTAÇÕES DIRECTAS

Nêste exercício as espáduas descrevem um círculo em volta das ancas. Só pode executar-se com o cavalo montado porque, como já se viu, o trabalho à vara não pode empregar-se com facilidade para as preparar.

Exactamente como com as rotações inversas, poderemos obtê-las com uma ajuda lateral ou diagonal.

A princípio, para executar uma rotação directa para a direita, por exemplo, empregar-se há a ajuda lateral esquerda (rédea esquerda contrária de opposição e perna esquerda); a rédea lançará as espáduas para a direita e a perna esquerda actuará de forma a deslocar a garupa passo a passo para a direita. Mais tarde obter-se há o mesmo movimento com uma ajuda predominante diagonal direita: a rédea direita desloca as espáduas para a direita, a esquerda — depois de ter cedido o suficiente para que a direita produza o seu efeito — encosta-se ao pescoço para regularizar o movimento; a perna esquerda actua ligeiramente atrás das cilhas para impedir a deslocação da garupa para a esquerda e a perna direita está pronta a actuar para evitar acuamento; o pêso do corpo do cavaleiro acompanha o movimento.

O limite máximo da rotação directa é a *piruêta directa* ou simplesmente *piruêta*, em que as espáduas giram em tórno do post-mão a servir de eixo do movimento. Êste exercício, ao contrário da piruêta invertida, poderá fazer-se muito rapidamente, o que depende da flexibilidade do cavalo e da habilidade do cavaleiro.



*Rotação Inversa* (a trote)  
Major Jára de Carvalho no IMACULADO



Ao trote — Major Júlio de Oliveira  
no BEDUINO

## CAPÍTULO XXXIV

### TRABALHO A TROTE

O trabalho a trote—sobretudo *sentado*—é aquele que mais disciplina o cavalo e que, em vista da solidariedade do ante-mão e do post-mão e da imobilidade do balanceiro cervical, mais facilita ao cavaleiro o acôrdo das suas ajudas e lhe permite intervenções da sua mão mais justas e precisas.

#### I — TROTE NORMAL

O trabalho anterior do desbaste já deverá ter transformado o trote irregular e descosido do pôldro, que ao entrar no ensino pròpriamente dito estará em estado de se manter num trote calmo e fácil, com uma relativa impulsão e em contacto franco com a mão.

Aumentando progressivamente a duração das sessões a trote, empurrando mais enèrgicamente com as pernas e actuando com as mãos por forma a enganar constantemente as resistências e a desfazer as contracções, os propulsores irão avançando e impulsionando a massa com mais vigôr, ao mesmo tempo que as espáduas e garupa se irão desenvolvendo e fortificando, que o ante-mão irá aligeirando, que a atitude do cavalo irá melhorando.

A insistência com êste exercício nas linhas rectas, voltas, meias-voltas

e linha quebrada contribuirá para fortificar o animal e simultaneamente para cadenciar e aligeirar o andamento, aumentando a sua impulsão; dentro de pouco tempo, se as acções de mãos e pernas forem justas e precisas, o trote anormal estará absolutamente regular e equilibrado, com batidas iguais, calmas e enérgicas.

No entretanto com os animais brandos por fraqueza, com os de dôrso comprido e mau rim, o trote normal leva por vezes um certo tempo a regularizar e a equilibrar; com êstes animais é indispensável dar tempo a que se fortifiquem pelo trabalho e montá-los de rédeas pouco tensas, permitindo-lhes estender um pouco o pescoço, e ao mesmo tempo empurrar bem para deante com as pernas.

## II — TROTE LARGO

O trote largo é um exercício esplêndido para atirar o cavalo para deante, para lhe dar impulsão, brilho e desembaraço às espáduas.

Para alargar o trote é preciso actuar mais enérgicamente com as pernas afim de aumentar a impulsão fornecida pelos posteriores e ao mesmo tempo permitir um franco apoio na mão porque, sem êle, o andamento não poderá atingir o seu máximo de extensão; é indispensável, porém, que a acção das mãos regularize o movimento das espáduas, não permitindo que uma avance mais do que a outra, e que obste ao abaixamento da cabeça que, a produzir-se, iria sobrecarregar o ante-mão e provocar o galope por rutura de equilíbrio.

Os tempos de trote largo devem ser muito curtos a princípio e só à medida que o animal fôr adquirindo vigôr e pulmão se deve aumentar a extensão dêstes tempos de trote, que nunca deverão ser longos; o passo franco e estendido, de rédeas abandonadas, deverá sempre seguir os tempos de trote largo.

Muitos cavalos, quando empurrados para deante, *ficam-se* e tomam o galope curto em lugar de alargar o trote, o que é uma manifestação de acuamento; é preciso empurrá-los vigorosamente para deante e mantê-los durante alguns minutos em galope largo.

## III — TROTE CURTO

Êste andamento, caracterizado pelo sincronismo absoluto dos apoios diagonais e pela elevação e brilho dos movimentos, aumenta extraordinariamente a flexibilidade do post-mão e dá grande liberdade às espáduas.

Utilizado e praticado com freqüência no fim do ensino, dá magníficos resultados para concentrar e aligeirar o cavalo.

Começar-se há a obter partindo do trote normal, aumentando a impulsão por meio duma acção mais enérgica das pernas, ao mesmo tempo que as mãos — deixando passar uma parte dela afim de que o movimento para deante se não comprometa e anule — retém outra parte transformando-a em elevação. Mais tarde obter-se há partindo do passo, da paragem e até do recuar.

As voltas, meias-voltas, trabalho de duas pistas, etc., executados neste andamento aumentam enormemente a flexibilidade do animal, levam-no a equilibrar-se e por isso este trabalho constitui um dos melhores meios de ensino e um dos exercícios mais úteis para atingir a ligeireza e para obter os ares de alta escola.

#### IV — TROTE LEVANTADO

O trote levantado emprega-se principalmente no trabalho exterior e mesmo durante as sessões de picadeiro, quer para descansar e estender o cavalo depois da execução de qualquer trabalho a trote curto, quer ainda para corrigir a desigualdade das espáduas fazendo avançar uma mais do que outra.

Para trotar levantado o cavaleiro, inclinando ligeiramente o busto para deante, deixa-se elevar pela distensão dum bípede diagonal — o direito, por exemplo —, à qual cede, e tomando um ligeiro ponto de apoio nos joelhos afim de não pesar muito sobre os estribos e de ficar com a parte inferior da perna absolutamente livre, mantém-se no ar com o *assiette* isolado do selim enquanto se produz a distensão do diagonal esquerdo, cuja reacção é assim evitada, retomando depois o contacto com o selim no momento do apoio do diagonal direito, que novamente o elevará.

O cavaleiro suporta assim uma reacção em lugar de duas e aquela mesmo grandemente amortecida, o que representa para êle uma enorme economia de fadiga, e o cavalo igualmente beneficia deste facto porque a sua coluna vertebral deixa de receber, a cada batida, o choque violento produzido pela queda do pêso do corpo.

Quer por uma questão simples de hábito quer em consequência de qualquer irregularidade na sua posição, quasi todos os cavaleiros contraem o hábito de trotar sempre sobre o mesmo diagonal e experimentam grande dificuldade em mudar dum para outro; e no entanto é fácil fazer a mu-

dança, para isso basta receber duas reacções seguidas e ceder à segunda em lugar de ceder à primeira.

O hábito de trotar sempre sôbre o mesmo diagonal apresenta os seguintes inconvenientes:

«1.º O bípede sôbre que o cavaleiro trota fatiga-se muito mais do que o outro porque eleva e projecta para deante o pêso do cavalo e cavaleiro, ao passo que o outro diagonal, que faz a sua distensão enquanto o cavaleiro está no ar, não tem senão o pêso do cavalo a projectar para deante;

2.º O diagonal que faz a sua distensão enquanto o cavaleiro está no ar, o esquerdo quando se trota sôbre a espádua direita, projecta o pêso do cavalo sôbre o diagonal direito mais longe do que êste pode projectá-lo sôbre o diagonal esquerdo, visto que êste está mais sobrecarregado.

No fim dum certo tempo isto produz uma irregularidade desagradável no trote porque a espádua direita avança mais do que a esquerda. Como consequência prática desta segunda observação resulta que, se um cavaleiro percebe que o seu cavalo trota irregularmente avançando mais uma espádua do que outra, deverá trotar levantado sôbre a espádua que avança menos.

A irregularidade que assim se produz no trote quando o cavaleiro trota sôbre a mesma espádua poderá também servir para corrigir um cavalo que tenha dificuldade em sair a galope para uma determinada mão. Suponhamos um cavalo que galopa sempre para a direita; para sair a galope para a direita o cavalo coloca a espádua direita mais avançada do que a esquerda; se o cavaleiro trotar sôbre o diagonal esquerdo, a espádua esquerda, depois dum certo praso de tempo, será forçada a avançar mais do que a direita e o cavalo adquirirá portanto uma posição própria para tomar o galope para a esquerda». <sup>1</sup>

É evidente a necessidade de saber trotar levantado e de alternar facilmente, sem alterar o andamento, a espádua sôbre que se trota porque é um processo lógico para regularizar o trote dum cavalo que se atravessa, para o endireitar, para corrigir a dificuldade em obter o galope para uma determinada mão.

Quando o cavaleiro trota sôbre um diagonal, o direito — por exemplo, o selim tem tendência a descaír para a esquerda, em resultado da

<sup>1</sup> *Notes d'équitation, repondant au Questionnaire de L'Ecole d'application de cavalerie (Saumur).*

rotura de equilíbrio provocada pela continuidade de pressão exercida sobre o estribo do mesmo lado; a perna esquerda mantém-se fixa ao passo que a perna direita se desloca lateralmente e só se une no momento em que o cavaleiro retoma o contacto com o selim.

Isto é mais um argumento que milita em favor da necessidade de alternar a espádua sobre que se trota, visto que o trotar sempre sobre o mesmo diagonal pode originar ferimentos no dorso. Para restabelecer o equilíbrio do selim parece lógico que os primeiros tempos de trote levantado se deverão fazer sobre o diagonal esquerdo.

Quando os membros dum diagonal estão tarados é conveniente trotar apenas sobre o diagonal são, de modo a aliviar o membro doente e a evitar-lhe o choque violento sobre o solo que lhe imprime o corpo no momento em que o *assiette* cai sobre o selim.



*Duas pistas ao galope*  
Major Júlio de Oliveira no AREOSA

## CAPÍTULO XXXV

### TRABALHO A GALOPE

#### **I—SAÍDAS A GALOPE, PROGRESSÃO A SEGUIR**

Em opposição ao que se faz no desbaste, onde apenas se pretende *galopar o cavalo*, no ensino pròpriamente dito é preciso insistir com *as saídas a galope* para ambas as mãos, para ginastificar os dois lados do cavalo e para o tornar obediente a todas as combinações de ajudas.

Na ginástica das saídas a galope é indispensável não esquecer o princípio fundamental: *a posição deve sempre preceder a acção*, isto é, dever-se há primeiramente colocar o cavalo de modo que o bípede lateral para que se quer obter o galope esteja em condições de poder avançar sôbre o seu congênere e só depois dar a impulsão.

Como em tudo o resto partir-se há do simples para o difficil, isto é, começar-se há a exigir o galope partindo do trote e acabar-se há pela saída do passo ao galope, que é evidentemente a mais complicada visto que a saída é tanto mais fácil quanto mais largo fôr o andamento em que o cavalo vai.

A) *Sair do trote ao galope empregando ajudas laterais*

Já indicamos, quando se tratou do desbaste, a forma como deve ser obtido o galope, forma que constitui o primeiro grau da progressão a seguir.

Nas primeiras lições do ensino pròpriamente dito o galope deve ser obtido da mesma maneira, isto é, partindo do trote, empregando a ajuda lateral predominante do lado de fora e aproveitando a entrada dos cantos, círculos ou fim das passagens de mão em diagonal.

É claro que as dificuldades se vão aumentando pouco a pouco, exigindo as saídas a galope em círculos de raio sucessivamente menor e partindo dum trote cada vez mais curto. Êste processo é irresistível e portanto é não só aquêlê de que nos devemos servir durante os primeiros tempos do ensino, mas ainda sempre que se encontrem dificuldades nas saídas a galope.

B) *Sair do trote ao galope empregando ajudas diagonais*

Confirmado o cavalo nas saídas a galope pelo emprêgo das ajudas laterais passar-se há a exigir o mesmo movimento com a ajuda diagonal, primeiramente nas voltas, círculos e fim das passagens de mão e mais tarde em linha recta, tendo o cuidado de colocar primeiro o cavalo por meio do efeito diagonal e de em seguida dar a impulsão necessária para que o galope se produza.

C) *Sair do passo ao galope*

O cavalo que sai facilmente do trote curto ao galope não terá grande dificuldade em sair do passo desde o momento que se proceda com critério, isto é, que se siga o mesmo princípio de começar primeiramente por colocá-lo na devida posição e de seguidamente dar a impulsão indispensável.

No entretanto, com os cavalos ardentes sobretudo, há por vezes necessidade de a passo se exigir a posição do galope, meter seguidamente a trote curto e passar daí ao galope. Os tempos de trote intermédios irão desaparecendo pouco a pouco até que se possam suprimir por completo e obter a saída directa do passo ao galope.

## II — CADENCIAR O GALOPE

Ao passo e à medida que o cavalo vai aperfeiçoando a sua obediência nas saídas a galope ir-se há simultâneamente regularizando e cadenciando êste andamento, o que se conseguirá por uma acção insistente das pernas e do *assiette* provocando a entrada dos propulsores para debaixo

da massa e o efeito das mãos actuando sobre as rédeas no segundo tempo de galope, para impedir a extensão de pescoço que o animal marca neste momento.

Combinando harmònicamente estas duas acções, a das pernas determinando a impulsão e a das mãos evitando a extensão do pescoço e fazendo refluir sobre o post-mão o excesso de pêsso que naturalmente incide sobre as espáduas, pouco a pouco e muito progressivamente as contracções irão desaparecendo, o andamento ir-se há equilibrando, o galope ir-se há encurtando e cadenciando.

Quanto mais se quer encurtar o andamento maior deverá ser a impulsão, isto é, mais enèrgicamente deverão empregar-se as pernas e o *assiette* e mais inteligente e finamente deverá actuar a mão para desfazer as contracções da maxila, dividindo constantemente os apoios, empregando meias-paragens ou vibrações segundo as necessidades de momento e as resistências encontradas.

### III — GALOPE INVERTIDO

Êste exercíco é uma esplêndida ginástica para o cavalo, confirma-o na obediência às ajudas, contribui muito para a flexibilidade da coluna vertebral, habitua-o a modificar ligeiramente a direcção da marcha sem desunir e serve ainda como preparatório para as passagens de mão a galope.

Ê um êrro supôr-se que só se deve praticar o galope invertido num andamento curto e concentrado; a utilização calma do cavalo militar exige que êste possa mudar fàcilmente de direcção em galope invertido, porque a passagem de mão a galope é um movimento que exige um certo tacto para ser feito sem romper a regularidade do andamento e infelizmente o nosso soldado não possui nem pode possuir — em tão pouco tempo de serviço militar — o sentimento equestre para o fazer com correcção ou, pelo menos, sem brutalidade.

Prepara-se o cavalo para o galope invertido começando por executar dentro do picadeiro e a galope curvas ligeiramente sinuosas; logo que o cavalo se mantenha sem esforço e sem passar de mão ou desunir em curvas de grande raio, começará então a exigir-se que mantenha o galope invertido na passagem dos cantos do picadeiro e só mais tarde, quando o animal o sustente com facilidade, se poderá exigir em círculos pequenos, abordar o oito a galope, etc.

Para executar as passagens dos cantos em galope invertido aproveitam-se as meias-voltas e as saídas a galope para a mão contrária ao

lado para que se trabalha, acentuando bem as ajudas na passagem dos cantos do picadeiro, afim de evitar a passagem de mão ou desunião do galope. É preciso sustentar bem a garupa com a perna de dentro e actuar com as duas rédeas de modo a manter mais avançada a espádua de fora. Nas voltas devem baixar-se um pouco as mãos para não prejudicar os movimentos do post-mão.

#### IV — PASSAGENS DE MÃO A GALOPE

Este exercício não deve ser exigido senão quando o cavalo está perfeitamente senhor do seu equilíbrio, franco e ligeiro nos seus andamentos e, sobretudo, quando está obediente e muito atento às ajudas do cavaleiro.

Prepara-se o cavalo para as passagens de mão executando saídas a galope alternadas para uma e outra mão, trabalhando no mesmo sentido, e metendo seguidamente a trote, passo ou parando entre cada saída depois de dados alguns passos de galope, aproximando cada vez mais, alternando-as sempre, as saídas a galope e diminuindo pouco a pouco o número de passos dados para cada mão. Antes de retomar o trote, o passo ou parar inverte-se a ajuda que se emprega para manter o galope, actuando muito suavemente por forma que o seu efeito tenha apenas como consequência endireitar o cavalo e metê-lo a trote, passo ou parar, segundo a vontade do cavaleiro; seguidamente actua-se com as pernas provocando a saída a galope para a outra mão.

Pouco a pouco irá desaparecendo o número de passos intermédios entre cada saída a galope; logo que o cavalo executa serena e facilmente estas saídas alternadas para uma e outra mão poderá então exigir-se a passagens de mão sem alterar o galope.

As primeiras vezes deve-se pôr-se o cavalo em galope invertido e exige-se a passagem de mão ou inversão do galope de fora para dentro e na passagem dos cantos, porque é onde ela é mais fácil de obter; só mais tarde se deverá exigir de dentro para fora e em círculos de raios variáveis, até que se acabe por obtê-la a direito.

Como claramente se vê, é necessário portanto que o cavalo esteja perfeitamente confirmado nas saídas a galope porque, se não fôr assim, só se consegue desorientar e acuar o animal, torná-lo incerto no andamento, fazer-lhe temer as passagens de mão.

Evitar o mais possível a rotina, não exigir a passagem de mão sempre

nos mesmos pontos do picadeiro, não permitir que os cavalos passem de mão por seu livre arbítrio, sem que o cavaleiro lho exija.

Em todo êste trabalho não pretender andar muito depressa. Se o cavalo resiste, não é conveniente castigar, é preferível decompôr a lição voltando às saídas a galope; a resistência prova que êle não está ainda convenientemente preparado, que é necessário voltar a insistir com as saídas a galope.

Para obter as passagens de mão é necessário possuir um grande acôrdo e a propósito nas ajudas, empregando-as com extrema prontidão e justeza no momento próprio de modo a não surpreender o cavalo; a simultaneidade nas acções da mão, perna e *assiette* deve ser absoluta.

Em equitação fina, para obter a passagem de mão emprega-se a ajuda diagonal e muitas vezes para ela se efectuar bastará apenas uma simples mudança na posição da cabeça do animal, sem ser necessária a intervenção do *assiette* e da perna. Em equitação corrente, e muito principalmente quando se governa o cavalo só com uma mão, a passagem de mão pode ser provocada por rutura de equilíbrio, sob a acção predominante do *assiette* e da ajuda lateral do lado de fora.

## CAPÍTULO XXXVI

### TRABALHO DE FLEXIBILIDADE

#### I — FIGURAS DE PICADEIRO

A) *Meia volta directa* — Para executar uma meia volta directa o cavaleiro abandona a pista seguindo uma curva que afecta sensivelmente a forma duma semi-circunferência e, depois de estar com a frente para a rectaguarda, retoma a pista seguindo uma recta paralela à diagonal do picadeiro.

A flexibilidade obtida com a execução das meias voltas ordinárias ou directas depende essencialmente da grandeza maior ou menor da curva descrita pelo cavalo. É um exercício que contribui muito para a flexibilidade da coluna vertebral, para a entrada dos posteriores para debaixo da massa, para ginastificar o ante-mão que muito aligeira com êste trabalho.

B) *Meia volta invertida* — Para fazer uma meia volta invertida o cavaleiro abandona a pista tomando uma recta paralela à diagonal do picadeiro e seguidamente vai retomá-la descrevendo uma semi-circunferência e ficando com a frente para a rectaguarda.

É uma ginástica boa para os rins e coluna vertebral e sobretudo para o post-mão, confirmando o cavalo na obediência às pernas.

C) *Linha quebrada* — É um exercício esplêndido não só para confirmar o cavalo na obediência às pernas e rédeas, como ainda para aligeirar as espáduas e ginastificar o post-mão. Se as mudanças de direcção são obtidas apenas com a acção da rédea, é o ante-mão que mais flexibilidade adquire; se são obtidas actuando principalmente com a perna e lançando

a garupa para fora, é o post-mão que mais trabalha e que mais mobilidade toma.

D) *Oito*—É uma figura formada por duas semi-circunferências reunidas por duas linhas rectas que se cruzam a meio. É um exercício próprio para tornar o cavalo obediente e atento às ajudas, tanto melhor e mais difícil de executar quanto mais pequeno fôr o seu tamanho.

O oito a galope, com ou sem passagem de mão nas mudanças de direcção, exige uma grande calma do cavalo e justeza das ajudas do cavaleiro e por isso se presta muitíssimo para cadenciar e dar flexibilidade ao animal.

Só pode obter-se com regularidade com um animal já adeantado, que se amolde com facilidade às mudanças de direcção de raio curto.

E) *Serpentina*—É, como o nome indica, uma sucessão de curvas justa-postas constituindo uma série de anéis semelhantes aos anéis duma serpente; daí o seu nome.

Nesta figura o animal descreve uma sucessão de meias-voltas nas quais tanto trabalha o ante-mão como o post-mão. Dá grande flexibilidade a toda a coluna vertebral, confirma o cavalo na obediência às ajudas.

F) *Circulo*—É um esplêndido exercício de flexibilidade, o melhor para ginastificar a coluna vertebral no sentido lateral, tanto mais proveitoso e difícil quanto menor fôr o seu raio e quanto mais rápido fôr o andamento. É relativamente fácil o trabalho em círculo num andamento lento, o que é difícil e necessário obter é o trabalho em círculos de pequeno raio e num andamento rápido.

## II—EXERCÍCIOS GINÁSTICOS

A) *Flexibilidade longitudinal da coluna vertebral*—Os exercícios ginásticos que mais contribuem para obter a flexibilidade longitudinal da sua coluna vertebral e, portanto, a entrada do post-mão para debaixo da massa são: alargar e encurtar alternada e freqüentemente os andamentos; as paragens e meias-paragens em todos os andamentos; as passagens do movimento para a frente ao recuar e vice-versa; as voltas apertadas exigidas com o emprêgo apenas da rédea, servindo as pernas simplesmente para conservar a impulsão.

B) *Flexibilidade lateral da coluna vertebral*—Obtém-se pelo emprêgo freqüente das voltas, meias-voltas, serpentinas, linha quebrada, oito, etc., e sobretudo pelo trabalho em andamentos rápidos sôbre círculos de pequeno raio.

C) *Mobilidade do ante-mão*—Consegue-se principalmente pelo trabalho de alargar e encurtar os andamentos, linha quebrada e serpentina executadas com rédea contrária, meias-voltas directas, rotações directas e trabalho de duas pistas em círculo com a garupa para dentro.

D) *Mobilidade do post-mão*—Os exercícios que mais contribuem para a mobilidade das ancas são: a linha quebrada e serpentina obtidas com a acção predominante da perna atirando a garupa para fora, meias-voltas invertidas, rotações inversas, galope invertido e, sobretudo, pelo trabalho de duas pistas em círculo com a garupa para fora.

E) *Mobilidade da maxila*—Obtém-se principalmente pelo trabalho de conjunto que tem por fim equilibrar o animal trabalhando sempre na impulsão; obtido um contacto franco e suave com a mão dividir-se hão os apoios (ceder e tomár, sciar com o bridão, alternar freio e bridão) afim de enganar as resistências e de desfazer a contracção dos músculos.



Torres Novas (1911) — No Campo de Caniços \*

## CAPÍTULO XXXVII

### TRABALHO EXTERIOR

#### I — SUA NECESSIDADE

Como freqüentemente temos acentuado, o ensino do cavalo de guerra não pode de modo algum limitar-se ao trabalho de picadeiro, tendo apenas em vista obter a ligeireza.

O cavalo exclusivamente ensinado no picadeiro está sobre as pernas, os seus andamentos são elegantes e curtos, maneja-se com grande facilidade mas será incapaz de galopar bem através do campo.

Se para a manobra e combate é necessário ter um animal bem equilibrado, muito manejável para fazer as voltas difíceis, mais indispensável é ainda que ele seja capaz de sustentar sem fadiga o galope através de todos os terrenos e ao mesmo tempo seja extremamente franco e destro para transpôr sem hesitações e com segurança quaisquer obstáculos naturais e desconhecidos que lhe apareçam pela frente.

Sendo a velocidade e a mobilidade sobre todos os terrenos os requisitos mais preciosos duma boa cavalaria, é evidente que as principais

\* Ao centro o Ten.<sup>te</sup> Carlos Veloso, o grande impulsionador do *Exterior* em Portugal.

qualidades do cavalo de guerra são a calma, o fundo e a franqueza sôbre todos os obstáculos, qualidades impossíveis de obter quando o ensino se limita apenas ao trabalho dentro de picadeiros, em movimentos e andamentos curtos e concentrados.

## II—PROGRESSÃO A SEGUIR — ANDAMENTOS A EMPREGAR

O trabalho exterior, harmônicamente entremeado com o trabalho de picadeiro, deverá começar o mais cêdo possível e sempre sôbre estrada e terrenos fáceis; só depois de obtida uma certa calma e confiança se passará a trabalhar em terrenos cada vez mais acidentados, afim de progressivamente habituar o cavalo a todos os objectos e accidentes de terreno que êle terá que encontrar no futuro desempenho da sua missão de cavalo de tropa, quer em tempo de guerra quer em tempo de paz.

O número de horas de trabalho diário depende principalmente do estado geral do cavalo e, se no princípio os passeios com cavalos novos não devem exceder uma hora, no fim da preparação podem durar três ou quatro.

*Passo*—Para obter um bom passo é necessário trabalhar durante algum tempo sôbre estrada ou terreno bem unido. O cavalo será dirigido bem direito, enquadrado entre a mão e as pernas do cavaleiro; as rédeas compridas, a mão em contacto suave e constante com a bôca do cavalo acompanhará os movimentos do balanceiro, permitindo-lhe a sua característica oscilação, e as pernas actuarão alternada e constantemente de modo a activar o andamento.

É um facto comprovado, prática e scientificamente, que o animal só pode alargar convenientemente o passo quando se lhe permita a livre execução das oscilações do balanceiro cervical e, portanto, só quando êle marche de cabeça livre e pescoço naturalmente estendido, descontraído e sem moleza, movendo os membros com calma e energia, andarâ bem num passo franco e livre.

Para desenvolver a agilidade e iniciativa do animal é conveniente, de vez em quando, deixá-lo marchar de rédeas bambas, completamente abandonadas, afim de que êle aprenda por si próprio a escolher o caminho e a evitar as pedras, buracos, etc.

Os longos exercícius de passo têm utilíssimas vantagens: sob o

ponto de vista físico fazem adquirir músculo, fortificam as articulações e tendões, *fazem o dórso*; sob o ponto de vista moral dão calma e confiança.

O passo é o andamento próprio para as longas subidas por isso que a fricção do selim se exerce no sentido do pêlo e, portanto, não há o perigo de se produzirem ferimentos no dórso; pelo contrário é inconveniente nas descidas longas, pela facilidade com que se originam ferimentos e por isso mais vale empregar o trote nas descidas de inclinação média.

*Trote*— O trote empregado deverá ser bem equilibrado, lento e cadenciado.

Para obter o trote lento o cavaleiro não deve puxar para trás, antes procurará com as mãos muito baixas exercer tracções intermitentes e suaves, ao mesmo tempo que acalmará o animal com a voz; se não se procede assim o cavalo, sentindo uma forte opposição das rédeas, levanta violentamente a cabeça e debate-se contra a mão que o dirige, lançando-se num andamento rápido e irregular que lhe fatigará os membros ou então tomará brutalmente o galope. «O cavalo deixará então de se apoiar normalmente, passará a forçar a mão, o que é diferente; apoiando-se o cavalo submete-se, forçando a mão defende-se.»

Com animais que tenham tendência para forçar a mão é conveniente procurar atalhos e caminhos irregulares e aproveitar as curvas para dar as saídas a trote, porque a própria disposição do terreno contribui para demorar o andamento; mas se, apesar de tudo, o animal força a mão, é preciso não perder a paciência e acalmá-lo muito com a voz, enganá-lo cedendo e retomando a mão intermitente e suavemente, sempre com as mãos muito baixas de modo a evitar a elevação da cabeça.

O cavaleiro deve em regar sempre o trote levantado, alternando com freqüência o diagonal sôbre que trotar e deve conduzir o cavalo com as rédeas antes curtas do que compridas.

Em virtude da sua velocidade uniforme é o andamento em que menos possibilidade há de o cavalo se ferir no dórso.

Convém empregá-lo nas descidas de inclinação média porque a própria inclinação suprime o esforço e facilita o avanço dos posteriores, mas deve evitar-se nas subidas.

É, por excelência, o andamento próprio das grandes marchas.

*Galope*— O galope deve ser normalmente obtido partindo do trote; o cavaleiro, mantendo as mãos muito baixas, inclinará o busto para deante e actuará ligeiramente com as duas pernas e com a voz evitando tocar

com as esporas para que a saída a galope se faça suavemente e sem sobressaltos.

Com os animais nervosos e que têm grande tendência para forçar a mão, é de toda a conveniência dar-lhes primeiramente uns longos tem-



Torres Novas (1917) — Alf. Van Grichen no BAZARUCO.

pos de trote e, logo que se tenha obtido uma certa cadência e calma neste andamento, mete-se o animal em círculo e empurra-se para o galope neste momento, fazendo predominar as ajudas do lado de fora e inclinando o busto para deante e para dentro.

Se o cavalo força a mão procede-se da mesma forma que no trote: recusa-se o ponto de apoio e retoma-se suavemente a mão, acalmando com a voz. Com paciência, método e persistência depressa se obterá um galope cadenciado, estendido, que o cavalo poderá suportar sem fadiga durante bastante tempo.

Logo que o cavaleiro tenha obtido uma certa calma a galope começará a descrever curvas sinuosas neste andamento, sem exigir passagens de mão, para ensinar o cavalo a modificar ligeiramente a direcção da marcha sem desunir. Para isso é indispensável começar por curvas de grande raio, actuando muito suave e progressivamente com a mão, evitando as deslocações do *assiette*, para fazer a mudança de direcção sem que o animal desuna ou passe de mão.

Se é certo que, sob o ponto de vista de ensino, de ginástica funcional, é indispensável que o cavalo galope em qualquer das mãos segundo a vontade do cavaleiro, a verdade é que, sob o ponto de vista da conservação do cavalo e sob o ponto de vista militar, a passagem de mão é muito dispensável e muitas vezes até prejudicial.

A maior parte dos cavalos do exército, de volteio, de circo e de amazônas só galopam numa determinada mão e contudo não têm por esse facto um curvilhão mais tarado do que o outro. É certo também dizer-se vulgarmente, e todos nós o temos repetido dezenas de vezes à força de o termos ouvido, que o cavalo pode cair quando faz uma volta em galope invertido, mas a verdade é que nunca nenhum de nós viu tal coisa e que a queda só é para reear quando o cavalo vai desunido.

O que é essencial é que o cavalo volte sem desunir e o que é indiscutível é que a passagem de mão a galope é um movimento complicado, que exige um certo tacto para ser feito sem que o cavalo perca a calma e sem romper a regularidade do andamento.

É claro que, do que fica dito, não se deve por forma alguma concluir que este exercício não deva ser praticado durante o ensino e que seja absolutamente inútil na utilização prática do cavalo; o que é preciso acentuar é que é preferível fazer as voltas em galope invertido a fazê-las obtendo a passagem de mão sem calma ou rompendo a regularidade do andamento.

Quando se quiere levar a educação do cavalo de exterior até às passagens de mão é preciso só as abordar quando o animal mude facilmente de direcção a passo e trote e saia a galope para a mão que o cavaleiro quiere, sob a acção das ajudas laterais do lado de fora, e obedeça prontamente à mais ligeira indicação da rédea contrária; são as bases fundamentais da equitação de exterior e da condução com as rédeas numa mão, coisa que o cavaleiro militar nunca deve esquecer nem pode pôr de parte.

O cavalo prepara-se para as passagens de mão da seguinte forma: galopando para a direita, por exemplo, mete-se a trote e depois duns pequenos tempos neste andamento volta-se para a esquerda impelindo neste

momento o cavalo muito suavemente para o galope para a esquerda, empregando as ajudas laterais do lado de fora; executa-se êste exercício freqüentes vezes para ambas as mãos, reduzindo pouco a pouco os tempos de trote intermédios e, no fim dum prazo de tempo que varia com a conformação, temperamento e índole do cavalo, êste chegará a fazer a passagem de mão sem interromper o galope e sem ficar desunido, apenas com uma ligeira indicação da rédea contrária e mais tarde até só com uma pequena deslocação do *assiette*, como é vulgar ver-se em alguns bons cavalos de campo ou especialistas de concurso hípico.

Quando se dispõe dum terreno com bom piso é conveniente, logo que se obtém uma certa calma no galope normal, alargar-se êste andamento de vez em quando, em pequenas distâncias, não só para dar ao animal o hábito de se não excitar quando tenha de sair da sua cadência ordinária, como ainda para lhe abrir os pulmões e desenvolver todos os seus recursos.

O galope, que é o andamento mais agradável para o cavaleiro, é no entanto aquele em que o cavalo mais facilmente se fere, não sòmente porque a progressão não é uniforme como ainda porque é acompanhada de elevações e abaixamentos do centro de gravidade.

Para galopar cômодamente e com o mínimo de fadiga para o cavalo, de modo que êste antes pareça deslizar brandamente sôbre o terreno em virtude da velocidade adquirida do que marchar em resultado de qualquer esforço, é preciso colocar as mãos baixas, em contacto permanente e ligeiro com a bôca, o busto ligeiramente inclinado para deante, as pernas naturalmente unidas correspondendo a sua acção ao gesto dos propulsores; as mãos e o tronco acompanharão elásticamente os movimentos do cavaleiro cervical e o movimento basculante do galope, de modo a que—por assim dizer—o cavaleiro galope harmònicamente com o seu cavalo, acompanhando o seu balanço ritmado sem sobressaltos nem desencontrões.

### III — TRANSPOSIÇÃO DE OBSTÁCULOS

As descidas íngremes deverão fazer-se a passo e seguindo a linha de maior declive. O cavalo será conduzido de rédeas separadas, bem entalado entre as mãos e as pernas, sobretudo ao iniciar a descida, devendo o cavaleiro acompanhar com a mão a acentuada extensão de pescoço que se produz neste momento.

O cavaleiro agachar-se há, recuando o *assiette* e sem perder o con-

tacto com o selim, por forma a poder adaptar-se fàcilmente aos movimentos do cavalo e a, por assim dizer, se suprimir sôbre êle, baixando o mais possível o centro de gravidade comum e evitando, portanto, com mais facilidade que se dê qualquer desequilíbrio; as pernas conservar-se hão bem unidas junto às cilhas e as mãos muito baixas e avançadas de modo a poder dirigir o animal pela linha de maior declive e a impedir que êle se atravesse.

O corpo demasiadamente inclinado para trás contraria o movimento progressivo do animal, produz o deslocamento das pernas do cavaleiro para deante tirando-lhe a solidez, faz recuar e elevar as mãos tornando



Torres Novas (1911) — Ten.<sup>te</sup> Júlio de Oliveira  
no ADAMASTOR.

diffícil vêr e manter a direcção a seguir, o que é muito perigoso quando se trata duma descida áspera e muito comprida; o corpo demasiadamente inclinado para deante faz recuar as pernas do cavaleiro ao mesmo tempo que o levanta do selim e lança sôbre o garrote, o que lhe dá pouca estabilidade e produz um grande desequilíbrio para o cavalo, podendo fàcilmente originar uma queda desastrosa.

O cavalo deve ainda ser habituado a fazer as grandes descidas, não muito ásperas, a trote e a galope.

Seguindo uma progressão meticolosa no acréscimo das dificuldades e permitindo aos animais a máxima liberdade para utilizarem os seus recursos, consegue-se dar-lhes no fim dum certo tempo uma agilidade e

coragem extraordinárias e habituá-los por tal forma à execução destes exercícios que chegam a descer inclinações só próprias de cabras.

Empregando um método racional e extremamente progressivo consegue-se que o cavalo chegue a não temer obstáculo algum. Todo e qualquer cavalo, por melhor que seja, se negará obstinadamente a obedecer ao cavaleiro, se este o quiser obrigar a descer pela primeira vez uma rampa áspera de três a quatro metros de altura; procedendo com critério até mesmo os mais mal conformados o fazem depois duma certa preparação.

As subidas muito compridas e pouco ásperas deverão ser feitas a passo; se se trata duma encosta ou colina deve-se caminhar aos zig-zags e parar diferentes vezes para descansar o animal.

As subidas íngremes devem ser abordadas bem perpendicularmente a meio da sua frente, seguindo a normal e sempre com uma certa velocidade; moderadamente se a sua extensão é grande e para que o cavalo não chegue ao fim com as fôrças exgotadas, rápidamente se são curtas e ásperas, para que o impulso adquirido evite um grande esforço muscular e qualquer queda para a rectaguarda.

Nas subidas o cavaleiro inclinará o corpo para deante afim de aliviar os rins e garupa do animal e dar-lhe toda a facilidade para comunicar a impulsão; as mãos adeantam-se e baixam-se de modo a permitir a completa extensão da cabeça e pescoço.

Os fôssos de grandes dimensões não deverão ser saltados; o cavaleiro procurará apenas *passá-los*, conformando-se com as regras indicadas para as subidas e descidas. No princípio e com cavalos muito enérgicos e de pouco sangue-frio é preciso torcê-los um pouco na entrada da descida para evitar que tentem saltar violentamente e de uma só vez para o outro lado.

A passagem de terrenos pantanosos deve ser feita com cuidado, muito devagar e passo a passo, evitando marchar na rectaguarda doutros cavalos.

A passagem de cursos de água só em caso de absoluta necessidade será feita a nado; procurar-se há sempre um vau, fácil de reconhecer porque de ordinário aí vêm sempre desembocar caminhos ou atalhos dos lados das duas margens. Evitar-se há qualquer paragem dentro da água com os cavalos que têm tendência para se deitar, e isso é fácil de perceber porque o anunciam sempre escarvando com os membros anteriores.

O cavaleiro procurará ainda saltar todos os obstáculos que vulgarmente se encontram através do campo (muros de pedra solta, passagens

de estrada, sébes, barreiras de campo, valados, etc.) ou passar todos aqueles que não podem ser regularmente saltados (barrancos, vaus, etc.).

Seguir-se há uma progressão muito racional começando sempre por obstáculos de pequenas dimensões e tendo o cuidado de, no princípio, fazer ver previamente cada obstáculo, afim de evitar surpresas que poderão



Na estrada militar (1909) — Asp.<sup>tes</sup> Rui Menezes  
e Afonso Botelho

desorientar o cavalo e fazer-lhe nascer má vontade; preocupando-se mais em obter franqueza do que correcção no salto, a destreza do animal desenvolver-se há pouco a pouco e a prática continuada destes exercícios far-lhe há adquirir sangue frio, golpe de vista e até estilo no salto.

E por esta forma, com alguma pachorra e persistência, no fim de pouco tempo ter-se há um cavalo calmo e elástico nos 3 andamentos, desembaraçado sobre todos os terrenos e franco sobre todos os obstáculos naturais, isto é, o ideal do cavalo de exterior.

É de toda a conveniência empregar apenas o bridão durante esta parte da educação do cavalo porque com êle o cavalo se apoia muito mais francamente na mão e há menos probabilidades de o magoar na bôca em consequência de qualquer movimento brusco inesperado, como freqüentemente acontece quando se galopa através do campo.

#### IV—EXERCÍCIOS DE NATAÇÃO

Os cursos de água podem e devem ser incluídos no número dos obstáculos naturais que mais seriamente dificultam a marcha dos exércitos em operações.

A proximidade das forças inimigas, a ocupação dos vaus, a destruição das pontes ou a falta de material que rapidamente permita improvisar qualquer meio de passagem expedita e segura, são tudo contrariedades com que haverá a lutar em campanha e que nos obrigarão muitas vezes a recorrer ao processo de travessia a nado.

Este sistema é sempre perigoso e difícil mas exactamente por isso mesmo é que se torna de absoluta necessidade praticá-lo em tempo de paz, porque a falta de preparação pode em tempo de guerra originar sérias perdas de homens e cavalos e dificultar às forças de cavalaria em campanha o cumprimento das espinhosas missões que lhe incumbem.

Se é verdade que o cavalo nada por instinto, exactamente como galopa ou salta, também é incontestável que a prática freqüente dêste exercício o habitua a utilizar-se melhor de todos os seus meios e concorre para lhe dar mais boa vontade e coragem. Da mesma forma que ninguém contesta a vantagem que o trabalho de picadeiro tem para a utilização prática do cavalo, assim algumas lições de natação são extremamente vantajosas para preparar melhor o animal para atravessar os cursos de água; a *trenagem* metódica desenvolve o instinto e o *savoir-faire* do animal, adapta a este género de trabalho o funcionamento do coração e pulmões, dá-lhe destreza e calma, permite-lhe enfim nadar sem fadiga, durante mais tempo e mais rapidamente, suportando o peso do cavaleiro.

Sob qualquer aspecto que se encare a natação tem sempre utilíssimas vantagens e emprega-se até largamente como meio de *trenagem* para provas de fundo e com cavalos cujo estado de membros inspire alguns cuidados porque dá pulmão e músculo, actua benêficamente sobre o sistema nervoso sem risco de accidentes para os membros.

##### A) *Progressão a seguir.*

1.º Como muitos cavalos entram na água com alguma dificuldade, é conveniente começar por passar alguns vaus, com profundidades variáveis, de modo a conseguir primeiro que os animais entrem e permaneçam na água com *sossêgo*;

2.º Seguidamente faz-se nadar o cavalo, nu e não montado, segurando-o com uma corda ou guia presa à cabeçada de mangedoura; por

esta forma evita-se dar-lhe qualquer pancada involuntária e violenta no chanfro o que, junto à atrapalhão causada pelo afundar súbito e pelos salpicos de água produzidos pelo violento movimento dos membros, concorreria para lhe fazer perder a cabeça. O instrutor guiará o cavalo de dentro dum barco ou jangada;

3.º Adquirida uma certa calma e franqueza, faz-se montar em pêlo por um bom nadador e executa-se a passagem dum curso de água apenas com a extensão dalguns metros. Depois dalgumas lições o cavaleiro passará a aprear-se logo que o animal perde pé, segurando-se com uma mão à crina, pescoço ou cauda e nadando ao lado ou na rectaguarda do cavalo; em qualquer dos casos êste continua ainda a ser dirigido de dentro do barco ou jangada pelo instrutor que segura a guia ou corda;

4.º Repete-se o mesmo exercício ainda com o cavalo desaparelhado mas já com o bridão, dirigindo-o o cavaleiro por meio de suaves indicações das rédeas.



Escola de Equitação (1913) — Travessia do Tejo a nado.

#### B) *Observações.*

A lentidão da progressão é uma garantia absoluta de sucesso e por isso é indispensável não procurar ir muito depressa porque, de contrário, se perturbará o pouco raciocínio do cavalo e dispartará má vontade da sua parte, além de lhe dificultar o emprêgo de todo o seu instinto e recursos físicos.

É absolutamente necessário, pelo menos no princípio, que as margens do rio sejam suavemente inclinadas para que o animal possa entrar e sair facilmente da água.

O cavaleiro, para atravessar um curso de água a nado sôbre o cavalo, poderá deixar de saber nadar quando tenha coragem e sangue-

-frio e o animal esteja bem familiarizado com este exercício. Mas, para dar lições de natação a um cavalo nada habituado a esta ginástica, é preciso um bom nadador porque só assim haverá a certeza de o dirigir bem e de lhe não prejudicar o livre emprêgo de todas as suas faculdades.

O cavalo, apesar do que vulgarmente se diz em contrário, só nada bem suportando o pêso do cavaleiro depois duma prática prolongada.

O melhor processo para uma fôrça de cavalaria efectuar a travessia dum curso de água a nado consiste em pôr na frente dois ou três cavalos montados, reconhecidamente bons nadadores e fáceis de dirigir, e meter na rectaguarda os restantes, em liberdade e com o cavaleiro seguro por uma mão à cauda (quando não possam ir dentro de barcos ou jangadas).

Para ensinar os cavalos a nadar com cavaleiro são precisos bons nadadores. O cavaleiro agachar-se há bem sôbre o cavalo inclinando-se para diante e agarrando-se até com uma mão às crinas ou pescoço; as rédeas manter-se hão separadas e bambas porque a menor tracção pode virar o animal ou provocar uma volta prejudicial; quando se pretende dar qualquer indicação sôbre a direcção a seguir, as mãos afastam-se suave e momentâneamente; as pernas conservam-se bem unidas para evitar que a impulsão da água separe o cavaleiro do selim ou do dôrso do animal.



Escola de Equitação (1913)—Travessia do Tejo a nado.

IV PARTE

CAVALOS DIFÍCEIS





Torres Novas (1903) — Asp.<sup>te</sup> Cifka Duarte.

## CAPÍTULO XXXVIII

### CAVALOS DIFÍCEIS

#### RESISTÊNCIAS <sup>1</sup>

Raros são os cavalos que naturalmente se defendem por má índole. A causa das resistências, sobretudo nos pôldros, deve ser normalmente atribuída a qualquer sofrimento devido a taras, visíveis ou invisíveis, a má conformação, fraqueza, medo ou surpresa, e muitas vezes elas têm também a sua origem nas exigências demasiadas, ignorância ou brutalidade do cavaleiro.

O cavalo começa, em geral, por hesitar em obedecer ao cavaleiro, quer porque não compreende as indicações das suas ajudas, quer porque sofre em virtude de qualquer dor, quer ainda porque tem medo de qualquer coisa; esta *hesitação* inicial ir-se há insensivelmente agravando e degenerará mais tarde em *desobediência*, se não fôr pressentida e corrigida a tempo; e a desobediência transformar-se há muito rapidamente em *defesa*, isto é, em luta aberta contra o cavaleiro devido à sua falta de tacto, medo ou brutalidade.

As resistências graves, isto é, as defesas têm sempre como ponto de partida o acuamento ou a sobrecarga de espáduas.

<sup>1</sup> Ver o notável trabalho do coronel A. Gerhardt: *Traité des resistances du cheval*.

O *acuamento* consiste na retracção de forças do animal sobre o post-mão, na relutância em obedecer à acção impulsiva das pernas do cavaleiro.

O acuamento manifesta-se sempre que a acção impulsiva das pernas não seja seguida imediatamente dum clara manifestação do desejo de ir para deante, dum mais sensível contacto com a mão. *Acua* o cavalo que nas voltas descai com a garupa para dentro, que a recuar precipita o movimento retrógrado, *acua* o cavalo que foge à acção da mão encaputando em lugar de se apoiar devidamente e tornando-se, portanto, falsamente ligeiro, isto é, pondo-se atrás da mão; e o cavalo atrás da mão rapidamente se porá atrás das pernas, isto é, chegará a ponto de se recuar obstinada e terminantemente a ir para deante, se uma correcção pronta e racional se não tiver feito sentir a tempo, se o cavaleiro não combater imediata e enèrgicamente esta tendência para o acuamento fazendo primar as acções das pernas sobre as das mãos e pondo completamente de parte a execução de movimentos e exercícios que tendam a colocar o cavalo sobre as pernas, porque isso só agravará as resistências.

O melhor correctivo do acuamento reside no emprêgo dos andamentos largos, para levar o cavalo francamente sobre a mão e o obrigar a distender a cabeça e pescoço, afim de transportar sobre as espáduas o excesso de pêsso que está sobre o post-mão; e em tornar o animal dócil e obediente à acção das pernas por meio de ataques enèrgicos de espora, auxiliada pela chibata — se necessário fôr — afim de impôr respeito às pernas e de o pôr em estado de sair prontamente para deante à sua acção.

*A sobrecarga de espáduas* é caracterizada por disposições absolutamente inversas das do acuamento.

Em virtude do excessivo pêsso que está sobre o ante-mão, o animal apresenta-se desequilibrado para deante, de cabeça e pescoço baixos, é difficil de manejar podendo até por vezes êste desequilíbrio, com animais enèrgicos e ardentes, originar resistências capazes de comprometerem seriamente a segurança do cavaleiro.

A correcção dèste defeito será naturalmente inversa da do acuamento e consistirá em melhor equilibrar o animal lançando sobre o post-mão o excesso de pêsso que o ante-mão suporta; provocar-se há, portanto, a elevação da cabeça e pescoço à custa da entrada dos posteriores para debaixo da massa, trabalhando-se de preferência dentro do picadeiro, em andamentos curtos e cadenciados, insistindo freqüentemente com meias-paragens, paragens e recuar, enfim, com todos os exercícios ginásticos que têm por fim obter o refluxo de pêsso das espáduas sobre a garupa.

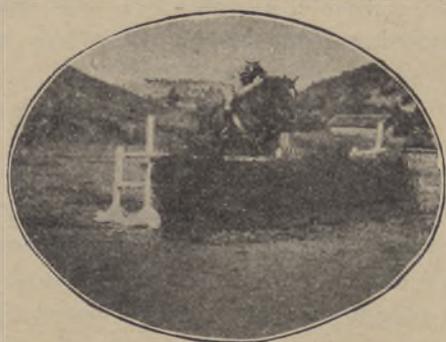
\* \* \*

Os afagos e castigos desempenham um papel importantíssimo no ensino de todos os cavalos e muito principalmente no dos viciados. A recompensa deve acompanhar ou seguir imediatamente toda a resistência vencida mas nunca deve ser dada antes de se ter obtido submissão ou em plena revolta; castigar enérgicamente mas com propósito e discernimento logo que a falta se cometeu ou enquanto a defesa se manifesta é o grande princípio de educação dêstes animais.

No ensino dos *cavalos viciados* é raro darem resultados satisfatórios os meios brandos; em geral é necessário recorrer aos argumentos mais enérgicos para provar a um animal de carácter difícil que se é mais forte do que êle, que tem de se submeter à vontade de quem o monta.

Quando a luta se torna necessária é indispensável não perder o sangue-frio e importa que o cavaleiro dela saia vencedor, custe o que custar; recorrer-se há ao emprêgo dum ajudante sempre que as circunstâncias o indiquem porque no ensino dos cavalos de má índole e muito viciados não se trata apenas de dar provas de energia e solidez, o que é preciso é tornar dócil e obediente no mais curto prazo de tempo o animal que se defende. Conquanto isto repugne a alguns cavaleiros, a verdade é que há, durante o ensino de animais viciados, inúmeras ocasiões em que é indispensável saber impôr silêncio ao amôr-próprio.

Convém conservar de preferência as rédeas separadas. Não abusar do emprêgo das rosêtas aceradas que só produzem grandes contracções, empregar com freqüência e de preferência a chibata, cujos efeitos impulsivos são superiores aos das esporas com a maior parte dos cavalos.



Torres Novas (1917) — Ten.º A. Mesquita no Cin.

## CAPÍTULO XXXIX

### CAVALOS DIFÍCEIS MAS NÃO VICIADOS

#### A) Cavalo ardente

O cavalo ardente deverá ser montado isoladamente, pelo menos durante algum tempo, e sossegado por um emprêgo constante da voz e dos afagos.

As lições compridas e monótonas, em andamentos lentos, passo e trote curto, contribuem imenso para acalmar os cavalos ardentes, sobretudo quando o cavaleiro actua moderadamente com as ajudas e não força o animal a executar movimentos que exijam uma posição concentrada.

Produzir o abaixamento da cabeça e pescoço por meio de tempos de trote prolongados; executar em seguida voltas e freqüentes mudanças de direcção um pouco apertadas, para habituar o animal a suportar a pressão das pernas e a acção das rédeas.

O processo de acalmar é, na verdade, o mais seguro e de efeitos mais eficazes e duradouros para sossegar os animais de temperamento muito irritável.

#### B) Cavalo brando

Muitas vezes os cavalos novos, ainda que pareçam completamente feitos e em bom estado, apresentam-se no trabalho com uma certa falta de energia que não é devida ao temperamento brando mas sim ao facto de não terem ainda adquirido a plenitude e o desenvolvimento das suas fôrças.

Logo que o cavaleiro tem a certeza absoluta que a falta de energia

do cavalo provém realmente da falta de vontade ou dum temperamento muito brando, procurará *espertá-lo* em lições curtas empregando andamentos vivos, actuando de vez em quando enèrgicamente com as esporas e chibata, tendo no entanto o cuidado de não insistir com os castigos a ponto de provocar a insensibilidade do animal ou resistências.

Convém igualmente fazê-los trabalhar juntamente com cavalos enérgicos, porque assim se lhes desperta uma certa emulação.

### C) Cavalo que não anda a passo

Duas causas absolutamente opostas podem dar origem a êste defeito: a sobrecarga de espáduas e sobrecarga das ancas.

Quando o cavalo não anda a passo por estar sôbre as espáduas—apresentando-se portanto de cabeça baixa e pesando na mão—trabalhar-se há de preferência dentro do picadeiro, exigindo paragens, meias-paragens e recuar, insistindo com todos os exercícios indispensáveis para provocar o avançamento dos posteriores para debaixo da massa e a elevação do pescoço e cabeça.

No princípio do ensino, quando o animal ainda está muito desequilibrado para deante, é bastante vulgar êste defeito, que pouca importância tem quando é esta a causa determinante, porque é relativamente fácil de corrigir.

Quando o cavalo está sôbre as pernas duas causas podem dar origem à dificuldade em manter o passo: um defeito de ensino combinado ou não com grande ardência de temperamento, ou única e simplesmente um tēperamento ardente, mesmo que o animal conheça perfeitamente as ajudas e esteja dominado.

Se o cavalo sôbre as pernas não anda a passo simplesmente por defeito de ensino, marcha de cabeça levantada e não se apoia francamente sôbre a mão; o remédio é simples e consiste em atirá-lo para andamentos largos de modo a provocar a extensão do pescoço e o abaixamento da cabeça.

Se o cavalo não anda a passo apenas em consequência de ter um temperamento muito ardente, o defeito é mais difícil de corrigir, muitas vezes mesmo até impossível de tirar completamente.

Com animais nestas condições deve empregar-se o trabalho isolado; alguns tempos de trote e galope largo para provocar a extensão de pescoço, sobretudo fora do picadeiro, para seguidamente se exigir o passo em terrenos desiguais.

Evitar seguir invariavelmente o mesmo caminho para sair e entrar no quartel porque na volta para a cavalaria o cavalo tem sempre tendência para choutear; dar uns tempos de trote largo, com muita liberdade, permitindo até um certo abandono, que é um dos melhores calmantes para animais nestas condições.

Na volta para o quartel, se o animal conhece o caminho, não insistir com o passo, permitir um trote abandonado.

#### **D) Cavalo que não trote**

É quasi sempre porque tem o post-mão muito sobrecarregado e porque está acuado que um cavalo apresenta dificuldade em trotar.

Para corrigir o animal deste defeito devem empregar-se os andamentos largos de modo a transportar para as espáduas o excesso de peso que está sobre as ancas; actuar com as pernas atirando o cavalo para deante, provocando a extensão do pescoço sempre que elle tome o galope curto em lugar do trote. Empregar principalmente o trabalho exterior e, para evitar a fadiga, entremear os tempos de galope largo com lances de passo, durante os quais se permitirá a máxima liberdade de cabeça e pescoço, inclusivamente abandonando completamente as rédeas.

Estando a galope e querendo passar ao trote, inclinar o corpo para trás, endireitar o cavalo puxando suavemente pelas rédeas, ceder a mão logo que o animal dê o primeiro tempo de trote e conservar o busto direito e as pernas fixas.

Convém notar ainda que o cavalo muito fatigado ou dorido dum membro, sobretudo anterior, toma o galope de preferência ao trote.

#### **E) Cavalo com dificuldade em sair a galope**

A causa principal desta dificuldade reside quasi sempre numa deficiência de ensino, falta de preparação, por vezes junta a falta de flexibilidade ou estado doloroso do post-mão.

O cavalo que recusa tomar o galope tem sempre excessivo peso sobre as espáduas, está desequilibrado para deante; os animais de pescoço grosso e grande cabeça, os excessivamente compridos, de dorso e rins mal conformados bem como os de garrote apagado, têm geralmente grande dificuldade no trabalho a galope pelo excessivo peso que está sobre as espáduas, pelas resistências que apresentam a todos os trabalhos de concentração.

O remédio está portanto naturalmente indicado: paragens freqüentes, constantes meias-paragens afim de fazer refluir o pêso sôbre o post-mão aligeirando o ante-mão, o recuar e um grande cuidado na colocação correcta da cabeça e pescoço.

### **F) Cavalo que recusa sair a galope para uma mão**

Esta dificuldade é em geral proveniente duma desigualdade de equilíbrio ou ainda de qualquer tára dos curvilhões, bolêtos ou tendões.

Se a dificuldade é derivada da existência de qualquer tára dolorosa, o único caminho a seguir é tratar do animal, para não provocar defesas e não o arruinar estúpida e cegamente. Se a dificuldade provém dum desequilíbrio, duma desigualdade, corrigir-se há pouco a pouco com o emprêgo do trote levantado sôbre a espádua atrasada e exigir-se hão as saídas a galope em círculo, empregando ajudas laterais, nas voltas ou passagens dos cantos, quando a garupa estiver para dentro. Insistir com o trabalho de duas pistas e rotações para o lado difícil.

Muitos cavalos que têm dificuldade em galopar para uma determinada mão estão muito acuados e portanto é conveniente, antes de proceder à ginástica adequada e indispensável do lado difícil, atirá-los bem para deante, dar-lhes impulsão.

### **G) Cavalo que desune o galope**

O animal que desune o galope sofre geralmente do post-mão; êste defeito pode ainda ser derivado da falta de fixidez das ajudas do cavaleiro ou dêste exigir uma posição demasiadamente concentrada que o cavalo não pode suportar no grau de ensino em que se encontra ou em consequência da sua conformação defeituosa.

Para corrigir êste defeito começar-se há por colocar o animal francamente sôbre a mão, de modo que êle a aceite com toda a confiança; seguidamente o trabalho de concentração em círculo para o lado difícil irá pouco a pouco contribuindo para ginastificar o membro que desune e para corrigir o defeito.

O cavalo desune o galope quasi sempre de trás; o desunir freqüentemente de deante é sempre um mau sintôma, derivado dum estado doloroso dos tendões, pés ou articulações dos membros anteriores.

## H) Cavallo que bate na mão ou incensa

Êste hábito detestável representa quasi sempre uma imperfeição do ensino.

Os defeitos de conformação, sobretudo fraqueza dos membros posteriores, excessivo comprimento dos rins e um dôrso mergulhante contribuem também para êste defeito; a animais nestas condições são custosos todos os exercícos que exigem concentração, à qual êles fogem batendo na mão.

O pôldro que ainda não está bem *encostado* ao freio ou ao bridão incensa freqüentemente; o cavallo mal enfreado ou ferido na bôca ou barbada também incensa geralmente.

Para bater na mão o cavallo demora ligeiramente o andamento em que marcha; no momento em que o cavaleiro sente que o animal se prepara para incensar, empurra para deante com as pernas e descerra os dêdos para permitir a distensão do pescoço e o abaixamento da cabeça.

## I) Cavallo que despapa

Em geral a má conformação de pescoço (pescoço invertido) predispõe o animal para êste defeito mas esta posição defeituosa provém freqüentemente do cavallo ter sido montado por um cavaleiro que lhe fez temer a mão.

A primeira coisa que haverá a fazer será obter a distensão do pescoço permitindo um franco e suave apoio sôbre a mão. Depois fixar-se há a mão, immobilizando-a com as rédeas justas, actuando com as pernas até que o animal baixe um pouco a cabeça, abrindo os dêdos e cedendo ao menor sinal de obediência.

Insistir freqüentemente até que o cavallo compreenda que a mão é dura quando despapa e que é branda logo que coloca bem a cabeça.

Dá bom resultado para corrigir êste defeito o trabalho em círculo de garupa para fora, que contribui para levar o cavallo sôbre as espáduas e o obriga a baixar a cabeça.

Com cavallos muito viciados e de que rápidamente é necessário tirar partido, é de grande auxílio o emprêgo da gamarra no freio.

## J) Cavallo que encapota

É um defeito difícil de corrigir, muito mais difícil mesmo que o despapar.

Começar-se há naturalmente por distender o pescoço, com anda-

mentos largos e com suave apoio na mão; depois empregar-se hão as rédeas do bridão actuando sôbre a commissura dos lábios para levantar a cabeça, que deverá ficar além da vertical, ao mesmo tempo que as pernas actuam para impedir qualquer demora no andamento.

Exigir pouco a princípio e ceder logo que o cavalo levanta um pouco a cabeça; fazer isto em todos os andamentos até que o animal tome uma atitude suficientemente elevada todas as vezes que se actue com as pernas e se tornem tensas as rédeas do bridão.

O encapotar é dos defeitos que mais tempo leva a corrigir.

### **K) Cavalo medroso**

Quási todos os cavalos novos são naturalmente um pouco medrosos, sobretudo quando isolados; um trabalho metódico e prudente, em que o tempo e a paciência representam o principal papel, corrigirá pouco a pouco êste defeito que, por vezes, chega a ser grave.

O hábito vulgar de obrigar o cavalo a cheirar à fôrça o objecto que o assusta deve ser banido completamente, pois só pode dar maus resultados porque ao mêdo se vai juntar ainda a recordação dum castigo que a limitada intelligência do animal attribui ao próprio objecto.

Se se trata da vista dum objecto desconhecido, o cavaleiro, conservando-se bem ligado aos movimentos do cavalo e permitindo-lhe ao mesmo tempo uma certa liberdade, procurará passar freqüentes vezes por êle, primeiro acompanhado e a certa distância e depois próximo, animando o animal com a voz e acalmado-o. Se o objecto vem ao encontro do cavaleiro, deve-se afastar dêle, tomar um caminho transversal, se é possível, afim de evitar qualquer luta e depois segue-se tranqüilamente aproximando-se dêle pouco a pouco. Se o objecto se afasta do cavaleiro, segue-se não tentando passar-lhe adeante. Se vem atrás do cavaleiro, acalma-se com a voz e toma-se um caminho transversal; depois do objecto ter passado coloca-se atrás dêle e segue-se.

Se se trata dum ruído, o melhor é deixar ao cavalo toda a liberdade ligando-se bem aos seus movimentos, afim de que nada venha aumentar o mêdo e a desordem. Se o ruído é prolongado, como — por exemplo — o rufar de tambores, barulho dum comboio, etc. acalma-se com a voz e conserva-se o animal a distância, que pouco a pouco irá diminuindo aproximando-se do objecto cada vez mais.

Com os animais a que tudo serve de pretexto para fingirem que têm medo deve-se empregar toda a energia.

## CAPÍTULO XL

### CAVALOS VICIADOS

#### A) Cavallo que se pega

O animal que se pega, quer seja junto dos outros cavalos, quer à porta da cavalaria, do quartel ou em qualquer outro sítio, é sempre um animal acuado e atrás das pernas.

Por mais duma vez falámos nos processos para corrigir o acuamento e para impôr respeito à acção impulsiva das pernas; apenas lembramos mais uma vez que os andamentos largos e estendidos, a chibata e o pingalim devem ter um largo emprêgo na correcção de animais assim viciados.

Depois de conseguida com algumas lições uma certa obediência às pernas, far-se há então a experiência levando o animal para junto de outros cavalos e tendo tido previamente a precaução de colocar junto destes um ajudante munido de pingalim; se, apesar disto, o animal recalçitra e se defende junto dos outros cavalos encostando-se a êles, o cavaleiro procurará afastá-lo empregando a rédea contrária de opposição do lado para que o cavallo se encosta, e não com a rédea de abertura (como é vulgar vêr fazer-se), ao mesmo tempo que o ajudante actua com o pingalim. Balouçado da esquêrda para a direita e da direita para a esquêrda, o animal decidir-se há finalmente a sair para deante à acção das pernas e do pingalim, que apenas deve actuar quando as pernas atacarem.

A experiência mostrou que o cavallo ainda estava acuado, atrás das pernas, e portanto são necessárias mais algumas lições para obtêr a indispensável obediência às esporas.

Há alguns cavalos que a êste vício juntam o de dar coices e por isso é conveniente não os atacar com as esporas junto dos outros cavalos,

por causa dos acidentes a que se exporiam os cavaleiros e animais vizinhos.

### **B) Cavallo que dá coices**

O cavallo que dá coices inicia sempre esta defesa demorando o andamento ou parando completamente e a seguir, no momento em que a garupa se eleva e destaca a parelha de coices, levanta bruscamente o pescoço. A fotografia veio demonstrar esta verdade, que está em manifesta contradição com o que todos nós durante muito tempo pensamos, isto é, que o animal baixava a cabeça no momento em que levantava a garupa. De resto a confusão é fácil de admitir porque o cavallo faz preceder o gesto de elevação do balanceiro dum gesto de abaixamento e além disso a atenção do observador incide especialmente sobre o post-mão não reparando no ante-mão.

Esta descoberta da fotografia mostra a evidência quanto é inconveniente conservar alta a cabeça dos animais que dão coices, porque isso servirá para facilitar essa defesa.

Com os animais muito viciados deverá empregar-se a lição da espora dada com o cabeção, que actuará energicamente sobre o chanfro logo que o animal atire à perna ou espora.

### **C) Cavallo que se levanta**

Esta defesa tem por ponto de partida o aciuamento levado ao último extremo.

No decorrer do ensino o cavallo pode acidentalmente levantar-se quando se lhe exige qualquer movimento custoso, tal como recuar, rotações sobre as pernas, etc., ou ainda porque tem medo ou sofre devido a qualquer tara; este acidente é na grande maioria dos casos provocado por falta de tacto do cavaleiro e portanto pouca importância tem. Se, porém, o cavallo é um animal viciado, com o moral completamente pervertido, que desta defesa se serve para se subtrair a toda e qualquer obediência ao cavaleiro, o caso é grave e o defeito longo e demorado de corrigir completamente.

Os andamentos largos e estendidos combinados com os ataques de espora e chibata destruirão o aciuamento levando o péso sobre as espáduas e ensinando a obediência ao efeito impulsivo das pernas. Mas se o cavallo não respeita as esporas e se recusa a avançar, é indispensável recorrer ao

auxílio de um ou mais ajudantes que com o pingalim ajudem a obter o respeito e a impulsão que as esporas e chibata não são capazes de determinar. Conseguído um certo respeito às esporas é indispensável obter a mobilização fácil da garupa para impedir novas veleidades de revolta, quando o animal se pára e o cavaleiro se não serve já de ajudantes.

O cavalo, sempre que quere levantar-se, é forçado a demorar o andamento, a acuar; esta retracção de fôrças fácilmente percebida pelo cavaleiro será combatida por ataques enérgicos de esporas e chibata, cedendo completamente a mão; se o cavalo resiste ao movimento para a frente e consegue parar, é preciso deslocá-lo para decompôr as fôrças que são necessárias ao levantar; deslocando a cabeça do animal lateralmente e atacando ao mesmo tempo com energia com a perna do mesmo lado, de modo a mobilizar a garupa, impede-se a fixação do post-mão. Se por esta forma se consegue evitar que o animal se levante, empurra-se imediatamente para deante; se, pelo contrário, o animal consegue levantar-se, o cavaleiro agarra as crinas com a mão que segura as rédeas e com a outra mão aplica uma enérgica chibatada acompanhada dum violento par de esporadas, no momento em que o cavalo acentua o movimento descensional.

#### **D) Cavalo que força a mão**

A causa geral desta defesa pode residir numa conformação defeituosa, membros tarados, extrema sensibilidade da bôca, temperamento ardente ou falta de habilidade do cavaleiro.

O cavalo que força a mão põe-se sôbre as espáduas e apoia-se fortemente na mão do cavaleiro. Para corrigir êste defeito trabalhar-se há de preferência no picadeiro insistindo-se com as paragens, meias-paragens, recuar. O trabalho a trote curto, em voltas e mudanças de direcção apertadas, contribui muito para quebrar a rigidez do cavalo que tem tendência para forçar a mão e constitui uma boa ginástica para melhor o equilibrar.

No exterior é conveniente trabalhar de rédeas separadas e não dar apoio na mão; se o cavalo se anima a galope, não exercer tracção constante nas rédeas, meter em círculo e empregar muito a voz para sossegar.

Para tirar partido dum animal violento habituadô de longa data a forçar a mão entrega-se com vantagem a focinheira sôbre as narinas, para tapar a respiração; parece-nos êste sistema preferível ao emprêgo dos freios bárbaros, que não corrigem nada e escangalham a bôca dos animais.

### E) Cavallo que deserta

O cavallo que força a mão facilmente pode vir a desbocar-se, se não fôr corrigido a tempo e montado por um cavaleiro de tacto e sangue-frio.

Como as causas são geralmente as mesmas, o remédio de efeitos mais duradouros e eficazes consistirá igualmente no trabalho de picadeiro de modo a fortificar, equilibrar e sujeitar o animal.

Se o cavallo se desboca acidentalmente, em consequência de qualquer susto ou de qualquer outra causa, deve-se evitar exercer tracção contínua sobre as rédeas, porque se contribuiria para insensibilizar as barras e dar um ponto de apoio que favoreceria a velocidade.

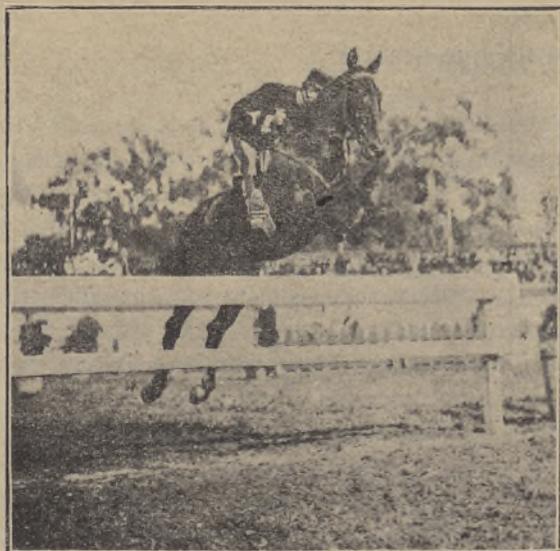
Se se marcha sobre uma estrada, deixar correr durante algum tempo até que chegue a fadiga, sossegar com a voz e parar pouco a pouco, sem dar sacões na bôca, pois muitas vezes o cavallo foge porque tem uma bôca muito sensível e é êsse o meio de aliviar o seu sofrimento.

Quando se está num campo de extensão regular é conveniente meter em círculo e ir reduzindo pouco a pouco o seu raio, seguindo os mesmos cuidados até obter a paragem.

Mas se o cavaleiro não tem adiante de si espaço para deixar correr ou meter em círculo, é preciso parar a todo o preço, dar sacões, torcer, etc., impedir por todos os meios, racionais ou violentos, a carreira desordenada do animal; a maior parte das vezes o único resultado será uma queda perigosa — são os ossos do offício — mas às vezes a violência pode por acaso evitá-la.

Há ainda alguns cavallos — caso raro, felizmente — que desertam em consequência de qualquer alteração nas funções cerebrais, como, por exemplo, os epiléticos e os que estão atacados de encefalite. Para êstes o melhor e único remédio é... não os montar, entregá-los ao veterinário e dar-lhes outro destino; alguns ainda podem prestar serviços de tracção, outros nem para isso servem.

Escusado será dizer que o emprêgo da focinheira sobre as narinas está naturalmente indicado na utilização de animais com tendência para desertarem.



Coimbra (1912) — Ten.<sup>te</sup> Jára de Carvalho no JÁU, vencedores do *Grande Prêmio*



Lisboa (1913) — O PATAGÃO montado pelo Ten.<sup>te</sup> C. Veloso, vencedor da prova de *Equipes*, juntamente com Silveira Ramos e Jára de Carvalho

V PARTE  
TRENAGEM E FISIOLOGIA  
DA FADIGA







Bélgica (1918)—Concurso interaliado de Wayemburg — As três *équipes* premiadas \*

## CAPÍTULO XLI

### GENERALIDADES

#### I—VANTAGENS DO «SPORT»

Os concursos hípicos, os *raids*, as corridas são mais alguma coisa do que um simples divertimento. O *sport* hípico militar tem mesmo um fim mais elevado do que o simples apuramento das raças cavaleares, o seu fim é, sobretudo, o apuramento do militar sob o ponto de vista moral do seu carácter.

A equitação de picadeiro, em que residem os princípios fundamentais da condução do cavalo, é absolutamente indispensável para tornar o cavaleiro fino, reflectido, senhor de si, mas nada há que se compare à equitação de exterior para o pôr a cavalo, para lhe dar a energia e o desembaraço indispensáveis a um oficial de cavalaria.

Em tempo de paz não se podem fazer cargas sangrentas para formar e educar o carácter dos oficiais; na ausência das guerras só a luta e

\* Das 15 *équipes* (3 cavaleiros cada) que tomaram parte neste concurso no *front*, as duas portuguesas classificaram-se em 1.º e 2.º lugares.

Da esquerda para a direita — 1.ª *équipe*: Cap.tão Júlio de Oliveira no ECLAIR, Alf.res Mário Cunha no KIONGA, Alf.res Albino de Oliveira no ATALAIA; 2.ª *équipe*: Cap.tão Afonso Botelho no GAFANHOTO, Ten.te Luís Figueiredo no ALVEAR, Ten.te Jorge Pedreira no SALTIMBANCO; 3.ª *équipe* (belga): Tenentes du Ryhove, van Derton e de Lettenhove.

Os 3 primeiros e únicos prémios da prova individual para oficiais dos exércitos aliados foram igualmente ganhos por portugueses: Ten.te Luís Figueiredo, Alf.res Albino de Oliveira e Cap.tão Júlio de Oliveira.

os exercícios sportivos podem evitar que, durante os longos períodos de estagnação, se extingam por completo as virtudes guerreiras de um povo e por isso as corridas de toda a espécie, preparando os cavaleiros para as grandes emoções, são o melhor meio para que os militares se identifiquem com o cavalo, aprendam melhor a conhecê-lo, e para desenvolverem o vigor físico, a destreza e a energia indispensáveis àqueles que receberam da pátria o nobre encargo de velar pela sua independência.

O exame da tática de cavalaria impõe-nos como uma necessidade a prática do *sport*. «Como nós não temos a guerra em permanência, as manobras e exercícios não podem bastar aos nossos oficiais; é preciso, pois, durante a paz, encontrar uma compensação sob o ponto de vista do emprêgo do cavalo, serão as caçadas e as corridas. É aí que nós poderemos recolher o fruto do nosso trabalho e do grau de preparação dos nossos cavalos; na verdade difficilmente se pode imaginar que haja espíritos tão obtusos para condenar esta equitação de exterior para o cavaleiro militar; o nosso elemento é a velocidade e a mobilidade, mesmo através dos terrenos mais difíceis,—não se pode negar que não aconteça a mesma coisa nas corridas e caçadas. No que se tornaria uma cavalaria cujos oficiais novos não pudessem montar a cavalo senão em serviço, no picadeiro ou no terreno de manobras? Que ideias falsas aí formariam!? O oficial de cavalaria deve ter o espírito aventureiro, empreendedor, senão nunca alcançará o inimigo. Ora não é no picadeiro que se formam os caracteres audaciosos, mas sim no exterior, na cauda dos cães.

Quanto aos temperamentos opostos, aos espíritos inquietos e circumspectos, que temem as responsabilidades, dóceis, sensíveis, cheios de cuidados com as suas pessoas ou de precauções com os seus subordinados, nada têm a fazer na nossa arma, que se vão e se dediquem à poesia, que cantem o amor <sup>1</sup>».

O *sport* é indiscutivelmente uma das fontes de maior preparação do cavaleiro militar. Desenvolve o vigor físico, porque o exercício obriga a manter-nos em condição, e forma o carácter dando-nos ousadia e intrepidez, porque nos expõe a vários perigos e uma das condições fundamentais do mérito militar é o desprezo da morte.

O oficial de cavalaria deve ser mais alguma coisa que um cavaleiro ousado, deve ser um *homem de cavalo* na verdadeira aceção da palavra;

<sup>1</sup> General Rosenberg, vencedor de 178 *steeple-chases*, 100 vezes colocado em 2.º lugar, o que não o impediu de carregar 7 vezes o inimigo nos campos de batalha e de disputar, em 1894, um *cross-country* quando já era general e tinha 70 anos de idade.

e para identificar cavalo e cavaleiro, para os centaurizar nada há como a prática dos concursos hípicos, dos *raids* e das corridas.

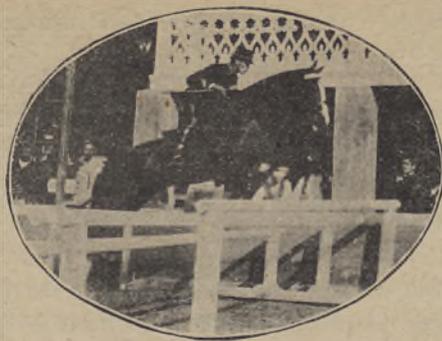
## II — TRENAGEM

Chama-se *trenagem* ao «regimen progressivo de trabalho, de alimentação e de cuidados higiênicos a que se submete o cavalo, de modo a fazer-lhe atingir o máximo desenvolvimento de fôrças, isto é, a *pô-lo em condição* em vista dum determinado fim.» (Chomel).

É hoje um ponto assente, científica e praticamente comprovado, que um regimen de trabalho racional e de alimentação apropriada desenvolve os músculos, aumenta a resistência das articulações ao mesmo tempo que lhes dá elasticidade, e eleva ao máximo o poder eliminador do pulmão; é também indubitável que o animal se arruinará infalivelmente quando lhe exigirem um esforço violento, se para isso não tiver recebido uma preparação cuidada.

A *trenagem* está directamente ligada com a sciência e com a arte equestre. Se por um lado é indiscutível que os conhecimentos scientificos, sobretudo os da fisiologia, são absolutamente indispensáveis para o estudo consciencioso dos efeitos vários que as funções orgânicas do animal experimentam sob a acção do trabalho, por outro lado não é menos evidente que só um verdadeiro cavaleiro pode fazer praticamente a applicação desses conhecimentos, avaliar bem as qualidades de resistência, fôrça e velocidade do cavalo e distinguir qual o género de *trenagem* que melhor se adapta a um determinado individuo.

A *trenagem* é diferente segundo se trata dum concurso hípico, dum *raid* ou duma corrida: para um concurso hípico a *trenagem*, ao mesmo tempo que fortifica os músculos e abre o pulmão, tem por fim essencial desenvolver as aptidões naturais do cavalo para saltar, fazendo-lhe adquirir a destreza, franqueza e brio indispensáveis para êste género de provas; para um *raid* a *trenagem* tem em vista elevar ao máximo o vigôr e fôrça de resistência do animal, de modo a torná-lo apto para poder suportar durante dias consecutivos marchas violentas, quer pela extensão do percurso quer ainda pela velocidade empregada; para uma corrida a *trenagem* procura dar ao animal uma excitabilidade muscular grande, um desenvolvimento enorme do sistema nervoso e o máximo aumento do poder eliminador do pulmão, de modo a obter grandes velocidades sobre percursos relativamente pequenos.



Lisboa (1910) — O Ten.<sup>te</sup> Casal Ribeiro no GANTHOIS, vencedores do *Grande Prémio*.

## CAPÍTULO XLII

### CONCURSOS HÍPICOS

#### I — GENERALIDADES

É inadmissível contestar hoje em dia as vantagens dos concursos hípicos e a influência que êles têm exercido em toda a parte. Em muitos países fôram reconhecidos de utilidade pública, muito embora a sua influência sôbre a criação cavalar pròpriamente dita não tenha sido o que devia e podia ser.

A sua influência tem sido outra e, por sinal, não menos importante: têm imposto à generalidade dos cavaleiros o conhecimento da equitação de exterior ao mesmo tempo que os têm levado à escolha dum cavalo mais bem construído, mais apto para saltar obstáculos que sem cessar vão aumentando de dimensões.

Entre nós a instituição dos concursos hípicos data de 1906. O início da nossa actividade sportiva, o despertar do nosso exército para o hipismo, e em especial para os concursos hípicos, apresentou-se sob a forma de tentativas isoladas devidas em geral à iniciativa particular, combatidas e hostilizadas durante largo tempo por um meio cheio de preconceitos e de tradições hostis ao *sport*, que considerava o galope largo e o salto de obstáculos como um atentado contra as leis mais elementares da equitação militar. Só em 1912 os concursos hípicos receberam entre nós uma consa-

gração oficial e se tornaram objecto dum regulamento especial <sup>1</sup> que, afinal de contas, foi o reconhecimento pelo Estado da sua utilidade.

Na verdade os concursos hípicos têm produzido resultados muito apreciáveis; de 1906 para cá a maneira de montar dos nosos oficiais tem-se transformado completamente e os progressos gigantescos que a equitação de exterior tem feito nêstes últimos quinze anos devem-se em grande parte à influência e vulgarização dos concursos hípicos.

E poderiam ainda ser mais úteis nas suas conseqüências, se fôsse possível os seus programas inspirarem-se num espírito mais sportivo, se fôsse possível orientar as sociedades promotoras no sentido de arranjarem boas pistas, onde se possa galopar e saltar sem risco de tarar infalivelmente um cavalo, e de terminarem com o exagerado artificialismo dos obstáculos, que entre nós atingiu o cúmulo da exquísitice.

## II — POSIÇÃO DO CAVALEIRO

Conhecida a forma como o cavalo executa o salto em liberdade, é fácil deduzir o sistema a empregar pelo cavaleiro em todas as fases dêste movimento, de modo a permitir ao animal a completa utilização de todos os seus meios sem que, por êsse facto, em nada seja diminuída a acção dos factores que garantem ao cavaleiro a sua estabilidade e domínio sôbre o cavalo.

A posição do corpo do cavaleiro durante o salto tem sido objecto de largas discussões, sobretudo entre os partidários das escolas francesa e italiana; e, se é certo que nalguns pontos secundários elas diferem, no ponto principal estão ambas perfeitamente de acôrdo: em que a mão do cavaleiro, prejudicando directamente os movimentos da cabeça e pescoço do animal e indirectamente todas as outras partes do corpo, é o maior entrave que o cavaleiro pouco prático pode opôr à boa execução do salto, «é tudo quanto há de mais pesado sôbre o dôrso do cavalo saltando montado» e em que, portanto, para bem saltar um obstáculo é absolutamente indispensável uma grande liberdade de mão que permita às diferentes partes do cavalo, sobretudo pescoço e cabeça, a execução de todos os movimentos que fazem em liberdade.

Actualmente a prática tem levado a quasi generalidade dos cavaleiros de obstáculos a seguir um processo que, pondo de parte os exagêros das

<sup>1</sup> Elaborado por mim e submetido à apreciação do Ministro da Guerra de então, Coronel Correia Barreto, foi aprovado quasi na íntegra e posto immediatamente em execução.

duas escolas, de ambas participa ao mesmo tempo pela conjugação inteligente daquilo que elas têm de mais útil: a artística independência e liberdade de mão da escola francesa e a elástica e perfurante silhueta da verdadeira escola italiana, que é, afinal de contas, a *monte* americana.

Manifestando-nos abertamente em favôr d'êste sistêma nós vamos indicar os seus pontos principais: O cavaleiro abordará o obstáculo perpendicularmente e bem a meio da sua frente, com as mãos muito baixas, as rédeas tensas para podêr garantir a direcção e as pernas naturalmente unidas, porque só assim terá estabilidade e poderá estimular o animal quando se torne necessário fazê-lo.

No momento em que o cavalo eleva o ante-mão, o cavaleiro inclinará o busto para deante, isto é, *agachar-se há* sôbre o selim; a inclinação do corpo para trás nêste momento só pode prejudicar a bôa execução do salto, não só porque os movimentos não estariam de acôrdo com os do cavalo, como ainda porque se iria sobrecarregar os rins do animal e dificultar-lhe a distensão dos posteriores. Na ocasião em que esta distensão se dá e o animal alonga o pescoço, a mão do cavaleiro deve seguir êste alongamento estendendo-se progressivamente e rãpidamente os braços e, sendo necessário, deixando escorregar as rédeas entre os dêdos, mas sem as abandonar; o corpo conservar-se há inclinado para deante afim de não dificultar a distensão dos posteriores. Iniciada a descida do ante-mão o corpo e as mãos do cavaleiro continuarão a proceder da mesma forma para evitar que qualquer acção extemporânea obrigue o post-mão a uma descida rápida e violenta, que o faça cair sôbre o obstáculo e não permita a sua completa transposição.

Em resumo: durante o salto o busto do cavaleiro procurará sempre acompanhar e estar de acôrdo com os movimentos do cavalo, *achatando-se* tanto mais quanto maior fôr a velocidade em que o obstáculo é abordado; os braços funcionarão como molas elásticas que cedam aos movimentos do corpo do cavaleiro e do balanceiro cervical do cavalo; as mãos muito baixas devem seguir servilmente todos os movimentos do pescôço porque é esta a única forma de permitir ao animal a máxima liberdade e a completa utilização de todos os seus recursos; as pernas unidas junto às cilhas para garantir a segurança do cavaleiro e comunicar a impulsão.

Quando a extensão dos braços não chegue para dar ao cavalo a máxima liberdade de pescôço, é indispensável — como já se disse — ter tacto suficiente nos dêdos para deixar escorregar as rédeas; convém acentuar que é o cavalo que deve puxar pelas rédeas e não o cavaleiro que deve largá-las ou correr a mão sôbre elas para a rectaguarda, como vulgarmente

se vê fazer. A necessidade de deixar escorregar as rédeas acentua-se sobretudo quando o animal marca junto do obstáculo uma paragem acentuada que lhe faz perder todos os benefícios do impulso, ou ainda quando o animal forma o salto muito de longe surpreendendo o cavaleiro; a violência ou o inesperado do salto provocam por vezes a inclinação do corpo para a rectaguarda, facto êste que por si só pode evitar a elevação suficiente do post-mão e que muito mais se agravará quando o cavaleiro não souber deixar correr as rédeas.

A maneira de pegar nas rédeas tem também uma importância capital para a boa execução do salto. Apenas dois sistemas oferecem seguras garantias de manter com facilidade a direcção: o das rédeas completamente separadas e o sistema alemão (as quatro rédeas passando entre os dedos da mão esquerda com a mão direita sôbre as rédeas direitas); o primeiro, evidentemente aquele com que melhor se entala e volta o cavalo, é o de mais largo emprêgo, conquanto não seja fácil cassar rapidamente as rédeas quando estas por acaso tenham corrido entre os dedos; o segundo processo é igualmente bom porque depois duma certa prática é extremamente fácil separar e reünir, deixar correr e cassar as rédeas segundo as necessidades de momento.

Para saltar, o estribo deve estar mais curto do que comprido porque só assim é possível ao cavaleiro *achatar-se* cómodamente; contudo é conveniente notar que, se o estribo comprido força o cavaleiro a bifurcar-se e produz a inclinação do corpo para a rectaguarda durante o salto, o estribo exageradamente curto dificulta a acção das pernas e não permite empregá-las com apropósito e energia em caso de necessidade.

Durante largo tempo fez escola o princípio de que o cavaleiro devia conservar o busto vertical em todas as fases do salto, de modo a actuar como uma massa inerte sôbre o dôrso do animal e a permitir que êste, durante o salto montado, pudesse distribuir o pêso da sua massa como o faz em liberdade. Modernamente, porém, os cavaleiros de exterior de todos os países e escolas têm posto de parte essa maneira clássica de saltar, porque a prática de obstáculos tem demonstrado que o papel do cavaleiro deve ser útilmente activo e não apenas puramente passivo.

É por êste motivo que a posição dos cavaleiros de exterior, sejam franceses, belgas, italianos, espanhóis ou portugueses, abandonou a tradicional linha fusiforme para se transformar numa silhueta elástica que, a par da máxima estabilidade, garanta a máxima perfuração com o menor esforço para o cavalo. E êste *desideratum* conseguiu-o o cavaleiro de obstáculos encurtando os estribos sensivelmente e com uma acentuada incli-

nação do busto para diante; com esta posição a distribuição do peso da massa é sensivelmente a mesma que se o busto estivesse vertical, com as vantagens de ser menor a superfície oferecida à resistência do ar e do cavaleiro poder acompanhar mais facilmente e de estar mais harmõnicamente ligado aos movimentos do cavalo, factores que muito favorecem o próprio salto e a velocidade.

«A posição de corpo adiante apresenta várias vantagens. É a única que assegura a fixidez das mãos e evita assim, nos múltiplos movimentos do cavalo durante o salto, qualquer repelão sôbre a bôca devido a um movimento reflexo do cavaleiro. Como na posição americana do galope rápido, ela evita aos curvilhões debaixo da massa sofrer o choque do peso do cavaleiro no princípio da sua distensão. Desloca pouco o cavaleiro e permite-lhe utilizar, no máximo, a fôrça das côxas e das pernas para ficar ligado ao movimento. Além destas vantagens que subtraem o cavaleiro às reacções do salto pelo jôgo das suas articulações e pelo seu tacto eqüestre, esta posição é muito judiciosamente explorada pelos cavaleiros hábeis para facilitar o próprio salto, que fazem do seu próprio corpo um *segundo balanceiro* que empregam em *sincronismo com o pescoço do cavalo*. No momento em que o cavalo vai passar o seu ante-mão apoiam as mãos pertô do garrote, inclinam-se bruscamente para a frente, parecendo recusar o apoio sôbre o cavalo, e suprimem assim quási completamente o seu peso no instante preciso em que começa o seu movimento. Êste gesto do cavaleiro, impossível de produzir quando êle salta completamente sentado, aproxima o seu centro de gravidade do cavalo no momento em que êste transpõe o obstáculo. O cavalo não tem pois que elevar tão alta a massa do cavaleiro, resultando dêste movimento um menor trabalho e por consequência um menor esforço». (L. de Sévy).

### III — PROCESSOS PARA ENSINAR O CAVALO A SALTAR

Se é certo que as aptidões naturais do cavalo lhe permitem executar o salto quási tão natural e instintivamente como galopar ou nadar, sem que para isso seja indispensável uma educação especial, nem por êsse facto deixa de ser evidente que no princípio só haverá vantagens em exercitar o cavalo a saltar sem cavaleiro.

Êste movimento natural mas quási completamente desconhecido a muitos animais, exige sempre para a sua execução um certo esforço que se deve procurar reduzir ao mínimo, sobretudo no princípio, porque só

quando o cavalo ao saltar não experimente qualquer sofrimento ou cansaço pode adquirir franqueza, agilidade e sangue-frio, as três qualidades principais e indispensáveis do bom saltador.

Por mais perfeito e correcto que seja o cavaleiro basta o seu próprio pêso para dificultar ao animal a utilização de todos os seus recursos naturais e para o atrapalhar e, como o que primeiramente se pretende é dar-lhe confiança, é natural que de entrada se procure simplificar o mais possível o problema; sem dúvida é êste o motivo por que todos os autores aberta e justificadamente preconizam o emprêgo de saltos sem cavaleiro no comêço desta parte da educação do cavalo.

Para ensinar a saltar podemos e devemos empregar os seguintes meios: saltos em liberdade, saltos à guia e saltos montado.

### A) Saltos em liberdade <sup>1</sup>

Durante alguns dias coloca-se uma vara no chão do picadeiro perpendicularmente a um dos lados maiores, fazendo-se passar freqüentes vezes sobre ela o cavalo montado e para ambas as mãos até se obter uma indiferença completa.

Para dar a primeira lição de saltos começa-se por colocar a vara da mesma maneira e solta-se o cavalo em liberdade dentro do picadeiro, deixando-o dar as voltas necessárias para que siga junto à pista com calma e sem hesitação. Nêste momento manda-se elevar a vara a uma pequena altura e, alguns metros antes dela, o instrutor acompanha o animal com o pingalim mas sem o castigar, unicamente para impedir qualquer paragem ou meia-volta; repete-se êste trabalho para ambas as mãos tendo o cuidado de não fatigar muito o animal. Nas lições seguintes poderá aumentar-se muito progressivamente a altura da vara à medida que o animal fôr adquirindo agilidade e sangue-frio.

Nas primeiras lições deverá procurar-se que o cavalo salte a trote <sup>2</sup> porque é nêste andamento que êle pode com mais relativa facilidade calcular a distância donde se deve elevar. A passo é difficil, senão quasi impossível, manter o cavalo em liberdade e além disso nêste andamento manifesta-se sempre um tempo de paragem que importa evitar. A galope,

<sup>1</sup> Vêr. *Dressage en liberté du cheval d'obstacles* (Comte Louis d'Havrincourt).

<sup>2</sup> Mesmo mais tarde a prática do salto a trote é magnifica para muscular e acalmar o cavalo; obrigando-o a levantar as espáduas, a servir-se do pescoço e dos rins, o salto a trote contribui imenso para ensinar o animal a calcular a batida, o ponto donde se deve destacar.

em conseqüência da grande extensão de cada passo, é difícil a um animal pouco ou nada prático na execução d'este exercício, calcular justamente a distância a que deve elevar-se; se se atira de muito longe, há um grande dispêndio de fôrça muscular, fadiga inútil e probabilidades do animal não cobrir toda a largura, cair sôbre a vara, magoar-se e passar a recear o salto; se se aproxima muito do obstáculo, derrubá-lo há com às mãos ou então marcará um tempo de paragem que só pode trazer inconvenientes porque lhe faz perder os benefícios do impulso, aumenta o esforço desenvolvido e vicia o animal.

É indispensável ligar uma importância capital a esta primeira parte



do ensino de obstáculos, seguindo uma progressão muito metódica nas exigências e corrigindo de princípio os defeitos apresentados; o cavalo que logo de comêço é obrigado a transpôr alturas superiores às suas fôrças e grau de preparação, passará a recear êste exercício e viciar-se há, adquirindo principalmente o mau hábito de precipitar doidamente antes do obstáculo e de marcar um tempo de paragem junto dêle.

É indispensável não excitar o animal com chicotadas e é preciso, pelo contrário, procurar obter uma calma absoluta permitindo-lhe que marque a batida com toda a serenidade.

Logo que os cavalos tenham adquirido uma certa agilidade e sangue-frio é conveniente fixar as varas, porque as pancadas nas canelas ou uma queda são o melhor meio para tornar *límpos a saltar* os cavalos que o não são e de evitar que os que são a princípio cuidadosos se tornem *porcalhões*.

É igualmente vantajoso variar a disposição das varas, não só para corrigir qualquer defeito como ainda para que o animal aprenda a medir o obstáculo e a modificar o estilo do salto segundo a natureza do obstáculo.

Com animais que têm tendência a parar-se e a aproximar-se muito do salto devem emregar-se de preferência obstáculos baixos e extensos — para lhes fazer alongar o salto — e emregar andamentos vivos; com animais que precipitam e saltam muito de largo é conveniente insistir muito tempo no trabalho a trote e colocar as varas no sentido vertical, marcar muitos *duplos* e *triplos*, a princípio muito baixos e depois mais elevados,

variando com freqüência a distância que os separa; é esta a melhor forma de os tornar atentos e cuidadosos na medição do salto. As duas varas colocadas à mesma altura separadas por um certo intervalo (1 a 2 metros) são também um excelente exercício e uma bela preparação para as valas entre varas que freqüentemente aparecem nos concursos.

Enfim, os saltos em liberdade praticados como meio de educação ou ainda para manter a agilidade dos animais durante a época em que é impossível trabalhar fora dos picadeiros, oferecem grandes vantagens; a variedade continua na disposição das varas, constituindo-se assim obstáculos com aspectos diversos, concorre enormemente para desenvolver e manter a agilidade, dá sangue-frio, golpe de vista, intuição do obstáculo, habitua o animal a preparar-se pela sua própria iniciativa.

### B) Saltos à guia <sup>1</sup>

O trabalho à guia é um dos melhores meios para ensinar o cavalo a transpôr obstáculos e para o manter no hábito dos saltos; a freqüência do salto torna o seu mecanismo familiar, faz adquirir calma e agilidade, dá o hábito de medir bem o obstáculo. Como o animal não está montado



pode-se-lhe dar na mesma lição um número maior de saltos, sem perigo de o fatigar, desde o momento que de vez em quando se intermeiem com alguns descansos em harmonia com a grandeza dos obstáculos, forças do cavalo ou seu grau de preparação.

O trabalho à guia, porém, só prestará grandes serviços quando bem

<sup>1</sup> Vêr: *Travail à la longe et dressage à l'obstacle* (Gontaut-Biron).

dirigido e orientado, de contrário só servirá para arruinar os membros do animal, fazer-lhe temer o homem e os obstáculos.

A base dêste trabalho reside essencialmente na *sujeição do cavalo à guia*. Enquanto o animal não obedeça sossegadamente às indicações da guia, voz e pingalim, aumentando ou diminuindo os andamentos, alar-



gando ou encurtando o círculo segundo a vontade do instrutor, o cavalo não estará sujeito à guia e será impossível obter resultados satisfatórios com êste trabalho; com um cavalo não sujeito à guia só haverá lutas funestas para a integridade dos membros do animal e fatigantes para o instrutor, e por isso vale mais só saltar montado.

A lição de saltos à guia será dada primeiramente no picadeiro e só depois no exterior, devendo haver o maior cuidado em que o cabeção esteja bem ajustado de modo a evitar pancadas no chanfro e o escorregamento das faceiras exteriores sôbre os olhos.

Como recomendações principais sôbre êste trabalho há a fazer as seguintes:

**a) Saltos em altura**

1.º Começa-se por colocar uma vara por terra e depois passa-se sôbre ela com o cavalo à mão freqüentes vezes e para os dois lados, até que êle perca qualquer hesitação;

2.º Seguidamente mete-se o cavalo à guia em círculo e faz-se passar algumas vezes por cima da vara;

3.º Manda-se depois elevar a vara a uma pequena altura e dirige-se então o animal sôbre ela permitindo-lhe que, alguns passos antes, tome o andamento que quiser;

4.º Alguns metros antes do obstáculo o instrutor dirige-se sôbre êle, entreabrindo os dêdos para que a guia possa correr e permitindo ao animal toda a liberdade de pescôço e cabeça antes, durante e depois do salto sem que, contudo, a guia se conserve bamba e produza oscilações no cabeção;

5.º Permitir ao cavalo, antes e depois do obstáculo, marchar perfeitamente direito alguns metros; quanto maior fôr o obstáculo maior espaço em linha recta deverá ser percorrido antes e depois do salto;

6.º Se o animal aborda bem o obstáculo e o transpõe sem hesitação, deve-se chamar ao centro e afagar;

7.º Se o animal hesita e recusa saltar, castiga-se com o pingalim e coloca-se um ajudante do lado para que êle tenta furtrar-se; o emprêgo do ajudante é sempre conveniente como medida preventiva, sobretudo no princípio, enquanto o animal não está absolutamente confirmado nêste exercício;

8.º No princípio e sempre que se quiser saltar um obstáculo novo e desconhecido, é bom aproximar dêle primeiramente o animal e permitir que o veja e cheire bem à vontade;

9.º É conveniente repetir sempre o trabalho à guia para as duas mãos;

10.º Deve-se animar com a voz e pingalim sempre que se comece a manifestar qualquer demora no andamento;

11.º A colocação do instrutor, centro do círculo a descrever pelo cavalo, é determinada pelas dimensões do obstáculo e pela maior ou menor franqueza do animal; se aquele é pequeno e o cavalo é pouco franco, o instrutor deve estar perto do obstáculo; dar-se há o inverso quando o obstáculo fôr grande e o animal fôr franco;

12.º Logo que o animal se dirige sôbre o obstáculo o instrutor deve marchar paralelamente a êle afim de lhe permitir que o transponha perpendicularmente e a meio da sua frente e não contraia o mau hábito de saltar atravessado.

#### **b) Saltos em largura**

Para os saltos em largura segue-se a mesma progressão, devendo começar-se sempre por valas ou fôssos de pequenas dimensões e tendo o cuidado de empregar um ajudante para evitar defesas.

A primeira vez que um cavalo salta um fôssido deve haver o cuidado de o levar à mão junto dele, permitindo-lhe que o examine bem; posto à guia e dirigido sobre o obstáculo o animal manifestará certamente uma pequena hesitação, marcará um tempo de paragem (que se deve permitir a primeira vez), mas depois de examinar bem o obstáculo acabará por transpô-lo. É conveniente e indispensável nas lições seguintes combater qualquer tempo de paragem antes do obstáculo, tanto mais que o cavalo hesita mais a saltar em largura do que em altura e o tempo de paragem tem peores conseqüências em largura do que em altura.

«Tem-se constatado que um cavalo, saltando 1 metro em altura, cobre geralmente uma largura de 3 a 4 metros, mas que o mesmo cavalo, marcando um tempo de paragem diante duma vala ou fôssido, difficilmente cobrirá 2 a 2,5 metros de largura; isto prova que o obstáculo em largura produz sempre sobre o animal ainda não ensinado uma grande apreensão que lhe faz marcar um tempo de paragem. Poderá supôr-se que um cavalo que chegue a saltar facilmente 1 metro de altura transporá com facilidade uma vala de 3 a 4 metros, visto que cobre essa largura quando salta 1 metro de altura; a experiência tem provado o contrário, o animal só consegue saltar facilmente um obstáculo de 4 metros de largura depois de um trêno prolongado.» (Gontaut-Biron).

### **C) Salto montado**

#### **a) Prescrições gerais**

Já falámos nos inconvenientes que a falta da liberdade completa do balanceiro cervical tem para a execução dos saltos e portanto agora diremos apenas que um cavalo, durante a sua educação de obstáculos, só deve ser montado por um cavaleiro que tenha, pelo menos, a solidez e liberdade de mão suficientes para se não prender às rédeas; se a falta destas qualidades tem sempre grande importância, maior terá ainda durante o ensino pelas desastrosas conseqüências que daí podem resultar.

O cavaleiro deve abordar sempre os obstáculos com a firme e decidida vontade de os saltar, de contrário a sua falta de confiança, immediatamente percebida pelo animal, incitará êste a parar-se ou a furtar-se.

Todos têm visto cavaleiros enérgicos, corajosos, que não receiam o perigo ou marcham com a inconsciência dêle, obrigar animais mal intencionados ou de fracos recursos a transpôr obstáculos enormes; por outro lado é também vulgar vêr fazer recusas a cavalos bons saltadores, francos, quando montados por cavaleiros que não têm êles próprios vontade de saltar.

**b) Progressão a seguir**

Depois dos cavalos terem recebido algumas lições de saltos em liberdade podem começar-se a saltar montados dentro do picadeiro, mesmo antes do trabalho à guia no exterior.

Começa-se por colocar a vara no chão e faz-se passar o animal sôbre



Cap.ão Júlio de Oliveira no HORIZONTE, vencedores  
do *Grande Prêmio de Coimbra* em 1920

ela até que desapareça qualquer hesitação; seguidamente elevar-se há a vara pouco a pouco, baseando a altura na confiança, agilidade e forças do animal.

No exterior começar-se há por obstáculos muito fáceis porque é êste o único meio de dar confiança ao animal e de lhe evitar taras e defesas que o podem arruinar e prevertêr-lhe o moral.

Antes de saltar deve-se dar sempre uns tempos de trote ou galope para pôr o animal sôbre a mão, para o acalmar e para lhe distender os seus músculos.

No princípio é preciso meter a passo ou parar depois de cada salto, afagando demoradamente o animal sempre que êle tenha demonstrado boa vontade; pouco a pouco, porém, à medida que êle fôr adquirindo agilidade e fundo, devem começar-se a executar séries de saltos seguidos sem interromper o andamento, aumentando muito progressivamente a extensão do percurso e o número de obstáculos transpostos.

Os obstáculos duplos e triplos só devem sêr abordados quando o animal já tenha adquirido uma certa franqueza sôbre os obstáculos simples.

O cavalo deve aprender a saltar nos três andamentos. O salto a passo e trote deve ser freqüentemente empregado na educação dos animais que se servem mal do pescôço, que têm dificuldade na medição do obstáculo, que têm pouco sangue-frio; o salto nos andamentos vivos deve empregar-se de preferência com animais brandos e que têm tendência a parar-se junto dos obstáculos.

### c) **Maneira de abordar os obstáculos**

Os obstáculos devem ser abordados perpendicularmente e bem a meio da sua frente, com calma e impulsão, factores absolutamente indispensáveis para a sua boa execução. A velocidade empregada depende sobretudo das qualidades físicas e morais do cavalo, do seu grau de preparação e da natureza dos obstáculos.



Figueira da Foz (1918) — Ten.<sup>te</sup> Coronel Luís Menezes no ROMEU,  
vencedores da *Grande Prova Militar*

É evidente que um cavalo de fracos recursos físicos nunca poderá transpôr obstáculos, sobretudo grandes, senão animado de boa velocidade porque só assim poderá compensar a falta de fôrças e diminuir, portanto, o esforço desenvolvido.

Sob o ponto de vista moral é também evidente que um cavalo mal intencionado, pouco franco, não deve, pelo menos no princípio da sua educação, abordar os obstáculos com grande velocidade porque naturalmente se aproveitará d'êste facto para se furtar, visto que o cavaleiro tem tanta maior dificuldade em manter a direcção quanto mais rápido fôr o andamento em que marcha.

O grau de preparação influi sensivelmente na maneira como se devem abordar os obstáculos. Um cavalo novo, embora com boa índole, não deve ser levado com grande velocidade porque esta será um incentivo para se furtar e êste é o defeito que logo de princípio mais importa evitar; pelo contrário um animal franco, *muito batido*, com sangue-frio, golpe de vista e intuição na medição dos obstáculos, pode ser levado com grande velocidade, seja para que obstáculo fôr, porque na sua proximidade saberá modificar os seus últimos passos, alargando ou encurtando o compasso do galope, por forma a elevar-se justamente e de modo que o obstáculo fique sensivelmente a meio da trajectória do salto.

Quanto à natureza dos obstáculos é impossível dar indicações minuciosas porque os concursos hípicas apresentam actualmente uma variedade imensa.

Como princípio geral podemos estabelecer que os obstáculos em altura, e sobretudo os que são *pouco saltáveis*, mal marcados, devem ser abordados com inenor velocidade que os obstáculos em largura; nos primeiros é preciso que a distensão se efectue principalmenle no sentido vertical, é necessário que o cavalo se destaque do sólo a uma certa distância do obstáculo para que o não vá derrubar com as mãos ou peito, é indispensável regular os últimos passos e essa regularização, êsse calculo é tanto mais difícil quanto maior fôr a velocidade; nos segundos, pelo contrário, é preciso um grande impulso para que durante o tempo de suspensão seja coberto um grande espaço e para vencer a apreensão que o obstáculo em largura provoca quasi sempre, sobretudo quando se trata de fôssos e valas profundas.

Segundo êstes princípios, as banquetas devem ser geralmente abordadas com velocidade moderada, exactamente o contrário do que se deve dar com fôssos e valas.

Os obstáculos em altura marcados de modo a apresentarem um perfil de plano inclinado podem abordar-se com velocidade, porque são sempre de fácil medição; é por isso que nos concursos hípicas a soma de faltas dadas na *triple-barra* é sempre diminuta em comparação com outros obstáculos, embora de mais pequenas dimensões.

A vala entre varas é um dos obstáculos de concurso de mais difícil marcação; se por um lado exige um certo *élan* para cobrir a largura, é preciso também que o animal calcule bem a batida pois se se aproximar demasiadamente do obstáculo, derrubará a primeira vara com as mãos ou marcará um tempo de paragem que lhe não permite cobrir toda a largura.

Os obstáculos duplos e triplos devem, como regra geral, ser abordados com pequena velocidade e sobretudo com calma e bem a meio da frente; a pequena distância que vulgarmente os separa exige muito sangue-frio e destreza para calcular bem a batida; por outro lado é essencial



Viana do Castelo (1912) — Ten. te Júlio de Oliveira no JÁU

abordá-los bem ao meio e perpendicularmente porque o cavalo que salta *enviusado* o primeiro obstáculo ficará naturalmente fora do segundo e êste facto repetido algumas vezes pode concorrer para viciar o animal, por mais bem intencionado que êle seja.

#### d) Dificuldades do salto montado

1.º *Cavalo que precipita* — Os defeitos de conformação, a sensibilidade exagerada ou extrema insensibilidade da bôca, dureza de mão do cavaleiro, um mau hábito adquirido ou a ardência de temperamento do

animal são as causas que vulgarmente podem determinar a precipitação sôbre os obstáculos.

Os animais mal conformados, sobretudo com maus rins e curvilhões, precipitam sôbre os obstáculos porque só com velocidade, só com um grande impulso podem compensar a falta de recursos físicos e atenuar o esforço muscular a desenvolver no salto; o cavalo de bôca muito sensível excita-se muito nêste trabalho porque se não apoia francamente sôbre a mão e por isso não se pode servir convenientemente do balanceiro cervical em todas as fases do salto; os animais de bôca ordinária, insensível, também forçam a mão vulgarmente em consequência de não sentirem a acção



Torres Novas (1910) — Alf.es Afonso Botelho no ATALAIÁ

do freio, de estarem com as espáduas muito sobrecarregadas e de ser, portanto, difícil mantê-los num galope regularmente equilibrado; a dureza de mão do cavaleiro é muitas vezes a causa determinante da precipitação sôbre os obstáculos, mesmo com animais bem conformados, porque uma mão muito dura nunca permite um franco e calmo apoio e é um entrave ao livre jôgo do balanceiro cervical.

O cavaleiro que montar um animal muito excitado sôbre os obstáculos deverá dar-lhe, antes de começar a saltar, uns tempos prolongados de trote e galope, fazendo-lhe executar voltas freqüentes e passando muitas vezes ao pé dos obstáculos sem os saltar, de modo a obter primeiramente uma grande tranquilidade e um franco contacto com a mão; estas voltas

freqüentes durante as quais o cavalo não salta todas as vezes que passa junto dos obstáculos ou se encontra na sua direcção, tornam o animal muito calmo.

Começar-se há depois por saltar obstáculos muito pequenos entre-meando-os com tempos de passo, trote ou galope suficientemente prolongados para obter calma; insistir-se há muito com êste trabalho não obrigando o animal a transpor obstáculos de maiores dimensões senão quando se tiver obtido calma e graduando sempre as exigências com os recursos e grau de preparação do animal.

Contudo é indispensável, ao pretender corrigir êste defeito, não cair no contrário e abordar o obstáculo com falta de impulsão. O cavalo deve sempre crescer sôbre o obstáculo sem que force a mão e vá loucamente sôbre êle; não se deve, pois, ligar importância a que precipite os últimos passos desde o momento que, depois de saltar, retome o andamento primitivo sossegadamente.

Muitos cavalos têm o hábito detestável de forçar doidamente a mão depois de transposto o obstáculo; o melhor meio de os corrigir consiste em justar as rédeas muito progressivamente, sem violência, permitindo-lhes até que corram um pouco depois do salto porque, como a falta é devida ao receio da mão do cavaleiro, o animal depressa retomará confiança e por si mesmo perderá essa precipitação.

2.º *Cavalo que demora o andamento e se pára*—A grande maioria dos cavalos que se param junto dos obstáculos fá-lo em consequência de tener a mão do cavaleiro ou de lhe exigirem a transposição de saltos superiores aos seus recursos e grau de preparação.

O cavalo que demora o andamento quando é dirigido sôbre o obstáculo, acua, fica-se, foge à acção do govêrno em lugar de se apoiar. Logo que o cavaleiro pressente as suas intenções é indispensável que, adaptando elásticamente e sem exageros os seus movimentos aos do animal, *galopando com êle*, o ataque com as esporas, enêrgicamente e a tempo, a cada passo de galope, de modo a determinar a impulsão necessária; só assim é possível animar suficientemente o animal, insuflar-lhe coragem ou vencer-lhe a má vontade sem que a batida do salto seja prejudicada, sem lhe fazer perder o sangue-frio.

Mas quando, apesar destas precauções, o animal pára junto do obstáculo e êste é de pequenas dimensões, continua a atacar-se enêrgicamente com as esporas até o obrigar a transpôr o salto, tendo o máximo cuidado em dar toda a liberdade ao balanceiro e em se ligar bem ao cavalo porque os saltos nestas condições são violentos e deslocam muito o

cavaleiro; se o obstáculo é de dimensões tais que não deva ser transposto a pé firme, é preciso voltar atrás, mas não a recuar como muitos fazem, ensaiando novamente transpô-lo e atacando enérgicamente com as esporas e *stick*.

O emprêgo de obstáculos de pequenas dimensões está naturalmente indicado para corrigir animais com êste defeito.

3.º *Cavalo que se furta* — Sempre que um animal manifeste grande negação em transpôr um determinado obstáculo é preciso usar da máxima prudência a par da máxima energia; o ser prudente consiste em só levar o animal aos obstáculos para que êle esteja convenientemente preparado, não tendo dúvida em reduzir as suas dimensões logo que o cavaleiro veja que êle se furta por mêdo ou falta de confiança nos seus meios; o ser enérgico consiste em atacar decididamente e a propósito, mas sem excessos, sempre que o animal manifeste decida má vontade.

Quando o cavalo se furta obliquamente ao obstáculo é preciso dirigi-lo sôbre êle num andamento em que o cavaleiro, sem falta da indispensável impulsão, tenha mais facilidade em o dominar, bem entalado entre a mão e as pernas, procurando mantêr a direcção pelo efeito das ajudas laterais (rédea de opposição e perna do lado para que o animal tenta furtar-se) e nunca com a rédea de abertura; mas se o cavalo, apesar desta precaução, consegue furtar-se passando além da linha de frente do obstáculo, procurar-se há pará-lo imediatamente e voltar para trás, executando a meia-volta pelo lado contrário àquêle por onde o animal se furtou; insistir-se há novamente e tantas vezes quantas sejam precisas para que o cavalo acabe por transpôr o obstáculo, pois não procedendo assim o animal *tomará querença* e depois será quâsi impossível vencer-lhe a má vontade.

Depois de grande luta sôbre um determinado obstáculo é preciso afagar imediata e demoradamente o animal logo que o transponha uma vez, bem ou mal que seja, deixá-lo repousar um pouco e mandá-lo para a cavaliça, conforme a violência da luta, para que êle tenha tempo de reflectir e de gravar na memória que, se o castigo segue imediatamente toda e qualquer manifestação de má vontade e desobediência, igualmente todas as provas de submissão são logo recompensadas.

Com animais mal intencionados e muito viciados é indispensável usar de toda a energia, recorrendo ao auxílio de ajudantes sempre que isso seja conveniente para não prolongar a luta.

Uma das causas que mais geralmente provoca esta defesa é devida essencialmente à maneira defeituosa como muitos cavaleiros dirigem o cavalo sôbre os obstáculos; a preocupação de dar a máxima liberdade du-

rante o salto faz que alguns cavaleiros conduzam de rédeas bambas ou soltem demasiadamente o animal antes de se elevar, procedimento que — deixando de o contêr entre mãos e as pernas — lhe serve de pretexto para se furtar com toda a facilidade.

Muitas vezes também o cavalo se nega porque já está velho, cheio de taras ou com reumatismo, receiando os choques sôbre os membros anteriores.

4.º *Cavalo que faz meia-volta junto dos obstáculos* — Algumas vezes o cavalo, quer por ter medo do obstáculo ou covardia quer porque êste é de dimensões superiores às suas posses ou grau de preparação, quer



Lisboa (1911) *Em trênos* — Ten.ºte Júlio de Oliveira no AREOSA

por temer a mão do cavaleiro ou quer ainda porque êste o conduz de rédeas bambas, recusa-se a saltar fazendo meia-volta junto do obstáculo.

O remédio de efeitos mais rápidos e seguros para a correção dêste defeito consiste no emprêgo de obstáculos de pequenas dimensões durante algum tempo, tendo o cuidado de os abordar com impulsão, em contacto permanente com a mão, fazendo ao pé do salto oposições adequadas de modo a manter a direcção e a prevenir a meia-volta.

Claro está que, quando se montar um animal viciado e de má índole, é indispensável usar de grande energia atacando com as esporas na proximidade do salto e recorrendo até ao auxílio de ajudantes munidos de pingalim. Se, apesar de tudo, o cavalo consegue fazer a meia-volta, é preciso obrigá-lo a voltar pelo lado contrário, custe o que custar; se o

animal se levanta, como por vezes acontece, o cavaleiro segurar-se há às crinas com uma mão, abrindo por toques sucessivos e enérgicos a rédea do lado para que o animal resiste e atacando decididamente com a espora do mesmo lado.

#### IV — CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior falta que se pode cometer é exigir do animal esforços superiores aos seus recursos ou para que ele ainda não esteja suficientemente preparado.



Viana do Castelo (1921) — Cap.ão Júlio de Oliveira no AREOSA,  
vencedores da *Omnium* e *Taça de Honra*

Sempre que o cavalo apresente hesitações nos saltos em altura deverá baixar-se imediatamente o obstáculo, e muitas vezes baixá-lo muito, afim de lhe fazer retomar a confiança perdida e de o não tarar ou viciar, único resultado que se obtém quando se insiste brutalmente sôbre um obstáculo que o animal não pode transpôr devido a fadiga ou falta de confiança; com os saltos em largura proceder-se há da mesma forma porque, de contrário, se viciará o animal fazendo-o adquirir o hábito de se parar, inconveniente que extraordinariamente importa prevenir, sobretudo na largura.

Se o cavalo tem tendência a *ficar-se* junto dos obstáculos e a agarrar-se muito a eles antes de saltar, está naturalmente indicado o emprêgo

de obstáculos pequenos, colocando uma vara muito baixa na sua frente, e dos andamentos vivos para o obrigar a alongar o salto; se o cavalo tem tendência para se destacar muito de largura, é preciso saltar muito a trote e empregar obstáculos verticais, muitos duplos e triplos, variando com frequência a distância que os separa.

Um dos melhores meios para dar franqueza e golpe de vista sobre obstáculos de terra consiste em sair freqüentes vezes para o campo e transpôr muitos obstáculos naturais, passagens de estrada, valados, banquetas, etc.

O cavalo ideal para o concurso hípico, além das indispensáveis qualidades de franqueza, sangue-frio, golpe de vista, fôrça e fundo, precisa ser muito meticuloso a saltar, ter a preocupação de não tocar no obstáculo; a grande número de animais, porém, falta esta última qualidade e, se por meio duma educação cuidada se podem corrigir um pouco desta falta, a verdade é que nunca é possível modificar-lhes por completo a sua tendência natural de bater nos obstáculos e torná-los absolutamente cuidadosos a saltar, porque esta qualidade é uma consequência do seu temperamento e da sua nobreza.

A melhor forma de os corrigir consiste no emprêgo de obstáculos fixos; as violentas pancadas recebidas nas canelas e uma ou outra queda concorrerão para que êles se preparem e empreguem no salto com mais algum cuidado e energia e se tornem menos *rasadores*, o que é extremamente vantajoso para evitar o fatal *taquet*.

O emprêgo de *pinchos* de extrêmas variedades e feitios está hoje largamente espalhado, mas nem sempre os resultados adquiridos com êstes instrumentos estão em harmonia com as qualidades que muitos lhes que-rem atribuir.

A nosso ver, o melhor de todos consiste na barra envolvida com uma correia guarnecida de prégos, barra que é disposta sobre dois postes ou segura por dois homens pelas suas extremidades, exactamente como qualquer barra simples, e que se pode também colocar pela parte superior de qualquer obstáculo, fixo ou móvel. Todos os sistemas de *pinchar* em que o animal vê perfeitamente o homem bater-lhe com o *pincho*, só servem em geral para aumentar a apreensão do cavalo, tirar-lhe a franqueza, provocar defesas sérias e muitas vezes mesmo *resabiá-lo* por completo sobre os obstáculos.

E se o *pincho* só deve ser empregado com cuidado na educação de animais brandos e *pouco limpos*, o seu emprêgo quasi sempre dá maus resultados com cavalos mal intencionados ou com os que são naturalmente finos a saltar.

Um dos factores mais importantes para a boa execução dos saltos e para a conservação da integridade dos membros do animal é evidentemente o terreno. Procurar-se há sempre um campo com bom piso, macio, que não seja também demasiadamente mole, porque este é o melhor meio de evitar taras e defesas resultantes do sofrimento causado por choques violentos sobre um terreno duro.

Afim de evitar esforços de tendão e de bolêtos, ferimentos nas canelas e alcançaduras, é conveniente trabalhar com ligaduras e protectores. A massagem dos tendões e bolêtos, seguida da aplicação de ligaduras, é igualmente vantajosa depois do trabalho em obstáculos.

O cavalo, mesmo depois de terminado o seu ensino de obstáculos, tem necessidade de saltar freqüentes vezes para conservar as qualidades adquiridas; os órgãos que mais trabalham no salto desenvolvem-se e a trenagem muscular contribui, tanto como o hábito, para a conservação e aperfeiçoamento dessas qualidades. Mas como a freqüência exagerada do salto é uma grande fadiga para o cavalo montado, há sempre vantagem em o saltar freqüentemente em liberdade ou à guia.

Como última observação diremos ainda que a preparação para obstáculos só se pode considerar terminada para o cavalo depois duma certa prática de concursos; raro é o animal que está bom antes de ter feito uma época de concursos.

### V—CONCURSO HÍPICO—ALGUMAS INDICAÇÕES ÚTEIS

a) Estudar minuciosamente o percurso, fazê-lo a pé as vezes necessárias para fixar a ordem pela qual devem ser saltados os obstáculos, para vêr bem o estado do terreno, pontos mais convenientes para fazer as voltas, etc., porque nada há mais triste e aborrecedor do que perder um prêmio por causa dum engano;

b) Antes de entrar na pista deve-se *aquecer* o animal dando-lhe uns tempos de trote ou galope, montado ou à guia, com alguns saltos, de preferência sobre obstáculo fixo;

c) Logo que o cavaleiro entrou na pista não deve pensar senão na prova que vai correr; não se preocupar com o público e sobretudo não se entusiasmar com os aplausos dados durante o percurso, porque só assim é possível conservar o sangue-frio suficiente para avaliar os prós e contras de todas as situações;

d) Regular a velocidade pelo estado de preparação do cavalo, natureza dos obstáculos, extensão da prova e percursos anteriores já feitos;

e) Abordar todos os obstáculos com calma e firme decisão de os saltar, partindo sempre do princípio que todos os cavalos são capazes de se negar, a questão é apanharem o cavaleiro distraído ou aparecer-lhe qualquer outro pretexto para isso; «não há cavalos que nunca se negam, há apenas cavaleiros que raras vezes deixam negar os seus cavalos».



Espanha — S. Sebastian (1909) — A *équipe* portuguesa \*

f) Se o cavalo se nega ou furta, é preciso insistir enèrgicamente antes que a fatal campainha anuncie a desclassificação e mande sair o concorrente da pista; um cavalo retirado a seguir a uma nega não vencida repetirá a proeza na primeira ocasião;

g) Quando o cavaleiro vê que é inútil continuar a prova e quer desistir por qualquer circunstância no meio do percurso, é bom não o fazer imediatamente a seguir a uma nega ou a um derrube; proceder assim é um mau princípio que actua desgraçadamente sôbre o moral do cavalo, porque êste recebe uma recompensa depois de ter cometido uma falta.

h) Não sair da pista a cavalo para evitar a *querença* com a porta;

i) Portar-se em todas as circunstâncias com calma e correccção, evitando falar alto e discutir tudo, como acontece em geral aos *novatos* que logo se denunciam pelos seus excessivos gestos e atitudes.

\* Da esquerda para a direita: Cap.tão Martins de Lima no GUIDATORE; Cap.tão André Reis na FLORETTE; Ten.te Manuel Latino no FOAL DE MAI; Ten.te Cifka Duarte no RUAPEHU; Alf.<sup>es</sup> Solano de Almeida no ADAMASTOR.

## CAPÍTULO XLIII

### «RAIDS»<sup>1</sup>

#### I — GENERALIDADES

A palavra *raid*, de origem americana, que se applicava outróra apenas às incursões da cavalaria em campanha, generalizou-se modernamente passando a applicar-se a todas as empresas ousadas de todas as armas e da aviação, quer só em tempo de guerra quer mesmo em tempo de paz.

Sob o ponto de vista equestre a palavra *raid* serve para designar as grandes marchas de cavaleiros isolados ou mesmo de grupos de cavaleiros em que haja de se pôr à prova as qualidades de resistência e de fundo do cavalo.

O fim que se tem em vista com os *raids* consiste em adquirir, pela experiência, conhecimentos sôbre a trenagem e melhor utilização do cavalo durante a execução duma marcha rápida e prolongada, bem como sôbre os melhores processos de cuidados a dar antes, durante e depois duma prova dura.

Encarados desta forma e não unicamente como cavalgadas extraordinárias ou loucas temeridades reservadas apenas a alguns especialistas, os *raids* são provas de saber e de sangue-frio, de vigôr e de resistência, duma utilidade incontestável para o official de cavalaria, que nessas provas encontrará um dos melhores meios de aumentar os seus conhecimentos sôbre o que pode e deve sêr a utilização do cavalo em campanha.

1 Vêr: *Étude sur l'entraînement* (C. Chomel).

*Les courses de résistance* (B. de Menditte).

*À propos de Bruxelles — Ostende* (Comandant Smits).

*Le «raid» Paris-Rouen — Deauville* (Comte A. Ideville).

Pode afirmar-se mesmo, sem receio de contestação, que só após a realização dos grandes *raids* Berlim-Viena, Bruxelles-Ostende, Paris-Rouen-Deauville, Lyon-Vichy e Lyon-Aix-les-Bains, é que a trenagem para grandes marchas deixou de ser um conjunto de práticas mais ou menos empíricas e passou a ser regida por leis e princípios científicos, sólidos e seguros.

## II — PREPARAÇÃO PARA «RAIDS»

Na preparação dum cavalo para um *raid* há a considerar três pontos essenciais e absolutamente distintos: pôr o cavalo em condição; andamentos, seu ritmo e modo de os alternar; alimentação e cuidados higiénicos.

### A) Pôr o cavalo em condição

Os processos a seguir para pôr um cavalo em condição para um *raid* não se podem formular em regras absolutas porque dependem essencialmente do grau de sangue, constituição, idade, saúde e estado dos membros do animal, bem como do tempo de que se dispõe e da natureza da prova que se pretende executar.

Limitam-se pois estas notas a estabelecer umas normas gerais suficientes para orientar e facilitar o trabalho de cavaleiros pouco experimentados na preparação para um *raid*:

a) «Não se deve começar a trenagem senão com um animal em bom estado, que possua reservas nutritivas em quantidade suficiente para alimentar as primeiras despesas de energia» (Chomel).

b) É preferível trabalhar de manhã, sobretudo no verão, para evitar o calor e a mosca;

c) Dar o exercício duma só vez porque, de contrário, o animal quando trabalha duas ou mais vezes por dia pouco pode repousar, não só em consequência das muitas horas de trabalho a que é sujeito, como ainda da grande soma de tempo indispensável para a sua limpeza, cuidados com os membros, etc.;

d) Variar o trabalho, não especializar demasiadamente o animal, não o embrutecer com marchas constantes sobre a monótona estrada. O salto de obstáculos, a corrida, a natação, a marcha através do campo, enfim, todos os exercícios que fazem trabalhar as diferentes partes do organismo, sobretudo músculos e pulmões, são bons; o próprio trabalho de picadeiro só oferece vantagens para a trenagem, pois é uma ginástica

excelente e indispensável para obter a elasticidade e mobilidade necessárias a um cavalo de guerra;

e) Nunca precipitar os resultados; abreviar a preparação só serve para fatigar os animais, gastá-los prematuramente, arruiná-los; o essencial é que tudo seja lógico, razoável, progressivo, e que esta progressão nunca seja alterada por qualquer motivo;

f) Num *raid* em que haja de se pôr à prova o fundo e a velocidade dum cavalo devem-se destinar uns dias para o trabalho lento e longo (passo e trote curto) e outros para o trabalho de velocidade (galope), tendo o cuidado de diminuir consideravelmente o número de horas de exercício nêstes últimos dias;

g) Fazer parte da trenagem sôbre terreno análogo ao que se tem que percorrer no dia da prova. Se, durante ela, há que atravessar terreno acidentado, é indispensável preparar o animal para o acréscimo de trabalho e de fadiga que lhe produz esta parte de percurso;

h) Não julgar, contudo, que a preparação deve ser exclusivamente feita em terreno acidentado; pelo contrário, o cavaleiro deve fazer os pés do cavalo aos terrenos duros e pedregosos mas só isso; o trabalho de galope, sobretudo, deve ser quasi exclusivamente dado em terrenos macios para evitar a ruína prematura dos membros;

i) O trabalho intensivo de trenagem deve terminar uns dias antes da realização do *raid*. O animal deve continuar a trabalhar, a ter um exercício higiênico que lhe não faz perder a *forma* adquirida durante o trêno e que ao mesmo tempo tem a vantagem de lhe permitir que, no dia da prova, se apresente fresco e até mesmo com algum tecido de reserva.

A condição não é tudo mas é certamente o elemento mais essencial para a execução duma prova violenta; é dada pelo trabalho metódico e pela alimentação progressiva, dois elementos que se completam um ao outro para produzir uma acção salutar pondo o animal no máximo de vigôr e resistência, levando-o ao *sumum* da sua capacidade de trabalho.

Um animal, uma vez posto no apogeu da sua forma, pode ser deixado em repouso durante algum tempo pois é relativamente fácil colocá-lo depois novamente *em condição* por meio dum trabalho progressivo.

«No cavalo em condição todas as particularidades do individualismo (modêlo, grau de sangue, saúde) estão postas em relêvo. A pele é elástica, o pêlo é brilhante, o olhar é vivo; os músculos, sobretudo os que maior interferência têm no desempenho dos actos locomotores (espádua, braço, dôrso, pescoço, coxas, nádegas, etc.) estão bem em relêvo e rijos; desapa-

receu a gordura. O aparelho digestivo, o pulmão, o coração, os aparelhos de depuração e o influxo nervoso estão no mais alto diapasão funcional; o cavalo é calmo, acusa destreza, ligeireza. Mas, apesar de todo o valor dêstes sinais exteriores, a *condição* revela-se sobretudo pela discreção com que o suor aparece durante o trabalho, pela calma respiratória, pela ausência de elevação notável de temperatura interna.» (Chomel).



Raid da E. de Equitação (1922)

## B) Andamentos, seu ritmo e modo de os alternar

### 1.º Andamentos

a) *Passo* — O passo é para o cavalo o andamento menos fatigante e o que êle pode sustentar durante mais tempo; é o andamento que serve de base para desenvolver os músculos do animal e é o que quasi exclusivamente se deve empregar nas primeiras sessões de trenagem com animais cheios de gordura e pouco habituados ao trabalho.

Os longos exercícos de passo oferecem ainda outras vantagens: dão ao cavalo, mesmo ao mais ardente, uma calma sem a qual se não podem empreender grandes marchas e *fazem o dórso* do animal, habituam-no a suportar durante horas seguidas o pêso do cavaleiro. O dórso habituado a suportar o pêso do cavaleiro durante pouco tempo, ainda que em andamentos vivos, torna-se dorido, está pouco musculado, oferece pouca resistência e fere-se com facilidade depois duma marcha um pouco longa; é um caso perfeitamente análogo ao que se dá com o cavaleiro: só o traba-

lho continuado, só a permanência durante horas seguidas e durante alguns meses nos dá às nádegas e coxas a dureza necessária para suportarmos sem fadiga uma longa marcha.

O passo empregado deve ser franco e largo, marchando o animal com a cabeça livre e independente da tutela do freio; o cavaleiro não deixará nunca que o cavalo se abandone e arraste as pernas, «apoiando a cabeça sobre a mão do cavaleiro, como sobre um travesseiro para dormir, à procura do pedregulho que o faça tropeçar e cair, dando-lhe um repouso forçado na enfermaria.»

Como já se disse, em virtude da sua velocidade não ser uniforme e do selim e pêso do cavaleiro actuarem desigualmente nos seus diversos tempos, provoca facilmente ferimentos no dórso, sobretudo nas descidas; pelo contrário é o andamento próprio para as subidas.

Durante a trenagem é preciso ensinar o animal a alargar o passo sem choutear, de modo a obter a máxima progressão neste andamento e a fazer trabalhar os músculos com toda a energia; mas no dia da prova evite-se o passo forçado, evite-se fazer sair o cavalo do seu andamento natural.

b) *Trote*—É o andamento fundamental para a execução de longas marchas de resistência que não exijam grandes velocidades. Obriga os músculos a um trabalho mais activo e a contracções mais rápidas que o passo, habitua os tendões a suportarem choques mais violentos ao mesmo tempo que activa mais sensivelmente a respiração e a circulação.

«Contudo o trote nas subidas é muito fatigante para o cavalo porque não se pode servir do balanceiro; é-lhe necessário um esforço para entrar com os posteriores, que êle deve levantar muito em razão da sua inclinação. O trote nas descidas de inclinação média é, pelo contrário, muito vantajoso porque a inclinação suprime o esforço e facilita a entrada dos posteriores; mas é perigoso descer inclinações ásperas a trote porque a entrada dos posteriores, neste andamento, é limitada e o cavalo é então obrigado a aguentar-se em parte pelos seus anteriores». (L. de Sévy).

Durante a trenagem a grandeza e a frequência dos lances de trote devem aumentar muito progressivamente, sempre em harmonia com o grau de preparação do animal; o trote empregado será sempre um trote curto (200 a 220 metros por minuto).

O trote largo, que infelizmente ainda faz as delícias de muitos dos nossos cavaleiros, deve ser proscrito para o cavalo de sela na execução de marchas de qualquer natureza. Na preparação e execução duma marcha

rápida deverá sempre empregar-se o galope normal e nunca o trote largo pelos seguintes motivos:

1.º O trote, andamento natural de transição, só pode ser um andamento artificial de velocidade;

2.º O trote largo é um andamento de contracção incessante, em que o cavaleiro, para manter o andamento, é forçado a elevar a cabeça do animal, donde resulta que êste se fatiga e contrai inútilmente em lugar de se distender; o galope, pelo contrário, é um andamento basculante, dando-se durante o tempo de suspensão uma distensão muscular geral, ao passo que no trote os músculos, em extensão constante, não têm repouso;

3.º «As contracções musculares são um terço mais freqüentes a trote do que a galope, atendendo a que, para a mesma velocidade, os movimentos dos membros são um terço mais freqüentes a trote do que a galope; por outras palavras, para uma velocidade igual e para a mesma distância, o cavalo deixará 150 pègadas a trote e apenas 100 a galope»;

4.º No trote largo apenas um posterior dá por cada vez a impulsão à massa ao passo que no galope essa missão é desempenhada pelos dois posteriores, que actuam quasi simultaneamente, auxiliados ainda pela projecção do centro de gravidade;

5.º No trote o pêso do corpo cai sobre um anterior em plena extensão, dando lugar a que sofra choques muito violentos, o que não acontece no galope.

A prática tem-se encarregado de provar exuberantemente quanto, para o cavalo de sela, o galope é superior ao trote largo como andamento de velocidade. Em todos os desafios até hoje realizados os trotadores de hipodromo, embora os de maior reputação, têm sido sempre batidos por galopadores de qualidade inferior.

O *raid* Bruxelles-Ostende foi uma experiência concludente debaixo dêste ponto de vista assim como de muitos outros. A maior parte dos concorrentes belgas esperavam ganhar fazendo neste andamento uma média de 18 a 20 quilómetros à hora; fôram batidos em toda a linha, nenhum se classificou honrosamente e os que conseguiram chegar à méta traziam os seus cavalos estropiados para sempre. Nos seus relatórios confessaram sincera e unânimemente que o emprêgo do trote largo foi a causa principal, senão única, da sua derrota.

O cavaleiro deve empregar sempre o trote levantado, mas é indispensável que tenha toda a facilidade em alternar a espádua sobre que trota porque, se isso tem pouca importância quando se trata duma marcha pequena, não é a mesma coisa quando há a percorrer uma longa *étape*.

c) *Galope* — O galope é o andamento de velocidade por excelência. Mas que galope se deve empregar?

Evidentemente o galope normal do cavalo cujo passo depende essencialmente da estatura, proporções dos seus raios ósseos e grau de sangue.

É indispensável durante a *trenagem* procurar alargar o galope natural do cavalo, familiarizá-lo o mais possível com este andamento de modo a tornar-lhe rápida e fácil a eliminação dos resíduos das combustões orgânicas, resíduos que sobretudo se produzem nos andamentos vivos e provocam a intoxicação do sangue.



*Raid da E. de Equitação (1922)*

De comêço os lances de galope devem ser curtos; a sua duração depende da idade, vigor e grau de preparação do animal e da extensão da prova para que se treina.

É no trabalho de galope que o cavaleiro tem de evidenciar o seu tacto, observando o seu cavalo a todos os instantes, examinando-lhe atentamente os flancos, etc.; à medida que se fôr reconhecendo que os pulmões vão melhorando podemos aumentar a grandeza dos lances de galope; como complemento e auxiliar da *trenagem* e com o fim de abrir os pulmões é conveniente, umas vezes por outras, fazer correr o animal em distâncias pequenas e sôbre bom piso.

Nunca será demais recomendar os maiores cuidados com o trabalho de galope porque, sendo este o andamento de velocidade por excelência,

é também aquele em que mais facilmente se dá a asfixia, a fadiga pulmonar, fenómenos que uma preparação cuidada evita e recua o mais possível.

## 2.º Ritmo dos andamentos

A cadência dos andamentos é uma das qualidades mais essenciais de qualquer tropa de cavalaria e um dos principais factores de successo num *raid*.

Se a trenagem exige um trabalho metódico e racional, o ritmo dos andamentos não dispensa também menor cuidado da parte do cavaleiro. Marchar sem método quando se quer andar muito e depressa, é não querer chegar ao fim; não há membros que possam resistir aos choques bruscos e violentos produzidos por irregularidades frequentes nos andamentos e o pulmão, por mais bem preparado que esteja, fatalmente se há de sentir também.

É preciso pois ritmar os andamentos, obter uma regularidade absolutamente matemática, cadenciá-los de forma que a mesma distância, no mesmo andamento, seja sempre percorrida no mesmo espaço de tempo.

Preconizou-se já o emprêgo do trote curto mas, para que êle ofereça todas as vantagens, é absolutamente indispensável que o animal *marche automaticamente*, que não lute contra a mão do cavaleiro, que não seja êste último que, exercendo tracção nas rédeas, o force a manter-se no andamento desejado porque isso representaria uma nova fadiga para o animal.

O cavalo bem preparado, conhecendo bem o seu officio, marchará indefinidamente a trote curto sem se fatigar, alargando ligeiramente o andamento em caminho plano e nas descidas, demorando imediatamente nas subidas, sem que se torne necessária a intervenção do cavaleiro. Habitado a êste ritmo monótono de trote, sem por assim dizer conhecer outro, o animal marchará à vontade, sem pesar na mão, elástico nos seus movimentos e sem se fatigar.

O que acaba de ser dito para o trote applica-se igualmente ao galope, andamento em que, para marchar muito e depressa, é absolutamente indispensável uma cadência por assim dizer matemática; e esta cadência só se conseguirá quando o cavalo galope com a cabeça e pescoço livres, distendido, sem receiar a mão do cavaleiro.

Habitados desde o princípio a marchar livremente no seu andamento natural, absolutamente sossegados, os animais manter-se hão a galope com uma facilidade que lhes permitirá sustentá-lo durante muito tempo.

### 3.º Modo de alternar os andamentos

Os andamentos rápidos não podem nem devem empregar-se sobre todos os terrenos nem durante tempo infinito, sob pena da temperatura do animal se elevar demasiadamente e a intoxicação o fazer parar.

O terreno e o grau de fadiga do animal são os dois factores principais que determinam a grandeza e a velocidade dos lances de qualquer marcha rápida; galopar em subidas é tornar extremamente agitada a respiração, elevar ao máximo as contracções musculares; galopar em descidas é expor o animal a quedas freqüentes, fatigar inútilmente as espáduas e os membros anteriores.

O cavaleiro não pode marchar a cronómetro, a sua preocupação constante numa marcha rápida será apreciar o estado do terreno e da sua montada e conformar com estes dois factores o seu programa de marcha.

## C) Alimentação e cuidados higiênicos

### 1.º Alimentação

Como já tivemos ocasião de dizer, os meios a empregar para pôr um animal em condição consistem em dar um trabalho constante e metódico e uma alimentação cuidada e progressiva.

É escusado encarecer a importância deste factor pois todo o *homem de cavalo* sabe que é um assunto que se não pode desprezar e que a alimentação dum animal em trêno deve ser constituída por elementos de primeira qualidade e abundante, sem no entretanto exceder a sua capacidade digestiva.

A base principal da alimentação deve ser constituída pela aveia pois é ela indiscutivelmente o elemento de força por excelência, aquele que em menor volume contém princípios nutritivos mais ricos; a cevada, cuja composição química e poder fortificante são quasi os mesmos que os da aveia, é também um bom alimento mas o cavalo não lhe péga em geral tão bem como na aveia, sobretudo em consequência de se alterar facilmente com o tempo e de perder muitas das suas qualidades; a fava é um fortificante de primeira ordem, vantajoso para os cavalos linfáticos ou anémicos, mas só pode ser dada em pequenas quantidades porque produz congestões da péle da mucosa intestinal e tem um efeito muito irritante; o milho não determina indigestões nem diarréas, engorda muito os animais, faz-lhes criar tecido adiposo mas o seu efeito é debilitante quando constitui a base prin-

principal da ração; a sêmea é um alimento concentrado, nutritivo, emprega-se com vantagem misturada com palha humedecida constituindo *palhadas* mas não satisfaz como elemento exclusivo e pode produzir indigestões porque, aderindo às paredes do estomago, dificulta a produção do suco gástrico; o fêno é um alimento completo embora insuficiente para animais em trabalho intenso; a palha serve como alimento e aumenta o coeficiente de digestibilidade dos outros alimentos; a cenoura, vegetal de que os cavalos são geralmente muito gulosos, é sobretudo um alimento refrigerante, digestivo e laxativo.

Duma forma geral a quantidade de ração a dar deve estar em harmonia com o estado das funções digestivas do animal, estatura, aspecto e cheiro das fêzes e quantidade de trabalho diário; ela depende essencialmente do estado de saúde do animal, maneira de utilizar os alimentos e sobretudo do apetite, que é «o melhor barómetro de capacidade digestiva.»

Para impedir os efeitos irritantes produzidos por uma alimentação muito substancial é conveniente deitar de vez em quando na água destinada à bebida uma porção de sulfato de sôda (100 gramas); é um magnífico regulador intestinal ao mesmo tempo que é um esplêndido diurético.

As refeições devem ser numerosas, sobretudo com os animais que comem mal ou que comem muito; a frequência das refeições torna mais fácil a digestão e evita as indigestões e períodos de turpôr produzidos pela aglomeração de grande quantidade de alimentos no estômago.

Logo que se manifeste qualquer perturbação digestiva deverá reduzir-se a quantidade de ração, ao mesmo tempo que se deve diminuir o trabalho.

*Alimentação açucarada* — Esta alimentação está de há muitos anos reconhecida como um auxiliar precioso e indispensável para a preparação de provas violentas. Inúmeras experiências feitas em homens e cavalos demonstraram que as matérias assucaradas têm um grande valor alimentar, aumentam a digestibilidade dos outros alimentos, são o elemento mais essencial da produção da energia muscular e diminuem a sede, contrariamente àquilo que muita gente afirma.

A ingestão do açúcar não produz perturbação alguma digestiva nem acção laxativa, entra directa e mais rapidamente que outro qualquer alimento na corrente circulatória, em consequência do seu grande poder osmótico e de não exigir a acção dos sucos digestivos para se dissolver; é completamente digerido pelo organismo, não deixa resíduos na urina nem nas fêzes. «Não contendo senão carbono, hidrogénio e oxigénio, êle desaparece, queimado, não deixando como resíduos senão ácido carbónico

e vapôr de água, resíduos que a respiração cutânea e pulmonar (que o cavaleiro vigia e sabe regular) se encarregam de expelir para fóra do organismo. O açúcar favorece a assimilação dos princípios das forragens, é um estimulante da circulação geral pela sua acção sôbre o coração, que é um músculo como outro qualquer e ao qual dá fôrça; por consequência a circulação é mais activa, a irrigação dos músculos pelo sangue mais perfeita, a restauração do músculo facilitada, a fadiga reduzida; pelas mesmas razões actua sôbre a respiração, demorando-a, e combate o cansaço pulmonar.»<sup>1</sup>



Campeonato do cavalo de guerra (1914) — No posto de descanso

Depois disto compreende-se bem a utilidade que há em introduzir matérias açucaradas na alimentação de animais em grande trabalho e aos quais se pretende exigir um esforço violento.

Mas, para que o açúcar produza os resultados salutareos indicados, é necessário que seja ministrado em proporções convenientes e racionais; dado em quantidade excessiva diminui a digestibilidade dos alimentos e a aptidão para o trabalho.

Deve ser dado em doses pequenas e até ao máximo de um quilo por dia. O açúcar vulgar é o melhor mas como a percentagem de matérias salinas que contém é grande, pode produzir perturbações urinárias e digestivas.

A água açucarada é uma bebida conveniente para todos os cavalos

<sup>1</sup> *Raid Paris-Rouen-Deauville* (Relatório do Tenente Bausil).

e agradável para o maior número; «tem a vantagem de ser nutritiva e de prevenir alterações de estômago, intestinos e bexiga, sobretudo quando absorvida depois de exercícios violentos.» (Gayot).

A água serve principalmente de veículo ao açúcar tornando mais fácil a sua absorção; cada 100 gramas de açúcar para 1 litro de água é a percentagem que os técnicos consideram melhor.

## 2.º Cuidados higiênicos

Os cuidados higiênicos têm por fim a conservação da saúde, principal factor de que dependem as qualidades de resistência do cavalo, e compreendem tudo quanto diz respeito à alimentação, limpeza, massagens, etc.

Escusado será encarecer a importância que a sua aplicação tem para um animal sujeito a um trabalho violento pois todos reconhecem que, por mais completos e minuciosos que sejam os cuidados higiênicos, o cavaleiro sempre tem que lutar contra mil acidentes inesperados que infalivelmente sobrevêm sempre no decorrer duma trena longa ou da execução duma prova dura.

Depois do trabalho o animal deve ser imediatamente esfregado com um pano no dorso, pescoço, garupa, peito, terços e bragadas até enxugar por completo; se o animal vem muito suado, esta operação deve ser precedida duma raspagem (com raspadeira metálica) sobre as partes carnudas.

As aberturas naturais, bôca, ventas e olhos, devem ser limpas com uma esponja embebida em água; os membros devem ser lavados do Joelho e curvilhão para baixo e depois muito bem enxutos, sobretudo nos boletos e quartelas. Proceder-se há seguidamente à massagem dos membros para activar a circulação e evitar os engorgitamentos frios e inchações inflamatórias das articulações, tendões e ligamentos; a massagem poderá também aplicar-se com vantagem sobre todo o corpo, principalmente sobre o dorso, e pode ser feita com um pano, um bocado de palha, com as mãos secas ou embebidas em vaselina, etc.

Far-se há depois a aplicação de ligaduras sobre os quatro membros. «O fim das ligaduras no repouso é fazer reabsorver pela torrente circulatória sanguínea, que elas activam, os produtos de má natureza segregados pelos diversos tecidos sob a influência da fadiga e que teriam tendência a conservar-se junto do seu lugar de origem. É à acção mórbida destes produtos que se deve a formação de táras moles...<sup>1</sup>».

1 *Solns pratiques* (Comminges.)

As ligaduras conservam o calor, activam a circulação, excitam a vitalidade dos tecidos, sustentam os bolêtos e tendões, servem de preventivo contra as óvas e engorgitamentos frios. O seu emprêgo no repouso é principalmente eficaz durante as 3 ou 4 horas que se seguem a um trabalho violento e por isso não é indispensável tê-las permanentemente; quando postas depois do trabalho devem envolver a canela, o bolêto e até parte da quartela, mas deve haver o maior cuidado em não as apertar demasiadamente.

O emprêgo de ligaduras é também vantajoso durante o trabalho afim de evitar pancadas, alcançaduras, distensões dos bolêtos e tendões; dão fixidez ao bolêto, mantêm a integridade das regiões que envolvem.

«É um estojo exterior que desempenha o papel que os *Hércules de feira* atribuem com razão à protecção de coiro com que envolvem os pulsos <sup>1</sup>.»

Depois de grandes marchas é conveniente envolver os cascos com cataplasmas de sêneas ou de farinha de linhaça afim de evitar congessões dos tecidos vivos do pé.



### III — O «RAID» — ALGUNS CONSELHOS

a) Não considerar o *raid* como uma corrida, no sentido próprio da palavra, como um *record* a bater; estabelecer antecipadamente um plano de marcha baseado nas qualidades do animal, seu grau de preparação e

<sup>1</sup> *Soins pratiques* (Comminges.)

região a atravessar e não o alterar senão em consequência do terreno ou do estado do animal. Fazer uma marcha absolutamente pessoal, sem se deixar influenciar pelos outros concorrentes, sem perder a cabeça;

b) Tirar o máximo rendimento útil da montada sem lhe exigir mais do que as suas forças lhe permitem dar. Não esquecer, mesmo no meio da excitação da prova, que o sacrifício da vida dum cavalo, quando para isso não há um motivo importantíssimo, é a falta profissional mais grave que um cavaleiro pode cometer, é a prova mais irrefutável da sua falta de tacto;

c) Durante a prova nunca sair da cadência dos andamentos adoptados; sempre que se pretenda conseguir aumento de velocidade, que este seja obtido pelo prolongamento dos lances e nunca pela aceleração do andamento;

d) Praticar freqüentemente a marcha a pé, sobretudo em subidas ou descidas ásperas, para poupar as forças do animal;

e) Aproveitar as bermas das estradas ou caminhos relvados, quando seja possível, porque o terreno duro, pedregoso ou muito mole fatiga extraordinariamente os membros e pés do animal.

f) Não galopar em descidas ou subidas ásperas. No fim das grandes subidas parar um momento para que a respiração tenha tempo de se normalizar e o animal possa urinar; aproveitar estes pequenos altos para examinar os cascos;

g) Aproveitar os altos para dar água açucarada. Não há inconveniente em dar freqüentes vezes água simples, em quantidade moderada, desde o momento que depois da paragem se não tome imediatamente um andamento vivo;

h) Não dar ração senão quando o cavalo tiver tempo para fazer uma digestão completa. É conveniente juntar-lhe uma colher de sopa de sais artificiais de Carlsbad para apressar a digestão e evitar cólicas;

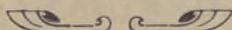
i) Se queremos marchar durante alguns dias à razão de 80 a 100 quilómetros diários, deve-se empregar principalmente o passo e o trote curto, sobretudo se não é preciso marchar com velocidade superior a 10 quilómetros à hora; pouco mais ou menos a meio da *étape* fazer um grande alto (pelo menos uma hora) afim de que o animal possa descansar e comer tranqüilamente a ração;

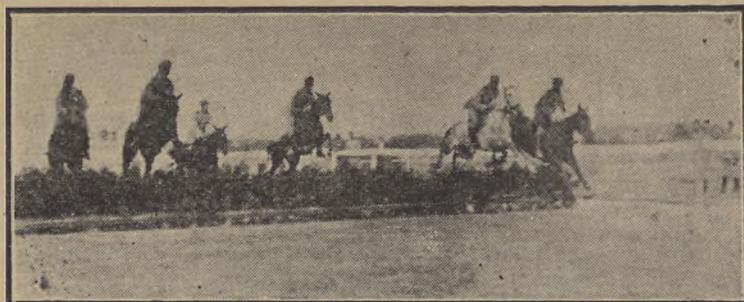
j) Se se trata dum *raid* de velocidade, o melhor método de marcha consiste em empregar lances sucessivos de galope entremeados com vários tempos de trote curto, sobretudo com o cavalo à mão, e com pequenos altos de 5 a 10 minutos; devem-se suprimir quasi por completo

os tempos de passo, que representam uma perda de tempo sem vantagens apreciáveis;

k) No fim do percurso, quando se sinta o animal muito fatigado, variar os andamentos e apear com freqüência; fazer altos curtos e freqüentes, não dar nessa altura grandes descansos, que têm o inconveniente de tornar hirto e insensível o animal cansado;

l) A velocidade de marcha deve ser progressiva, isto é, numa prova de velocidade esta deve ser pequena no princípio e aumentar gradualmente até ao fim do percurso; reservar o grande esforço para o fim.





E. de Equitação (1913)—A corrida de aspirantes

## CAPÍTULO XLIV

### CORRIDAS <sup>1</sup>

#### I — GENERALIDADES

A instituição das corridas em hipódromo adquiriu um espantoso desenvolvimento em todos os países civilizados, principalmente Inglaterra, França e Estados Unidos da América do Norte, constituindo desde afastadas épocas o melhor e mais importante meio para aperfeiçoar o puro-sangue inglês e para seleccionar reprodutores destinados a melhorar as raças cavалares de sela.

Debaixo do ponto de vista militar o *sport* das corridas, ao mesmo tempo que constitui um precioso meio de identificar o cavalo com o cavaleiro, é uma esplêndida escola de audácia que habitua o cavaleiro ao emprêgo das grandes velocidades, que o obriga a manter em condição o seu vigôr físico, que dá à juventude sangue-frio, golpe de vista e o desprezo do perigo indispensável à profissão das armas. São, sem dúvida, êstes os factores principais que mais largamente têm contribuído para o desenvolvimento enorme que as corridas militares têm em quasi todos os exércitos do mundo.

<sup>1</sup> Vêr: *Nos courses* (Capitaine Du Peuty).

*Courses militaires* (Un officier de cavalerie légère).

*Le pur-sang* (Ormonde).

*Notes e supplément aux notes sur l'entraînement données à l'Ecole de Cavalerie en 1914.*

Entre nós instituíram-se as corridas militares em 1905, realizando-se anualmente desde essa época para cá uma reunião de corridas no hipódromo da Escola de Cavalaria, com um programa muito modesto compreendendo: uma corrida para aspirantes, outra para oficiais do curso de equitação e instrutores, uma terceira para oficiais de cavalaria estranhos à Escola e finalmente o campeonato das corridas, para os três primeiros classificados das provas anteriores. Sempre fracamente concorridas, devido principalmente à falta de cavalos próprios para êste ramo de *sport*, pouca ou nenhuma influência têm tido até hoje no meio militar.

Ultimamente, porém, (em 1921) devido aos esforços hercúleos, à perseverança e tenacidade inquebrantáveis dum *sportman* distinto que é ao mesmo tempo um criador inteligente e um zootecnista de alto merecimento, Ruy de Andrade, as corridas de hipódromo ressurgiram, patrocinadas um pouco pelo Estado e aceites pelo público com um entusiasmo que faz prevêêr a sua continuação e um grande desenvolvimento num futuro próximo.

As corridas de hipódromo classificam-se: segundo a qualidade das pistas, em *planas* e de *obstáculos*, subdividindo-se estas últimas em *corridas de sebes*, (pequenos obstáculos) e *steeple-chases* (obstáculos maiores); segundo a distância a percorrer, em *curtas* (até 1500 metros), *médias* (de 1500 a 3000 metros) e *longas* (para cima de 3000 metros).

## II — PREPARAÇÃO PARA CORRIDAS <sup>1</sup>

A preparação para corridas depende em alto grau da idade, sexo, temperamento, dose de sangue puro do animal e género de corrida a executar. Qualquer que seja, porém, o animal em trabalho, na trenagem há sempre três pontos importantes a atender e que importa considerar separadamente: o trabalho, a alimentação e a higiene dos membros.

A duração da trenagem depende essencialmente do estado e qualidade do animal mas um período de dois meses é fixado por todos os autores como um mínimo indispensável para dar uma preparação cuidada a um *animal de sangue*; deve notar-se, todavia, que quanto menor fôr a dose de sangue puro menor deve ser a preparação para provas de velocidade.

<sup>1</sup> Duma maneira geral encara-se simplesmente a trenagem do cavalo militar para corridas de obstáculos e não a trenagem do puro-sangue para corridas planas.

## A) Trabalho

O trabalho a dar para as corridas de obstáculos comporta tres partes distintas: o trabalho lento (para muscular); o trabalho de obstáculos (para tornar o cavalo déstro e franco); e o trabalho a galope (para dar pulmão e velocidade).

### 1.º Trabalho lento

Tem por fim principal desenvolver os músculos, evitar que a fadiga os torne incapazes de se contraírem enérgica e rápidamente e habituar ainda o animal ao mecanismo e à cadência do galope, distendido e sôbre a mão.

É um trabalho preparatório para o desenvolvimento pulmonar que no cavalo de oficial muitas vezes não terá razão de existir, visto que a sua condição normal de trabalho deve ser a suficiente para se poder abordar o trabalho em galopes rápidos, sem necessidade dum período preparatório. Tratando-se, porém, de cavalos novos ou fora de trabalho terá infalivelmente que se dar essa preparação especial durante um período de dois meses, aproximadamente.

O trabalho lento será dado com passeios a passo, trote curto e lances de galope (*canters*)<sup>1</sup>.

O trabalho diário de passo, trote e galope deverá durar cêrca de duas horas. Os tempos de trote poderão atingir, no fim, 4 quilómetros e os lances de galope (*canters*) poderão ir até 3 quilómetros, separados uns dos outros por lances de passo.

No ultimo período do trabalho preparatorio poder-se hão começar os galopes a meia-velocidade<sup>2</sup>, que são galopes com a velocidade aproximada de 600 a 650 metros por minuto, em que o animal alarga muito o andamento ficando, no entanto, abaixo do limite da sua velocidade máxima.

### 2.º Trabalho de obstáculos

A preparação para obstáculos tem por fim principal obter destreza e franqueza. A destreza consegue-se principalmente pelo trabalho sôbre obstáculos de dimensões médias, de preferência com os saltos à guia (so-

<sup>1</sup> Termo técnico, de origem inglesa, que serve para indicar galope curto, que pode ir até à velocidade de 400 metros por minuto.

<sup>2</sup> Na técnica inglesa êstes galopes são designados pelo nome: *half speed*. Na técnica francesa êstes galopes são designados pelo nome: *galops demi-train*.

bretudo a trote), em liberdade dentro do picadeiro e mais tarde nos galopes a meia-velocidade, para habituar o animal a destacar-se de longe. O salto a galope curto deve ser completamente banido.

A franqueza será alcançada pela insistência sôbre obstáculos enquadados, com anteparas, afim de que o cavalo não se possa furtar nunca.

Utilizar-se hão obstáculos que, no máximo, atingirão 1,<sup>m</sup>20 de altura, com um *aspecto muito saltável*, próprios para que o animal alongue o salto e se habitue a destacar-se de longe cobrindo uma boa largura; o cavaleiro procedendo de modo a prevenir qualquer tempo de paragem, animando e empurrando o cavalo na proximidade do obstáculo, sem o desconcertar, sem lhe fazer perder o sangue-frio, permitindo-lhe que marque serenamente a batida.

A preparação para obstáculos deve estar quâsi terminada no momento em que se entrar no período dos galopes rápidos.



Escola de Equitação (1914) — *Steeple-chase* do Campeonato do cavalo de guerra

### 3.º Trabalho a galope

Tem por fim dar pulmão e velocidade, aumentar a excitabilidade nervosa e desenvolver ao máximo a potência respiratória, preparando o organismo contra a intoxicação rápida que se dá nos andamentos vivos.

O pulmão e a velocidade só se obtêm por meio dos galopes rápidos; mas como êstes exigem uma grande despesa de energia, só serão dados duas a três vezes por semana e nos outros dias o animal fará apenas passeios higiênicos, a passo, com a duração de uma a duas horas.

A velocidade dêstes galopes é a máxima que o animal pode dar

sem, no entretanto, o cavaleiro o forçar a atingir o extremo limite da sua capacidade respiratória. As distâncias sôbre que êstes galopes serão dados são determinadas pela capacidade pulmonar do animal, variando, nos casos normais, de 500 a 1500 metros.

«O cavalo de puro-sangue estará pronto a correr:

«—Quando fizer 800 metros em 54 ou 55 segundos e 1800 metros em cêrca de 1 minuto e 55 segundos.

«—Quando fizer 1500 metros a puxar de ponta a ponta.

«—Quando, àlém disso, aguentar galopes a meia-velocidade sôbre 3000 metros sem que a sua respiração se altere exageradamente.» <sup>1</sup>

Êste sistema de trenagem, por meio de lances pequenos de galope com a máxima velocidade, empregado primeiramente pelos americanos, está hoje sendo adoptado pelos *entraineurs* de todos os países, em consequência dos magníficos resultados com êle obtidos; acentua-se cada vez mais a tendência para abandonar o antigo sistema inglês de galopes largos sôbre grandes distâncias, porque com os galopes curtos e rápidos o organismo se prepara melhor para resistir à intoxicação produzida pelo trabalho de velocidade, os membros estão menos sujeitos a acidentes e a excitabilidade nervosa aumenta tornando mais rápidas as contracções.

Numerosos exemplos confirmam êste facto sendo vulgaríssimo ver um animal treinado em distâncias curtas sair vencedor de provas sôbre grandes distâncias; assim o coronel Cousté <sup>2</sup> mostra-nos o exemplo de Retz que «treinado em pequenas distâncias, ganhou em 1902 a *poule* de Ensaio (1600 metros), o prémio do Jokey Club (2400 metros) e faz uma corrida magnífica no Grand Prix (3000 metros). A inversa nunca se dá; o mesmo Retz treinado para o Grand Prix (3000 metros) não é capaz de se classificar no prémio Ranelagh (1100 metros) e no de la Forêt (1400 metros).»

#### 4.º Observações sôbre o trabalho

a) O trabalho diário (passo, trote ou galope) não deve ir àlém de duas horas;

b) O trabalho deve ser dado de preferência pela manhã, principalmente no verão, afim de evitar o calor e a mósca;

c) A trenagem, sobretudo a de galope, deve ser feita sôbre um terreno elástico e macio, isento de buracos e sulcos que possam originar

<sup>1</sup> *Supplément aux notes sur l'entraînement données à l'École de Cavalerie en 1914.*

<sup>2</sup> *Une foulée de galop de course.*

esforços de tendão e quedas inúteis; com um mau terreno é sempre impossível dar uma boa preparação e expõe-se o animal a numerosos acidentes;

d) Os *canters* e galopes a meia-velocidade devem ser sempre precedidos de tempos de trote, afim de distender os músculos, abrir os pulmões e de entrar progressivamente no andamento; pelo contrário, nos galopes rápidos é necessário partir repentinamente do passo, afim de que o animal aprenda a dar saídas rápidas, a entrar o mais rapidamente possível na velocidade;

e) Demorar e parar muito progressivamente os galopes rápidos, empregando a voz e uma tensão suave e alternada das rédeas, sem levantar as mãos, com o *assiette* elevado sôbre o selim;

f) No último período da trenagem é conveniente que o animal corra algumas vezes com outros cavalos, não só para evitar que êle se desorienta no dia da prova, como ainda para lhe estimular o amor-próprio e despertar vontade de vencer; escusado será acentuar que o cavaleiro deve dominar os seus nervos, não forçando o cavalo e não esquecendo que se trata apenas de concluir a preparação e não duma luta;

g) O cavalo não deve correr mais que duas a três vezes por semana, afim de evitar o nervosismo exagerado que sempre se traduz por grande falta de apetite e fraqueza;

h) A quantidade de trabalho a dar está directamente subordinada ao apetite e estado dos membros. Sempre que se manifeste falta de apetite ou estado anormal dos membros, o trabalho de galope deve diminuir ou parar por completo, substituindo-se por tempos de passo e trote curto, até que o desaparecimento das causas que produziram a alteração no trabalho permitam novamente recommençar a trenagem nos andamentos vivos.

## B) Alimentação

A alimentação deve ser cuidada e abundante e estar em harmonia com a quantidade de trabalho diário e apetite do animal.

A ração deve ser muito dividida, três a quatro vezes por dia, havendo vantagem em que a da noite seja a mais abundante porque é a ocasião em que a tranquilidade é mais completa.

O apetite é o melhor sintoma do bom estado geral do cavalo e o melhor regulador da quantidade de trabalho a dar; desde que o animal perde o apetite, o que acontece às vezes durante a trenagem para corridas, quer em consequência de exigências demasiadas no trabalho de galope quer apenas em resultado de perturbações digestivas provocadas por uma

alimentação muito forte, é indispensável reduzir o trabalho nos andamentos vivos, suprimindo-o até por completo, se isso se tornar necessário, e é também conveniente empregar refrigerantes, tais como: cenouras, ervas, sulfato de soda na água destinada à bebida, etc.

Com os cavalos que comem mal, variar a alimentação e distribuir a



Escola de Equitação (1914) — *Steeple-chase* do Campeonato do cavalo de guerra \*

ração por várias vezes e em pequena quantidade de cada vez, deitando-lhe uma pequena porção de sal.

Regular a função renal fazendo-lhe tomar uma pequena porção de sal de nitro ou de bicarbonato de soda, na água destinada à bebida.

Convém ter água permanentemente na mangedoura.

### C) Higiene dos membros

Os membros do cavalo devem ser objecto de cuidados especiais e meticulosos durante a trenagem, visto que os esforços violentos a que são submetidos podem dar origem a acidentes diversos que freqüentemente provocam grandes e forçadas interrupções no trabalho, às vezes mesmo a completa impossibilidade para o animal de prestar no futuro um serviço de sela aturado em que tenha de sustentar os andamentos vivos.

\* Da esquerda para a direita: Alf.es Santos Guerra, Ten.te Amavel Granger, Alf.es Costa Mira, Alf.es Sá Guimarães, Ten.te Júlio de Oliveira, Ten.te Ribeiro da Fonseca.

Torna-se pois de absoluta necessidade examinar diária e meticulosamente os membros do animal antes e depois do trabalho; se um tendão apresenta calôr anormal, se aparece qualquer engorgitamento nas canelas ou articulações, é indispensável reduzir o trabalho de galope ou parar completamente a trenagem, se a gravidade do acidente assim o indica.

Os *douches* e a irrigação continua, seguidos de massagens e da aplicação de ligaduras, têm um largo e proveitoso emprêgo, quer apenas como simples preventivo quer no caso de qualquer inflamação ou engorgitamento anormal; as compressas de água quente e as soluções de sulfato de ferro dão também esplêndidos resultados para o mesmo fim.

Terminado o trabalho e depois da lavagem e massagem dos membros dá bom resultado a aplicação duma camada de grêda com vinagre em volta dos tendões e bolêtos.

Durante o trabalho é preferível, para sustentar os bolêtos e tendões, empregar protectores de feltro a usar ligaduras.

### III — POSIÇÃO DO CAVALEIRO

O cavaleiro não pode nem deve conservar numa corrida a posição académica que todos os tratados de equitação, a estética e o bom senso indicam para os trabalhos da equitação artística e para as necessidades do uso prático e vulgar do cavalo. A posição é antes e acima, de tudo determinada pelo *à vontade* e solidez que oferece ao cavaleiro e pelo género de equilíbrio que se pretende do cavalo. Numa corrida o equilíbrio do animal é absolutamente inverso daquêle que a progressão do ensino tem em vista alcançar para a prática da equitação corrente — e com mais forte razão da equitação curta — e portanto a posição do cavaleiro terá necessariamente que se modificar em harmonia com as condições especiais dêste exercício, porque assim o exige o esforço contínuo de velocidade que o animal é obrigado a sustentar.

A teoria diz-nos — e a prática tem-no confirmado em absoluto — que a melhor posição do cavaleiro para correr é a seguinte: busto inclinado para deante de modo a sobrecarregar o ante-mão e a diminuir a superfície oferecida à resistência do ar; as rédeas separadas conservando-se as mãos muito baixas, colocadas adiante do garrote e apoiadas dos dois lados do pescoço, permitindo um forte apoio na mão e acompanhando os movimentos do balanceiro; a perna imóvel, vertical e bem ligada; o estribo curto, a côxa mais horizontal que de ordinário; o *assiette* fixo, recuado, ligeiramente elevado para evitar as pancadas no selim e favorecer a dis-

tensão do post-mão, mas sempre pronto a retomar o contacto com êle na proximidade dos obstáculos e sempre que seja preciso activar mais enèrgicamente o animal ou que êste cometa qualquer falta.

«A *monte* americana, além da posição muito para deante que dá ao centro de gravidade, o que favorece a velocidade, permite ao cavaleiro utilizar, em lugar da sua flexibilidade natural que é limitada, a das suas articulações, o que é muito mais fácil. A posição americana é pois a única racional em corridas mas exige, para ser útil, muito tacto e propósito no cavaleiro, que nunca se deve tornar hirto mas, pelo contrário, ceder, flectir, para não contrariar a impulsão do cavallo.» (L. de Sévy).

A posição americana, hoje adoptada pelos *jockeys* de todos os países, muito embora não podendo satisfazer às exigências da equitação militar, é no entanto a única racional para correr.

#### IV—A CORRIDA—ALGUNS CONSELHOS

a) Cavallo e cavaleiro devem ir para a corrida com o estômago vazio, devendo ter comido a última refeição algumas horas antes;

b) Antes da corrida dar um pequeno galope de ensaio (*canter*) para acalmar o nervosismo natural do cavaleiro, aquecer o animal, distender-lhe os músculos e abrir-lhe os pulmões;

c) Evitar estar muito tempo parado na pista, junto da partida, porque isso só serve para enervar os animais e expô-los a dar ou levar coices dos outros companheiros de luta;

d) Estar com a máxíma atenção para *largar* no momento preciso em que é dada a partida, isto é, *dar sempre uma boa saída*, porque isso representa uma economia de fôrças para o cavallo e um avanço importante que sem esforço se obtém sôbre os concorrentes distraídos ou que montam animais com saída pouco rápida;

e) Durante a corrida não fazer sair o cavallo da sua velocidade natural, não o forçar senão no momento próprio porque «o grande esforço produz uma intoxicação rápida que exige um descanso imediato»; manter-se de modo a dissimular ao animal a luta, reservar toda a energia para o fim;

f) Procurar obter e manter um lugar conveniente e não o alterar senão em caso de fôrça maior, evitando andar aos *zig-zags* e às *guinadas*; a pista de dentro é vantajosa, sobretudo para cavallos francos em obstáculos, mas tem o inconveniente de sujeitar o cavaleiro a ser entalado pelos outros concorrentes; com animais pouco francos convém marchar no meio do *pelotão*, sobretudo na proximidade dos obstáculos, para evitar despistes;

g) Não saltar *colado* à garupa do concorrente que nos precede para permitir que o animal possa evitá-lo em caso de queda, para que veja bem o obstáculo e marque bem a batida;

h) *Entalar* bem e animar o cavalo alguns momentos antes do obstáculo, sem lhe fazer perder o sangue-frio;

i) Começar a voltar antes da volta, iniciando-a um pouco pelo largo e vindo acabá-la junto às tábuas; uma volta iniciada junto à pista de dentro tem o inconveniente de arrastar no fim o cavalo um pouco para



Escola de Equitação (1913) — A corrida dos instrutores \*

fora, em consequência da força centrífuga, e obrigá-lo a desenvolver um grande esforço para lhe resistir;

j) Calcular bem o ponto onde se deve exigir o esforço final; ter cuidado em não estar entalado pelos outros concorrentes nêsse momento que, na maioria dos casos, decide o resultado da corrida;

k) Empregar pouco a espora e o chicote; duas ou três esporadas ou chicotadas (estas últimas são preferíveis) são o suficiente, a questão é que sejam dadas no momento propício e que, quando se anima o animal, se não abrande a tensão das rédeas e se não diminua o apoio na mão; um animal lançado a toda a velocidade e bem apoiado na mão diminuirá imediatamente logo que abrande a tensão das rédeas;

l) A corrida apenas termina depois de transposta a meta da che-

\* Da esquerda para a direita: Ten.<sup>te</sup> Higino Barata no CABUL, Ten.<sup>te</sup> José Alverca no CARAPUÇO, Ten.<sup>te</sup> Jára de Carvalho no ESPADARTE, Ten.<sup>te</sup> Júlio de Oliveira no ROMEU.

gada; só depois de passada ela se deve demorar lentamente o andamento, evitando as paragens bruscas e as pancadas na bôca que arruinam os membros do animal;

m) Em caso de queda o cavaleiro não deve procurar levantar-se senão depois da passagem de todos os cavalos, afim de evitar ser derrubado e pisado;

n) Fazer *uma corrida de espera*, isto é, uma corrida em que se reserva para o fim o esforço maior, com os cavalos que tenham uma ponta de velocidade ou com aqueles que, não possuindo grande fundo, é necessário poupar até ao fim; fazer *uma corrida de ponta a ponta*, isto é, uma corrida em que o cavalo se emprega durante todo o percurso, com os animais brandos ou que não tenham um grande arranco final e possuam bastante fundo;

o) Durante a corrida não falar nem ouvir o que dizem os outros concorrentes; aproveitar todas as ocasiões favoráveis para se colocar bem, não ajudar nem prejudicar ilicitamente os camaradas; «uma corrida não é um concurso de delicadeza, é um exercício violento onde, por meios violentos, cada qual procura fazer mais e melhor do que os outros.» (Du Peuty).



Cóimbra (1912) — Alf.res Luís Faro no GRILLO



## CAPÍTULO XLV

### FISIOLOGIA DA FADIGA <sup>1</sup>

#### I—NOÇÕES ELEMENTARES DE FISIOLOGIA

Os músculos são os agentes imediatos do movimento; ligados pelas suas extremidades às alavancas ósseas que formam o esqueleto são êles que, em consequência do seu poder de contratibilidade, põem a máquina animal em movimento.

Para que um músculo entre em contracção é preciso que um agente qualquer actue sobre êle. O excitante normal do músculo é a *vontade*, força que exerce a sua acção por intermédio dos nervos, da espinal medula e do cérebro.

Os nervos são os órgãos transmissores das impressões que provêm do cérebro ou de agentes exteriores e não podem por si sós provocar movimentos; desempenham na máquina animal o papel de fios condutores; cortado um nervo motôr o músculo a que êle se liga fica inerte, incapaz

<sup>1</sup> Vêr *La Physiologie des exercices du corps* (Dr. Lagrange).

de se contrair sob a acção da mais enérgica vontade, exactamente como se cortarmos o fio que liga duas estações telegráficas a transmissão é impossível.

A espinal medula, cordão onde vêem reünir-se os nervos sensitivos e motôres do tronco e membros, conduz ao músculo as impressões recebidas mas gosa ao mesmo tempo da faculdade de poder provocar movimentos sem a intervenção da vontade; nêstes movimentos (reflexos) a impressão sensitiva, em lugar de caminhar até ao cérebro, pára na espinal medula e daí transmite-se reflexamente por um nervo motôr.

O cérebro é o transmissor immediato da *vontade* e portanto é um órgão indispensável à execução de movimentos conscientes; pode também originar movimentos reflexos.

\* \* \*

Na execução de qualquer movimento, por mais insignificante e isolado que êle seja, as contracções musculares não se localizam apenas num músculo, entram sempre em acção os músculos vizinhos e às vezes vão até fatigar-se alguns que não estão directamente ligados às partes da máquina animal que mais aparentemente trabalham.

No mesmo membro há sempre músculos com missões diametralmente opostas e a sua existência tem em vista evitar que os movimentos resultem bruscos e sacudidos, tem por fim obter a coordenação de movimentos; nas mãos, pernas e braços nós encontramos sempre os *flexôres* e *extensôres*, os quais entram simultâneamente em acção e se destinam a produzir movimentos inversos; por isso uns se chamam *antagonistas* dos outros.

Para que um movimento qualquer seja bem coordenado é preciso que à contracção dum músculo corresponda uma contracção *moderada* e *precisa* do seu antagonista; se actuassem com igual energia, deixaria de haver movimento produzindo-se apenas uma contracção inútil e fatigante.

Embora a coordenação de movimentos seja instintiva a verdade é que a ginástica a perfeiçoa extraordinariamente; em todos os exercícios é precisa uma aprendizagem inteligentemente dirigida que reduza aos limites razoáveis a acção dos *antagonistas*, pois só assim é possível obter uma perfeita coordenação de movimentos com o menor dispêndio de fadiga e com a maior economia de trabalho.

No indivíduo que começa a tocar piano, a remar, etc., as mãos e braços fatigam-se muito a princípio exactamente porque os *antagonistas* ainda não estão educados para limitarem ao mínimo a sua acção.

\* \* \*

Quando um homem aperta fortemente nas mãos uma noz de casca dura afim de a quebrar, nós vemos que as suas faces se congestionam e a sua respiração se suspende momentaneamente; dá-se exactamente a mesma coisa quando um homem quiere levantar do chão um objecto muito pesado e sempre que execute um acto muscular demasiadamente enérgico.

As contracções musculares muito violentas geram o *esfôrço*, fenómeno que produz sempre grandes perturbações no organismo. Em conseqüência da ligação íntima existente entre os músculos, sistema nervoso e as diferentes funções orgânicas, o *esfôrço* comprime fortemente o ar nos pulmões podendo originar a distensão ou rasgamento das suas células, faz aumentar o calibre dos vasos sanguíneos devido ao aumento de tensão do sangue, o próprio coração pode suspender momentaneamente as palpitações; em resumo, o *esfôrço* produz sempre grandes perturbações musculares e altera sensivelmente a respiração e a circulação e por isso nós não devemos prolongar ou exigir com muita freqüência exercícios que o originem.

Para que haja *esfôrço* não é preciso que a quantidade de trabalho produzido seja grande, basta que um determinado grupo muscular se contraia com a máxima energia de que é susceptível.

\* \* \*

O calor gera trabalho. No organismo animal, que é uma verdadeira máquina térmica, a fôrça motriz provém da produção do calor porque este é um elemento indispensável para que haja contracção muscular.

«O calor é a causa e não o efeito do trabalho; é preciso aquecer uma máquina a vapor antes de a fazer funcionar; entre o acender da caldeira e a marcha da locomotiva medeia sempre um espaço de tempo mais ou menos longo; na máquina animal o caso é perfeitamente idêntico, para que o músculo se contraia depois de receber a indicação da *vontade* é indispensável um certo espaço de tempo (pequeníssimo, é certo) para que se desenvolva o calor preciso.» (Dr. Lagrange).

A temperatura tem uma influência sensível sôbre o poder de contractibilidade dos músculos. No tempo frio as partes do corpo mais em contacto com o ar chegam quasi a insensibilizar-se e é preciso um certo tempo, um certo trabalho para que readquiram a energia normal; a experiência tem demonstrado que o mesmo indivíduo, *antes de aquecer* pela

execução de qualquer exercício, acusa menos fôrça no tempo frio do que no tempo quente.

A máxima potência de fôrça e energia corresponde a uma determinada temperatura (40° para os homens) e por isso se compreende bem a necessidade de *aquecer o cavalo* antes de começar uma corrida, antes de saltar, antes de executar qualquer exercício que logo de comêço demanda um grande esforço.

A temperatura, porém, não pode elevar-se àlém de certos limites porque, quando é superior à compatível com a vida, as combustões orgânicas destroem os tecidos musculares e o músculo morre.

\* \* \*

O calor animal, fornecido por combustões e combinações químicas, tem duas origens diferentes: as substâncias alimentares ingeridas que vão entrar na circulação e as substâncias orgânicas que constituem o corpo do animal.

Os alimentos, depois de convenientemente modificados pela digestão, são introduzidos no sangue originando calor as combustões químicas a que dão origem; quando a alimentação é suficiente o organismo nada sofre com um trabalho racional, embora violento, porque os materiais da combustão estão sendo renovados constantemente, mas quando a alimentação é insuficiente em relação ao trabalho, as combustões passam a fazer-se à custa do próprio organismo animal (em primeiro lugar dos tecidos de reserva e depois dos tecidos essenciais à vida), produz-se o seu emagrecimento e até a morte, se uma alimentação mais cuidada e um trabalho mais moderado não atalharem o mal.

Daqui se deduz claramente que um animal que tenha de ser sujeito a uma prova dura (por exemplo, um *raid*) deve possuir tecidos de reserva para resistir ao consumo exagerado das combustões orgânicas, visto que estas têm necessidade de recorrer ao próprio organismo. O cavalo de corridas, sujeito a um trabalho violento mas de pequeníssima duração, deve pelo contrário apresentar-se anguloso, sêco, desenhando bem os músculos, sem tecidos de reserva que lhe aumentem o pêso bruto, sem gorduras que lhe prejudicam a respiração e a circulação.

\* \* \*

As combustões vitais transformam os tecidos de que se alimentam dando lugar à formação de *cinzas*, produtos de desassimilação prejudiciais

ao organismo, impróprios para a vida e que portanto necessitam ser rapidamente eliminados para fora do organismo, sobretudo quando se acumulam em grande quantidade.

A máquina animal dispõe de quatro órgãos que, além doutras funções, têm por fim principal proceder à eliminação das *cinzas*; êsses órgãos são: os pulmões, os rins, a pele e os intestinos.

Os pulmões eliminam pela respiração vários produtos tóxicos, o mais importante dos quais é o ácido carbónico que se está formando constantemente no organismo; quando a sua quantidade é um excesso ou quando os pulmões cessam de funcionar, a acumulação dêste gás no sangue envenena-o e produz-se a morte por asfixia.

Os rins eliminam a urina, em cuja composição entram o ácido úrico e os uratos; quando êste aparelho de depuração não funciona bem, os resíduos venenosos acumulam-se no sangue dando lugar a vários acidentes, alguns dêles mortais, como a uremia.

A pele elimina o suor, resíduo prejudicial à vida por conter em dissolução varios produtos tóxicos, ácido láctico, ácido sudórico, etc. A seguinte experiência prova bem qual o perigo dêstes resíduos e ao mesmo tempo a necessidade de trazer os cavalos bem limpos, de modo que os póros da pele possam com toda a facilidade eliminar produtos nocivos ao organismo: rapando o pêlo a um cão ou a um cavalo e cobrindo-lhe a pele com uma camada de colódio, êstes morrem em poucas horas porque no sangue se acumulam então resíduos tóxicos que a pele não pôde eliminar.

Os intestinos eliminam as fezes cuja quantidade aumenta com a intensidade do exercício muscular; quando êste não está em harmonia com a preparação do animal dão-se várias perturbações digestivas, aparece a diarréa, etc., e sobrevêm acidentes graves sempre que há lesões no canal intestinal.

## II — FISILOGIA DA FADIGA — INFLUÊNCIA DO RITMO

A fadiga local é um fenómeno cerebral e muscular.

Para obter contracções enérgicas dum músculo é necessário um aumento de influxo voluntário, é indispensável que a *vontade* o obrigue ao esforço, fenómeno que se vai reflectir sôbre os centros nervosos produzindo-lhes abalos violentos; o trabalho aumenta a actividade das combustões e estas vão alterar a constituição do músculo, produzindo e acumu-

lando nêles vários produtos de desassimilação que lhes fazem diminuir ou perder momentâneamente o seu poder de contratibilidade.

A fadiga pode ser relativa ou absoluta.

A fadiga relativa consiste numa sensação dolorosa acompanhada de ligeira alteração na estrutura do músculo; é aquela que mais vulgarmente se dá porque a *vontade* cêde ante a sensação dolorosa que o trabalho violento nos faz sentir, obriga-nos a interromper o exercício antes que a fadiga real se apodére do músculo e esta é devida mais aos centros nervosos do que ao próprio músculo.

A fadiga absoluta consiste numa modificação profunda na constituição dos tecidos que compõem o músculo, modificação que lhes faz perder a faculdade de se contraírem por mais violentos que sejam os excitantes empregados; produz lesões tão importantes e graves no organismo que a morte lhe sobrevem quâsi sempre. É a que se dá geralmente com o veado perseguido pelos cães e caçadores durante muitas horas.

\* \* \*

A fadiga é um fenómeno que depende em alto grau da associação da *vontade*. É um facto comprovado que a fadiga se manifesta muito mais tarde quando as faculdades cerebrais não intervêm no trabalho que se executa; quando um hábito de longo tempo tornou um exercício automático, independente da acção da vontade, nós não sentimos a sensação da fadiga.

A respiração e a circulação, que duram toda a vida, produzem um trabalho mecânico fenomenalmente grande sem causar fadiga; nenhum homem a andar pensa quando e como deve mover as pernas, o movimento faz-se automaticamente, inconscientemente; a impressão recebida por um pé ao pousar no sólo não chega ao cérebro, é apenas reflectida na medula espinal e esta determina por um efeito reflexo o movimento da outra perna.

Muitos exercícios físicos, à fôrça de serem repetidos, tornam-se tão familiares que se praticam automaticamente sem a intervenção da vontade. Ao aprender a andar a cavallo, por exemplo, a sensação da fadiga depressa se apodera do principiante por causa da forte tensão de espírito empregada para não cair; depois duma certa prática chega-se a dormir a cavallo porque as simples acções reflexas se encarregam de nos manter sôbre o selim.

O que se dá com o homem dá-se com os animais; o trabalho muitas vezes repetido, e sobretudo feito na mesma cadência, acaba por se executar

automaticamente, sem esforço; o animal chega a marchar sem prender a atenção no movimento que está executando, por acções reflexas, sem que dêle se apodére a sensação da fadiga.

Daqui se deduz claramente a importância que o ritmo dos andamentos tem na fadiga e portanto na resistência dos animais; vê-se bem quanta superioridade terá numa marcha um animal com os andamentos cadenciados, ritmados, sobre outro que marche *às guinadas*, ora devagar ora depressa, forçando a mão ou forçado pelo cavaleiro.

\* \* \*

A fadiga pode tornar dois aspectos diferentes segundo os órgãos sobre que mais violentamente se faz sentir.

O cavalo a passo pode fatigar-se, no fim dum certo tempo, a ponto de os seus músculos se recusarem a continuar o trabalho, sem que o funcionamento das funções respiratórias se tenha alterado sensivelmente; neste caso a fadiga que se apodera do animal é essencialmente muscular.

O cavalo a galope altera rapidamente a respiração e tem que suspender a marcha, tem que repousar, muito antes que os músculos estejam fatigados; neste caso a fadiga que se apodera do animal é essencialmente pulmonar.

*O cavalo trote com as pernas e galopa com os pulmões*, é uma frase vulgar que mostra bem a influência que a forma do andamento tem para o género de fadiga resultante.

No trote as contracções musculares são muito mais frequentes e violentas do que no galope, mas limitam-se a certas regiões, a determinadas massas musculares, principalmente às pernas, que neste andamento dão a impulsão actuando cada uma por sua vez; no trote o trabalho parcial é enorme mas o trabalho total é relativamente pequeno. No galope, pelo contrário, entram em jogo um grande número de massas musculares (pernas, rins, pescoço, espáduas, etc.), o trabalho total produzido é enorme embora dividido por grande número de músculos; por isso no trote a fadiga se faz sentir mais especialmente sobre os músculos e no galope ela altera principalmente a respiração.

Para haver fadiga muscular basta que um determinado grupo de músculos produza o máximo trabalho de que é susceptível, não é necessário que a quantidade de trabalho produzido seja grande; para haver fadiga pulmonar é preciso, pelo contrário, que o trabalho total desenvol-

vido por todos os músculos seja grande; a primeira é pois um efeito local, a segunda é um efeito geral.

\* \* \*

O trabalho consecutivo e violento localizado em massas musculares pouco importantes ou em um número muito limitado de músculos tem um efeito quási exclusivamente local, que a princípio apenas se traduz por uma certa inaptidão para o trabalho, abatimento e acessos de febre quando a intensidade do exercício tiver sido grande ou o indivíduo não tenha a suficiente preparação.

A fadiga local (muscular) pode apresentar-se durante ou depois do exercício; aparece durante o exercício quando se exige ao músculo o dispêndio de toda a sua energia, o esforço; apresenta-se depois do trabalho quando, embora não exigindo grandes esforços aos músculos, o organismo não está treinado convenientemente ou uma emoção depressiva o coloca momentaneamente em condições de inferioridade.

O trabalho violento produz nos músculos um certo número de lesões devidas à presença de produtos de desassimilação, resíduos nocivos que modificam a estrutura das massas musculares e lhes diminuem o seu poder de contratibilidade.

\* \* \*

A fadiga pulmonar (sufocação) aparece no decorrer dum exercício violento ou dum trabalho muscular grande e manifesta-se por uma grande falta de ar, que se traduz na necessidade imperiosa de respirar e numa grande precipitação dos movimentos respiratórios.

Quanto maior é a soma total de trabalho maior é a intensidade das combustões orgânicas e, portanto, mais rápida terá que ser a respiração para eliminar o ácido carbónico que se está constantemente formando no organismo. A quantidade de ácido carbónico é que determina a regularidade do aparelho respiratório; se este gás é em pequena quantidade, a respiração é calma; se elle se produz em grandes proporções, o esforço feito pelo organismo para eliminar rapidamente este veneno provoca a precipitação dos movimentos respiratórios.

No decorrer dum exercício chega, porém, um momento em que a quantidade de ácido carbónico produzido é tal que os pulmões não conseguem eliminá-lo rapidamente e este gás começa a acumular-se no sangue, a intoxicá-lo, e o animal morrerá infalivelmente envenenado, se a

produção do ácido carbónico aumentar e exceder certos limites; como se vê, a fadiga pulmonar é uma verdadeira auto-intoxicação produzida pelo ácido carbónico desenvolvido pelo trabalho.

Para cada indivíduo há um coeficiente de amplitude respiratória determinado pela quantidade de ácido carbónico que os pulmões podem eliminar; este coeficiente depende essencialmente da amplitude dos pulmões, da integridade do coração e, sobretudo, da aptidão adquirida para se servir do aparelho respiratório.

É conveniente acentuar que um exercício muitíssimo violento pode produzir num espaço de tempo muito curto uma quantidade de ácido carbónico superior ao poder eliminador do pulmão e que, portanto, a sufocação se pode dar muito rapidamente; é por este motivo que numa corrida é preciso poupar o cavalo a princípio, regular a velocidade pelo poder eliminador do pulmão. Se lhe exigirmos logo de entrada o máximo de velocidade, a enorme produção de ácido carbónico provocará uma asfixia rápida que forçará o animal a diminuir o andamento; o grande esforço deve reservar-se para o fim porque a êle se segue um repouso indispensável para normalizar a respiração.

É em virtude do mesmo princípio que nas grandes corridas de hipódromo há sempre *jockeys* encarregados de largar com toda a velocidade logo de entrada, afim de exgotar rapidamente os bons competidores que são muito ardentes e vão mal montados e garantir a vitória a um apaniguado que monta um animal tranqüilo no seu galope de corrida e só exige o grande esforço no momento propício.

\* \* \*

A circulação e a respiração são duas funções que estão intimamente ligadas; o trabalho muscular, ao mesmo tempo que acelera o movimento respiratório, activa a circulação e as palpitações do coração.

O sangue arterial dirige-se do coração aos músculos fornecendo-lhes os elementos indispensáveis para o seu funcionamento orgânico, para o trabalho, perde aí as suas propriedades mais essenciais e fica transformado em sangue venoso; este vem por intermédio das veias regenerar-se aos pulmões, transformando-se em sangue arterial, e volta ao coração para daí seguir novamente para os diferentes órgãos.

O músculo em trabalho necessita de um maior afluxo de sangue e exerce sobre o líquido sanguíneo uma espécie de aspiração, tanto mais

forte quanto mais violento fôr o exercício; nestas condições a circulação é activada e portanto maior quantidade de sangue afluí aos pulmões, afim daí se libertar do ácido carbónico que aumentou sob a influência do trabalho; no pulmão dá-se pois um aumento de circulação, isto é, uma congestão activa.

Para hematosar esta maior quantidade de sangue que afluí aos pulmões, êstes aumentam a sua actividade fazendo entrar em acção células que normalmente estão inactivas, estabelecendo-se por esta forma o equilíbrio entre a quantidade de ar que entra no pulmão e o sangue que aí vai libertar-se do ácido carbónico e absorver oxigénio. Quando, porém, o trabalho excede certos limites as pulsações do coração, embora mais frequentes, são menos enérgicas e êste órgão não expulsa o sangue com tanta força através da rêde vascular; a corrente sanguínea perde a sua impulsão e dá-se a congestão passiva do pulmão; o sangue venôso reflui para o coração podendo provocar a paragem dos seus movimentos, em consequência da acção debilitante que o ácido carbónico sôbre êle exerce.

\* \* \*

Recapitulando: o trabalho aumenta a intensidade das combustões orgânicas e estas desenvolvem resíduos prejudiciais ao organismo que se eliminam normalmente pelos pulmões, rins, etc. Quando o exercício é pouco violento e está em harmonia com o grau de preparação do animal, êstes resíduos são eliminados a tempo e não originam accidentes graves; quando, porém, a sua produção é superior à eliminação, opera-se um verdadeiro envenenamento progressivo do sangue e dá-se uma alteração profunda na estrutura das massas musculares.

Os músculos submetidos a um trabalho violento fatigam-se, engoritam-se pouco a pouco e acabam até por paralizar, perdendo o seu poder de contratibilidade quando os produtos de desassimilação se aglomeram em grandes proporções; o coração, que é um músculo como outro qualquer, perde pouco a pouco o seu poder, falta-lhe a energia necessária para impulsionar o sangue venôso que aí afluí em grande quantidade, a circulação interrompe-se e sobrevém a morte.

Um cavalo lançado ao grande galope tem necessariamente de parar no fim de algum tempo porque o excesso de ácido carbónico produzido por êste exercício violento acumular-se há numa dose incompatível com a vida e poderá fazer parar os movimentos do coração; o animal morrerá

*sufocado* ou de *astênia cardíaca* (que é uma conseqüência da sufocação), se um repouso imediato lhe não permitir normalizar as suas funções.

É por estas duas causas que, nos países onde as corridas de velocidade são muito freqüentes, se vêem súbitamente desaparecer alguns cavalos; é pela mesma razão que às vezes sucumbem alguns animais (lebres etc.), quando apenas se fiam na velocidade das suas pernas para escapar à perseguição dos cães.

Mas se o cavaleiro deixar repousar o seu cavalo o tempo suficiente para que a eliminação do ácido carbónico se dê, para que a respiração se normalize, o animal fica em condições de suportar durante algum tempo vários lances de galope largo, desde o momento que estes sejam entremiados com descansos freqüentes; se, porém, o obrigarmos a um trabalho de extrema duração, o animal virá a morrer, mas não *sufocado*, embora haja o cuidado de lhe dar alguns descansos que permitam a eliminação rápida do ácido carbónico produzido pela respiração; há outros produtos de desassimilação que se formam nos músculos durante o trabalho e que só são eliminados muitas horas depois dele terminado; êstes produtos, demorando-se muito tempo na economia animal, infeccionam o organismo e vão destruir os tecidos musculares, podendo sobrevir a morte derivada da fadiga muscular.

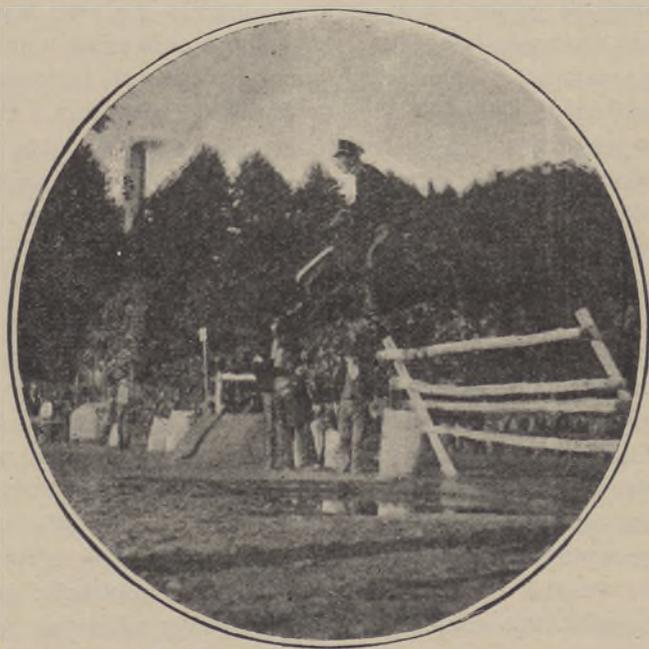
A morte de vários cavalos em diferentes *raids* (Bruxelles-Ostende, Paris-Rouen-Deauville, Aix-les-Bains, etc.) deve ser atribuída a esta causa porque, com o método de marcha empregado (lances sucessivos de galope entremiados com paragens, tempos de trote ou passo) o ácido carbónico desenvolvido pela respiração tem tempo de se eliminar. *Um cavalo em condição e bem conduzido* não morre sufocado numa prova destas, morre *forçado*, envenenado por outros dejectos orgânicos que se não podem eliminar em poucos minutos como o ácido carbónico da respiração; quando se acumulam em excesso começam a produzir grande dificuldade nos movimentos e depois, não podendo sair pelo seu escudouro natural, são reabsorvidos e entram na circulação infeccionando todo o organismo.

Os músculos sofrem então uma verdadeira decomposição; o olhar do animal é parado, a pupila dilata-se, o andamento torna-se mecânico, os músculos tomam uma rigidez tetânica; se se sangrar um animal nestas condições, o sangue não correrá porque o plasma, líquido à temperatura ordinária, coagula quando esta se eleva muito sob a influência do calor do trabalho.

A morte é sempre o resultado final dum animal que apresente êstes graves sintomas.

É assim que em vários *raids* têm morrido cavalos vitimados pela fadiga muscular, é assim que morre o veado forçado, *hallali*, como dizem os caçadores.

Alguns momentos antes da morte, os músculos apresentam já uma rigidez cadavérica; no corpo do animal, mesmo que haja o cuidado de lhe tirar imediatamente os intestinos, dá-se logo a putrefacção em resultado da grande decomposição química produzida nas massas musculares.



Cóimbra (1915) — Ten. <sup>te</sup> Júlio de Oliveira no AREOSA,  
vencedores do *Grande Prémio e Taça de Honra*

VI PARTE

BREVES NOÇÕES  
DE ALTA ESCOLA





*Passage* — Major Júlio de Oliveira no HORIZONTE

## CAPÍTULO XLVI

### GENERALIDADES

Outrora chamava-se *alta-escola* unicamente à equitação superior, para a distinguir da *baixa-escola* ou equitação elementar; modernamente, porém, a *alta-escola* compreende apenas a execução de exercícios que pertencem à equitação artística, que são do domínio da arte pura, que estão fora do emprego habitual do cavalo e que exigem uma posse completa e absoluta de todas as suas forças de modo que o cavaleiro delas possa dispôr com toda a facilidade.

A *alta-escola* não pode constituir, portanto, um ramo da equitação militar a qual, como logicamente se compreende, deve apenas encarar a utilização prática do cavalo de guerra, que é destinado a mover-se em grandes espaços e não apenas a trabalhar no recinto restrito e apertado dos picadeiros. É esta evidentemente a razão principal, senão única, da prática da *alta-escola* estar abolida em quasi todas as escolas militares de todos os exércitos, desde épocas afastadas.

Parecerá pois estranho, à primeira vista, que nuns apontamentos de equitação destinados à educação de cavaleiros militares figurem noções de *alta-escola*. A razão é, porém, simples: estas noções são exigidas no programa do curso de picadores militares e compreende-se bem que assim seja porquanto a cultura geral equestre dum oficial futuro, que será ao mesmo tempo um profissional da equitação, deixaria bastante a desejar se não possuísse essas noções elementares d'este ramo especial da equitação, muito embora apenas teòricamente. Além de que um profissional, um indivíduo especializado poderá e deverá talvez mesmo entrar no domínio das maiores dificuldades da arte a que se dedicou, quanto mais não seja para adquirir por esta forma mais autoridade para proibir aos outros a prática de exercícios que nem todos podem abordar, que não são acessíveis a toda a gente.

A equitação militar, ao mesmo tempo que procurará desenvolver no mais alto grau as qualidades do cavalo, deve limitar-se aos actos de submissão necessários e indispensáveis para o seu emprêgo habitual, por forma que o cavaleiro o possa utilizar e mover sem esforço em todas as circunstâncias da equitação corrente, da instrução militar, onde tudo deve tender para o que é útil e prático e não para o que é brilhante e artificial.

«A *alta-escola* é um remate artístico de valôr que tem a sua razão de ser na ânsia da perfeição que acabrunha o verdadeiro artista, único capaz de sofrer a sua arte. Mas sob o ponto de vista prático, apreciado o cavalo de sela como meio rápido de transporte *por cima de toda a folha* e como elemento maleável de combate, a *alta-escola*—porque não dizê-lo?—só se legitima ao nosso aprêço porque é a melhor garantia do perfeito ensino em *baixa-escola*. É a prova real tirada a esta. Está para o emprêgo útil do cavalo como o manejo do florête está para os duelos. É um lavor artístico do ensino; é um cinzelado subtil de acabamento. Mas por sôbre todas estas considerações de ordem hierárquica, paira a verdade indestrutível de que todo o cavaleiro pode correr, saltar, fazer uma marcha e combater sem que o seu cavalo execute o mínimo ar de *alta-escola*. No domínio da equitação dá-se o inverso do que se passa no domínio da botânica: aqui o fruto, que é a parte útil, deriva da flôr. Na equitação, a *baixa-escola* é o fruto; e a flôr é a *alta-escola* que unicamente serve para deleitar.» (T.<sup>te</sup> Casal Ribeiro).

Ao contrário da equitação militar, cujos limites são restritos, a *alta-escola* tem horizontes vastos a explorar para os poetas da arte mas apresenta ao mesmo tempo perigosos escólhos para os modestos prosa-

dores que constituem a grande maioria dos cavaleiros que em geral, ao pretenderem tornar-se completamente senhores das forças físicas e morais do cavalo, por falta de tacto e daquela habilidade que constitui o apanágio dos privilegiados da arte, tornam o cavalo incerto primeiro, depois o põem atrás da mão e bem depressa atrás das pernas, acuado enfim, isto é, vão atentar gravemente contra a impulsão, vão prejudicar a manifestação mais essencial da sua obediência, o movimento para a frente.

O característico essencial da alta-escola reside, quer os movimentos sejam simples ou complicados, na ausência de contracções, no desaparecimento completo das resistências, na flexibilidade elástica e suave de todas as molas do organismo do cavalo, na impressão agradável que dá a harmonia de movimentos provocada por um justo e fino emprêgo das ajudas, enfim, na *verdadeira ligeireza*, que constitui acima de tudo a *pedra de tóque da equitação artística*.

«Na alta-escola a posição do cavaleiro deve manter-se correcta, irrepreensível. É a primeira condição a desempenhar. Nada, no cavaleiro, deve fazer pressentir o esforço nem pôr em evidência os seus meios de condução, o cavalo devendo obedecer apenas ao afloramento das ajudas que, sempre discretas, se devem mesmo tornar secretas. O cavaleiro deve mesmo fazer-se esquecer, por qualquer forma, não fazendo senão um todo com o seu cavalo, com o qual deve fundir-se. Se o animal parece manejar-se por si próprio, numa execução sempre brilhante, nunca tardia ou morosa; se ao mesmo tempo o cavalo e cavaleiro parecem fazer a coisa mais simples, a mais fácil, isto constituirá o apogeu da arte.»<sup>1</sup>

A alta-escola não pode deixar de ser senão uma consequência e um complemento dum bom ensino em baixa-escola, de que ela representa um verdadeiro e artístico aperfeiçoamento. É portanto absolutamente indispensável que o cavalo esteja completamente confirmado na baixa-escola, como é necessário ainda que êle tenha atingido o desenvolvimento físico, a força indispensável para o submeter, sem perigo de o tarar, a uma ginástica muito mais difficil e fatigante.

Antes de se abordar pròpriamente a execução dos ares de alta-escola o cavalo deve estar absolutamente confirmado nos exercícios que lhe servem de preparação, de que indicaremos como principais os seguintes: o passo de escola, o trabalho a trote concentrado, as saídas a galope alternadas

<sup>1</sup> *Questions équestres* (General L'Hotte).

e aproximadas e exigidas do trote, passo, paragem e recuar; as passagens freqüentes de mão a galope sem mudar de direcção, o trabalho de duas pistas em passo de escola, a trote e galope. Todos êstes exercícios desenvolvem muito as fôrças e elasticidade do cavallo, acabam de aperfeiçoar o seu equilíbrio e aumentar a sua obediência às ajudas.



*Plaffer* — D. José Manuel da Cunha Menezes  
na MARJOLAINE



*Passage* — Coronel Eduardo Valadas  
(ao tempo Ten.te — 1902) no PINA

## CAPÍTULO XLVII

### ARES DE ALTA-ESCOLA

#### I — «PASSAGE»

A *passage* é um trote muito concentrado, lento, alto e cadenciado, em que os movimentos são arredondados e os membros, dobrando-se muito elástica e graciosamente, ficam um instante no ar em suspensão: os joelhos, curvilhões e quartelas dobram-se muitíssimo chegando por vezes os bolêtos a tocar no solo.

O característico essencial da *passage* é a ligeireza acompanhada da flexão acentuada dos membros e da elasticidade de todas as molas do organismo. Para ser perfeita, a *passage* necessita apresentar vários graus de extensão que permitam ir da *passage* ao *piaffer* e do *piaffer* à *passage*, por graduações insensíveis e sem que a ligeireza e a harmonia dos movimentos em nada sejam alteradas.

Executada assim, a *passage* constitui o ar clássico e mais brilhante da alta-escola; a *passage* automática que freqüentemente se vê fazer, em que umas vezes são as espáduas que se elevam muito e os posteriores se

arrastam, e em que outras vezes é o post-mão que se levanta muito e o ante-mão debruçado avança a custo, é um ar que nenhum brilho tem e que nenhuma influência benéfica exercerá sobre o ensino do animal.

Há vários processos para conseguir obter este ar de alta-escola que nem todos os cavalos têm aptidões para executar com brilhantismo. O cavaleiro, portanto, adoptará o que melhor se quadra com a sua maneira de montar e com as aptidões que o seu cavalo demonstrou durante o trabalho preparatório.

a) *Concentração do trote*—Concentrando e cadenciando cada vez mais o trote pelo emprêgo harmónico das ajudas diagonais, sob esta acção o cavalo eleva os seus membros e ganha em altura o que perde em extensão, aumenta a cadência e a impulsão dos seus gestos, chega a saltar e a balançar-se dum diagonal para outro e acaba finalmente por cair na *passage*.

b) *Contra-passagens de mão a trote*—Insistindo com muita frequência nas contra-passagens de mão a ladear a trote curto acaba-se por lançar o cavalo dum diagonal sobre o outro, o que o faz balançar; se neste momento se conserva o cavalo muito concentrado e se continua a balançar da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, chega-se progressivamente a obter a *passage*.

c) *Paragens, meias-paragens e recuar*—Quando o cavalo esteja num grau de equilíbrio tal que as oposições da mão não produzam acumamento nem qualquer alteração na boa attitude da cabeça, a passo, trote e galope, o cavaleiro—marchando a passo—encurtará o mais possível o andamento actuando ao mesmo tempo com as pernas para o obrigar a concentrar-se; pára para quasi em seguida avançar de novo, torna a parar e recua para seguidamente tornar a avançar, e assim sucessivamente durante algum tempo até que o animal comece a suspender os seus passos, sem esmagar o post-mão nem paralisar a distensão enérgica dos posteriores. Suspendendo cada vez mais os passos e continuando a ativar com as pernas o jogo do post-mão, obter-se há muito progressivamente um trote muito curto e saltado que dentro de pouco tempo degenerará em «*passage*».

## II—«PIAFFER»

Este ar de alta-escola é a «*passage*» executada sem avançar, sobre o mesmo terreno. Obtém-se directamente ou pelo encurtamento da «*passage*», exigindo uma maior concentração.

O «*piaffer*» deve ser calmo, elevado e bem cadenciado. Quando

é perfeito constitui o último e mais correcto grau da «passage», em nada se parecendo com êsse movimento precipitado e resultante dum



«Piaffer» — Cap.ão Caeiro Vieira  
(ao tempo aspirante a picador) no VATUA

grande enervamento, que entre nós vulgarmente é conhecido pelo nome de *piaffer de toureiro*.

### III—PASSAGENS DE MÃO A TEMPO

Logo que o cavalo aceita as passagens de mão a galope com calma e as executa com facilidade, começar-se há a regulá-las, isto é, a exigilas de dez em dez tempos, por exemplo, depois de oito em oito, etc., invertendo as ajudas com a maior delicadeza e precisão afim de que o animal se mantenha perfeitamente direito.

Muito progressivamente, à medida que o animal se fôr aperfeiçoando na execução dêste exercício, ir-se há diminuindo o espaço que medeia entre cada inversão de galope, exigindo a passagem de mão de tres em tres tempos, depois de dois em dois e mais tarde a tempo.

«Êste ar, correctamente executado em linha recta, é um trabalho perfeito; mas marca verdadeiramente entre os mais difíceis quando é executado com a mesma regularidade nas voltas, serpentinas e oitos» (Saint-Phalle).

«O equitador que chegou a executar voltas e mudanças de direcção obrigando o cavalo a passar de mão a galope a cada tempo, pode estar satisfeito consigo mesmo e com o seu cavalo; resolveu a maior dificuldade da equitação» (J. Fillis).

#### IV — JAMBETTE

Êste momento simples consiste na elevação e extensão horizontal dum membro anterior. É um ar extremamente fácil de obter, que apenas tem importância porque dêle derivam vários outros movimentos de alta-escola, tais como a pirueta invertida sôbre tres pernas, passo espanhol, trote espanhol, galope em tres pernas.



*Jambette* — D. José Manuel da Cunha Menezes na MARJOLAINE

No geral ensina-se inicialmente por meio do trabalho a pé, tocando com a vara no anterior que se pretende fazer elevar. No trabalho montado obtém-se pelo emprêgo duma ajuda diagonal. Quanto maior é a elevação e a extensão do anterior mais perfeita é a *jambette*.

#### V — PIRUETA INVERTIDA SOBRE TRES PERNAS

A execução dêste exercício compreende uma pirueta invertida vulgar mantendo-se o cavalo em *jambette* com o anterior externo, isto é, com o anterior esquerdo na pirueta da direita para a esquerda, com o anterior direito na pirueta da esquerda para a direita.

Colocado o cavalo em *jambette*, para a direita, por exemplo, actua-se com a perna esquerda de modo a obter a deslocação da garupa para a direita, servindo de peão ou eixo de rotação o anterior esquerdo, que não

se levanta do sólo, e mantendo-se o anterior direito elevado e em extensão. A volta completa, isto é, a pirueta só poderá obter-se progressivamente.

## VI — PASSO ESPANHOL

Quando o cavalo executa fácilmente a *jambette* dos dois lados é fácil obter o passo espanhol, que difere do passo ordinário na elevação e extensão dos anteriores e se executa por diagonais associados.

Para obter o passo espanhol exige-se uma *jambette* e, no momento em que o animal eleva e estende horizontalmente o anterior, empurra-se com as duas pernas levando-o a avançar e a apoiar êsse anterior estendido adiante do seu congénere; faz-se o mesmo para o outro lado e mais tarde, depois do animal fazer isto fácilmente, ligam-se êstes dois tempos, de modo a conseguir que o animal avance levantando alternada e sucessivamente os seus dois anteriores.



*Passo espanhol* — Major Jára de Carvalho no IMACULADO

Êste exercício é tanto mais perfeito quanto maior fôr a sua cadência e maior fôr a elevação e extensão dos anteriores.

Convém só o ensinar depois da «*passage*»; sendo um exercício muito mais fácil do que aquêl e obtido quási com as mesmas ajudas, na limitada inteligência do animal estabelece-se uma grande confusão sempre que a «*passage*» é ensinada depois do passo espanhol e a todas as

exigências para obter aquela o animal responde elevando e estendendo os os anteriores. Além de que a «*passage*» obtida depois do passo espanhol é quasi sempre muito imperfeita, não dobrando e flectindo o animal sufficientemente os seus membros e as suas articulações.

### VII — TROTE ESPANHOL

Êste ar de alta-escola, um dos mais brilhantes andamentos artificiais, tem o mesmo mecanismo que o trote vulgar e dêle apenas se distingue pela elevação e extensão dos anteriores, que têm um manejo semelhante ao do passo espanhol.



*Trote espanhol* — Cap.<sup>l</sup>ão Caeiro Vieira (ao tempo aspirante) no VATUA

Com um cavalo enérgico, que execute regularmente o passo espanhol, obter-se há êste trote aumentando o balanço das ajudas e a intensidade da acção das pernas, que neste andamento actuam da mesma forma mas um pouco mais enérgicamente que naquêle.

*Nota* — Numerosos são os ares de alta-escola que os equitadores de todos os tempos têm descoberto e executado, entre os quais faremos referência ao galope sôbre o mesmo terreno, galope para a rectaguarda, galope em tres pernas, «*passage*» para a rectaguarda, etc., etc. Não cabe na indole dêstes modestos apontamentos ir mais além desta referência. Êste ramo especial da equitação encontra-se brilhantemente tratado nas obras de Baucher, general L'Hotte, James Fillis e Saint-Phalle, os grandes mestres da equitação artística, os *virtuosos* da alta-escola.

VII PARTE  
ACESSÓRIOS



## CAPÍTULO XLVIII

### ATITUDES

*Atitudes* são as diversas posições que os cavalos tomam, deitados, em estação ou em movimento.

*Decúbito* é a atitude do cavalo deitado.

*Estação* é a atitude do cavalo em pé e imóvel.

A estação pode ser livre ou de repouso e forçada.

*Estação livre* é a atitude que o cavalo toma quando abandonado a si próprio. Na estação livre o animal apoia-se geralmente sobre uma base tripedal conservando o membro que está em descanso, quasi sempre um posterior, adiante do seu congénere, meio flexionado e apoiado sobre a pinça; quando o animal sofre dum membro dá-lhe descansos mais frequentes e prolongados, desviando-o um pouco para a frente e para fora da situação normal.

*Estação forçada* é a que o cavalo toma quando obrigado pelo cavaleiro. Os quatro membros dispõem-se simetricamente em cada bípede, a base de sustentação apresenta a forma dum trapézio visto que a distância que separa entre si os membros anteriores é maior que a dos posteriores.

Distinguem-se quatro espécies de estação forçada: *regular ou colocada, concentrada, debruçada e estacada*.

Na *estação regular ou colocada* o eixo dos membros segue mais ou menos a direcção vertical e o peso é normalmente repartido pelas quatro colunas de apoio.

Na *estação concentrada* os membros posteriores avançam para debaixo da massa diminuindo a base de sustentação; o equilibrio torna-se muito

instável donde resulta grande dificuldade para manter o animal imóvel nesta estação, dificuldade que é aproveitada no ensino para obter o *piaffer*.

Na *estação debruçada* os membros anteriores aproximam-se do centro metendo-se debaixo do corpo; esta atitude defeituosa é muitas vezes causada pelo cavaleiro quando quer mas não sabe concentrar o cavalo, ou ainda provocada pelo animal que se quer defender.

Na *estação estacada* os membros afastam-se do centro inclinando-se em sentido inverso e aumentando a base de sustentação.

Nesta atitude a progressão é difícil porque o post-mão, extremamente atrasado, é incapaz de comunicar ao tronco uma impulsão enérgica; o ante-mão, igualmente em extremo estendido, não pode ganhar terreno para deante. Para poder avançar o animal precisa primeiro diminuir a base de apoio, colocar-se ou concentrar-se.

A palavra atitude serve ainda para designar as posições que o corpo do cavale toma quando em movimento.



Capitão Júlio de Oliveira no generoso e veloz ÉCLAIR \*

## CAPÍTULO XLIX

### SITUAÇÃO DO CENTRO DE GRAVIDADE

A posição do centro de gravidade do cavalo, que é função da forma como o pêso da massa está repartido sôbre os quatro membros, depende essencialmente da conformação dos animais que, quer em indivíduos de raças diferentes quer em indivíduos da mesma raça, apresenta diversas proporções.

É difficil, senão impossível, determinar a situação exacta do centro de gravidade do cavalo porque o seu corpo não é homogéneo e os fenómenos vitais, respiração, digestão, etc., têm uma grande influência sôbre o caso.

«Segundo Collin, esta posição corresponde pouco mais ou menos à intersecção de duas linhas, uma vertical caindo à rectaguarda do apêndice xifoide do externo, outra horizontal que separe o terço médio do terço inferior do corpo.

«A situação do centro de gravidade, tal como indica Collin, deve ser

\* Cavalo espanhol, da fileira da Escola de Equitação, especialista das provas de Santo Humberto, campeão dos percursos de caça nos concursos de Lisboa em 1909, 1911, 1912 e 1916.

muito aproximada da verdade, pelo menos a julgar pelas experiências feitas até hoje nesse sentido; em primeiro lugar é extremamente provável que êste ponto esteja colocado no plano médio do corpo porque, fazendo uma série de pesagens nos bípodes laterais, se constata que êles suportam um pêso sensivelmente igual; em segundo lugar êste ponto deve estar mais próximo do ante-mão do que do post-mão, porque aquele é mais pesado do que êste.» (Goubaux et Barrier).

O ideal para o cavaleiro será conseguir: que o pêso que o cavalo tem de suportar seja distribuido sôbre os bípodes anterior e posterior nas mesmas proporções que o pêso do cavalo está distribuido sôbre êstes bípodes quando êste se encontra numa atitude livre, tendo a cabeça e pescoço inclinados a 45 graus e a base de sustentação formando um trapézio; portanto o pêso do cavaleiro deve estar disposto de modo que a vertical que passa pelo centro de gravidade comum (cavalo e cavaleiro) se confunda com a vertical que passa pelo centro de gravidade do cavalo; por esta forma nenhum bípode será sobrecarregado em detrimento do outro e o centro de gravidade do cavalo conserva a sua situação normal.

A título de curiosidade vamos dar umas ligeiras indicações sôbre as experiências feitas acerca deste assunto:

Em 1835, Morris e Baucher determinaram os pêsos do ante-mão e do post-mão de diferentes cavalos, pesando-os em balanças de proporção; uma égua regularmente conformada, com a cabeça e pescoço um pouco fortes em relação ao resto do corpo, deu os seguintes resultados:

	ANTE-MÃO	POST-MÃO	PÊSO TOTAL	DIFERENÇA
1.º Enfreada e aparelhada. . . . .	210 Kg.	174 Kg.	384 Kg.	36 Kg.
2.º Com a cabeça baixa à altura do peito . . . . .	218 »	166 »	384 »	52 »
3.º Com a cabeça elevada. . . . .	200 »	184 »	384 »	16 »
4.º Com a cabeça apenas colocada .	202 »	182 »	384 »	20 «
5.º Montada por Baucher (64 Kg.) numa posição académica . . .	251 »	197 »	448 »	54 »
6.º Montada por Baucher, mais sentado e com o corpo um pouco inclinado para trás . . . . .	233 »	215 »	448 »	18 »

Mais tarde, em 1857, Morris e Bellanger obtiveram os resultados seguintes com 22 cavalos:

	Cabeça a 45 graus				Cabeça elevada				Cabeça baixa			
	Pêso				Pêso				Pêso			
	Ante-mão	Post-mão	Total	Diferença	Ante-mão	Post-mão	Total	Diferença	Ante-mão	Post-mão	Total	Diferença
Média de 11 cavalos, de boa conformação, cabeça e pescoço ligeiros . . . . .	260	195	455	65	250	205	455	45	267	188	455	79
Média de 11 cavalos, corpo bem proporcionado, pescoço curto e cabeça forte .	246	200	446	46	240	206	446	34	250	196	446	54

De todas as experiências resulta que: nos cavalos de cabeça e pescoço ligeiros o ante-mão excede o post-mão em  $\frac{1}{7}$  do pêso total; nos cavalos de pescoço curto e cabeça forte êste excedente é apenas de  $\frac{1}{9}$ .



França (1917) – Concurso interaliado de *Le Touquet-Paris-Plage*.

Os laureados da Prova de Honra

Da esquerda para a direita: Capitão Júlio de Oliveira no AREOSA; Tenente Moura Borges no ATALAIA; Tenente Brabandère (belga); Alferes Luís Figueiredo no ALVEAR; Tenente Leroy (belga); Tenente Wellsnaers (belga); Alferes Ferreira Lima no PATAGÃO; Tenente Prostes da Fonseca no SALTIMBANCO; Tenente Armando Mesquita no JURA; Tenente Coumans (belga).

## CAPÍTULO L

### I — CONDIÇÕES A QUE DEVE SATISFAZER UM SELIM

Um selim deve satisfazer às seguintes condições:

a) O casco deve ser de aço e construído de forma a evitar que, depois de algum uso e em consequência do pêso do cavaleiro, nêle se produzam ressaltos que vão ferir o dôrso do animal, facto que vulgarmente succede com os chamados *selins de molas*;

b) A arcada de deante deve ser bem aberta de modo a assentar sôbre os músculos superiores da espádua e não sôbre o garrote, e bastante alta para dar uma grande liberdade de garrote que permita aparelhar qualquer cavallo suficientemente à rectaguarda;

c) O coxim não deve ser muito horizontal para permitir que o cavaleiro se sente cômодamente e que as côxas assentem bem no meio do selim, sem se sentir o bôrdo exterior da arcada de trás;

d) Os suadouros escusam de ser demasiadamente espessos, o essencial é que estejam bem cheios e forrados, que assentem igualmente sôbre toda a extensão do dôrso que devem cobrir e que mantenham o selim perfeitamente equilibrado;

e) As pontas das cilhas devem estar colocadas bem adiante para permitir que a cilha se ajuste no seu lugar; se a cilha ficar muito atrás, o selim escorregará para a frente;

f) O selim deve adaptar-se o mais possível à conformação do dôrso do cavallo, pois só assim terá fixidez e dará comodidade ao cavaleiro.

## II – COMO SE DEVE APARELHAR UM CAVALO

Para aparelhar um cavalo deve-se fazer escorregar o selim de diante para trás e ao correr do pêlo, até o assentar no lugar que a conformação do animal indica; ajustam-se as cilhas de modo que fiquem assentes sobre a depressão chamada «passagem de cilhas» ou «cilhadouro», e apertam-se depois progressiva mas não demasiadamente. Com uma grande maioria de animais é preciso a seguir fazer-lhes dar alguns passos, quer montados quer à mão, e colocar o selim e ajustar as cilhas de novo.

O selim nunca deve ser colocado muito adiante porque a sobrecarga exagerada que esse facto importa para o ante-mão compromete o equilíbrio do animal.

Não pode, porém, estabelecer-se uma regra absoluta para a colocação do selim porque a conformação do cavalo é o único factor que pode determinar o lugar em que elle deve ser colocado; se o cavalo tem um bom dórso, um cilhadouro bem acentuado, um bom selim adaptar-se há com toda a facilidade; mas se o animal tem um costado curto, ventre desenvolvido, garrote apagado, etc., já não é fácil aparelhá-lo sem que haja necessidade de apear freqüentes vezes sempre que o selim escorregue para o garrote, e colocá-lo um pouco mais atrás; e às vezes assim se consegue muito tempo depois arranjar um cilhadouro artificial que garanta a estabilidade do selim.

## CAPÍTULO LI

### FREIOS

#### I — GENERALIDADES

São numerosos e variados os modelos de freios que a indústria, desde velhos tempos, se tem encarregado de construir mas nenhuns dêles, antigos ou modernos, têm as virtudes que os seus inventores lhes têm atribuído, reúnem em si próprios a milagrosa propriedade de fazer a bôca a um cavalo e de o tornar obediente.

Há efectivamente bôcas naturalmente duras, bôcas naturalmente dôces e outras ainda estragadas e é certo que o mesmo cavaleiro conduzirá o mesmo cavalo com mais facilidade com um freio apropriado.

A verdade, porém, é que o freio—qualquer que êle seja—tira sobretudo as suas vantagens da habilidade da mão que o emprega; por isso se pode dizer que o melhor dos freios é a boa mão do cavaleiro.

Duma maneira geral os freios suaves devem ter a preferênciã porque, sujeitando menos o cavalo e sendo o seu efeito menos doloroso, tornam por consequência menos sensíveis as deslocações e o abuso tão freqüente da mão.

Deve notar-se que, quando se muda de freio com um cavalo que resiste na mão e se passa mesmo dum freio suave para um freio duro, se obtêm muitas vezes efeitos satisfatórios, em consequência da mudança de impressão que a bôca do animal recebe. Mas geralmente êsses efeitos vão diminuindo e as resistências reaparecem bem depressa se, para as dominar, se não recorrer a outro meio diferente da simples mudança de freio.

## II — FREIOS VULGARES

Os freios mais vulgares são: o freio inglês ou ordinário (já descrito na primeira parte), o freio L'Hotte (conhecido também pelo nome inglês Wardbitt), o freio Pelham e o freio Pólo.

A) *Freio L'Hotte* — Este freio, dos mais simples, é semelhante ao freio ordinário, do qual se diferencia apenas por um menor comprimento de caimbas e por ter o bocado de uma só peça e disposto no plano médio das caimbas, de modo que a sua curvatura, deslocando-se para deante quando o freio bascula sob a tensão das redeas, evita uma forte compressão na língua.

Muito suave e justo como efeitos, permite apoiar bem os cavalos no exterior, serve para todos os trabalhos de picadeiro e convém principalmente para os cavalos que encapotam e para os que são enfreados pelas primeiras vezes.

«Experimentá-lo é adoptá-lo» (Comminges).

B) *Freio Pelham* — Este freio, de bocado articulado, é uma péssima embocadura para os cavalos.

«Nem peixe, nem carne, nem é freio, nem bridão».

Tem todos os seus inconvenientes sem apresentar as suas vantagens. Como bridão não pode actuar na comissura dos lábios, como freio magôa as barras e dificilmente actua sôbre elas simultâneamente e com igual intensidade. Escusado será dizer que com êle é impossível obter efeitos combinados de freio e bridão.

C) *Freio Pólo* — É um freio quási idêntico ao ordinário; tem as caimbas mais curtas e o bocado é atravessado por elas podendo girar no espaço de um a dois centímetros e sendo o seu jôgo limitado por duas saliências.

Em virtude da disposição do bocado, muito própria para despertar a sensibilidade das barras, é essencialmente *descontractor*, presta-se para trabalhar cavalos de bôca ordinária, *mudos* por natureza; em contraposição é inconveniente usá-los com cavalos *faladores*, isto é, com os que apresentam exagerada mobilidade de maxila, que se põem atrás da mão.

## III — FREIOS MILITARES

A) *Freio m/73* — É sobejamente conhecido para que seja necessário descrevê-lo, pois está distribuído a todas as unidades montadas do Exército.

Pelo seu pêso e tamanho descomunal, pelo comprimento exagerado

das caimbas, agravado tudo isto ainda pela reduzida espessura e pequenas dimensões dos élos da barbela que se torna cortante, constitui um verdadeiro instrumento de suplício para a bôca dos desgraçados cavalos. É, na verdade, um freio que nos envergonha, parecendo que propositadamente foi inventado para uma cavalaria andar para trás e não para deante <sup>1</sup>.

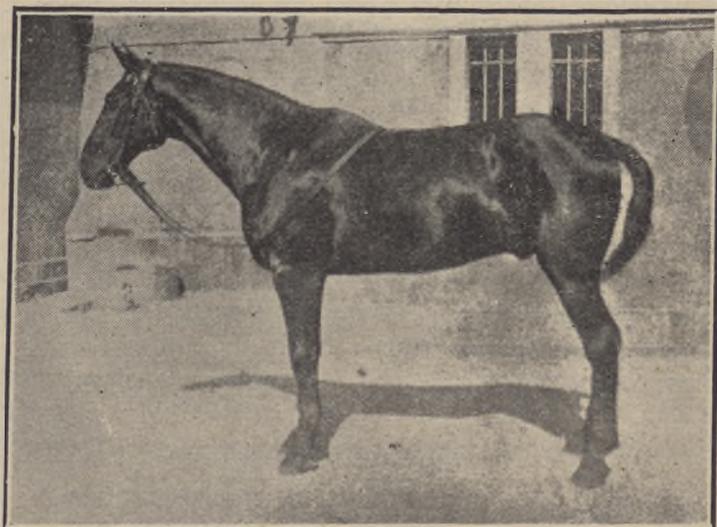
Seria fácil e pouco dispendioso, no entanto, introduzir-lhe uma simples modificação que o tornasse um pouco mais suave, bastava curvar mais as caimbas—sem lhes modificar a forma—para lhes diminuir o seu comprimento. A tentativa já foi feita, oxalá ela se estenda em breve a todas as unidades.

B) *Freio* <sup>m</sup>/*Escola*—Suficientemente conhecido também para necessitar descrição. É um freio suave, que satisfaz regularmente para as necessidades do serviço militar e até mesmo para as de ensino.

Substitui com vantagem o freio <sup>m</sup>/73. Conquanto ainda não distribuído às unidades montadas, está já regulamentado com a designação oficial <sup>m</sup>/915 um freio que é quasi a mesma coisa que o <sup>m</sup>/*Escola*.

<sup>1</sup> Em França muitas vezes me senti embaraçado para responder à judiciosa observação de vários oficiais de cavalaria dos exércitos aliados que, ao vêr o tamanho desmedido do nosso freio <sup>m</sup>/73, estranhavam porque é que, sendo o Corpo Expedicionário Português o que tinha solípedes mais pequenos, era no entanto, o que usava o freio maior e mais brutal.





O velho AREOSA (19 anos), argentino,  $1/2$  s. i., da coudelaria Unzué.

Um dos mais laureados cavalos do exército.

Vencedor de dois primeiros prémios no campeonato do cavalo de guerra (1913 e 1914); corrida de instrutores (1914); campeonato das corridas (1914); Oito Taças de Honra: Coímbra (1915), Lisboa (1916), Póvoa de Varzim (1919-1920), Alcobça (1920-1921), Figueira da Foz (1920), Viana do Castelo (1921); Prova de Força *ex-aequo*, Lisboa (1916); Prova de Honra — *Le Touquet-Paris-Plage* (1917); Prova de vencedores — Pôrto (1917); Tres Grandes Prémios: Coímbra (1915-1916); Pôrto (1917), além de muitas dezenas de prémios em provas de toda a espécie, tanto em Portugal como Espanha e França.



ACABOU DE SE IMPRIMIR  
NA EMP. INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.da,  
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,  
AOS 8 DE AGOSTO DE 1923.









RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329695828\*

